

VOCÊ PODE FUGIR.
MAS NÃO VAI
CONSEGUIR SE
ESCONDER

SÉRIE REDWOOD REBELS

VANDAL

RACHEL LEIGH



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

RACHEL LEIGH

VANDAL

Tradução: Ana Paula Formigoni Horst

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024
Porto Alegre

Vandal

Copyright © 2021 Rachel Leigh

Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Joy Designer Editorial

Tradução: Ana Paula Formigoni Horst

Revisão: Fernanda de Jesus

Preparação: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: Freepik e Flaticon

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L529
Leigh, Rachel
Vandal [livro eletrônico] / Rachel Leigh ;
tradução Ana Paula Formigoni Horst. -- 1. ed. --
Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2024. --
(Série Redwood Rebels ; 3)
ePub
Título original: Vandal
ISBN 978-65-85185-85-1
1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.
CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Sumário

[Início](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)
[Redwood Rebels](#)
[Sobre a Five](#)

Aviso:
Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.
Leia com cautela.

“Não há segredos que o tempo não revele.”
- Jean Racine

PRÓLOGO

TOMMY

Ouvi falar que você pode dizer o quão perigosa uma pessoa é pela forma como ela controla sua raiva. Nas últimas semanas, guardei uma tempestade de fúria dentro de mim, e meus amigos não sabem de nada. Eles estão tão afundados em suas próprias merdas, que nem perceberam que estou lidando com meus próprios problemas.

Fui arrastado para todos os cantos para ajudá-los. Agora estou guardando um suprimento infinito de fúria, porque a vida como eu a conhecia acabou. Acabou e não vai mais voltar.

Puxo um frasco do bolso interno da minha jaqueta Ari Soho, tiro a tampa e tomo um gole. Talon me fuzila com os olhos. Ele notou que eu tenho bebido um pouco mais do que o normal. Inferno, não nego isso. Se ele estivesse tão fodido internamente quanto eu, estaria se afogando na garrafa também. Sem falar que essa festa está uma chatice. Claro, amo a Marni e tal, mas ficar no sofá enquanto o pai dela e seus amigos arrogantes nos esnobam não é exatamente empolgante.

Lars e Willa chegaram uma hora atrasados. Lars se sentou ao meu lado e ela no seu colo.

— Sobre o que vocês estão falando? — ele pergunta.

Talon olha para o grupo mais velho do outro lado da sala, então se inclina para frente e baixa um pouco o tom de sua voz.

— Eu só estava comentando que alguém ali está se perguntando como diabos o carro de Josh foi parar no Lago Ruin e como seu corpo acabou no porão do pastor. Digo, eles devem estar se cagando agora.

Lars se aproxima com Willa ainda em seu colo e sussurra:

— Sem brincadeira. Eu estava pensando a mesma coisa. Estamos limpos por enquanto, mas alguém por aí sabe de algo mais.

— É possível que tenha sido Rick que o atingiu?

Willa encolhe os ombros e olha para todos nós.

— Não, muito óbvio. — Talon balança a cabeça — E certamente não foi um acidente. Quando encontramos Josh, parecia que ele havia sido espancado até a morte. Como se alguém o tivesse atropelado e recuado algumas vezes para acabar com ele. Então, é claro, o pai de Marni veio voando pela estrada e arrastou seu traseiro ainda mais.

Willa se encolhe.

— Ui, isso é nojento.

Eu interrompo.

— Você tinha que ver o rosto dele, estava...

— Não. — Lars balança a cabeça. — Nem pense nisso.

Willa cutuca o Lars.

— Pergunte sobre a câmera.

— Que câmera? — Marni pergunta.

— Tem uma câmera mais ou menos no meio da entrada de sua garagem, de frente para a rua. Tenho quase certeza de que seu pai já a verificou, mas pode ter captado alguma coisa.

Marni bate com o dedo no queixo.

— Ummm, não me lembro de uma câmera na garagem. Ei, pai? — ela grita do outro lado da sala. — Vem cá.

Anderson vem até nós com um copo na mão. O gelo tilinta contra a lateral do copo, espalhando o líquido cor de caramelo.

— Tem uma câmera na garagem?

Ele levanta uma sobrancelha e pensa sobre o assunto.

— Uma câmera pequena branca?

Marni olha para Willa em busca de confirmação.

— Sim, era branca.

— Ah, sim. É do sistema antigo. Aquela porcaria barata que não pegaria um bando de lobos entrando pela garagem.

— Está ligada? — Talon pergunta.

— Não, acho que não. Esse sistema foi instalado por terceiros. Tenho certeza de que desativamos quando mudamos para um sistema privado.

— Qual é o nome da empresa? — Lars pega seu telefone.

— Ummm, Segurança Whitlock.

— Vamos investigar — Marni diz a ele. — Te aviso se precisarmos de alguma coisa para fazer login.

Com os olhos no telefone, Lars chama nossa atenção.

— Parece que eles têm um sistema online no qual você pode ver todas as imagens salvas desde o início do serviço. Não custa tentar. Vá perguntar ao seu pai quais são as informações de login dele — pede a Marni, então ela pula e vai falar com ele.

Quinze minutos depois, ela volta com um pedaço de papel.

— Puta merda, o que você foi fazer, rastrear o desenvolvedor de software? — provoco.

— Desculpe. Meu pai não sabe dessa merda. Tive que procurar em seu escritório e ligar para seu ex-assistente. De qualquer forma, consegui.

Ela entrega o papel a Lars e ele começa a digitar as informações em seu telefone.

— Bingo. Entramos. — Há uma breve pausa enquanto observamos Lars atentamente. — Puta merda, cara, nós conseguimos!

— Não pode ser! — Todos se levantam e ficam em volta dele.

— Há um vídeo cronometrado em cinco minutos antes de Tommy e Talon chegarem ali. Deve ser isso. Os outros são todos depois que chegamos. Essa merda é coisa séria, precisamos deletar isso quando terminarmos.

— O que você está esperando? Aperte o play. — Eu digo.

Todos nós assistimos quando Lars apertar o play no vídeo. A filmagem é instável, mas podemos ver o suficiente. Um carro passa voando, mas vai tão rápido quanto veio. Sem luzes de freio, sem hesitação.

— Espera aí, volte — Marni diz depois que outro carro é mostrado na tela.

Lars arrasta o dedo para trás.

— Lá está ele de novo. Alguém reconhece aquele carro? Está embaçado, mas já é alguma coisa.

Ele pausa o vídeo em um pequeno carro preto brilhante que pisou no freio bem perto de onde Josh estaria deitado.

Marni tapa a boca com a mão e dá alguns passos para trás.

— O que foi, garota? Parece que você viu um fantasma.

Ela balança o dedo para o telefone.

— Dá um zoom nesses pneus.

Lars junta os dedos na tela e os arrasta para aumentar o zoom.

— Merda! — Marni bufa. — Eu sei quem é.

— Quem? Quem diabos tem calotas rosa neon?

Puta merda! Claro!

— Wyatt McCoy. Vou matar esse filho da puta — falo enquanto estalo os dedos.

— Vai coisa nenhuma. Wyatt é meu melhor amigo! — Marni responde de volta. — É melhor você não encostar um dedo nele.

Algo faz cócegas dentro de mim. Sorrio enquanto destampo o frasco de bebida e o inclino para trás, deixando o líquido deslizar suavemente na minha garganta. Saboreio a queimação — desejando o rastro de dor satisfatória que ela deixa em mim. Sim, a vida que eu conhecia pode ter acabado, mas vou arrastar aquele filho da puta comigo e não há uma alma que consiga me parar.

CAPÍTULO 1

TOMMY

Pressiono a válvula da lata de aerossol com o dedo e levanto a mão para cima, formando a base do crânio. Borrifos rápidos são liberados ao redor dos olhos para imitar sangue. Escorrem livremente pelas maçãs do rosto salientes e caem em um banho invisível de sangue coagulado. Não é para representar a morte — não, a morte é uma mera possibilidade. Minha exibição de arte é simplesmente um aviso. Se ele abrir a boca para falar, seu futuro será nada menos que uma derrota dolorosamente lenta.

Quando chacoalho a lata e tudo o que resta dentro é uma conta de metal, eu a jogo no chão. Ela cai com um baque contra a madeira. Olho para as pontas dos meus dedos pretos. Levará alguns dias para sair, mas não importa. As pontas dos meus dedos estão sempre coloridas por causa da minha vontade de pintar a cidade. É o que eu amo — arte, grafite, criatividade. Encontrar tesouros nas coisas mais insignificantes. Seja um jornal velho amassado que transformo em um buquê de rosas, ou uma parede de tijolos que precisa de um pontinho de cor.

Não há dúvida de que este quarto precisava de um pouco de decoração. Meus amigos podem dizer o contrário. Eles me diriam que estou pegando muito pesado e preciso ir mais de leve. No momento, eles nem sabem que Wyatt é o alvo da minha vingança. Até onde sabem, meus problemas se resumem ao fato de ele estar escondendo um segredo de nós. Mas não sabem o ódio que se acumulou dentro de mim.

Marni cortaria minha cabeça só de saber que estou nesta casa agora. Não é segredo que Wyatt é seu melhor amigo. Ela é como uma mamãe urso

superprotetora com aquele menino, e isso é repugnante. Wyatt nos mostrou como tratá-lo com seu comportamento submisso. Ele não revida. Nem esboça nenhuma reação com os insultos lançados contra ele. Tornou-se um alvo fácil, e o alvo foi plantado em suas costas quando ele decidiu dar um alegre passeio na noite em que Josh foi morto.

Ainda não temos certeza se foi ele quem bateu em Josh, mas de qualquer forma ele estava lá. As câmeras não mentem. Eu deveria saber. Estive no lado mais fraco e prefiro estar a dois metros de profundidade a ter essa filmagem divulgada. É exatamente por isso que eu estou aqui. Porque Wyatt pode virar o jogo e me expor a qualquer momento. Só que ninguém sabe além do Wyatt e eu. E farei tudo ao meu alcance para que continue assim, mesmo que isso signifique cuidar das coisas sozinho e deixar o Wyatt assumir a responsabilidade pelo que aconteceu com Josh.

Meu telefone vibra no bolso de trás enquanto eu casualmente desço as escadas, mas o ignoro. Sei que é Lars e ele pode esperar. Meus dedos se arrastam como penas contra o corrimão de ferro forjado enquanto assobio a melodia de Jeepers Creepers.

Quando ouço o som da porta lateral da garagem sendo aberta, congelo imediatamente. Porra. Eu tinha certeza de que ele estava dando tutorias a alguém depois da aula hoje. Ainda bem que vim a pé. Considerando que moro duas casas abaixo, não foi uma longa caminhada.

Vozes seguidas de risos sobem a escada, me avisando que Wyatt não está sozinho. Escuto atentamente enquanto tento descobrir quem é a sua companhia.

— Quando seus pais vão estar em casa? — uma voz masculina pergunta. Ele continua, mas suas palavras ficam abafadas e irreconhecíveis. Mais risadas se seguem e sei imediatamente quem é.

Shane Vermont.

— Só amanhã à noite. Vamos — Wyatt responde.

Passos se aproximam e arregalo os olhos. Merda. Preciso dar o fora daqui.

Quando os ouço se aproximando, não tenho escolha a não ser subir pelas escadas que acabei de descer.

Assim que pisarem no quarto de Wyatt, eles saberão que estive aqui, de qualquer maneira. Mas prefiro evitar esse confronto, se possível.

Assim que chego ao topo da escada, pressiono minhas costas contra a parede. Em vez de subir, eles passam direto pela escada e vão para a sala

de estar.

— Você não vai precisar disso — Shane resmunga enquanto Wyatt solta um suspiro inebriante.

Wyatt e Shane desenvolveram um tipo de relacionamento nos últimos meses.

Todo mundo acha que é a coisa mais fofa do mundo, mas me dá náuseas.

— Eu estava com saudade disso. Sinto sua falta — as palavras de Shane saem em um sussurro.

Eu deveria me dirigir pelo corredor até as portas francesas. Há uma escada lá atrás que leva ao quintal. Mas não faço isso.

Em vez disso, meus pés permanecem plantados no chão enquanto meu coração martela em meu peito na velocidade da luz.

— Mmm. Você gosta assim, querido? — Shane indaga.

Wyatt não responde. Mas não tenho dúvidas de que ele está gostando de tudo o que está sendo dado a ele.

— De joelhos — Shane exige. Ouço o esguicho de líquido e presumo que seja lubrificante. Eu o imagino cobrindo seu pau. Acariciando-o para cima e para baixo para deixá-lo bem escorregadio para Wyatt.

Há algum ruído estático enquanto eles se movem, logo antes de Wyatt soltar um gemido ofegante.

— Caralho! — ele berra. — Ah, meu Deus. Isso.

O som de pele batendo na pele reverbera pelos meus ouvidos. É tudo em que consigo me concentrar. Batidas. Tapas. Beijos. Posso sentir meu pau ameaçando romper o tecido da calça cinza e me odeio por isso. Odeio meu corpo. Odeio não conseguir sair daqui porque gosto de ouvi-los. Acima de tudo, odeio Wyatt pelo que ele fez comigo. Ele fodeu comigo. Ele me destruiu.

— Levante-se — Shane ordena. — Deite-se de costas.

Existe uma atração magnética que implora para que eu olhe. Uma dor agonizante dentro de mim para olhar nem que seja de relance.

Que porra há de errado comigo? Quero desmontar a parte do meu cérebro que está me dizendo para descer aquelas escadas e observá-los.

O suor escorre pelas minhas costas enquanto ajeito meu pau na calça. Preciso dar o fora daqui.

Descolando-me da parede, sigo pelo corredor. Tenho que dar o fora daqui. Abro a porta da sala de estar no andar de cima e ando em linha reta

para as portas francesas. Após abri-las, saio para o deck e encho meus pulmões de ar.

— Merda — murmuro baixinho antes de descer as escadas do deck e ficar o mais longe possível dessa casa.

Meus pés finalmente atingem o cimento do pátio térreo no quintal, e com os sons daqueles dois transando solidamente gravados em minha mente, não paro até que esteja abrindo o portão da frente. Só preciso apagar a memória desse dia e seguir em frente com minha vida. Pena que não é tão fácil.

CAPÍTULO 2

TOMMY

Mesmo sem ler a montanha de mensagens de texto de Lars, ligo para ele.

— Ei — digo quando ele atende no segundo toque.

— *Onde diabos você estava?*

— Ocupado. E aí? — Não há necessidade de divulgar qualquer outra informação além dessa. Tudo bem que eles são meus meninos, mas estou mais do que farto de eles constantemente precisarem saber onde estou. Provavelmente, só precisam que eu faça algo por eles. Estou à disposição deles há meses, e é hora de se apresentarem e fazerem o que eu quero.

— *Precisamos que você espere um pouco com o Wyatt. Antes de podermos confrontá-lo sobre o que vimos, precisamos de uma coisa dele. Portanto, precisamos cair em suas boas graças.*

— Claro que não — disparo. Nem preciso pensar a respeito. Não e não.

— *A empresa do pai dele faz...*

— Já disse que não. Na verdade, pretendo fazer de tudo, menos cair nas boas graças do Wyatt McCoy. É a vez da minha vingança. Sem perguntas. Seus otários, tratem de me ajudar pela primeira vez. Vamos acabar com aquele filho da puta.

— *Dá pra se acalmar e me ouvir? O vídeo mostrava que ele estava em frente à casa da Marni quando Josh foi atingido. Precisamos dele do nosso lado. Se ele bateu no Josh ou não, Wyatt*

sabe que estava lá fora e, de repente, o corpo apareceu no porão do pastor.

Segurando o telefone entre o ombro e a bochecha, visto um calção de ginástica.

— Ele não sabe que fomos nós. E, se souber, é mais uma razão para silenciá-lo. A decisão é minha. Você está dentro?

Há um momento de silêncio enquanto tiro o telefone da orelha e puxo a camiseta pela cabeça.

— *Parece que não temos muita escolha. Venha depois da escola amanhã. Vamos conversar.*

— Estarei aí.

Estou prestes a desligar, mas ele continua falando.

— *Ei, ainda quero saber quem deixou aquele vídeo. A Magna Tech tem o software para rastrear o número e o local de onde ele foi enviado. Precisamos fazer isso acontecer. Portanto, seja qual for o seu plano, pense em adiá-lo temporariamente até conseguirmos o que precisamos. Isso não é apenas para a Willa, mas para todos nós. — Ele termina a ligação antes mesmo que eu possa responder, o que me irrita pra caralho.*

Enfio meu telefone no bolso de trás, totalmente preparado para dizer tudo o que precisa ser dito quando encontrá-los. Não estou surpreso que eles precisem de mim para fazer mais um pouco de seu trabalho sujo. Todos nós deveríamos estar juntos nisso, e agora é a minha vez. Eles deveriam estar cuidando do que preciso que eles façam. Em vez disso, querem que eu seja bonzinho com o filho da puta que atormenta minha mente.

O pai do Wyatt é o fundador de uma empresa que fabrica software e dispositivos usados para invadir telefones e computadores a pedido da lei. Não há dúvida de que poderíamos descobrir de onde veio a mensagem para Willa. Mas também há uma boa chance de ter sido enviada de um telefone descartável. Se alguém estivesse observando-a e quisesse fazer valer sua ameaça, certamente tentaria encobrir seus rastros. Especialmente se eles estiverem em acordo com o Wyatt. Todo mundo sabe sobre os empreendimentos comerciais de seu pai.

Eu realmente não quero fingir com Wyatt. Nem estou mais aguentando ficar na mesma escola que ele.

Além disso, ele é o melhor amigo da Marni. Se eles querem algo de

Wyatt, ela mesma pode conseguir.

Pego minha bolsa da academia e decido levantar uns pesos antes de dormir. Isso sempre ajuda a clarear minha cabeça e recuperar meu foco.

Meus passos ecoam pelo corredor vazio. Meus pais saíram — de novo. Meu pai vai ficar em Los Angeles por mais alguns dias em uma viagem de negócios. Minha mãe foi com ele. Meus pais sempre se ausentam, mas de todos os meus amigos, eu tenho a vida mais normal. Meus pais ainda estão casados depois de 27 anos. Eles são apaixonados e fomos criados em um lar amoroso. Também tenho a sorte de ter dois irmãos mais velhos. Micah e Byron são gêmeos e ambos estão no segundo ano na ASU. Cursos separados, mas sempre juntos. Fora os últimos dois meses, sempre contamos tudo um para o outro. Eu sei que, se eu precisasse de qualquer coisa, poderia contar com eles. Eu me saí muito bem em comparação com meus amigos.

Então, minha vida pode estar se desfazendo no presente, mas não tenho as cicatrizes do passado que Zed, Talon e Lars têm, além de uma memória trágica quando criança. Felizmente, no final, todos nós temos uns aos outros. Não importa o quão chateado eu fique com eles, nós lutamos ou morremos.

— Vai sair? — Madeline, nossa empregada, surge do nada e praticamente dou um pulo.

— Puta merda, Madeline. Eu não sabia que você estava aqui. — Pego minhas chaves na ilha da cozinha.

Ela envolve e aperta meu braço com suas mãos frágeis.

— Parece que você está emagrecendo. Você jantou?

Eu rio.

— Se pareço estar emagrecendo, esse é mais um motivo para ir à academia. Sim, eu comi. — Se alguém precisa comer mais, é ela. Tem uns quarenta quilos de pele e ossos. Cabelos curtos e grisalhos e a voz mais suave já ouvida. Aos 72 anos, você poderia achar que ela estaria pronta para largar tudo e aproveitar a vida, mas Madeline diz que damos um propósito a ela. Madeline nunca se casou, nem teve filhos. Na verdade, ela está com minha família desde que meus irmãos nasceram, há vinte anos.

Ela balança a cabeça.

— Não minta para mim, garoto.

— Eu não ousaria. — Sorrio enquanto ando pela cozinha até o lavabo, onde estão meus tênis.

Devo acrescentar também que ela é como uma segunda mãe. Sempre certificando-se de que estamos alimentados e de banho tomado. Bem, a parte do banho agora já nem tanto. Isso seria estranho. No entanto, ela fez um comentário na semana passada sobre eu estar com cheiro de armário.

Agora que estamos praticamente crescidos, ela não trabalha mais em tempo integral, mas vem alguns dias da semana só para limpar a minha bagunça. Ela faz um ótimo trabalho arrumando minha cama também. Embora meus pais sempre tenham sido conservadores e valorizem nossa reputação na comunidade, Madeline sussurrava em meu ouvido: *nunca tenha medo de se arriscar, mas sempre seja fiel a si mesmo*.

Inúmeras vezes, ela me salvou de situações que poderiam ter sido terríveis se meus pais tivessem descoberto. Como na época em que eu tinha treze anos e roubei o premiado Chevelle 1969 do meu pai e o levei para dar uma volta no quarteirão. Entrei direto em nossa caixa de correio e deixei uma lasca do tamanho de uma ervilha na tinta. Madeline dirigiu direto para a loja de ferragens e comprou uma nova caixa de correio e um pouco de tinta da mesma cor. Claro, ela me fez consertar tudo enquanto me observava com os braços cruzados e uma carranca de desaprovação no rosto, mas nunca contou a ninguém. Ela é uma boa pessoa e não gosto de pensar no dia em que nos deixará para sempre.

— Não fique por aí até muito tarde. Você tem escola amanhã! — eu a ouço gritar enquanto calço meus tênis.

— Pode deixar — arrasto as palavras antes de abrir a porta e entrar na garagem.

Deslizo para o banco do motorista na minha caminhonete e ligo o motor.

“Dying to Live”, de Sevendust, continua a tocar de quando vim para casa mais cedo. Aumento o volume para abafar quaisquer pensamentos que possam tentar escorregar para dentro da minha mente.

Pouco adianta. Esse é o problema do barulho, não te dá silêncio nem na sua própria cabeça. Só que não é a letra ou o ritmo que estão sacudindo meu cérebro, é ele. Cavando suas malditas garras dentro de mim e ameaçando destruir cada pedaço de moral que me resta.

Quando pensei que as coisas não pudessem piorar, tive que ceder a um desejo egoísta. Nem liguei para as consequências. Agora, estou aqui com uma montanha de arrependimento, um coração sufocado e

pensamentos indesejados que vasculham minha mente nos momentos mais inoportunos.

Estaciono na parte de trás da escola, onde ficam as portas levam à sala de musculação, e fico aliviado ao ver que o estacionamento está vazio, exceto por um veículo estacionado ao longe. Não acho que seja do treinador, embora seja difícil dizer. Ainda é janeiro, mas tenho certeza de que ele já começou a treinar pesado com os próximos jogadores de futebol do time do colégio. Se vou sentir falta de alguma coisa do ensino médio, será o futebol. Não há nada como as luzes da noite de sexta-feira e uma multidão cheia de fãs gritando, todos lá para ver você vencer.

O treinador nos permite usar a sala de musculação e a academia à noite, quando não há jogos em casa. Normalmente o zelador tranca as portas quando sai, por volta das onze horas, então tenho uma boa hora e meia para levantar uns pesos. Tecnicamente, não devemos malhar sozinhos, mas ninguém realmente segue essa regra. Quando abro a porta, meus olhos reviram imediatamente.

— Tá de sacanagem? — murmuro baixinho. Mas não baixo o suficiente, porque chama a atenção de Shane.

— Muito bom ver você também, Tommy — Shane diz enquanto solta o peso que envolve seu tornozelo. Ele bate no pé de metal da máquina e se levanta, dando passos lentos em minha direção.

— Você tem coragem de mostrar a cara depois do que fez na parede do quarto do Wyatt.

Eu rio.

— É disso que você chamaria? Coragem? Eu chamo isso de realmente não dar a mínima. — Passo por ele, esbarrando seu ombro com o meu. Não vou nem tentar negar o que fiz. A cidade inteira sabe que 99% dos grafites ou exposições de arte nos objetos mais improváveis geralmente vêm de mim. A maioria gosta de pintar em tela; eu prefiro uma abordagem mais arriscada para mostrar minhas habilidades.

Ele segue atrás de mim, bufando, e apenas joga minha cabeça para trás e rio.

— Cara. Cai fora. — Varro o ar com a mão.

— O que Wyatt fez pra você? — Posso sentir sua respiração batendo nas minhas costas e o calor só aumenta minha fúria.

Minha bolsa cai ao lado do banco de peso. Me viro, planto as duas mãos em sua regata encharcada de suor e dou-lhe um leve empurrão para

trás.

— Deixa disso, cara. Estou avisando agora. É melhor você nem começar. Minha voz é calma, mas cheia de raiva. Se ele me forçar mais um milímetro, não conseguirei me conter de dar uma surra nele.

Shane deixa a ameaça entrar por um ouvido e sair pelo outro.

— Fique bem longe dele.

— Ou o quê? Hein? O que você vai fazer? — Me aproximo dele, nariz com nariz.

— O que eu tiver que fazer.

Faço uma careta.

— Ah, que fofo. Dois *viadinhos* sentados debaixo de uma árvore. — O sangue começa a ferver rapidamente em minhas veias. Cerro meus punhos enquanto minha mandíbula pulsa com fúria.

— Você pode economizar sua crueldade homofóbica, porque não me atinge. Você não passa de um valentão que grita por atenção. Bem, parabéns, idiota. Nós vemos você. Nós ouvimos você. E nós não gostamos de você.

Abro meus punhos, um dedo de cada vez, e respiro fundo na tentativa de me acalmar. Meu pescoço se estica enquanto giro a cabeça, estalando a cada movimento de modo alto e perceptível.

— Saia de perto de mim agora, porra. — Eu cerro os dentes. Quando ele continua parado lá com um sorriso diabólico no rosto, bato meu peito no dele. — Você tem trinta segundos para dar o fora desta sala. E, se olhar para mim do jeito errado, vou te rasgar em pedaços. Como você acha que Wyatt vai se sentir quando descobrir que você está exibindo seu pau por dinheiro no aplicativo *WatchMeNow*?

Durante nossa pesquisa sobre o pai do Talon, descobrimos que havia outro usuário na mesma região: Josh. Com o passar do tempo e o crescimento do aplicativo, o mesmo aconteceu com o número de assinantes. E também aumentaram os membros locais. Neste exato momento, parece que há quatro pessoas em Redwood que o usam atualmente. Conseguimos hackear a conta de Josh e excluir todas as suas informações, pois houve muitas trocas de mensagens entre ele e Talon e ele e a Marni.

Marni também excluiu sua conta, mas mantemos Talon ativo apenas para ficar de olho. Sabemos que o Shane é um usuário. Há também uma garota do segundo ano que só gosta de mostrar os peitos, e outra pessoa cuja identidade não conseguimos identificar. Os caras desistiram de tentar.

Eles disseram para deixar pra lá, mas eu ainda estou investigando.

Há outras peças do quebra-cabeça que ainda estou tentando montar. Por exemplo, quem me enviou aquele cartão de memória? Quem sabe o que eu fiz? Olho de canto de olho para Shane, pensando que poderia ter sido ele. É uma possibilidade.

Sua expressão fica sombria enquanto sua pele imita o branco de seus olhos.

— Como você sabe disso?

— Vinte e três pessoas estavam te assistindo outro dia. Impressionante. Tudo só para ver você se masturbar e lambar a própria porra da mão. Você recebe muitas chamadas privadas lá? Ouvi dizer que eles pagam um bom dinheiro por essa merda. Sabe, se precisar de grana, tenho certeza de que Wyatt pode ajudá-lo.

É verdade. Wyatt possui uma fortuna. Seu pai abriu o próprio negócio com os milhões que recebeu de herança quando o pai dele faleceu. Há rumores de que o Wyatt recebeu tanto quanto o pai. Ele sempre terá tudo. Exceto sua sanidade, quando eu acabar com ele.

Shane dá alguns passos para trás, se vira e vai embora com um segundo olhar para mim por cima do ombro. Ele sabe que eu não hesitaria em desmascará-lo. Todos conhecem bem a reputação dos rebeldes. Embora eu possa ter algumas emoções a mais do que os outros, há uma que sinto muito profundamente e tende a encobrir todas as outras — ódio.

CAPÍTULO 3

WYATT

Tommy se acha invencível. Inferno, todos eles se achavam — Tommy, Lars, Talon e Zed. Tudo estava bem quando eu era invisível para eles, mas assim que me notaram no primeiro ano, eles se certificaram de que todos os outros também me notassem. E obviamente não era para me polir e me fazer brilhar.

Não. Eles zombaram de mim, dia após dia. De arrancar livros das minhas mãos e encher meu armário com balões até tirar todas as minhas roupas do vestiário quando eu tomava banho depois da educação física. Acabei tendo que pegar emprestado uma calça de moletom e um blusão — três vezes o meu tamanho — do sr. Rice. Pode-se supor que seja porque sou gay, mas não é o caso. Só saí do armário ano passado, e o *bullying* deles começou muito antes disso.

O que realmente me impressiona é que Tommy sempre foi o mais decente do grupo. Ele ficou na dele e meio que se misturou com o resto das pessoas — às vezes até me defendendo. Ele participava das piadas, mas nunca assumia o papel principal na minha humilhação. Até que alguns meses atrás tudo mudou.

Notei o jeito como ele olha para mim. Não é com olhos dominadores; é pura curiosidade e, preciso dizer, atração. Eu o peguei me encarando algumas vezes, mas ele nunca vai admitir isso. Não para mim, não para seus amigos e nunca para si mesmo.

Passo o rolo pela bandeja de tinta e o levanto para a parede. Mais uma demão e essa mórbida exibição de arte será encoberta pelas grossas

camadas de tinta. Mas sempre saberei que está lá. Só porque está escondido, não significa que nunca existiu. Posso dizer o mesmo dos segredos do Tommy. Ele pode negar o quanto quiser, mas eu vi seu olhar. Eu sei o que ele sentiu.

Independentemente desse breve momento de química entre nós, não posso negar o ódio que vaza de seus poros. Nunca poderei chamar Tommy de amigo, muito menos qualquer coisa além disso.

Se pudesse pegar aquele dia de volta, eu o faria.

Agora, quando Tommy olha para mim, tudo o que ele vê é vermelho. Como se eu fosse o único a excluí-lo. Como se fosse minha culpa. Só uma vez, eu gostaria de olhar para a mesa dele no refeitório e ver um sorriso no canto de seu lábio enquanto ele desvia o olhar de volta para a bandeja de comida. O tempo todo, sabendo que mil borboletas passaram por seu estômago quando nossos olhos se encontraram. Eu sei que ele sentiu isso, porque eu também senti.

Toda vez que eu olhava para ele sentia isso. Ainda sinto.

A palma da minha mão direita começa a queimar quando aperto o cabo do rolo firmemente. Envolvero-a com os dedos enquanto passo para cima e para baixo, para frente e para trás. Sei que poderia facilmente ter contratado alguém para cuidar disso para mim, mas teria que explicar e isso não é algo que estou disposto a fazer.

Não é nenhum segredo que Tommy e seus amigos não suportam minha existência, mas isso não se trata apenas de alguns desajustados pregando uma peça. Isto é Tommy tentando me abalar emocionalmente para que eu perca todo o controle. Não estou disposto a fazer isso. Vou apenas sentar e aceitar o que me foi dado por enquanto. Alguém por aí sabe o que aconteceu entre nós, então vou deixar essa pessoa arruinar Tommy enquanto mantenho minhas mãos limpas.

Pessoalmente, não me importo. Não é como se eu tivesse algo a perder. Minha sexualidade não é um segredo. Tommy, no entanto, provavelmente morreria antes de deixar o mundo saber o que fizemos.

Largo o rolo na bandeja e dou um passo para trás. Meus dedos estão cobertos com uma fina camada branca de tinta. Eu os esfrego violentamente enquanto olho para a parede branca com uma caveira transparente me encarando.

Dou de ombros, considero bom por enquanto. Vou pintar outra camada amanhã.

Sem me preocupar em esfregar os resíduos dos dedos, pego minha mochila do chão, tiro meu livro de História Europeia e o jogo na cama antes de me deitar ao seu lado. Nós temos uma grande prova amanhã e preciso estudar pra caramba. Estou me destacando em todas as matérias, mas por algum motivo me distraio na aula de História. Na verdade, não é apenas algum motivo. É Tommy. Ele se senta logo atrás de mim, e juro que na maioria dos dias posso sentir seus olhos queimando o meu crânio. Sem mencionar os constantes maços de papel que são jogados no túnel de fogo, também conhecido como o buraco ardente na parte de trás da minha cabeça.

Meus olhos percorrem as páginas, mas minha mente não capta nada do que estou lendo. Essa matéria é um enigma. É mesmo necessário saber o que aconteceu durante a Revolução Industrial? Fecho o livro e desisto antes mesmo de dar uma chance. Não importa, de qualquer maneira. Já fui aceito no estado do Arizona. Já sei que vou me formar em administração com especialização em tecnologia da computação e que vou trabalhar para o meu pai na Magna Tech — eventualmente substituindo meu tio como CEO. Em nenhum lugar esse plano exige que eu tenha conhecimento da indústria têxtil.

Ou é apenas minha maneira de inventar desculpas quando o que realmente está pesando em minha mente é o meu relacionamento com Shane. Eu era a fim dele durante todo o primeiro ano. Praticamente implorava por sua atenção. Quando ele finalmente me deu, Tommy roubou o show. Eu não frequentava a escola para estudar. Acordava todos os dias apenas para ir ver Tommy ou pegá-lo olhando para mim. Eu estava apaixonado pelo *bad boy*. Ele não foi cruel na época — pelo menos não comigo — então foi uma paixão saudável. Até que deixou de ser.

Três semanas depois do Halloween. Eu estava tentando aceitar toda aquela história do Josh, e Tommy parecia estar mal. Eu realmente só queria falar com ele e ter certeza de que tudo estava bem. A aula de educação física tinha acabado de terminar e ele ficou por ali para levantar uns pesos, como costuma fazer. Eu tinha acabado de tomar banho e me sentei no banco ao lado da porta da sala de musculação, quando ouvi um armário se fechar. Seguido pelo som de osso batendo no metal.



— *Porra!* — Tommy esbraveja a cerca de dois metros de

distância. Ele não pode me ver, mas sei que socou o armário em um ataque de raiva. De onde vinha aquela raiva, não faço ideia.

O som de seus tênis rangendo contra o chão do vestiário se aproxima, então eu me levanto.

— Ei, Tommy. Tem um minuto? — questiono nervosamente. Não é que Tommy me intimide da mesma forma que os outros caras, mas ele me faz sentir uma excitação que ondula em meu estômago e faz meu coração acelerar.

— Não — ele diz, sem sequer olhar na minha cara. Seu olhar se fixa na porta ao meu lado, mas estendo meu braço para impedi-lo de sair.

— Qual é a porra do seu problema, cara?

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa. O que aquele armário fez pra você? — Reprimo um sorriso, mas imediatamente me arrependo de minhas palavras, porque agora não é hora de tentar fazer piadas com um cara furioso, que está acumulando mais músculos em seu antebraço do que eu em todo o meu corpo.

Seus olhos vacilam até meu braço, que ainda está preso entre os batentes da porta. Eu o afasto rapidamente e abaixo, ainda apertando as mãos com força enquanto ele fala.

— Você tem três segundos para dizer o que quer e depois sair da minha frente, Wyatt.

— Eu só queria ter certeza de que está tudo bem. Você não está participando dos jogos na aula de educação física. Anda faltando na escola. Você não é assim.

Com a cara fechada, ele me olha bem nos olhos.

— Desde quando você toma notas do que estou fazendo?

— Eu não tomo notas, por assim dizer. — Dou de ombros. — Eu só... notei.

Ele dá um passo mais perto, invadindo meu espaço, e aperta a mandíbula.

— Bom, preste bem atenção. O que eu faço não é da sua maldita conta.

Meu coração bate como uma britadeira no peito, mas não é por medo ou preocupação de que Tommy esteja prestes a me esmagar. Não. Ele não quer me machucar. Meu pulso acelerado é atribuído à maneira como seu olhar continua dançando dos meus

olhos até os meus lábios.

A raiva escorre de seu olhar enquanto seus dedos se comprimem em volta da minha garganta. Meu pomo de adão balança violentamente na palma de sua mão. Porém, meu foco é apenas em sua ereção pressionada contra o osso do meu quadril. A parte de trás da minha cabeça se encaixa firmemente no armário enquanto olho para baixo. Mesmo que eu não diga nada, é minha maneira de reconhecer os fatos. Seus olhos deslizam para baixo, para o espaço entre nós, então abruptamente de volta para os meus. Seu rosto está corado, seus olhos arregalados com a humilhação.

Em um instante, seus dedos se soltam e meus ombros caem.

— Tommy, espere — digo quando ele abre a porta da sala de musculação. Eu o sigo, e está vazio aqui. Só ele e eu, sozinhos.

— Dê o fora daqui. — Ele continua seu caminho até o banco dos pesos. Não consegue nem olhar para mim. Ouso dizer que Tommy Chambers está envergonhado! É uma novidade vê-lo assim, mas aperta meu coração.

— Não é nada para se envergonhar. Você faz a mesma coisa... — minhas palavras desaparecem quando ele volta furioso em minha direção. Dou alguns passos para trás e minhas costas batem na porta fechada da sala de musculação.

De repente, ele não está mais se esquivando, está furioso. Seus punhos estão cerrados ao lado do corpo, e sua testa enrugada enquanto seus olhos se concentram em mim.

— Eu o quê, Wyatt? Te deixa com tesão? — Ele me dá um empurrão, mas não me mexo porque estou encostado na porta. — Isso é porque você é a porra de um gay.

Agarro a maçaneta da porta atrás de mim e caminho em direção a ele quando ela se abre. Deslizo de volta para o vestiário, mas ele me segue.

— Eu não queria dizer...

— O quê? — Ele parece surpreso, mas é tudo sarcasmo e show. — Você não quis insinuar que eu também sou gay? Porque não sou.

Estamos cara a cara e imediatamente percebo que deveria ter saído assim que ele mandou eu me foder pela primeira vez. Ele

me empurra novamente e, dessa vez, minhas costas batem em uma fileira de armários.

— Ok. Entendi. Se acalme. — É mentira. Não acredito em uma palavra do que ele está dizendo. Chame isso de intuição, ou de aprendizado por seu comportamento ao longo dos anos — mas esse ato nada mais é do que uma fachada. Posso estar errado, porém duvido muito.

— Entendeu? Porque não tenho tanta certeza.

Ele está falando em círculos e sei que não é apenas porque ainda está duro como uma rocha, mas agora ele está propositalmente forçando seu pau dentro de mim. Suas mãos seguram cada lado da minha cabeça, com as palmas pressionadas no armário.

A variedade de obras de arte em seus braços tonificados chama minha atenção, mas minha mente não registra o que vejo. Tudo preto e cinza com diferentes desenhos e imagens que provavelmente contam algum tipo de história. Eu deveria saber os detalhes de cada tatuagem que ele tem, considerando o tempo que o observei, mas não sei. Normalmente, quando estou olhando pra ele, observo suas expressões e tento ler seus pensamentos.

Meus olhos se estreitam e dou a Tommy um olhar confuso enquanto ele olha para mim. Ele está me sacaneando agora? Ou quer que eu tome uma iniciativa? Merda, ele é difícil de ler.

— Afaste-se e me deixe ir, e deixo você em paz.

Mas ele não se move. Em vez disso, fica lá me observando enquanto eu faço o mesmo.

Foda-se.

Eu o agarro pelo rosto e puxo sua boca para a minha.

Péssima ideia.

Com a palma da mão aberta, ele me dá um tapa no rosto. Meu corpo salta cerca de cinco centímetros do chão quando ele segura meu queixo entre o polegar e o indicador. Mas não me puxa de volta para si. Ele empurra meu rosto para baixo até que eu esteja de joelhos na sua frente.

Com uma mão, ele puxa o shorts e a cueca para baixo até pararem em seus tornozelos.

— Você gosta de pau? Então chupa, sua putinha.

Olho para ele para ver se está falando sério, mas ele inclina a cabeça para trás e empurra a minha para baixo. Minha mão treme quando eu pego seu pau. Começo a acariciá-lo lentamente, esperando que ele me chute e pise no meu rosto, mas não o faz. Ele solta um gemido sutil e começa a balançar os quadris com o movimento enquanto eu pego meu ritmo.

Meu polegar roça sobre a cabeça, pegando uma gota de excitação e esfregando-a enquanto acaricio todos os dezoito centímetros de seu pau. Lanço minha língua para fora, passo-a por baixo de sua cabeça sedosa e a levo em minha boca.

Acaricio e chupo enquanto ele continua a meter contra o meu rosto. Minha mão livre envolve suas bolas e dou um aperto suave. Então a realidade me atinge, de que estou realmente dando um trato em Tommy no vestiário. Um cara que eu observei em segredo. E que também me observou. Ele pode se sentir atraído por garotas, mas também gosta de garotos. E, por algum motivo, ele me quer. O cara que seus amigos azucrinharam dia após dia nos corredores desta escola. O garoto inteligente que usa terno e blazer e gosta de jogar xadrez e de dar aulas particulares para os colegas. Este rebelde me escolheu para ser o seu primeiro.

Algo nele estala e ele começa a acelerar o passo, então eu faço o mesmo. Mas é difícil acompanhar quando ele começa a enfiar o pau tão fundo na minha boca, que consigo senti-lo atingir o fundo da minha garganta.

— Você gosta de chupar pau? Então chupa, não fica brincando com ele. Seus dedos envolvem meu cabelo com força enquanto ele empurra violentamente contra mim. Eu tento aliviar alguns centímetros para fora, mas ele não deixa, apenas se move com mais força. Eu não engasgo. Aguento tudo.

— Caralho — ele murmura baixinho. — Feche os olhos. Não olhe para mim, porra. — Posso sentir sua cabeça inchar dentro da minha boca, quase atingindo minhas amígdalas. Seu corpo fica tenso momentaneamente e, sem qualquer aviso, ele goza. Joga tudo no fundo da minha garganta. Um impulso final e ele puxa para fora. Engulo em seco, depois passo as costas da mão na boca. Estou sorrindo por dentro, mas não ousa demonstrar. Eu nem ousa olhar para ele.

Agarrando os dois lados do shorts, ele o puxa para cima rapidamente.

— Se você contar a alguém sobre isso, eu te mato — sua voz é severa e cheia de ameaça. Ele vai embora enquanto ainda estou ajoelhado no chão, com a cabeça baixa, mas antes para. — Ah, e só para constar, eu não sou gay, porra. — Então ele abre a porta e vai embora.

— Continue dizendo isso a si mesmo — eu murmuro enquanto a porta se fecha.



Desde aquele dia, vivo com uma montanha de arrependimento. Se eu pudesse voltar e mudar o que aconteceu, Tommy não me odiaria a ponto de não ter conserto. Ele não me culparia pelo vídeo que nos enviaram com o que aconteceu entre nós no vestiário.

Eu gostaria de poder dizer que esse é o meu maior arrependimento. Infelizmente, coisas maiores estão comendo minhas entranhas no momento. Segredos que podem destruir minhas amizades — minha vida.

Empurro o livro da cama e caio de costas quando meu telefone toca na mesa de cabeceira.

Estico o braço sobre a cabeça e tateio com as mãos até pegá-lo.

Marni.

— Ei, garota. Desculpe por não ter te ligado de volta depois que Shane foi embora. Eu tinha umas merdas para lidar.

— Essa merda tem alguma coisa a ver com Tommy?

Virando para cima, eu olho para a silhueta da caveira na parede.

— Por que você está perguntando isso? — Não tem como ela saber. Claro, todo mundo sabe que Tommy deseja uma vingança contra mim. Mas nunca divulguei nenhuma informação sobre as profundezas de sua desgraça.

— É só um palpite. Olha, não posso dizer muito. Mas fique longe dele, Wyatt. Acho que Tommy está tramando alguma.

Balançando a cabeça, concordo.

— Sim, não brinca — resmungo. — Mas por que o aviso? Ele disse alguma coisa?

— Como eu disse, não posso falar muito. Só não quero que

você se machuque.

— Certo? — arrasto a palavra. — O pacto com sua nova trupe. Entendi. Esqueça seu melhor amigo e sua lealdade a ele. Os quatro rebeldes de Redwood têm precedentes. Você sabe que me deve uma, se bem me lembro.

— *Você sabe que eu te amo, Wyatt. Mas...*

— Ah, lá vem. O infame “mas”. Não se preocupe comigo, Marni. Posso parecer fraco e frágil, mas sou mais forte do que você pensa. Contanto que isso não envolva demônios e banho de sangue, eu ficarei bem.

Ela não diz mais nada e entendo como sendo sua maneira de dizer que, de fato, envolve demônios, ou pelo menos um banho de sangue.

Quando ela finalmente quebra o silêncio, muda de assunto.

— *Como estão as coisas com Shane?*

— Muito bem. Seguindo na direção certa — minto. O mundo vê um casal fofo que está encontrando a felicidade sem vergonha. Mas a verdade é que Shane tem sido mais idiota do que o normal. Ele é gostoso pra caralho, mas preciso de mais do que aparência. Ele é mandão, exigente e tem essas explosões que, às vezes, são bem assustadoras.

Preciso de alguém que me puxe para cima quando eu estiver caído e me segure firme. Alguém com quem posso compartilhar meus segredos e confiar que os guardei em um lugar seguro. Tenho certeza de que Shane me vê como seu brinquedo. Alguém em quem ele pode mandar e fazer o que quiser. Posso sentir o fim se aproximando e só espero que ele não perca a cabeça quando isso acontecer.

— *Estou feliz que você esteja feliz, Wyatt. Que continue assim. Vejo você na escola amanhã?*

— Com certeza. — Termino a ligação e deixo o telefone cair ao meu lado.

Amanhã. Não tenho ideia do que o amanhã trará, mas agora posso me contentar em ser o fracassado que ninguém nota. Parece que estou no radar de algumas pessoas ultimamente e elas continuam aparecendo do nada. Se eu fosse realmente tão fraco quanto eles pensam que sou, me esconderia. Mas estou pronto para revidar e acho que é hora de começar.

CAPÍTULO 4

TOMMY

— Ei, vou matar a última aula e precisamos fazer uma reunião — digo ao Talon pelo telefone enquanto atravesso entre os carros no estacionamento. — Está na hora de eu começar a dar as cartas por aqui e tenho umas merdas que precisam ser ditas.

— Oi, Tommy. — Shay pisca e me manda um tchauzinho de flerte, de dentro de seu carro com as piriguetes. Eu a cumprimento com um aceno de cabeça e continuo andando.

— *Tudo bem, Marni e eu vamos fazer uma viagem para Los Angeles, visitar o irmão dela hoje à noite, então teremos que fazer isso rápido.*

— Ouça — eu grito, então olho em volta e me certifico de que ninguém ouviu minha pequena explosão. — Eu joguei o seu jogo. Você vai jogar o meu. Não dou a mínima para onde você tem que ir. Depois de tudo que fiz, vocês deveriam estar implorando para me ajudar.

— *Calma, cara. Nós vamos conversar. Qual é o seu problema ultimamente?*

— A vida, Talon. A vida é a porra do meu problema. — Prendo a respiração e afasto a raiva que está começando a crescer dentro de mim. — Ligue para Lars e avise-o. Vejo vocês de tarde.

— *Estaremos aqui.*

— Ah, e a Marni precisa estar presente. Ela precisa ouvir o que tenho a dizer.

Talon desliga e sei que já está chateado. Ele sabe o que está por vir.

Marni e Wyatt são próximos desde a escola primária. Ela não vai gostar disso, portanto Talon também não vai. O fato é que há uma chance de Wyatt ter atropelado Josh. Inferno, ele poderia até ser quem estava perseguindo Willa. Não é provável, porque Wyatt tem medo de sua própria sombra, mas são nos quietos que o mundo precisa prestar atenção. Eles geralmente guardam a maior parte dos segredos.

Independentemente de qualquer coisa, tenho que abordar isso com cuidado, porque um movimento errado e meus segredos podem vir à tona junto com os de Wyatt.

Alan está segurando a porta aberta para todos que chegam à escola, como faz todos os dias.

— Obrigado, cara.

Temos muitos idiotas aqui, mas sempre tentei não ser um deles. Algumas pessoas tornam isso muito difícil e eu falho nessa tentativa de vez em quando, mas não sou tão perturbado quanto meus amigos. Não trato as pessoas como se eu fosse melhor do que elas, porque a verdade é que a maioria delas é melhor do que eu. Gosto de pensar que, de certa forma, faço meus amigos quererem ser melhores. Sei que eles têm um passado que todos gostariam de esquecer, mas foram moldados pelos acontecimentos que enfrentaram e não os culpo por terem um pouco de ódio em seus corações.

Mordo a língua e passo direto pelo Wyatt, que está em seu armário. Ele está relaxado enquanto tira livros de sua mochila. Seu cabelo cor de areia está dividido para o lado, e pequenas mechas com pontas naturalmente destacadas pendem sobre seus olhos. Ele veste seu típico cardigã de grife — marrom hoje — e calça preta de sarja com tênis Converse. Sinto o cheiro de sua colônia de cedro quando passo por ele, e Wyatt nem me vê.

Meu coração começa a disparar quando as memórias dos sons que ouvi ontem deslizam em minha mente. Wyatt e Shane transaram como animais selvagens na sala de estar enquanto eu estava no topo da escada e ouvia tudo. Foi uma experiência esclarecedora. Aprendi que, definitivamente, é Shane quem manda no relacionamento.

Shane é muito mais extrovertido do que Wyatt. Ele é o zagueiro do time de futebol — um dos atletas. Eu jogo bola, mas não tenho a torcida que ele tem. As pessoas o admiram, mesmo que ele seja um idiota para todo o corpo discente. Não da mesma forma que eu e os caras. Somos mais imprudentes e despreocupados. Nós protegemos uns aos outros, aconteça o

que acontecer, e só zoamos com quem merece. Shane e seus amigos são simplesmente idiotas sem motivo algum. Algo que não suporto.

E é exatamente por isso que acelero meu ritmo quando vejo Shane derrubar Alan no chão enquanto entra pelo corredor. Depois de segurar a porta aberta para ele e todos os outros filhos da puta desta escola, é assim que eles o tratam.

— Qual é a porra do seu problema, cara? — Minhas palmas plantam firmemente no peito de Shane enquanto o empurro para trás.

Alan se arrasta no chão para se levantar. Estendo minha mão para ele e dou-lhe um puxão antes de ele sair correndo.

Volto minha atenção para Shane e o empurro novamente.

— Você me deu uma palestra sobre *bullying* na noite passada, e então vem aqui e empurra pessoas inocentes? Agora quem são os grandes e maus?

Ele apenas ri na minha cara, o que só me irrita mais. O empurro de novo e de novo até que suas costas batem no armário. Nariz com nariz, cerro os dentes.

— É melhor você se cuidar, Velmont. As pessoas estão sempre de olho. — Dou um tapinha em sua bochecha, como uma criança, e vou embora. Não preciso forçar mais que isso; ele sabe do que estou falando. Ele não ousaria deixar que a notícia de seu novo empreendimento para ganhar dinheiro viesse à tona. Ele poderia mentir e dizer que é porque gosta de atenção, o que é tão ruim quanto, mas sabemos que é pelo dinheiro.

A família de Shane perdeu tudo no ano passado, quando seu pai foi condenado por peculato na empresa em que trabalhava. Eu sentiria pena de Shane se ele não fosse tão idiota, mas ainda é o mesmo pirralho mimado de sempre.

Luto para evitar qualquer confronto com Wyatt enquanto ele vem em minha direção. Preparando-me mentalmente para outra cena, respiro fundo e levanto minhas mãos. Mas ele não para. Com seu olhar de laser focado no meu e fogo por trás daquelas esferas azul-bebê, ele passa direto por mim. Claro. Wyatt tem que dar uma olhada no namorado e se certificar de que não machuquei seu ego.

Abro meu armário, que tem um morcego preto com uma coroa na cabeça cobrindo toda a porta, pego meu livro de História Europeia e um caderno com um lápis enfiado na espiral e fecho a porta com força.

Durante um dos bailes, depois de um jogo de futebol no ano

passado, fiquei meio bêbado com um ponche batizado e perambulei pelo corredor com um spray, e me empolguei um pouco. O diretor Scott não gostou. Ele me fez esfregar aquilo por uma hora enquanto ficou parado diante de mim com os braços cruzados e a cara amarrada. O maldito morcego não saía e agora está lá para sempre.

Caminho para o meu lugar no fundo da sala com um minuto de sobra. Não deveria notar que Wyatt ainda não está aqui, mas notei. Ele não é assim. Wyatt é muito pontual. O que só pode significar uma coisa: ele está com o Shane. Provavelmente limpando seu orgulho ou chupando seu pau no vestiário. Parece ser o lugar-comum do Wyatt para distribuir favores. Pelo menos foi, comigo.

Observando o tique-taque do relógio na parede, bato meu lápis na mesa enquanto movimento meu pé no ritmo. A campainha toca e ele ainda não está aqui. Onde diabos ele está? E ainda, por que diabos me importo? Talvez ele realmente esteja cuidando de Shane. Um sentimento sinistro desliza pelo meu peito. Depois do que ele fez comigo, não merece a felicidade que encontrou com Shane. Me irrita que ele tenha tantas coisas boas, e aqui estou eu, morrendo lentamente por dentro.

Arrasto minha cadeira para trás sem hesitação. O metal raspa tão alto contra o piso de linóleo, que chamo a atenção de todos na sala. Ignorando todos eles, incluindo o Sr. Bing, pego meu material e saio pela porta entreaberta.

Meus pés ecoam enquanto caminho pelo corredor vazio. Há uma conversa distante, vindo de outra sala de aula, mas sem sinal do Wyatt ou Shane. Viro-me e ando rapidamente em direção às portas principais, para ver se o carro do Wyatt ainda está estacionado em seu lugar habitual, mas paro quando ouço vozes discutindo no banheiro masculino.

Ando pelo corredor, mas paro antes de virar na entrada do banheiro. Com minhas costas pressionadas contra a parede de tijolos frios, eu escuto — sentindo uma familiaridade no gesto. Desta vez é diferente, no entanto. Não há nada prazeroso neste encontro.

— Por que você ainda está falando? Cale a boca — Shane esbraveja com autoridade.

— Estou só dizendo que você não precisa sacanear o Alan como faz. Ou qualquer outra pessoa na verdade.

Ouve-se um baque. Não alto, mas juro que cheguei a senti-lo reverberar pelo meu corpo.

— Você está do lado dele?

— Não — Wyatt retruca. — Eu nunca...

— É melhor não estar. Tommy é o inimigo. É bom você se lembrar disso. Ele te odeia, Wyatt. Ele nunca será seu amigo, e você está delirando se acha que ele se interessaria por você.

Que merda é essa?

Por que diabos eles estão falando de mim como se eu fosse minimamente importante em suas vidas? Não somos amigos. Inferno, até recentemente, nós nem éramos inimigos. Eles não têm nem que tocar no meu nome. A menos que Wyatt tenha contado ao Shane. O calor sobe pelo meu rosto e posso sentir minhas bochechas corarem. Esbravejo com os punhos cerrados quando entro no banheiro.

— Alguém quer me dizer alguma coisa? Porque estou bem aqui. — Bato as duas mãos no meu peito. — Pode falar, porra — minhas palavras saem antes mesmo de eu compreender que Shane havia prendido Wyatt na parede, com os dedos apertando seu queixo. Há um lampejo de pânico nos olhos de Wyatt, e é estranhamente desconfortável.

Ambos apenas olham para mim, atordoados e sem palavras. Shane finalmente solta Wyatt, e então se limpa como se suas mãos estivessem sujas. E estão mesmo. Acabei de pegá-lo agredindo fisicamente alguém com quem ele diz se importar. Independentemente disso, não é da minha conta. Quero saber do que eles estavam falando.

— Dê o fora daqui — Shane diz enquanto caminha até a pia. Ele esguicha algumas gotas de sabão nas mãos e se vira para nós enquanto as ensaboa. — Isso é entre mim e Wyatt. Cuide da sua maldita vida.

— Bem, parece que é da minha conta porque acabei de ouvir você falando sobre mim. Agora, me diga o motivo. — Largo meus livros no chão e enfio as mãos nos bolsos da frente da minha calça preta. Não vou embora até ter respostas. Olho para Wyatt. — Sobre o que vocês dois estavam conversando?

Wyatt não parece mais assustado, ele está aterrorizado pra caralho.

— Tenho que ir para a aula. — Ele desliza entre mim e a parede e vai embora, mas agarro seu braço.

— Precisamos ter uma conversinha — sussurro em seu ouvido.

Seus olhos disparam de volta para Shane, que está secando as mãos com uma toalha de papel pardo enquanto nos observa atentamente.

Wyatt afasta seu braço para longe de mim.

— Eu tenho que ir.

— Você pode fugir. Mas não vai conseguir se esconder. — Eu sorrio. Vou pegá-lo em breve e, quando fizer isso, ele vai confessar o que fez e a quem contou sobre nós. Alguém sabe do nosso encontro no vestiário, e garanto que Wyatt estava por trás disso.

Depois que ele sai, não vou embora. Caminho lentamente até ficar cara a cara com Shane, e dessa vez não me contenho. Entrelaço meus dedos ao redor da pele delicada de seu pescoço e bato sua cabeça na parede.

— Você gosta disso? É bom ficar contra a porra de uma parede?

— Saia de cima de mim. — Ele balança o braço e sua mão bate na parte de trás da minha cabeça.

Imperturbável, eu o encaro e digo o que quero, alto e claro, enquanto aperto seu pescoço com mais força.

— Se eu vir você colocar suas mãos em Wyatt ou qualquer outro garoto nesta escola novamente, vou quebrar a porra do seu pescoço. Você me interpretou mal. Eu não sou um valentão. Sou um maldito atormentador, e vou enfiar minhas mãos em cada porra de cicatriz que você tem, se foder comigo. Estamos entendidos?

— Você não tem merda nenhuma contra mim. E daí se usei um aplicativo idiota?

— Não tem a ver com o que eu sei, mas com o que posso fazer as pessoas acreditarem.

Um aperto final e meu corpo estremece enquanto luto contra isso. Quero apenas estrangular esse garoto de merda, mas resisto e me afasto dele, correndo para fora do banheiro antes que faça algo de que me arrependa.

O problema é que não tenho certeza quem eu estava defendendo lá, Wyatt ou eu. Saber que ele colocou as mãos em Wyatt mexeu com algo dentro de mim. Se alguém vai deixar Wyatt infeliz, serei eu.



Seguindo o plano, saio da escola mais cedo. A última aula é só uma hora livre no laboratório de informática, então não é necessário estar lá. Tenho certeza de que matei mais aulas do que participei delas este ano.

Quando chego na casa do Talon, fico feliz em ver que ele ligou para todos como pedi. A gangue está reunida, menos Zed. Não temos ideia de

onde ele está. Não tentamos contatá-lo e ele não tentou entrar em contato conosco. Tudo o que sei com certeza é que ele não está mais em Redwood. Há momentos em que sinto falta dele, mas acho que são as lembranças de quem ele costumava ser que mais fazem falta. Zed mudou depois que sua mãe morreu e acho que nunca vamos recuperá-lo.

Estou surpreso ao ver que Willa está aqui. Ela e Lars devem ter matado a última aula também.

Bato a porta da minha caminhonete e caminho até a garagem, me sentindo observado. Talon encheu o interior e o exterior de sua casa com mais câmeras do que a porra da Casa Branca. Com tudo que passamos, foi necessário.

Sem nem bater, entro pela porta da frente. A casa de Talon é o lar de todos nós. Se precisarmos de um lugar para ir, dormir ou simplesmente relaxar, este é o local. Somos uma família aqui, e toda a merda que passamos apenas nos aproxima, mesmo que nem sempre deixemos isso aparente. Esses meninos são minha tábua de salvação. Minha equipe de referência. Estamos ligados por toda a vida e, não importa o que aconteça, defendemos um ao outro.

Todos estão reunidos na sala de estar quando entro. Lars para de falar no meio da frase e toda a atenção se volta para mim.

— Ei. — Olho para o grupo. — O que está acontecendo? — Todo mundo está olhando para mim como se estivessem sentados aqui planejando meu funeral.

— Sente-se. — Talon se senta no sofá e dá um tapinha no espaço vazio entre ele e Lars. Marni está parada em frente à lareira, com os braços cruzados sobre o peito e uma expressão desagradável no rosto. Willa está de pernas cruzadas no chão com um sorriso. Ela sempre parece muito feliz. Mesmo que não esteja, nunca saberíamos.

— Tudo bem. — Sento-me enquanto olho para cada um deles. — Algo me diz que não vou gostar disso. Vamos ter em mente que fui eu quem convocou esta reunião.

Lars bate palmas abruptamente.

— Vou falar logo e sem rodeios. Você não pode ir atrás do Wyatt ainda.

Meus olhos se fecham e minha cabeça cai para trás no sofá enquanto luto contra o desejo de perder completamente a cabeça.

— Como assim, eu não posso ir atrás do Wyatt ainda? Nós o vimos

no vídeo, há uma chance de 50% de que ele tenha atropelado Josh; e, se o fez, ele precisa pagar por isso. — Levanto a cabeça e olho Marni bem nos olhos. — É por causa dela, não é? — Marni é minha amiga. Realmente gosto da garota e estou feliz que ela e Talon se acertaram, mas se ela pensa que vai ficar no meu caminho, está redondamente enganada.

Marni sai furiosa da sala. Raivosa, ela bate os pés com passos vigorosos.

Talon se inclina para frente e apoia os cotovelos nos joelhos. Ele olha para mim como se eu tivesse acabado de mijar em seu cereal.

— Você sabe muito bem como a Marni e Wyatt são próximos. Se algo está acontecendo com ele, precisamos deixá-la lidar com isso.

Levanto minha cabeça e coloco tudo para fora.

— O que diabos aconteceu com a história de ninguém fazer perguntas? Do início ao fim? E tudo o que estiver no meio? Hein? Todos esqueceram o que eu fiz por vocês? Pegar um cadáver da rua e fingir que foi um atropelamento. Organizar festas de álibi de última hora. Acabar com incontáveis brigas entre vocês, idiotas. E não vamos esquecer, empurrar a porra de um carro de um penhasco. Tudo para que vocês pudessem ficar com suas garotas e se vingar. Agora vocês todos esperam que eu apenas pause a minha vingança por um tempo, porque isso vai irritar Marni? Não. Porra, não! — Fico de pé e começo a andar de um lado para o outro. Algo que faço com frequência quando tento não quebrar tudo.

— Ninguém esqueceu o que você fez — Lars diz. — Estamos todos gratos por sua ajuda. Mas precisamos ir com calma.

— Você fica dizendo isso. Vocês todos ficam agindo como se Wyatt tivesse nosso futuro em suas mãos. Se ele matou Josh, nós é que temos o poder. Nós mandamos aqui.

Marni volta para a sala pronta para falar.

— Me diga uma coisa, Tommy — ela grita. — Sua vingança contra Wyatt é realmente porque ele pode ou não ter atropelado o Josh? Hein? Porque, a meu ver, você já tinha problemas com ele há algum tempo. Nós só fomos ver o tal vídeo na semana passada. Então, diga-nos a verdade: o que você realmente quer com ele? Melhor ainda, o que ele conseguiu de você?

Vou até a janela e abro uma das persianas, olhando para fora para não ter que olhar para eles.

— Sem perguntas — digo sem rodeios. Não preciso dizer nada a

eles, e ela nem deveria estar perguntando.

— Wyatt tem duas coisas de que precisamos. O dispositivo de *hacking* do pai dele e um conhecimento sobre aquela noite que nós não temos — Lars entra na conversa. Quanto mais eles falam, mais irritado eu fico. — Não podemos fazer nada sem um plano. Se ficarmos às escuras, podemos nos ferrar.

Eu giro tão rápido que chego a ficar tonto.

— Ele tem mais do que isso, ok? Ele tem algo que pode me ferrar. É isso que todos vocês querem ouvir? — minha voz se eleva, mais alta a cada palavra. — Na semana passada, na fogueira, joguei algo que deveria aliviar um pouco do estresse da minha vida, mas essa não era a única cópia. Há outra, e tenho 99% de certeza de que Wyatt está por trás de tudo isso. Inferno, é possível que tenha sido Wyatt quem estava observando Willa e tenha deixado aquelas mensagens. Só porque ele é amigo da Marni não significa que seja inocente. Então se vocês querem ir com calma, vão em frente. Mas eu vou com tudo e vou derrubar aquele filho da puta.

Todo mundo fica em silêncio quando finalmente calo a boca. Engulo em seco, desejando retirar minhas palavras, porque acabei de falar demais. Agora, Marni provavelmente vai correr para o seu melhor amigo e perguntar do que eu estou falando. Mas se ela fizer isso, sabe que está fora. Talon sabe disso. Todos nós sabemos. Nossa lealdade está neste grupo e, se ela se virar contra um de nós, está perdida. Não quero que isso aconteça, mas é ela quem precisa tomar cuidado. Eu sei com certeza que vou ficar de olho nela.

— Ele tem razão — Willa fala pela primeira vez desde que cheguei aqui. — Vocês fizeram um acordo e Tommy merece a mesma segurança e confiança que ofereceu a todos vocês.

Aponto para ela.

— Sempre soube que gostava de você. Obrigado. — Meu foco muda para Marni. — Estou disposto a ouvir sua proposta, porque também valorizo sua amizade. Vou te dizer uma coisa: não vou matá-lo.

Sua boca se abre. Realmente não planejei matá-lo, de qualquer maneira.

— Não vou matá-lo. Em vez disso, usarei o trunfo de que ele estava por perto quando Josh foi morto, como minha moeda de troca para entrar na Magna Tech e rastrear a ligação para o telefone da Willa. Depois que esses dois pequenos parafusos forem apertados, posso jogar o meu jogo.

Essa é a parte complicada e na qual eu posso realmente precisar de alguma orientação. Olho para Lars.

— O único problema é que dizer a Wyatt que sabemos que ele estava lá naquela noite é um grande risco, porque também significa que ele saberá que nós também vimos o Josh. Ele pode presumir que o matamos e entramos em pânico.

Talon se levanta e caminha até Marni, em seguida olha para trás em minha direção.

— Se Wyatt viu o Josh na estrada — o que tenho quase certeza, pela parada que ele deu naquela filmagem —, então ele também deve estar curioso pra cacete pra saber quem moveu aquele corpo. Josh com certeza não saiu da estrada e se deitou no porão do pastor Jeffries. Wyatt sabe que alguém o tirou de lá. Se foi ele que atropelou ou não, deve estar se perguntando o que diabos aconteceu.

— Seja o que for, estou fora. Vou manter minha boca fechada porque fiz um acordo com todos vocês. Mas não quero fazer parte disso. Não quero ouvir sobre isso. — Marni deixa claro seu ponto antes de sair da sala novamente.

— Então, Wyatt é seu único alvo? Tem certeza de que quer desperdiçar sua chance com alguém tão insignificante? Quero dizer, o que ele poderia ter contra você?

Minha frequência cardíaca acelera quando penso no que aconteceria comigo se meu segredo fosse exposto.

— Nada com o que você precise se preocupar, porque o que ele tem nunca virá à tona. E é exatamente por essa razão que tenho que fazer isso.

— Tudo bem, então. Diga-nos o que precisamos fazer.

Sorrio.

— Me dê uma semana e depois prepare-se para planejar a maior festa que esta cidade já viu.

— Ah, inferno. A merda vai ser grande. — Lars bate com as mãos nas pernas. — Devemos incluir um corpo nesse plano?

Willa arregala os olhos em choque, mas não diz nada.

O canto do meu lábio se ergue e dou uma piscadela para Willa.

— Veremos. — Estou brincando, mas ainda é divertido brincar com ela. Não tenho nenhuma intenção de matar Wyatt. Ainda não, de qualquer maneira. Mas se eu descobrir que ele estava por trás da gravação no vestiário, só para tentar me sacanear, com certeza vou acabar com ele. Se

foi o Shane, aí sim haverá um corpo para nos livrarmos.

Lars joga um controle em mim.

— Tudo bem então. Agora que toda essa merda está resolvida, vamos jogar um pouco de *Call of Duty*.

— Não destruam a casa. Estaremos de volta na sexta à noite — Talon diz enquanto pega as malas e a bolsa da Marni, que se juntou a nós na sala.

— Dois dias e vocês vão precisar de todas essas malas? — provoco.
— Parece que vão ficar fora por dois meses.

Marni revira os olhos para mim e posso dizer que ela ainda está chateada.

— Se eu pudesse, ficaríamos. — Ela caminha em direção à porta sem ao menos se despedir. Ela está definitivamente irritada, mas vai superar isso.

— Tchau, Marni! — olho para ela e grito com um sorriso. Ela apenas rosna para mim e vai embora. É realmente engraçado vê-la irritada. Já faz um tempo que não vemos Marni brava.

Talon segue atrás dela com ombros caídos. Provavelmente desejando que tivéssemos tido essa conversa depois de uma viagem de três horas com ela.

— Muito obrigado, pessoal. Nos falamos depois.

Assim que a porta se fecha, Lars joga seu controle para o lado.

— Que merda é essa? — falo. — Achei que íamos jogar.

Ele olha para Willa, que está com os olhos fixos em seu telefone, então se vira para mim no sofá, mas não faz nenhuma tentativa de manter a voz baixa.

— Tudo bem, Marni foi embora. Agora seja sincero comigo. O quão ruim isso vai ser?

Willa levanta os olhos. Está ouvindo, mas não quer se envolver na conversa.

— Honestamente, ainda não tenho certeza. Mas posso dizer que vou conseguir as respostas de que preciso depois que todos vocês conseguirem as suas. Custe o que custar, Wyatt McCoy vai falar.

CAPÍTULO 5

WYATT

As coisas saíram um pouco do controle com o Shane hoje, mas ele se desculpou e o perdoei. Mesmo que ele fique com raiva às vezes, sei que só faz isso porque se preocupa comigo. Ele sabe muito bem como Tommy me trata e não quer me ver perto dele, nem que eu fale sobre ele. Ou olhe em sua direção. Então, hoje, quando simplesmente falei que Tommy estava certo e que ele não deveria ter feito Alan tropeçar, Shane deixou seus sentimentos mais do que aparentes.

Ele não tem nada com que se preocupar, porque tenho toda a intenção de ficar o mais longe possível de Tommy Chambers. Eu só queria que meu coração concordasse com meu cérebro nesse assunto. Sei que ele me odeia de verdade, mas não consigo evitar que, toda vez que o vejo, meu coração salte na minha garganta e minhas emoções encubram qualquer pensamento lógico.

Talvez seja a autoconfiança dele. A maneira como ele se comporta com a cabeça erguida e seus segredos enterrados em algum lugar, bem próximo ao coração, porque ele com certeza não os demonstra.

Se eu pudesse ter a confiança dele e a habilidade de fazer todos ao meu redor sorrirem e chorarem ao mesmo tempo, talvez não sentisse a necessidade de me esconder atrás de caras como Shane. Eu poderia ficar de pé, ter orgulho de quem sou como indivíduo. É que, ao lado do Shane, eles não me julgam. Eu não sou o nerd gay; sou o queridinho do quarterback. Mesmo que todos achem esse quarterback um idiota.

Nunca quis me apaixonar pelo Shane, e nem tenho certeza se paixão

é como eu chamaria isso. Ele me notou e gostei da atenção que ele me ofereceu. Redwood é uma cidade pequena e, quando você se destaca por causa de sua preferência sexual, é bom ter alguém ao seu lado que entenda esse sentimento. Shane tem sido essa pessoa para mim. Nem sempre foi assim.

Shane nem sempre foi tão idiota. Ultimamente, porém, ele só parece estar piorando. Não tenho certeza se há algo o incomodando ou se ele estava apenas interpretando no começo para me atrair.

Tommy pode ser hardcore com aqueles de quem não gosta, mas ele é leal pra caralho com aqueles de quem gosta. Prefiro ficar no canto da rebeldia dele a estar ao lado de um cara que empurra as pessoas para se divertir.

Mas Tommy nunca me aceitaria — nem mesmo como amigo.

E é exatamente por isso que estou olhando para essa maldita parede há vinte minutos com o rolo na mão. Enfiando na minha cabeça e no meu coração que ele me despreza. Se uma caveira sangrando estampada na minha parede não deixava claro o suficiente, o bilhete que encontrei no meu carro depois da escola deveria deixar.

Problemas te aguardam se você não mudar seu caminho. Faça isso de novo e você sentirá a ira deles.

O que diabos isso significa? Não é como se eu tivesse arrancado sua calça à força e enfiado seu pau na minha boca. Ele queria. E mudar meu caminho? Meu caminho para a faculdade de administração? Trabalhar para o meu pai? Não tenho nenhuma porra de ideia do que isso significa.

Parece que todo mundo prefere que eu fique longe do Tommy. Primeiro Shane e agora Marni. E eles estão certos. Eu só preciso tirá-lo da minha cabeça.

Deslizo o rolo para cima e para baixo. Em seguida, para frente e para trás em movimentos rápidos. Observo como sua obra de arte — aterrorizante, mas bonita — lentamente desaparece para sempre. Espero como o inferno que isso leve junto meus sentimentos por ele. Enterre-os profundamente para nunca mais serem sentidos.

Vinte minutos depois, está coberto. Uma sensação de alívio toma conta de mim. Fico feliz por ter decidido fazer isso sozinho e não pedir ajuda. Eu precisava desse lembrete. Por mais doloroso que seja, eu precisava desesperadamente disso.

Quanto à bagunça, vou deixar o zelador limpar.

Estou me limpando no banheiro quando ouço meu telefone tocar na mesa. Pego a toalha, enxugo minhas mãos e a jogo na pia, em seguida corro para o meu telefone antes que perca a ligação. Chego bem a tempo, mas clico em ignorar.

Algo que já acabou há três meses. Prefiro morrer a falar com aquele filho da puta de novo. Toda vez que penso que Shane me maltrata, lembro com quem eu estava antes dele. Alguém que não tinha um pinga de respeito ou de afeição por mim. Eu era um capacho. Um segredo sujo. Prazer a portas fechadas que apenas esmagava minha alma no processo. Aconteceu duas vezes. Não tenho certeza se posso lidar com esse tipo de dor novamente. Ainda estou me recuperando do golpe de Tommy (sem trocadilhos).

Conecto meu telefone no carregador, que está na mesa, e caio na cama vestindo apenas uma cueca boxer. Meu telefone toca novamente, mas dessa vez nem me preocupo em olhar para o visor. Ele provavelmente está bêbado de novo. Ultimamente, ele está sempre bêbado.



Acordo com o som de passos vindo pelo corredor. Meus olhos piscam algumas vezes antes de eu dar um tapa na mesa de cabeceira e pegar meu telefone: 0h32. Meus pais ainda estão fora da cidade, e Elsa estava de folga hoje.

Tiro o cobertor de cima de mim, jogo minhas pernas para o lado da cama e ajesto minha cueca. Passos suaves me levam até a porta e, assim que pressiono meu ouvido contra ela, a maçaneta gira do outro lado. Minhas costas estão firmes na parede enquanto espero que a porta se abra. Usando o elemento surpresa, fico imóvel e prendo a respiração.

Assim que ela se abre e um feixe de luz do corredor brilha, pulo para fora e agarro o estranho pelos braços. Meu coração dispara quando vejo o homem na minha frente. Vestido todo de preto e usando uma máscara de esqui preta sobre o rosto.

Minha força não é páreo para ele quando me agarra pelos braços e praticamente me levanta do chão e me carrega até a cama.

— Pegue o que você quiser. Não quero problemas — gaguejo as palavras antes que ele coloque a mão na minha boca. O sistema de alarme foi ativado; deveria ter disparado quando ele invadiu a casa. Quem quer que

seja deve saber a senha, ou de alguma forma desarmou o sistema.

— Como você entrou aqui?

Ele não fala; apenas paira sobre mim como se esperasse algo. Está muito escuro para dar uma boa olhada nesse cara, mas uma lasca de luz brilha e reflete em seus olhos. Aqueles inebriantes olhos azuis. Eles são tão familiares. Olhos grandes e perdidos — em busca de algo para ajudá-lo a encontrar o caminho.

— Tommy? — sussurro.

Nada ainda.

Ele vira seu braço, enfia a mão no bolso de trás e pega uma lata. Tinta spray.

— Eu sei que é você, Tommy.

Com o antebraço pressionado no meu peito enquanto me apoia contra o colchão, ele dá uma sacudida na lata.

Quando a segura a apenas alguns centímetros do meu rosto, fecho os olhos com força.

— O que diabos você está fazendo?

Não fico surpreso quando ele não diz uma palavra. Em vez disso, ouço o som da tinta espirrando ao redor da minha cabeça. O vapor atinge meu rosto enquanto me contorço sob seu domínio. Abro os olhos.

— Saia de cima de mim! — grito. Minhas pernas chutam o ar, mas meu movimento apenas o força a pressionar seu antebraço com mais força em meu peito.

Quando ele para de borrifar, meu corpo congela. Seu rosto paira sobre o meu. Respirações pesadas fazem com que a boca sugue a máscara a cada inspiração. O fogo em seus olhos arde nos meus e, embora eu devesse estar com medo, não estou.

— Por que você está fazendo isso? — pergunto a ele, sabendo muito bem que não obterei uma resposta.

Posso sentir seu corpo tenso em cima de mim e é como se algo estalasse dentro dele, porque se afasta abruptamente.

Deitado ali, imóvel e em silêncio, observo enquanto ele continua borrifando o spray pelo contorno do meu corpo — tinta vermelho-sangue. Não tento impedi-lo, não adianta. Não vou ganhar.

Assim que ele termina, enfia a lata no bolso de trás e finalmente fala.

— Levanta.

Quando não me mexo, ele me agarra pelo braço e me puxa para fora da cama. Meu corpo inteiro fica dormente quando ele puxa um canivete do bolso interno de sua jaqueta preta. Dou um passo para trás e bato minhas pernas na mesa de cabeceira.

— Tommy... — Levanto minhas mãos em sinal de rendição. Ele vem em minha direção e abre a lâmina, seus olhos fixos nos meus.

A ponta de metal frio da faca atinge meu queixo e mantenho meu corpo completamente imóvel. Um movimento errado e aquela lâmina vai direto para dentro de mim. Meu coração bate tão rápido, que temo que apenas a vibração enfie o canivete na minha carne. Posso ouvir sua mandíbula travar enquanto ele cerra os dentes.

— Você brincou com o cara errado.

Em um movimento rápido, Tommy dá um passo para trás e levanta o braço, cravando a faca no colchão da minha cama.

Eu não pisco. Não me mexo. Não respiro. Apenas fico lá, atordoado.

Nem sei direito quando foi que ele saiu, mas assim a porta se fecha, libero todo o ar reprimido em meus pulmões. Curvo-me e agarro meus joelhos, então respiro fundo com a mão sob meu coração acelerado.

Assim que tenho certeza de que não vou desmaiar, sigo até a parede e acendo a luz. Exatamente como eu esperava, o contorno do meu corpo está pintado de vermelho, e a faca, cravada no lugar onde estaria meu coração.

CAPÍTULO 6

WYATT

Já se passaram dois dias desde que recebi o bilhete e a ameaça mais descritiva que se possa imaginar. Não tenho certeza de como me sinto com tudo isso. Mesmo que Tommy tenha invadido minha casa, ainda não acho que ele me machucaria. Ele está tentando provar alguma coisa, algo que eu já disse muitas vezes que foi provado. Eu entendi. Não é para contar nada para ninguém. Considere isso feito.

Por mais que ele não queira que ninguém saiba, eu também não quero. Não estou orgulhoso do que aconteceu. Há momentos em que quero que aconteça de novo, mas não pelo preço que tenho pagado.

Quinta e sexta-feira na escola foram bastante monótonas, e isso não é uma reclamação; mas foi como se uma nuvem negra caísse sobre Redwood. Não posso deixar de sentir que o perigo está à espreita ao virar a esquina.

Estive no meu limite e permaneci cauteloso como Marni aconselhou — evitando Tommy e apenas seguindo com a minha vida. Mas é sexta-feira à noite e há uma festa nas linhas de energia para a qual Shane quer que eu vá com ele, e também prometi a Shay que estaria lá.

Estou escovando os dentes quando ouço uma voz do lado de fora da porta aberta do meu quarto. Largo a escova de dentes e entro no meu quarto. Parado e em silêncio, eu escuto.

É meu pai, e ele parece chateado.

— *Eu disse para você não ligar para este telefone novamente. Esta é a última vez que te digo isso.*

Caminho abruptamente para a porta, enfio minha cabeça para fora do quarto e vejo meu pai parado ali.

— Ei, filho. Eu estava mesmo vindo falar com você.

— Sobre? — É extremamente incomum meu pai vir ao meu quarto, muito menos de jeans e camiseta. Ele é puramente negócios. Ternos, gravatas e sapatos brilhantes.

Ele acena em direção ao meu quarto.

— Vamos entrar.

Tudo parece muito estranho. Acho que ele nunca entrou no meu quarto.

— Ok. Claro.

Olho em volta para a bagunça, esperando que ele grite para Elsa vir limpá-la. Meu pai odeia bagunça e, puta merda, esqueci de guardar a bandeja de tinta.

— O que diabos é isso? — Ele aponta para o rolo em uma bandeja de tinta seca, que está lá desde quarta-feira.

— Eu, uhm, tive um projeto de artes e acidentalmente pinguei um pouco de tinta preta na parede. Tive que encobrir. — É ridículo e bem difícil de acreditar. Nem estou tendo aula de artes, mas ele não sabe disso. Eu poderia ter largado o ensino médio e o velho nem notaria.

— E você mesmo limpou? Por que não pediu ao Leo ou ao Sam para cuidar disso?

Eles são os jardineiros. Consertam tudo o que está quebrado e mantêm o quintal em perfeitas condições. Se ao menos eles pudessem consertar minha família desfeita.

— Não importa, esqueça isso. A razão pela qual estou aqui é porque precisamos conversar sobre o futuro, seu futuro.

— Meu futuro? — questiono. — Pensei que você já tinha tudo planejado. Quatro anos na State e então entro ao lado do tio Mike como CEO da Magna Tech.

— Esse era o plano, mas vamos ter que abrir mão da sua formação e levá-lo para lá assim que você sair do ensino médio. Demiti Michael essa manhã e ele não vai voltar.

Tio Mike é o melhor amigo do meu pai desde que eles eram crianças. Meu pai até se refere a ele como meu tio, então apenas dizer o nome dele — Michael — como se ele fosse simplesmente um funcionário é estranho.

— Como assim, demitiu o tio Mike? Por que você faria isso? Ele é seu melhor amigo.

Meu pai bate a mão no meu ombro. Seu braço está rígido e posso ver o desconforto em sua expressão. O afeto humano não é fácil para Royce McCoy.

— Bem, filho, quando você entra na suíte em que sua esposa está hospedada há três semanas, só para fazer uma surpresa, e a encontra pendurada em um balanço no meio do quarto, com a cara do seu melhor amigo enfiada em sua boceta, você percebe que é hora de reavaliar seus planos.

Fico chocado e deixo escapar um gemido ofegante.

— Caralho. Tio Mike?

Ele confirma com a cabeça lentamente. Isso foi um pouco de informação demais. Ele poderia apenas ter dito que minha mãe e tio Mike estavam tendo um caso. Mas ele me pintou uma imagem clara que ficará para sempre gravada em minha cabeça. Enfio as pontas dos dedos nos olhos, tento apagar a imagem. Não funciona, então bato na lateral da minha cabeça algumas vezes.

— O que isso quer dizer? Vocês vão finalmente se divorciar?

Se você está se perguntando por que não estou surpreso, é porque não estou nem um pouco surpreso.

Claro, tio Mike foi um pouco demais. Mas meus pais não são fiéis um ao outro há anos. Eles ainda compartilham a casa, a cama e um contrato legal que diz que são casados. Mas quanto a um casamento cheio de amor, isso nunca existiu. Meu pai acidentalmente engravidou minha mãe quando ela tinha dezenove anos, e seus pais o forçaram a se casar com ela. Aquele acidente fui eu, e nunca houve outro.

Meus pais são mais jovens do que os pais da maioria dos meus colegas de classe e também mais bem-sucedidos. Bem, meu pai é. Ele teve um sonho e correu atrás dele. Claro, ele teve a ajuda do meu avô, que faleceu há cinco anos. Ele deixou seus milhões para o filho, e toda a sua propriedade fora de Redwood foi deixada para mim.

— Que nada, divórcios são para perdedores. Continuaremos casados e sua mãe aprenderá a controlar seus desejos sexuais quando se trata de meus empregados. Quanto ao tio Mike, ele não receberá nada além de uma indenização que o deixará garantido por alguns anos. Nossa parceria acabou.

Típico comportamento masculino *não toque no que é meu*. Claro, minha mãe pode dormir por aí, mas tem que ser com um completo estranho que poderia dar a ela uma DST de presente. Mas se for alguém em quem meu pai conhece e confia, ele perde a cabeça.

— Que seja. Nem me importo com isso. As coisas entre vocês são só de vocês. Mas, quanto ao meu futuro, não gosto de mudanças. Eu nem vou saber o que fazer sem os estudos.

Meu pai esfrega as mãos na calça jeans e se levanta.

— Bem, aceite isso porque preciso de você. Experiência anterior não é necessária. Na verdade, isso pode até atrapalhar seu conhecimento. É melhor aprender como trabalhamos em vez de se readaptar a uma nova empresa depois de passar algum tempo estagiando em outro lugar. É melhor assim. Você vai trabalhar para a Magna Tech e começará após sua formatura. — Ele sorri como se estivesse prestes a me oferecer outra opção.

— E te digo mais, vou até ser generoso e te dar uma semana de folga. Você começa uma semana após a formatura.

Ele dá um tapinha no meu ombro e se afasta com sua postura perfeitamente reta, deixando um rastro de sua forte colônia de grife enquanto leva meu futuro porta afora com ele.

— Caramba, valeu — resmungo quando a porta se fecha. Que gentileza da parte dele me dar uma semana para aproveitar a adolescência antes de iniciar minha carreira como CEO — logo após o ensino médio, sem nenhum conhecimento de negócios. Um 4.0 é ótimo, mas um pouco de treinamento seria conveniente nessa situação. Duvido que tio Mike tenha permissão para ficar por ali e me mostrar como as coisas funcionam. Não. As possibilidades são: vou andar às cegas e tomar meu lugar no trono desse inferno.

Lá se vão meus sonhos de festejar a noite toda e ir para a aula de ressaca. Festas de fraternidades, caras gostosos e barris de cerveja. Estar longe desta cidade e ter a oportunidade de me tornar mais do que o filho próspero de Royce McCoy. Não deveria me surpreender que meu pai tenha jogado tudo no vaso sanitário sem nem mesmo piscar. Quando você nasce de um homem como meu pai, sua vida já está traçada, e ter ideias próprias é impossível.

Pego meu telefone da cômoda e digito o nome de Shane em meus contatos recentes. Ele toca algumas vezes e espero que o correio de voz atenda, mas então Shane mesmo responde.

— Oi.

— Onde você está?

— *Estamos indo para as linhas de energia agora, na caminhonete do Max Ruben. Você vem?*

— Vocês podem me pegar no caminho? Vou beber hoje.

— *Até parece* — ele ri.

— Não, de verdade. Quero ficar bêbado hoje à noite.

Depois de um momento de silêncio, ele responde:

— *Está bem cheio aqui. Venha dirigindo e depois damos um jeito de voltar para casa.* — O riso irrompe ao fundo e fica difícil ouvir qualquer coisa. Dois segundos depois, a linha fica muda.

Não deveria doer, mas dói.

Eu não bebo com frequência. Nunca, para dizer a verdade. Simplesmente não me atrai. Mas, se eu tiver apenas três meses e meio antes de ser forçado à idade adulta, preciso viver um pouco enquanto posso.

Digito o nome de Shay e ela atende no primeiro toque.

— *Ei, você vai hoje à noite?*

— Claro que vou.

— *Quer carona? Aparentemente, Marni está muito cansada da viagem. Sabe, né, ela está praticamente casada agora.*

Eu rio, sabendo exatamente o que ela quer dizer. Marni está distante desde que começou essa nova vida como um deles.

— Sim, me pega aqui. Estou pensando em ficar bêbado, então vou dormir na sua casa esta noite.

Depois de um longo grito de empolgação, ela diz:

— *Chego em dez minutos.*

Termino a ligação e enfio meu telefone no bolso de trás da calça de sarja preta, em seguida fecho o zíper do meu suéter Brunello cinza e ajusto a gola da camisa polo por baixo — dando uma olhada no espelho antes de sair. Não é exatamente um traje de festa na fogueira, mas esse sou eu.

Quando desço as escadas, calço um par de tênis e fico na porta até que os faróis da Shay pisquem do lado de fora. É uma coisa nossa. Nenhum de nós quer lidar com a família um do outro, então apenas piscamos as luzes ou enviamos uma mensagem de texto.

Meu pai está em seu escritório, gritando com alguém, e quase sinto pena de quem está recebendo aquela ligação. Deslizo pela porta da frente sem nem me despedir. Sempre entro e saio quando quero. Nunca tivemos

regras nesta casa.

Shay estacionou na frente, na entrada circular. Desço correndo as escadas de tábuas, abro a porta de seu Volvo enferrujado e entro.

— Obrigado por me pegar — digo enquanto fecho a porta.

Ela arranca e pisa no acelerador enquanto descemos na entrada de carros. Eu me agarro no puta-merda.

— Uau, Nelly. Estamos com pressa ou o quê?

— Quando meu amigo que uma vez tomou um gole de uísque e cuspiu porque queimou a língua me diz que vai beber, eu o levo para beber.

Eu convulsiono em histeria, me lembrando daquele dia.

— Isso foi no primeiro ano. Eu era uma criança.

— E você não bebeu desde então.

— Isso é verdade. — Embora eu tenha bebido uma cerveja em uma festa que o Talon deu no ano passado. Só bebi porque estava tentando acalmar os nervos de estar na casa dele, em primeiro lugar.

— Tudo bem. Quem, o quê e por quê?

— Quem? O quê? Por quê?

— Quem te irritou? O que eles fizeram? E por que a vontade repentina de beber? Você não é disso.

— Meu pai decidiu me contar que precisa que eu vá trabalhar para ele logo após a formatura. Não vou para a faculdade. Portanto, preciso curtir um pouco da minha juventude antes de colocar um terno e gravata e viver atrás de uma mesa na Magna Tech.

— E você mandou ele se foder, né?

Olho para ela e percebo que Shay está falando sério, mas ela também não conhece meu pai muito bem. Como eu disse, evitamos as famílias complicadas um do outro.

— Na verdade, o oposto. Se eu mandasse meu pai se foder, não estaria neste carro agora. Ele provavelmente me mandaria para um colégio interno para terminar meu último ano. — Minha cabeça treme. — Não. Vou fazer o que ele disse. Eu sempre soube que esse era o plano.

— O plano dele ou o seu?

Shay não entende. Ela vive a vida mais normal de todos que eu conheço. Ela tem dois pais normais que trabalham das nove às cinco e mora em uma pequena e fofa casa de fazenda de meio hectare. Ela tem irmãs próximas e planeja fazer empréstimos estudantis para pagar seus estudos em uma faculdade comunitária. A maioria das pessoas no lugar dela iria

querer o que eu tenho, o que muitos garotos de Redwood têm. Futuros brilhantes sem preocupação com finanças. Mas eu não. Prefiro ter normalidade e a capacidade de ser quem e o que eu quero ser. Então sim, é o plano dele. Mas eu não digo isso a ela.

— É o nosso plano. Para com isso. O que está feito está feito.

Ela me saúda com a mão na testa.

— Aye, aye, capitão. Considere-o esquecido. Então, como vão as coisas entre você e o Shane?

Por que diabos todo mundo sempre me pergunta isso? Eles estão esperando que as coisas estejam diferentes da última vez que perguntaram? Nós nem estamos em um relacionamento sólido. Nós somos o único casal gay em Redwood, e todo mundo pensa que somos superfofos, mas somos como qualquer outro casal do ensino médio. Discutimos, fazemos as pazes, brigamos, fodemos — fim.

— Estamos bem. — Mesmo que eu não esteja bem.

— E você? Algum cara no radar esta noite? — Shay é bem promíscua. Eu não a chamaria de vagabunda, porque isso é errado. Mas ela tende a encontrar conforto em caras aleatórios.

Suas sobranceiras balançam na penumbra do painel.

— Veremos.

Minha cabeça balança com um sorriso. Tenho certeza de que sim.

Descendo o terreno irregular, nossos corpos saltam para cima e para baixo no banco da frente. Shay segura o volante com força enquanto eu me seguro com as duas mãos no painel.

— Alguém já disse que você dirige igual a uma doida?

— Sim, você. Toda vez que entra no meu carro.

Finalmente paramos na fila atrás de cerca de uma dúzia de carros. Há outra fila com ainda mais carros do outro lado do campo. Esse tipo de festa é o sonho de qualquer policial. Cerca de quarenta alunos menores de idade se reúnem em torno de uma grande fogueira no meio de um grande espaço aberto. De repente, estou repensando meu plano de afogar as mágoas na bebida.

Isto é, até eu ver Tommy parado bem na frente do fogo. Ele está com as duas mãos nos bolsos da frente, mordendo o lábio enquanto conversa com umas garotas. Ele abre um sorriso e, por algum motivo, eu sorrio em resposta. Borboletas vibram em meu peito e minha respiração falha quando tento encher meus pulmões.

Então eu me lembro de que ele pintou o contorno do meu corpo na minha cama e deixou claro como o dia que ele vai rasgar minhas entranhas se eu contar a alguém o que aconteceu.

— Terra para Wyatt — Shay estala os dedos na frente do meu rosto. Saio do meu transe e olho para Shay.

— O que você disse?

— Eu disse: vamos comemorar. Vamos. — Olho para ela, parada à porta do passageiro aberta, sem ter percebido que Shay já havia saído.

Um pé de cada vez, saio do carro, respirando fundo outra vez e me preparando para o que esta noite pode trazer. Encontro Shane correndo pelo campo e pulando para pegar uma bola de futebol que foi jogada para ele. Depois de pegá-la, ele a joga no chão e realiza a pequena dança feliz que faz sempre que um touchdown é marcado durante um jogo. Ele está em seu habitat agora.

Sem tentar me apressar, sigo atrás de Shay enquanto caminhamos até o fogo. Minha esperança é me misturar à multidão e ao cenário, evitando um confronto com Tommy ou Lars. Vejo Willa de pé ao lado de Lars, com o braço dele em volta dos seus ombros, e pela primeira vez noto sua barriguinha de grávida. É difícil acreditar que esses dois vão ser pais. E eu pensei que minha vida estava acabada depois da formatura.

Por mais que eu tente não olhar para Tommy, meus olhos sempre encontram o caminho para ele. Meu coração para quando seu olhar encontra o meu. *Desvie o olhar. Desvie o olhar.* Mas eu não consigo e ele também não. Ele continua a falar com quem quer que esteja à sua frente, mas seus olhos permanecem nos meus. Engolindo em seco, sinto meu pomo de adão balançar em minha garganta.

Tommy passa os dedos pelos cabelos desgrenhados. As tatuagens que percorrem o braço são visíveis com as mangas do moletom puxadas até os cotovelos. O suor escorre pelas minhas costas, mergulhando sob o cós da minha calça. Não é pelo calor intenso do fogo; é outra coisa — ou devo dizer outra pessoa? — que me deixa quente e incomodado. Neste momento, seus olhos não carregam ódio. Na verdade, não vejo nenhuma emoção por trás deles. Seu sorriso me leva a acreditar que ele está de bom humor. No entanto, claramente não é por minha causa.

Tão rapidamente quanto me olharam, seus olhos se desviam dos meus e voltam para as garotas com quem ele estava falando. De forma sedutora, ele agarra uma delas pela cintura e aperta. Ela ri em resposta e

meu coração volta para o devido lugar. O que quer que tenha sido aquele momento, já passou.

— Aqui está — Shay diz, vindo do nada, embora eu pensasse que ela estava ao meu lado o tempo todo. Me ocorre que eu estava aqui sozinho apenas olhando para Tommy. Olho em volta para ver se alguém notou. É quando vejo Shane. O ódio que eu esperava receber do olhar de Tommy está no olhar possessivo do Shane. Ele me fuzila profundamente com os olhos. Posso senti-los perfurando a parte de trás da minha cabeça e, se ele estivesse mais bravo, eu estaria assando naquele fogo agora.

Passos pesados o trazem para o meu lado e ele agarra meu braço, puxando-me para longe de Shay enquanto meu copo de chope espirra por toda a manga do meu suéter.

— Qual o problema? — pergunto em um tom suave.

Ele continua a me afastar da multidão antes de responder. A música começa a explodir nos alto-falantes, na traseira da caminhonete de alguém. “Last Resort”, de Papa Roach, segue pela trilha que Shane está me levando.

— Há quanto tempo você está aqui? — ele dispara para mim enquanto me empurra para longe.

— Acabei de chegar, há uns três minutos. Por quê?

— Então, em vez de me dizer oi, você fica perto do fogo observando o inimigo?

Estou um pouco surpreso e não tenho certeza de como responder à maneira como ele está agindo agora.

— Relaxa. Eu estava esperando Shay me trazer uma bebida. Não troquei uma palavra com Tommy.

Seus lábios se contraem com humor, só que sua risada não é de felicidade; é sádica e, ousa dizer, assustadora.

— Eu te disse para ficar longe dele. Se você quer se misturar com um homem que eu não suporto e que quer te machucar, então terminamos por aqui.

Encosto o queixo em meu peito enquanto cavo a ponta dos meus tênis na areia suja.

— Sério, Shane? Isso de novo? — Eu não posso nem olhar para ele. Parte de mim quer apenas gritar na cara dele e dizer para ele se ferrar e pronto, mas a outra parte sabe que Shane não vai deixar isso acabar tão facilmente. Não seremos amigos e ele deixará isso claro todos os dias. Ficar longe do Tommy não é um problema. É?

— Sim, isso de novo. — Ele bate a mão na parte de trás da minha cabeça. — Quando você vai colocar na sua cabeça dura que ele nunca vai querer você?

Eu bato em sua mão.

— Dane-se, estou fora. — Não estou com vontade de me explicar, e nem deveria.

— Se você sair daqui agora, acabou — sua voz desce algumas oitavas e se torna solene. — Estou falando sério, Wyatt.

Eu paro de andar. Congelo no lugar, sabendo que ele não está brincando. Se eu continuar e terminar as coisas entre nós, Shane fará da minha vida um inferno. Ele vai me intimidar sem parar. Seus amigos vão se virar contra mim e minha vida se tornara um abismo nos corredores daquela escola. Vou ficar pior do que o Alan, a Isabel ou o Niko — os três garotos mais inteligentes, mas menos privilegiados de Redwood. Eu serei seu novo alvo.

Dane-se.

Eu dou outro passo. E depois outro.

Fecho aquele capítulo e inicio outro.

Os próximos passos de volta ao fogo são revigorantes. Não é sempre que me defendo, mas acabei de fazer isso. Pela primeira vez em muito tempo, tive que tomar uma decisão por mim mesmo. Nem pelo meu pai, nem pela minha mãe, nem pelo Shane.

Viro o copo meio vazio que está na minha mão, porque o resto derramou em mim, e tomo o conteúdo em um só gole.

— Uhuuul! — Shay buzina e grita. — McCoy vai ficar bêbado. McCoy vai ficar bêbado. Ela canta sua própria música enquanto seu corpo balança para frente e para trás.

Estou observando as chamas quando um braço familiar aparece. Envolve a cintura de Shay enquanto ela balança ao som da música. Meus olhos deslizam do braço até o rosto do cara ligado a ele. Com olhos ameaçadores, Tommy olha para mim enquanto seu corpo se move no ritmo atrás de Shay. Se esfregando em sua bunda, ele fica lá, me olhando com um sorriso malicioso no rosto.

Sentindo a necessidade de dar uma saída antes de fazer papel de bobo e julgar sua aparência por algo que não é, vou buscar outra bebida.

Há cerca de uma dúzia de pessoas reunidas em torno do barril quando pego um copo da sacola no chão ao lado dele. Para minha sorte, é

Shane quem está segurando o bico. Espero pacientemente enquanto ele enche os copos de todos ao seu redor. Rindo, conversando, se divertindo. Mais pessoas aparecem e ele continua atendendo a todas enquanto me ignora completamente.

Alguns olham de Shane para mim, sabendo que eu estava aqui antes deles, mas ele nem toma conhecimento da minha existência. E então começa.

Como se os deuses da humilhação estivessem completamente contra mim, Tommy e Shay caminham juntos, o braço dele em volta do ombro dela. Parece que minha amiga encontrou o cara para passar a noite. A náusea revira meu estômago, mas tento não pensar muito nisso.

Com o copo na outra mão, Tommy chama a atenção de Shane.

— Ele estava aqui primeiro — diz com um aceno de cabeça em minha direção. Mais uma vez, Shane me ignora, e agora também ignora Tommy. Não sei ao certo por que Tommy veio em minha defesa. É possível que seu ódio por Shane seja mais profundo do que seu ódio por mim.

— Shane! — Shay dispara. — Que porra é essa? Encha o copo do Wyatt. — Ela olha para mim. — Está acontecendo alguma coisa com vocês dois? — sussurra.

— Eu disse que ele era o próximo! — Tommy grita enquanto Shane continua com seu negócio de encher copos. Como se ele quisesse estar no comando desse maldito barril apenas para irritar Tommy e a mim de propósito.

— Foi mal — Shane retruca. Aponta o bico para mim, então sei o que está por vir antes mesmo de acontecer. Assim que a espuma da cerveja começa a esguichar em todo o meu suéter, Tommy avança sobre Shane e o empurra direto para o chão.

— Seu idiota! — Shay grita, então se vira para mim e começa a esfregar as mãos no meu suéter. Ela acha que está limpando, mas só está piorando. O líquido penetra em ambas as camadas e eu encolho meu estômago na tentativa de aliviar a sensação de frio.

— Estou bem. Não se preocupe.

Lars surge do nada e puxa Tommy de cima de Shane. Eu nem tenho certeza do que aconteceu do outro lado do barril, porque não conseguia ver, mas quando alguém puxa Shane para cima e sangue escorre de seu lábio, eu sei que Tommy o pegou.

— Eu vou te matar, Chambers! — Shane aponta e grita enquanto é

arrastado por alguns caras do time de futebol.

Tommy casualmente pega o bocal do barril, enche seu copo e vai embora. Shay e eu trocamos um olhar *“que diabos acabou de acontecer?”*.

Ela encolhe os ombros e enche nossos copos. Mas não deixo. Eu bebo minha cerveja e a encho novamente. E de novo, até minha cabeça começar a girar e alguém arrancar o bico das minhas mãos. Eu rio em resposta, porque de repente estou me sentindo muito feliz. Provavelmente o mais feliz que já estive em muito tempo.

Balançando para frente e para trás com um copo cheio na mão, vou até Shay perto do fogo. Claro, Tommy está com ela. Só que dessa vez ele está parado na frente dela, com os braços em volta da sua cintura, enquanto sussurra algo em seu ouvido que a faz rir. Ele com certeza está jogando pesado esta noite com as mulheres. Primeiro, o grupo de garotas com quem ele estava quando cheguei aqui, e agora uma das minhas melhores amigas. Duvido que seja intencional, mas com certeza é isso que parece. De qualquer forma, estou bêbado pela primeira vez na minha vida, e tudo ao meu redor parece surreal.

Quando tropeço em direção ao fogo, começo a rir de mim mesmo. Mas paro rapidamente quando todos olham em minha direção. Shay empurra Tommy alguns centímetros para longe dela.

— Ei, você está bem? — ela me pergunta.

Levanto meu copo comemorando.

— Estou fantástico pra caralho. — Tomo outro gole, tentando ao máximo ignorar o fato de que Tommy nem ao menos se virou para olhar para mim. Ele apenas ficou parado como uma estátua, com uma mão na cintura de Shay. Por que ele não olha para mim? Ele veio em minha defesa, mas agora não está nem um pouco curioso para saber o que estou fazendo, de costas para mim. Tomo outro gole, um grande. Um pouco da cerveja escorre pelo meu queixo e eu a enxugo. — Esta festa está uma merda.

— Ok — Shay diz enquanto passa por Tommy. — Vamos sentar. Me dá isso aqui. — Ela pega o copo da minha mão.

— Ei, eu estava bebendo isso. Pensei que era isso que você queria. Não é isso que garotos legais fazem nas noites de sexta? Beber e fazer papel de idiota?

— Não. Idiotas como eu fazem isso. Você não. Você é melhor do que isso.

— Sou? Porque eu discordo. — Continuamos andando até pararmos em uma grande pedra afastada da festa. Shay me guia, eu pego meu copo de volta e tomo outro gole. — Se eu fosse melhor do que isso, não estaria aqui com meu ex-namorado que está me fuzilando com os olhos, ou um cara que... — eu paro. Graças a Deus, me contive. Ok, isso é o suficiente. Dou uma virada no copo, mas não tinha mais muita coisa.

— O que aconteceu com você e Shane? Foi tudo do nada.

— Ele anda estranho ultimamente. Não importa, acabou. Mas a pergunta importante é: o que diabos você está fazendo com Tommy Chambers? — Como se ouvisse seu nome a trinta metros de distância, ele começa a caminhar em nossa direção.

Um sorriso se espalha no rosto de Shay e eu imediatamente sei que ele está fazendo ela se sentir da mesma forma que me faz sentir apenas por estar no mesmo espaço. Não estou gostando nada disso.

— Nada. Nós estamos apenas nos divertindo.

Meus olhos passam por ela enquanto Tommy se aproxima. Shay se vira e o vê chegando, então se vira para mim.

— Você sabe que não é nada mais. Nunca passa de encontros casuais quando se trata dos meninos dessa escola.

Shay anseia por atenção e acho que é por isso que ela dorme com tantos caras. Mesmo que seja apenas por uma noite, ela se apega a esse sentimento até a próxima vez.

— Você está pronta para ir? — Tommy pergunta enquanto acaricia as dobras do pescoço dela. Sua cabeça se inclina instintivamente e ela concorda.

Uhm, me sinto enjoado.

— Ir aonde?

— Pra minha casa. Meus pais estão fora esta noite. Vamos. — Ela pega minha mão.

— Não. Vou pegar uma carona com Shane — minhas palavras se arrastam, mas na minha cabeça elas soam legíveis. Dá pra usar essa palavra com sons? Ou só para escrita? De qualquer forma, eu me faço entender.

— O quê? Não vai, não. Você acabou de largar aquele idiota. Não vou deixar que ele te leve para casa.

Tommy vira a cabeça em minha direção e arqueia uma sobrancelha, como se não tivesse ouvido Shay corretamente. Mas ele não questiona.

— Vou me desculpar e vamos fazer as pazes. Eu vou ficar bem.

Apenas vá.

— Ela disse vamos. Então vamos — Tommy resmunga.

Mas eu não me mexo. Como uma criança teimosa, permaneço na pedra. Cruzando uma perna sobre a outra, eu os ignoro. De jeito nenhum vou voltar para a casa da Shay e ouvir esses dois foderem como coelhos a noite toda.

Dedos fortes envolvem meu antebraço e sou puxado para fora da pedra.

— Você tem problemas de audição, McCoy?

— Ei, seja legal com ele. — Shay dá um tapa no braço de Tommy, e eu queria mesmo é que ela desse um soco nele por nós dois.

Puxo meu braço das mãos dele e tropeço, mas Tommy estende a mão e me puxa de volta pelo braço. Com coragem líquida girando em minhas veias, digo o que precisa ser dito.

— Precisa de muita coragem para vir me dar ordens, depois do que você fez. — Ele ainda está me segurando quando se aproxima e sussurra em meu ouvido: — Não se atreva a dizer algo de que você vá se arrepender. — Ele afasta a mão de forma agressiva e dá um passo para trás. — Agora vamos.

— Tudo bem. Eu vou — digo a Shay. — Mas me deixe em casa. Eu não vou ficar na sua casa com esse cara lá.

Os lábios de Tommy se curvam em um rosnado e reviro os olhos para ele. Assim como todo mundo, Shay não sabe da minha história com Tommy. Ela sabe que os caras me intimidaram um pouco, mas, para ela, Tommy é melhor do que seus amigos.

Caminho alguns passos atrás deles, mantendo distância. Quanto mais nos aproximamos do carro, mais irritado eu fico. Isso é irreal. Ela vai levar esse cara para casa e dormir com ele. Um cara por quem sou apaixonado em segredo por quase um ano. Aquele que aperta firme em meu coração e continua apertando e apertando, tentando drenar minha vida.

Ela não tem ideia de que o cara por quem está toda boba vandalizou a parede do meu quarto, me deixou um bilhete ameaçador alguns dias atrás e depois invadiu minha casa no meio da noite. O verdadeiro motivo, ninguém jamais saberá. Vou guardá-lo. Mantê-lo engarrafado, bem apertado, e o mundo jamais saberá, porque nunca vou compartilhar nada disso.

CAPÍTULO 7

TOMMY

— Se ele vomitar ali atrás, vou arrastá-lo pelos pés e vamos deixá-lo na beira da estrada — digo a Shay, que está sentada no banco do passageiro de seu carro. Não bebi esta noite por um motivo: eu sabia que a levaria para casa assim que a visse chegando na festa com Wyatt. Shay tem uma quedinha por mim, e não há nada que eu goste mais do que esfregar isso na cara do Wyatt. Esta é a oportunidade perfeita para fazer exatamente isso, aproveitando também para mostrar a ele que eu gosto de boceta.

Ela ri como se eu estivesse brincando, mas na verdade não estou.

— Ele está dormindo. Vai ficar bem. Você sabe onde ele mora, né?

Sim, eu sei onde Wyatt mora. Ele mora no caminho da minha casa. Foi assim toda a minha vida.

— Vou levá-lo para sua casa. Provavelmente é melhor não levá-lo para casa assim e arriscar que seus pais estejam lá.

— Obrigada, Tommy. — Shay coloca a mão no meu braço. Seus dedos macios se movem para cima e para baixo lentamente. — Você é uma boa pessoa.

Se ao menos isso fosse verdade.

Todo mundo fala como se eu fosse um herói por dentro com a casca de um desajustado. Tatuagens e piercings pouco ajudam no meu caso, mas, de alguma forma, todos olham além disso e veem apenas o bem. É verdade que desprezo o *bullying* desnecessário, mas não sou santo. Tenho meus demônios e, assim como todo mundo que carrega o fardo de um passado, gostaria de deixá-los descansar e seguir em frente com minha vida.

Quando digo *bullying* desnecessário, quero dizer sem motivo. O que estou fazendo com Wyatt pode ser considerado cruel para alguns, mas é só porque eles não sabem o que ele fez comigo. Eles não sabem os segredos que guardamos. A vergonha que ele trouxe para mim e a humilhação que aquele vídeo causou. Eu sei que ele está por trás disso — tem que ter sido ele e Shane. Sem mencionar toda essa situação com Josh. Existem todas essas peças de quebra-cabeça, que de alguma forma se encaixam, e eu só tenho que encontrar seu lugar no quadro.

Chego na entrada vazia da casa de Shay e desligo o motor.

Shay se inclina sobre o assento e começa a sacudir a perna de Wyatt.

— Wyatt. Chegamos. Acorda. — Voltando, ela suspira. — Ele está inconsciente.

— Vá abrindo a porta e eu vou levá-lo para dentro.

Nós dois saímos e Shay se dirige para a casa enquanto eu dou a volta no carro até a porta traseira. Estico-me além do meu alcance enquanto pego seu corpo inerte e o jogo por cima do ombro.

— Me coloque no chão — ele resmunga.

— Já vou te avisar agora, McCoy: se você vomitar em mim, vou te derrubar neste chão, então é melhor você segurar bem sua bebida.

Ele se debate em minhas costas enquanto tenta agarrar minha camisa, mas não luta comigo para que eu o coloque no chão. Ele parece não ter força ou mobilidade. Ou isso, ou ele está gostando de estar com o pau encostado no meu peito. Ele está cheirando à cerveja misturada com uma colônia perfumada.

Olhando para baixo, noto que sua meia mal está pendurada em seu pé.

— Onde diabos foi parar o seu outro sapato?

Eu me viro para olhar para trás, mas não o vejo no chão. Quando giro para entrar em casa, sinto seu corpo sacudir quando sua cabeça bate na lateral do carro.

— Ah, merda — falo. — Foi sem querer, cara.

— Você me deu um soco. — Ele agride minhas costas com os punhos, mas parece que tem a força de uma criança.

— Como diabos eu te dei um soco, se minhas duas mãos estão segurando seu maldito corpo? — Dou um passo até a varanda, depois outro.

— Eu senti seu punho bater na minha cabeça — ele tropeça nas

palavras. — Você é mesmo um idiota.

— Foi o carro. Agora cale a boca, a menos que queira dormir no chão esta noite.

— Você invadiu minha casa.

Paro de andar e fico ali parado na garagem, com um Wyatt bêbado jogado sobre meu ombro. Preciso acabar com essa conversa antes de entrarmos naquela casa.

— Por uma boa razão. Você precisava de um lembrete de que, se compartilhar o vídeo, esse será o seu destino.

— Por que eu compartilharia o vídeo? Você acha que estou orgulhoso do que aconteceu?

— Não. Não acho que você esteja mais orgulhoso do que eu, o que é nem um pouco, mas acho que você tem um plano para usar isso contra mim. E, se fizer isso, não viverá para se arrepender.

Ele não responde, mas quando o ouço engolir continuamente como se estivesse com água na boca, sei que preciso tirá-lo de cima de mim antes que vomite nas minhas costas.

Quando chego à porta, dou um chute forte e Shay a abre. Ela fica de pé, com um braço segurando a porta de tela enquanto deslizo entre ela e o batente, e vou direto para o sofá. O corpo de Wyatt rola e eu não tento deixá-lo confortável enquanto ele fica deitado com os joelhos no chão e o estômago pressionado no sofá. Sua cabeça repousa de lado na almofada e seus olhos estão bem abertos, mas ele não diz nada. Apenas alguns gemidos e gorgolejos escapam dele.

— Eu provavelmente deveria ajudá-lo a subir — Shay diz com os braços cruzados sobre o peito, ao lado do sofá.

— Que nada, em algum momento ele vai conseguir subir. — Eu a seguro pela cintura e a puxo para perto. Meus lábios encontram os dela imediatamente, e o sabor doce de seu batom cobre meus lábios. Coloco minha língua para fora. — Uhm. Cereja.

Não sei por que sinto necessidade de fazer isso, mas, de uma forma vingativa, preciso que Wyatt veja que gosto de garotas. Também preciso que Shay ajude a apagar as lembranças que não desaparecem.

Ela sorri maliciosamente e eu a puxo de volta para mim. Nossos corpos se encaixam. Isso é exatamente do que preciso, o toque de uma mulher. Apenas um simples lembrete de que meu corpo ainda anseia por uma bunda firme e seios pressionados contra mim. Deslizando uma perna

entre suas coxas, seguro sua virilha e começo a esfregar meu polegar agressivamente através do tecido de sua calça jeans. Ela solta um gemido sutil.

— Vamos. Vamos para o meu quarto.

— Não — balanço minha cabeça. — Aqui mesmo.

— Mas, Wyatt...

— Ele está desmaiado. — Minha boca desce por seu pescoço e depois sobe, sugando a pele fina de sua orelha entre meus dentes.

— Verdade. — Ela conduz meu corpo para a frente até estarmos no sofá. Eu caio com as costas pressionadas na almofada, mas balanço a cabeça.

— Uh uh. — Agarrando-a pela cintura, eu a viro para que ela se deite no pequeno sofá ao lado do grande. Desabotoo sua calça e a deslizo-a para baixo, levando sua calcinha junto com ela. Deslizo entre suas pernas abertas para que fique de cara com sua boceta. Com dois dedos, esfrego em círculos ao redor de seu clitóris. É uma bela vista. Dois lábios entreabertos e um buraco que leva a um prazer indescritível. Flexiono o músculo da minha língua e provo o interior dela. Balanço minha cabeça para frente e para trás enquanto acaricio seu clitóris vigorosamente.

Suas costas arqueiam, então tiro minha língua e a substituo por dois dedos. Macio, quente e tão molhado. Virando e enfiando, pressiono meus dedos ainda mais. Coloco até os nós dos dedos quando ela solta um gemido.

— Eu quero você agora, porra — ela diz enquanto agarra um punhado do meu cabelo e bate meu rosto nela. Começo a passar a ponta da língua em seu clitóris enquanto deslizo outro dedo. Meu pau duro roça na almofada, mas não é o suficiente. Minhas entranhas parecem estar pegando fogo. Pulsando. Doendo. Precisando urgentemente de uma liberação.

Muito parecido com aquele dia. Eu atribuo meu comportamento imprudente apenas a essa... vontade. Nunca deveria ter acontecido, e agora que aconteceu não posso voltar atrás. Posso sentir a presença de Wyatt muito perto, e não tenho certeza de como me sinto. Eu gosto da ideia de que ele poderia estar ouvindo? Assistindo? Ele gostaria que meu corpo estivesse sobre o dele em vez do de Shay?

Porra. Por que estou pensando nisso?

Pego ritmo, forço meus dedos mais rápido e mais fundo. Minha língua sobe, então pressiono meu dedo contra ela até a ponta de seu clitóris.

— Ah, Deus! Tommy! — ela berra. Mais passadas longas e

saborosas da minha língua enquanto eu a lambo com tanta força que o atrito faz com que minhas papilas gustativas inchem. Eu tento espantar a visão de Wyatt da minha cabeça. A maneira como seus lábios se encaixaram perfeitamente ao redor do meu pau. A maneira como sua língua deslizou pelo meu comprimento enquanto seus olhos permaneceram fixos nos meus por um breve momento. Não olhe para mim, gritei para ele. E quando ele fechou os olhos, eu queria que ele os abrisse de novo só para que eu pudesse ver o reflexo do meu próprio ódio.

Pare com isso. Tire-o da porra da sua cabeça.

Levantando minha cabeça, eu puxo os dedos.

— Fique de joelhos — exijo enquanto agarro sua cintura e a ajudo. Seus braços pendem sobre o encosto do sofá e ela gira os quadris, sua bunda firme olhando para mim. Eu tiro minha carteira do bolso de trás e pego uma camisinha antes de enfiá-la de volta no bolso e tirar minha calça. Com os dentes, arranco a parte de cima, tiro e enrolo. Nem hesito antes de enfiar meu pau dentro dela.

Enfio nela por trás na velocidade da luz, e minha pélvis vibra contra as nádegas dela. Olho para Wyatt no sofá e ele está acordado. Olhando para mim com dor em seus olhos, parecendo uma faca no meu peito.

— Mais rápido — Shay grita, e eu tiro meus olhos de Wyatt. Não tenho certeza se posso ir muito mais rápido, mas com certeza tento.

— Uhm, sim. Assim.

Isto é o que eu gosto. Eu gosto de boceta. Gosto dessa bunda. Bato com a mão em sua nádega esquerda, deixando uma marca que fica vermelha imediatamente.

— Porra! — eu gemo. Minha voz está rouca e irregular.

Meus olhos se fecham e tudo que posso ver é seu peito liso e nu. A água do banho pingava minutos antes onde sua mão segurava minhas bolas. Gotas estavam caindo no meu pau, que ele chupou até secar. Tomando cada gota do meu esperma enquanto eu gozo em sua boca.

Mais forte. Mais rápido.

Porra, ela é tão gostosa.

Quando Shay solta mais alguns gritos abafados de prazer e seu corpo relaxa, sei que ela gozou. Mas eu não paro. Ainda não. Meu dedo varre sua bunda enquanto enfio meu pau dentro dela. Me aproximo de seu cu e empurro meu dedo profundamente. Meu corpo inteiro convulsiona enquanto encho a camisinha ainda dentro dela.

— Puta merda. — Fecho meus olhos enquanto continuo a gozar.

Faço uma pausa por um minuto antes de soltar minha mão, que nem percebi que estava arranhando a pele de seus quadris. Não me surpreende que ela não tenha reclamado. Shay gosta de sexo selvagem, ou pelo menos foi o que ouvi.

Lentamente, puxo o preservativo e me curvo para vestir a cueca e a calça, que permaneciam nos meus tornozelos. Quando ela vira seu pescoço, eu dou um beijo casto em sua testa.

Eu precisava dela esta noite porque estava procurando desesperadamente por esclarecimentos. Mas, no final, tudo o que fiz foi me foder ainda mais. Eu deveria saber que fazer isso com ele aqui, perto de nós, era uma má ideia. Mas algo dentro de mim não o deixava ir para casa. Essa mesma coisa não me deixou levar Shay para o quarto dela. Eu tenho o hábito de me foder e tornar as coisas piores do que já são.

Mas aquele cara no sofá, ele me arruinou.

Eu dou a ele um último olhar, porém sua cabeça está virada. Quero ver seus olhos só para saber como ele se sentiu, mas no fundo eu já sei. Eu também sinto.



É uma hora da manhã e não consigo dormir. Em minha própria defesa, nem tentei. Mando uma mensagem para o motorista do meu pai e saio da cama ao lado de Shay quando ele diz que estará aqui em vinte minutos.

Atravessando o longo corredor da casa térrea, tento encontrar o banheiro. Eu abro um armário — não. Outra porta que leva a um quarto — não. Continuo andando, passo pela sala onde Wyatt está roncando no sofá e vejo uma porta entreaberta. Deve ser ali.

Sem fazer nenhuma tentativa de diminuir meus passos, eu abro — bingo.

Desço minha calça até o quadril, pressiono a mão na parede e me alivio. Lavo as mãos quando termino e não encontro uma toalha, então enxugo minhas mãos na minha camisa.

Antes de sair do banheiro, verifico meu telefone: Max diz que ainda faltam quinze minutos. Abro a porta com a intenção de esperar por ele, mas, para minha surpresa, Wyatt está sentado no sofá com o telefone nas mãos.

Seus olhos deslizam até mim e ele estala os lábios secos.

— O que diabos você está fazendo aqui? — ele pergunta, ainda usando apenas um sapato e a outra meia pendurada no pé. Ele está com uma cara péssima. O zíper do suéter dele deve ter aberto em algum ponto no banco de trás do carro, porque está preso no meio.

— Você não se lembra mesmo, não é?

Ele não levanta a cabeça nem olha para mim. Seus olhos ficam grudados na luz do telefone.

— Se está se referindo a você fodendo a Shay ali — ele inclina a cabeça para o sofá —, então sim, eu me lembro. O que não entendo é por que você ainda está aqui.

— Tentei dormir, mas não consegui. Agora vou embora. — Enfio meu telefone no bolso de trás e caminho em direção à porta.

— Isso foi o que, três horas atrás? Não é muito sua cara ficar por perto depois de conseguir o que quer. Você planeja assediá-la agora também?

Ele finalmente levanta a cabeça e me olha bem nos olhos com um olhar que eu nunca vi antes. Seus olhos estão encobertos e tenho certeza que ele ainda está bêbado, para ter coragem de falar comigo assim.

— Nada, eu não mexo com as pessoas boas. Apenas com as cobras mentirosas que pegam algo que não lhes pertence.

Minha dignidade, para ser exato. Sem mencionar um vídeo meu em estado vulnerável.

Ele ri.

— Os ladrões sempre acham que todos os roubam.

Solto meus ombros e me viro para encará-lo.

— O que você quer dizer com isso? Está me chamando de ladrão, McCoy?

Com as sobrancelhas franzidas, ele se inclina para frente com os cotovelos pressionados nos joelhos e olha para os pés.

— Estou. Eu não confio mais em você. Na verdade, não me surpreenderia se você tivesse roubado meu maldito sapato.

Abaixando-me, pego no chão o sapato que eu tinha ido buscar antes de entrar no quarto de Shay e jogo nele com força total. Ele nem tenta pegá-lo. Apenas desvia o corpo para o lado e o deixa voar sobre o sofá.

— Talvez seja melhor você conhecer os fatos antes de fazer acusações. Mas me escute com atenção: o que vou roubar vai ser esse

sorriso do seu rosto. — Não digo o que mais estou pensando porque gosto do elemento surpresa.

Pretendo substituí-lo por um choro desesperado. Um pedido de socorro. Um grito de misericórdia. Você tirou uma coisa de mim. Algo que nunca poderei recuperar, mas a vingança é doce.

Eu aponto um dedo para ele.

— Você pode fugir, mas não vai conseguir se esconder.

Com isso, abro a porta e saio para o ar da noite. Respirando fundo, me impedi de voltar lá e rasgar sua mente e seu coração, de destruir todas as memórias que ele guarda daquele dia.

Por que diabos ele me irrita assim? Mais do que qualquer um em toda a minha vida. E ainda, por que eu deixo?

É como se eu continuasse pedindo mais porque não consigo ficar sem.

CAPÍTULO 8

WYATT

Sinto gosto de bunda na boca quando abro os olhos. O sol brilha forte através das janelas descobertas, e o cheiro de bacon enche meus sentidos. Meu estômago ronca com o cheiro, mas a extrema necessidade de água supera minha fome.

Saio do sofá e pego minha meia que escorregou durante a noite. Então eu me lembro — Tommy estava aqui. Não só ele estava aqui, mas tivemos um confronto no meio da noite, enquanto minha cabeça girava e eu engolia a cerveja velha que subia pela minha garganta.

Ele me ameaçou. Você pode fugir, mas não vai conseguir se esconder. Justo quando penso que não dá para ele ocupar mais espaço em meu coração, ele detona tudo.

— Bom dia, raio de sol. — Shay entra com uma xícara de ouro líquido. O conteúdo se espalha enquanto o gelo bate no copo cheio.

Eu lambo meus lábios e pego dela.

— Você é um anjo. — Eu o inclino para trás e bebo a água.

— E como estamos nos sentindo esta manhã? — Ela sorri. — Foi uma noite e tanto para você.

Deixo escapar uma respiração reprimida, em seguida jogo minha cabeça para trás na almofada do sofá enquanto me sento no chão com os joelhos para cima.

— Eu estava muito mal?

Quando ela ri, isso me leva a acreditar que não foi tão ruim quanto estou pensando.

— Você estava bem. Um pouco mais falante do que o normal, mas você desmaiou e dormiu como um bebê.

Se ao menos isso fosse verdade. Adormeci, mas acordei de repente ao sentir a presença do próprio demônio invadir o espaço da sala à uma hora da manhã.

— Tommy te carregou e você nem piscou um olho.

Sinto minha testa enrugar quando afasto o pescoço.

— Tommy me carregou? Em seus braços? Para dentro de casa?

Estou começando a me lembrar de tudo agora. Pisquei os olhos mais uma vez.

— Uhm. Ele não é tão ruim quanto você pensa, Wyatt.

E eu ri. E depois ri mais um pouco.

— Ah, tá bom. Ele é um santo, Shay.

Ela não tem ideia de quem Tommy realmente é. Então, como já sei bem, ele só dá essa versão de si mesmo para mim. Eu não deveria me sentir honrado por receber tratamento especial, mas o meu lado doente e distorcido meio que se sente assim.

Ela se deixa cair no sofá, pega o copo de mim e o coloca na mesinha.

— Eu não entendo. Por que você o odeia tanto? Tommy não é igual aos amigos dele. Ele até defendeu você ontem à noite para o Shane.

Shane.

Ah, meu Deus. Shane. Nós terminamos ontem à noite. Meu coração afunda na boca do estômago, agita a cerveja e empurra o líquido pela minha garganta.

— Ah, merda. — Eu me levanto do chão e corro para o banheiro. Eu vou vomitar.

Abro a tampa do vaso sanitário, me inclino e solto tudo.

De repente, aquele bacon não tem mais um cheiro bom. Na verdade, isso só me faz sentir pior. Fecho a porta do banheiro para que Shay não tenha que testemunhar isso antes que tudo saia de novo.

Assim que sinto meu estômago vazio, caio de volta no chão com minhas costas pressionadas na parede. Não posso acreditar que terminei tudo com Shane em um ataque de estupidez bêbada. Agora, eu não só tenho Tommy na minha cola, mas também tenho todo o time de futebol do colégio. Shane é o deus deles, e se ele começar a mirar em mim e cutucar velhas feridas, eles com certeza farão o mesmo. Eu poderia simplesmente

largar a escola e começar a trabalhar para meu pai agora. Se eu não preciso de um diploma para trabalhar na Magna Tech, não deveria precisar terminar o ensino médio.

Levanto do chão, dou a descarga e pego um frasco de enxaguante bucal no armário atrás do espelho. Inclinando-o, coloco um pouco na boca sem deixar a borda tocar meus lábios. Dou uma sacudida, mas paro quando ouço vozes. Bochecho um pouco mais, depois cuspo e coloco um pouco de água na pia antes de passar as costas da mão na boca.

Quando saio, o enjoo se acumula novamente, mas não sinto a necessidade de vomitar. É apenas essa dor giratória que me faz sentir como se eu precisasse dar o fora desta casa.

Ele está aqui. Isso não é nada o tipo dele. Levar uma garota para casa depois de uma festa, trepar com ela e depois voltar de manhã com... isso é café com rosquinhas? Eu não deveria notar que há apenas um café, mas noto.

Tommy sussurra algo no ouvido de Shay, então olha para mim e acena com a mão sobre o ombro.

— Vamos. Vou te dar uma carona para casa.

Meus olhos se voltam para Shay.

— O quê?

— Tommy e eu temos planos para o dia de hoje. Ele vai levar você para casa enquanto eu me arrumo.

— Eu não vou com ele.

E o bacon? Tenho certeza de que também senti cheiro de panqueca. Meu apetite acabou, mas ainda assim não estou gostando disso.

— Pare com isso, Wyatt. — Shay ri. Como se eu fosse o ridículo.

— Vamos logo, ou você pode ir andando.

Tommy vai até a porta. Ele para bem na frente dela, com os dedos em volta da maçaneta, e se vira.

— Você vem ou não?

Lanço a Shay a maior e pior careta que meu rosto pode fazer. Meus olhos queimam os dela, só para que saiba o quanto eu não estou feliz com isso. Pode me chamar de infantil, mas ficar sozinha em um espaço confinado com Tommy é a pior ideia de todas. Não só porque tenho certeza de que ele quer cortar minha cabeça e usar minha boca como seu brinquedo pessoal, mas também porque provavelmente eu não relutaria se ele o fizesse.

Assim que eu tenho certeza de que deixei meus sentimentos bem claros, resmungo a cada passo que me leva até a porta. Tommy sorri para mim e gesticula para que eu vá primeiro. Balanço minha cabeça, desaprovando tudo o que ele está fazendo aqui. Não posso deixar de sentir que tudo isso faz parte de um plano maluco que ele está preparando.

Ainda me recuperando dos efeitos da noite anterior, respiro mais algumas vezes o ar fresco para tentar clarear a cabeça. Nunca fiquei bêbado antes, mas do jeito que estou me sentindo agora, não sei dizer se é ressaca ou se ainda estou embriagado.

Tommy pula no banco do motorista de sua caminhonete e, por mais estranho que pareça, eu abro o lado do passageiro e entro. Meu corpo está totalmente contra mim agora. Meu coração está quente e confuso por estar nesta posição. Eu odeio estar tão atraído por esse cara.

Até mesmo o cheiro de sua caminhonete e ver seus pertences pessoais espalhados mexem com meus sentimentos de alguma forma. Observo enquanto ele dá ré na caminhonete e a maneira como seus dedos envolvem o câmbio.

Tudo o que ele faz é tão gracioso e com tanta confiança. Olhando para cima, estremeço quando seu braço passa por sobre o encosto de cabeça do banco do passageiro. Sua mão está a poucos centímetros de tocar a parte de trás da minha cabeça. O cheiro de seu desodorante sai de suas axilas e, caramba, até isso me dá frio na barriga. Ele gira o pescoço quando olha por cima do ombro e dá ré na caminhonete.

Quando Tommy se vira para olhar pelo para-brisa, me pega olhando para ele. Então solta com uma voz rouca e grossa.

— O que você está olhando?

Eu viro minha cabeça rapidamente e espio pela janela do passageiro.

— Nada.

Com o canto do olho, continuo a observá-lo enquanto os dedos de sua mão direita seguram o volante — suas veias proeminentes — e sua mão esquerda pousa suavemente em cima de seu colo.

— Por que você é tão esquisito, McCoy?

Olho para ele.

— Por que você fica me chamando de McCoy? Você sempre me chamou de Wyatt.

É verdade.

Sempre até alguns meses atrás.

— Você está ignorando a pergunta.

Balanço minha cabeça.

— Não. Esquisito é você. Por que não me chama pelo meu nome?

Será que é muito pessoal para ele? Faz o que aconteceu entre nós parecer menos real se ele me chamar pelo sobrenome?

Ele não responde. Acende o pisca-alerta e olha para os dois lados antes de entrar na estrada principal em direção à nossa rua.

Mudo de assunto, tento quebrar a tensão.

— O que você e a Shay vão fazer hoje?

— Não é da sua maldita conta.

Abro bem minha boca.

— Então tá bom.

Bato minhas mãos em ambas as pernas de uma maneira nervosa.

— Você se divertiu na festa?

Como se eu o irritasse, ele grita:

— Quer parar de fazer tantas malditas perguntas?

Com os olhos arregalados, volto minha atenção para a janela do passageiro de novo. Eu reprimo um sorriso e realmente tento não rir, mas falho miseravelmente.

— O que diabos é tão engraçado?

— Você. Você é um idiota...

— Só para quem merece.

— Eu não tinha terminado. Você é um idiota comigo, mas tão gentil com todos os outros... bem, menos com o Shane, mas isso é uma outra história. Então por quê? Por que recebo esse tratamento especial?

— Como acabei de dizer, eu só sou idiota para aqueles que merecem.

Viro todo o meu corpo para ele e coloco uma perna sobre a outra.

— Ok, me diga então: por que eu mereço isso? Vamos tirar o elefante do... carro. O que eu fiz pra você?

— Cala a boca, Wyatt.

— Ahhh, então agora voltei a ser Wyatt. Você é realmente confuso, sabia?

— Eu falei pra calar a boca! — ele grita mais alto.

— Se isso é por causa do que...

Ele enfia o pé no freio e todo o meu corpo voa para frente. Se não

fosse pelo cinto de segurança, eu voaria para fora do para-brisa agora.

Em um instante, ele destrava seu cinto de segurança e se inclina sobre o assento. Pega meu queixo entre seus dedos, então respiro seu cheiro e fico bêbado novamente. Foda-se se eu não gosto quando ele é rude. Cara, eu realmente odeio o efeito que ele tem sobre mim.

Tommy aperta a mandíbula e mostra os dentes brancos.

— Não se atreva a dizer isso. Nunca diga isso, porra. Você me ouviu?

Eu realmente não deveria dizer isso. Mas o desejo de pressioná-lo ainda mais é dolorosamente real.

— Por causa do que aconteceu no vestiário?

— É do seu interesse esquecer aquele dia.

— Você quer que eu esqueça isso. Mas posso garantir que é você quem pensa nisso o tempo todo, não é? Você gostou de sentir meus lábios em volta do seu pau.

Sua expressão congela. Juro que posso ver as batidas de seu coração através do tecido de sua camiseta toda branca, logo abaixo da argola prateada de seu piercing no mamilo.

— Você quer a verdade? Eu me sinto sujo. Com nojo. Eu me odeio pelo que aconteceu. Então sim, eu penso muito nisso e isso me deixa louco.

— Então por que você me carregou para dentro de casa ontem à noite? Por que estou aqui agora?

Seu aperto vai para o meu pescoço enquanto seus olhos pousam em meus lábios. Paramos bem na beira da estrada ao mesmo tempo que os carros passam voando. Um dos motoristas buzina com força, mas Tommy não se mexe.

— Porque eu quero a verdade. Quero que admita que você estava por trás daquele cartão de memória que foi enviado para mim. E quero que me diga que aquele era o único.

Ele afrouxa o aperto o suficiente para eu respirar e falar.

— Nós dois sabemos que isso seria mentira. Mas, se você precisa que eu lhe diga isso para se convencer de que ninguém mais sabe, então sim, eu posicionei a câmera e enviei o cartão — levanto as sobrancelhas e curvo meus lábios para cima — que tem a única prova de que eu chupei seu pau e você gostou.

Ele dá um empurrão na minha cabeça para trás e recua, por isso presumo que esteja satisfeito com a minha mentira. Mas então ele desliga a

caminhonete, pega as chaves e abre a porta antes de sair e fechá-la. Em seguida, caminha com passos pesados na frente do veículo, até um cemitério que fica ao lado da estrada.

Ele empurra um portão preto de ferro forjado e continua. O que diabos Tommy está fazendo?

Puxo a maçaneta da porta e pulo para fora. Há um período de seca no estado e, ao respirar fundo, minha garganta parece áspera. Pode ser atribuído à desidratação, mas culpar o clima é mais viável do que a lembrança do meu estupor de embriaguez na noite passada.

— Aonde você vai? — grito enquanto Tommy continua caminhando. O portão bate atrás dele e eu olho por cima do ombro para ver se alguém está olhando, à espreita. Um arrepio percorre minha espinha e uma nuvem escura cai sobre mim. Estranha e indesejada enquanto sigo Tommy pelo portão.

Este não é um cemitério moderno. Tem pedras antigas cravadas no início do século XIX, antes de Redwood crescer de vila para cidade. Ervas daninhas se espalham pelo chão do cemitério, e o paisagismo não recebe atenção há anos.

Não é a primeira vez que venho aqui. Quando eu era mais jovem, costumava descer aqui no meio da noite para me divertir com alguns dos garotos da vizinhança, tentando levar uns sustos. Na verdade, tenho certeza de que todos nesta cidade já estiveram aqui pelo menos uma vez na vida.

— Dá pra você parar? — grito mais alto desta vez, enquanto ele continua andando mais para dentro do labirinto de pedras. — Merda! — Eu suspiro enquanto pego ritmo até que esteja correndo em direção a ele. Não é mentira que não sou fã de situações assustadoras. Morte, fantasmas, espíritos... não é minha praia. Posso até assistir a um bom filme de terror, mas coloque um exorcista e estou fora.

Uma brisa bate ao meu lado e todo o meu corpo estremece. Está uns vinte graus lá fora. Se houver uma rajada de frio vinda de qualquer lugar, deve ser de um maldito freezer.

Quando finalmente alcanço Tommy, agarro-o pelo pulso e o giro para me encarar. Duas mãos seguram meus braços e me empurram cada vez mais para trás, até que minhas panturrilhas batem em algo. Eu me viro para olhar — o local de descanso de Meredith Kemper.

— Me diga a porra da verdade, Wyatt. Eu preciso da verdade.

Ele parece com medo. Outra expressão nova para mim.

— Você quer a verdade? Não fui eu. Não sei quem nos gravou. Eu gostaria de poder dizer que fui eu, mas não fui.

Deixando todas as besteiras e raiva de lado, estamos no mesmo time quando se trata disso. Mas não posso dizer a ele que a intenção não era abalar o seu mundo. Era para explodir o meu. Alguém sabe que vi Josh naquela noite e tenho certeza de que essa pessoa estava no vestiário naquele dia. Eu só não sei quem é ou o que quer de mim.

Ele exala uma respiração profunda e seu queixo cai sobre o peito.

— Porra! — ele grita, segurando a cabeça.

Tommy me olha nos olhos.

— Então alguém sabe?

Olho para a esquerda, depois para a direita, em seguida faço uma sugestão e aponto por cima do ombro.

— Podemos conversar sobre isso no carro?

Ele faz que não com a cabeça.

— Se alguém estava nos observando naquela época, pode estar nos observando agora.

Ele olha em todas as direções, me pega pelo pulso e começa a me levar ao seu lado enquanto caminhamos para o antigo mausoléu. Há blocos empilhados com manchas pretas gotejantes, devido ao envelhecimento, e um telhado de laje de cimento compõe a pequena estrutura de 270 metros quadrados.

Tommy abre a porta de lata e a arrasta para a parede interna, causando um barulho alto que deixa meu corpo tenso. Está completamente vazio, com fileiras de buracos do tamanho de um caixão nas paredes.

— Eu não sei nada sobre isso — digo a ele antes de perceber que estou segurando seu braço com as duas mãos.

Assim que entramos e a porta se fecha, Tommy solta meu braço imediatamente e se livra do meu toque.

Suas costas pressionam a porta, e ele cruza os braços sobre o peito com tanta força que suas veias descem pelos antebraços. Púrpura-azuladas, salientes e intimidadoras.

— Você quer sair daqui? Então vai me contar tudo. — Ele levanta a voz. — Tudo!

— Eu já te disse. Não fui eu — minha voz falha.

— Foi Shane?

Dou de ombros, sendo honesto com ele.

— Não sei. Eu achava que não, mas agora não tenho tanta certeza. Ele é bastante inflexível sobre eu ficar longe de você, então é possível.

— Você contou pra ele?

— O quê? Não. Bem, não sobre isso. Ele sabe de todo o *bullying*. Viu a obra de arte que você me deixou. Ele nota a maneira como você... olha para mim. O jeito como eu olho para você.

Ele junta as sobrancelhas, depois zomba.

— Você está delirando. Eu mal noto você.

— Por que você faz isso? Somos só você e eu aqui. Sem câmeras, sem colegas de classe, sem amigos. Pela primeira vez, reconheça o que aconteceu entre nós. Admita que sente algo para que eu não ache que estou enlouquecendo dia após dia.

Seu tom de voz diminui e ele começa a cutucar uma pedra espetada no cimento de uma das fendas abertas na parede.

— Não sei do que você está falando.

Deixo cair meus ombros, me rendendo à derrota.

— Tudo bem. Então vamos dar o fora daqui. Este lugar é assustador.

— Uhum. — Ele dá um passo em minha direção. — Eu não acabei. Eu te disse, não vamos embora até que eu tenha respostas. Se não foi o Shane, então quem foi?

Eu poderia dizer a ele que tenho minhas teorias, mas isso só levantaria mais suspeitas em meu nome. Não há como ele saber do Anderson. Ou que vi Josh morto na estrada antes que seu corpo milagrosamente acabasse no porão do pastor.

— Eu sei tanto quanto você. — Engulo em seco quando ele dá outro passo.

Inclinando a cabeça para cima, ele zomba.

— Você está mentindo.

Dou um passo para trás. Então outro. E outro. Até que minhas costas batem na parede oposta e estamos completamente imersos dentro do mausoléu fechado. Estou apenas grato por estar vazio, mas ainda está escuro e sufocante.

Estar tão perto de Tommy neste espaço confinado me deixa sem fôlego, enquanto meu coração bate em um ritmo sem precedentes.

Tommy me prende, pressionando as mãos em cada lado da parede.

— Tem algo que você precise me dizer? Algo que você está

escondendo? Um segredo, talvez?

Eu rio. Algo que faço frequentemente quando estou nervoso.

— Eu sou um livro aberto. Não tenho segredos.

Deus, como eu gostaria que isso fosse verdade.

— Alguém tem um motivo para nos observar. Duvido que seja porque eles gostem de pornografia. Não, eles tinham um... — sua voz falha e ele endireita as costas, deixando cair as mãos como se tivesse uma epifania. — Foi o Shane. — Estalando os dedos, ele grita: — Caralho! Eu sabia. Foi ele.

— O quê? Por que você acha isso? O que aconteceu?

— Filho da puta. — Ele afasta o punho, então meu corpo se ergue quando ele passa voando direto por mim e bate com tudo no cimento atrás da minha cabeça. — Merda. Ele estava naquele aplicativo. — Tommy sacode o punho e eu sinto o sangue fresco bater na minha bochecha. Passo os dedos pelo rosto e tento olhar para minha mão, mas está muito escuro. Porém, sinto o líquido pegajoso entre meus dedos.

Limpo-os em minha calça, depois pego sua mão para tentar dar uma olhada.

— Por que diabos você fez isso?

Normalmente a visão do sangue me deixaria enjoado, mas ajuda o fato de eu não poder enxergar.

— Eu vou matá-lo, mas antes ... — suas palavras desaparecem.

Ele me pega totalmente desprevenido quando agarra meu rosto e puxa minha boca para a dele. Tenho certeza de que meu coração parou de bater e que eu deveria simplesmente me enfiar em um daqueles buracos de caixão. Seus lábios macios pressionam com tanta firmeza os meus, derramam ódio em minha boca enquanto sua língua desliza para dentro e se entrelaça com a minha. Temo que ele aperte tanto a boca, a ponto de arrancar a ponta da minha língua, se eu não abrir algum espaço entre nós. Mas eu não... eu não consigo.

O gosto dele é tão bom, e seu toque — este beijo — tomou conta de todo o meu corpo.

Ele crava as pontas dos dedos com força no meu rosto. Eu não conseguiria escapar disso nem se quisesse. Levanto meus braços, que estavam ao meu lado, os envolvo em seu pescoço e sucumbo aos nossos desejos. Retribuo tudo o que ele está me dando. Um beijo destinado a ser misturado com raiva e vergonha, mas parece destino. Parece tudo o que não

deveria ser.

Toda a minha força de vontade e modéstia voam para fora da porta enquanto estico minha mão entre nós e seguro seu pau. Corro o risco de ser assassinado nesta estrutura dilapidada, mas arrisco. Ele não me afasta. Em vez disso, se esfrega contra mim enquanto nossas bocas continuam a se envolver em uma confusão feroz de emoções indesejadas. Torcem, empurram, mordem, enquanto nossos corações batem contra o peito um do outro.

Quando penso que mil câmeras não podem impedir o que está por vir, ele relaxa. Lentamente, nossas bocas se separam enquanto nossos lábios ainda permanecem juntos de forma suave. Ele abre os olhos e, embora esteja escuro, posso ver o brilho de seu oceano azul. Tommy solta as mãos e dá um passo para trás.

Então eu vejo. Como uma faca no meu peito. Uma repetição dos eventos no vestiário que começaram esse inferno. A vergonha volta. Sua cabeça balança. Começa com acenos lentos para frente e para trás, mas ganha velocidade.

— Não — ele fala, inexpressivo. — Eu não deveria ter feito isso. Isso não pode acontecer de novo.

Mais uma vez estou maravilhado, porque, assim como da última vez, foi ele quem tomou a iniciativa. Ele me encurralou e me beijou. Não o contrário. Em vez de sentir dor, puxo a faca do peito e atiro de volta.

— Foi você que fez isso! — Eu grito: — Você veio pra cima de mim. — Rio, mas de um jeito sarcástico e vazio. — Não tente fingir que eu fiz algo errado... de novo!

— Por que você não me impediu? — ele grita.

— Eu? Te impedir? Como se isso fosse uma opção. Primeiro de tudo, gosto de você. Por alguma razão fodida, mesmo que tudo que você faça seja me tratar como se eu tivesse arruinado sua vida, realmente gosto de você. Em segundo lugar, morro de medo de você, Tommy.

Ele balança um dedo na minha direção.

— É inteligente da sua parte ter medo de mim. — Isso é tudo o que ele tem a dizer. Acabei de dizer que gostava dele, e ele concorda que eu deveria ter medo.

— Sim, você deixou isso bem claro com aquela história de invasão de domicílio, vandalismo e bilhetes assustadores.

Ele franze as sobrancelhas na lasca de luz que passa pela fresta da

porta e gira a cabeça.

— Bilhetes?

— Não se faça de bobo. Posso parecer burro, mas sou mestre no xadrez; sei ler meu oponente como ninguém.

— Não deixei nenhum bilhete.

Entendo que essa seja uma daquelas conversas sem conclusão, então passo por ele. Enfiando meu pau ereto no cóis do short, para que não fique saliente, resolvo sair deste lugar dominado pela morte.

Tommy me puxa para trás, pelo ombro, e me joga contra a fileira de criptas.

— Me mostre esse bilhete.

— Não está aqui comigo.

Com os olhos raivosos e a voz severa, ele mais uma vez se comporta como se eu tivesse feito algo errado.

— O que está escrito?

— Não sei. Algo tipo “Mude seu caminho. Se acontecer de novo, sentirá a ira deles”. Mas foi você. Então não tente me confundir e me fazer acreditar que foi outra pessoa. Você sabe muito bem o que estava escrito.

Ele balança a cabeça.

— Não fui eu.

Procuro em sua expressão um motivo para duvidar do que ele está dizendo, porém não tenho sucesso. Talvez Tommy esteja dizendo a verdade. É possível que ele saiba tanto quanto eu.

Mas será que eu realmente não sei? Existem dois possíveis suspeitos capazes de fazer isso. Shane e a pessoa que provavelmente está enchendo meu telefone de ligações agora, enquanto ele vibra no meu bolso

— *Anderson.*

CAPÍTULO 9

TOMMY

— Não atenda. — Impeço que ele coloque a mão no bolso enquanto vai pegar o telefone.

— Temos que descobrir.

Esfregando meus dedos machucados, eu penso.

Alguém deixou um bilhete para Wyatt. Esse tempo todo ele pensou que fosse eu. E esse tempo todo, pensei que ele estava por trás do vídeo. Tenho mais certeza do que nunca de que meu segredo foi exposto. Um segredo profundo e doloroso. Um que tem dilacerado minha alma, feito eu beber muito só para que consiga dormir. Tenho malhado como um animal apenas para tentar desligar meus pensamentos. Se eu pudesse abrir meu cérebro e arrancar essa lembrança, o faria. Eu a apagaria e nunca mais deixaria acontecer. Mas, desde que aconteceu, eu me lembro e só penso nisso. Só penso nele.

— Tenho meus palpites de quem poderia ser — digo a ele enquanto estamos a poucos centímetros um do outro. Shane estava no aplicativo *WatchMeNow*. É possível que ele esteja planejando compartilhar o vídeo lá. Eu vou matá-lo se ele fizer isso.

Wyatt lambe os lábios e eu tento realmente não notar a forma como ele usa a ponta de sua língua para molhá-los. Porra. Por que isso está acontecendo comigo?

Melhor ainda, o que isso significa? Eu nunca tive interesse em um cara antes. Claro, já tive curiosidade.

Mas sempre achei normal. Wyatt, porém, não seduz apenas meu

corpo, ele seduz minha mente.

Afasto os pensamentos e recupero meu foco. Alguém está deixando bilhetes misteriosos para Wyatt. Alguém também fez algo semelhante com a Willa. É muito possível que esses casos estejam conectados. O que significa que preciso fazer o que todos pediram: rastrear o telefone dela.

Mordendo meu lábio, penso por um segundo antes de falar o que estou prestes a dizer.

— Eu preciso de algo de você.

Ele ensaia um sorriso e eu zombo.

— Não isso. — Tenho vontade de bater nele por insinuar o que eu sei que está pensando. Porque afinal eu apenas o beijei, o que foi um grande erro. Que tipo de cara sai por aí beijando caras? Eu me recuso a admitir isso para mim mesmo. Não vou admitir. Eu gosto de mulheres.

Porra. Pare de pensar nisso! Quero gritar comigo mesmo e, se estivesse sozinho, provavelmente gritaria a plenos pulmões.

Ele cruza os braços sobre o peito.

— E por que eu deveria te dar alguma coisa?

— É sério? Alguém está deixando bilhetes ameaçadores para você. Você não quer saber quem é?

Esse provavelmente seria um momento apropriado para perguntar a ele o que estava fazendo na rua da Marni na noite em que Josh foi morto, mas não confio em Wyatt — ainda não.

Admitir que sei disso também significa confessar que sei que Josh estava lá. Ainda não estou pronto para levantar suspeitas em sua mente. A confiança não é fácil para mim. Não porque fui injustiçado, mas porque acredito firmemente que é preciso merecê-la. Wyatt não fez isso. Na verdade, ele está mais longe do que a maioria dos estranhos. Pelo que sei, tudo isso é apenas uma estratégia entre ele e Shane. Eles podem estar trabalhando juntos para tentar pegar todos nós, porque o Wyatt matou Josh. Eles podem saber mais do que pensamos que eles sabem. Eles podem saber de tudo.

— Ok. Qual é o seu plano e como posso ajudar?

— Precisamos entrar na Magna Tech e rastrear um telefone.

Sei exatamente o que ele vai perguntar.

— O telefone de quem?

— Isso não importa. Mas há uma boa chance de, assim que soubermos quem fez a ligação, também sabermos quem estava nos

observando e deixou o bilhete para você.

Ele pressiona as pontas dos dedos nas têmporas e as esfrega em movimentos circulares.

— Acho que não consigo te colocar lá dentro. Você teria que me dar o telefone.

— Não. Eu vou com você.

Não é nem uma pergunta. Não tenho ideia do que pode acontecer, e preciso ser eu a obter os dados primeiro.

— Você sabe que isso é ilegal, né?

— Sério? — Eu bufo. — Essa é a sua preocupação? Você não está nem um pouco preocupado em sentir a ira de alguém? Conforme consta no bilhete?

— Honestamente? Agora que sei que não foi você — supondo que eu acredite nisso — não estou nem um pouco preocupado. Não tenho nada a perder.

Cerro meus dentes com força, fervendo de raiva.

— Bom, já eu tenho tudo a perder. Então me coloque naquele maldito prédio. Meu ombro cutuca com força o dele enquanto empurro a porta aberta. Eu nem mesmo a mantenho aberta ou espero por ele, apenas dou passos largos em direção à minha caminhonete.

— Me desculpe por não ser bom o suficiente para você — ele grita.

Eu me viro para olhar para Wyatt parado na frente da porta, com as mãos nos bolsos.

— Sinto muito que, quando você olha para mim, tudo o que sente é vergonha e arrependimento.

Há uma pontada no meu peito que me faz questionar tudo o que digo e faço, mas luto como o inferno para ignorá-la. Erros após erros me levaram a uma confusão de emoções. Se eu tivesse lutado mais contra a tentação, ou contra os impulsos que me dominam, poderia ter continuado com a minha maldita vida. Terminar o ensino médio, sair de Redwood para uma faculdade de artes, conseguir um estúdio para mim e eventualmente uma garota com quem me estabelecer — mas ele veio e mudou as coisas. É mais fácil culpá-lo do que aceitar que o que sinto pode ser verdadeiro. Não. É apenas uma fase. Qualquer dia desses, eu vou tirá-lo da minha mente.

Conforme Wyatt se aproxima, eu olho para o chão enquanto cavo a ponta da minha bota na terra. Seus olhos carregam uma dor imensa e sei que é por minha causa. Não há como negar que esse cara gosta de mim.

Tenho certeza de que já deve fazer um tempo. Por que ele não poderia gostar do Zed, do Talon ou do Lars? Por que eu?

— Me dê alguns dias. Dado o meu novo título na Magna, devo poder entrar lá e verificar as coisas. Isso me dará a chance de saber exatamente o que estou fazendo antes de rastrearmos o telefone.

Assentindo, pressiono meus lábios em uma linha fina.

— Vamos sair daqui.

— Sim. Você tem um encontro para ir.

Nós nos dirigimos até a caminhonete e entramos.

— Não é um encontro. Shay sabe que isso não vai a lugar nenhum.

Ligo o motor e mudo a marcha.

O corpo de Wyatt balança um pouco quando voltamos para a estrada.

— Isso foi antes ou depois de você transar com ela ontem à noite?

Zombando, eu olho para ele. Suas sobrancelhas estão levantadas em dúvida e não tenho certeza se é porque está pronto para defender sua melhor amiga ou porque está com ciúmes.

— É a Shay. Acredite em mim, ela está de boa com isso.

Em um mundo perfeito, eu me sentiria atraído por Shay. Ela é amiga de Marni e os caras parecem tolerá-la. Ela não é a maior fã deles, mas com algum tempo poderia entrar para a família. Mas eu não tenho esses sentimentos por ela. Ela é uma linda garota com uma bela bunda, porém nos falta química e conexão. Eu não tenho uma necessidade torturante de estar perto dela. Aparecer em algum lugar só porque sei que estará lá. Roubar olhares dela. Proteger meu coração com medo de que ela encontre uma maneira de entrar nele. Há apenas uma pessoa que está fazendo isso comigo agora, e eu me odeio por isso.

Inclino-me para frente e olho para os dois lados antes de virar no sinal de parada. Wyatt está incomumente quieto. Normalmente, ele é tagarela. Sempre que o vejo, está sorrindo e contando piadas. É estranho como uma pessoa pode se tornar outra em diferentes circunstâncias. Por exemplo, meu comportamento em relação ao Wyatt não é normal. Assim como em relação ao Shane. Eu não sou valentão. Eu desprezo o *bullying*. Provavelmente deveria me posicionar mais quando meus amigos fazem isso, então acho que sou culpado nesse aspecto, mas esses dois caras são diferentes. Shane merece — mas Wyatt é digno do ódio que estou jogando contra ele?

Eu o encaro e o pego olhando pela janela. Ele está pensando profundamente e tenho vontade de abrir caminho em seu cérebro apenas para saber no que está pensando. Em mim? No Shane? Sente falta dele?

Ele vira a cabeça e abre a boca para falar, mas para quando percebe que eu estava olhando.

— O que você ia dizer? — Meus olhos desviam de volta para a estrada.

A solenidade invade seu rosto. Como se tivesse acabado de me pegar no flagra olhando para ele, como mencionou antes. O que é um absurdo. Claro, eu noto Wyatt, mas não fico encarando.

— Eu ia perguntar onde você e a Shay vão.

— Na verdade, vou ter que cancelar com ela. Esqueci uma coisa que tenho que fazer.

— Você se esqueceu de algo de repente? — Uma risada profunda escapa de sua garganta. — Que desculpa esfarrapada.

— Não é desculpa. É verdade. Eu tenho que conversar com os caras sobre tudo isso. Se Shane é quem está por trás do vídeo e do bilhete deixado para você, ele precisa ser parado.

— Espere só um minuto. Se for o Shane quem está por trás de tudo, então não tem nada a ver com você. Ele está atrás de mim. Vocês precisam deixá-lo em paz.

Levantando uma sobrancelha, eu zombo.

— Você ainda gosta desse cara? Ele é um idiota de primeira classe.

— Você não o conhece como eu.

Sim, eu diria que sim. Depois da outra noite, sei muito mais sobre esses dois do que gostaria.

— Eu conheço o suficiente. Vamos, Wyatt. O cara te trata como se você fosse um incômodo na vida dele. Te joga pra lá e pra cá, coloca você debaixo do braço em torno de seus amigos, mas não deixa você falar. Sem mencionar que ele prendeu você na parede do banheiro.

— Sim, bem, você acabou de fazer o mesmo dentro de um prédio que abriga cadáveres em decomposição, e aqui estou eu.

— Mas eu não sou nada seu. Não é como se você e eu fôssemos amigos, muito menos...

— O quê? Vamos. Diz! Muito menos amantes?

— Amantes? — Eu ri. — É assim que se chama?

— Ok. Amigos coloridos, parceiros, namorados. Assim é melhor?

— Todas as anteriores. Nunca foi e nunca será. Eu fiz o que fiz por uma razão. Tratar você do jeito que eu tenho feito não é apenas por diversão. Independentemente de você estar ou não por trás daquele vídeo; o que ainda estou considerando; você fodeu minha vida.

— Eu fodi sua vida? Por favor, diga-me como fiz isso, Tommy, porque eu realmente gostaria de saber.

Seu corpo se move e ele se vira de modo que esteja inteiro de frente para mim. Então cruza uma perna sobre a outra e bate no queixo.

— Continue. Explique.

Esse é um lado diferente do Wyatt. Não tenho certeza se já o vi irritado antes. Eu meio que gosto disso.

— Tudo bem, somos apenas nós aqui. Ninguém está assistindo ou gravando. Você me quebrou.

— Eu quebrei você?

— Dá pra parar de repetir o que eu digo? É realmente irritante.

— Só estou curioso para saber como posso ter feito uma coisa dessas quando tudo o que aconteceu entre nós foi consensual. No mínimo, eu diria que foi você quem me quebrou. Você praticamente me forçou a ficar de joelhos naquele vestiário.

— Ahhh, então agora você está dizendo que eu te obriguei a fazer aquilo? Corta essa. Você quis fazer.

Levantando um ombro, ele sorri.

— E você gostou.

— Na hora, talvez. Quem não gosta de uma chupada no pau? No minuto em que acabou, eu me odiei. Pelo resto da minha vida, vou me odiar.

É a dura verdade. Eu me sinto sujo e errado. Wyatt não estava mentindo quando disse que, sempre que olho para ele, sinto vergonha e arrependimento. Eu sinto isso tão profundamente que literalmente me dói. Há momentos em que ele está por perto e eu me questiono por que fico tão nervoso e agitado, então atribuo ao que aconteceu.

O silêncio nos envolve e nos espreme, fazendo com que o pequeno espaço deste carro pareça sufocante.

— Você não precisa me explicar. Uma das razões pelas quais tolero o que você faz e não conto a ninguém é porque eu entendo. Não me faço de vítima porque não sou. Você é.

— Isso não faz o menor sentido. Como assim, eu sou uma vítima?

— Porque há uma guerra dentro da sua cabeça e, até que ela termine e você aceite sua identidade, ela vai manter seu coração como refém. — Ele se vira para evitar contato visual. — Eu já estive neste lugar e é solitário pra caramba.

Ele está errado. Eu sei quem sou. Eu sei o que quero. Ok, talvez haja uma pequena possibilidade de eu achá-lo atraente. Não apenas seu corpo, mas sua mente. Uma parte muito pequena, mas isso não significa que eu seja gay. Não me sinto atraído por todos os homens, apenas por ele. Eu não sei o que isso significa.

Porra. Há uma guerra na minha cabeça, mas foi ele quem começou.

Por impulso, eu grito:

— Por que você não pode simplesmente ficar longe de mim?

— Olha, Tommy. As coisas não são pretas e brancas no começo. Você vai ficar muito zangado e confuso...

Eu o interrompo e grito ainda mais alto:

— Dá pra você calar a boca?

O resto do caminho é silencioso.

Quando passo pelo portão da garagem de Wyatt, ele já está com os dedos em volta da maçaneta.

— Mais uma coisa — digo a ele. — Quando você me vir por aí, finge que não me viu. Entendeu?

Ele nem mesmo olha para mim quando digo essas palavras.

Antes mesmo de eu parar completamente, a porta se abre e ele sai. Wyatt a fecha, corre até a casa e nem me dá uma segunda olhada. Por que ele faria isso?

Eu sou um idiota do caralho.

CAPÍTULO 10

WYATT

Fecho a porta atrás de mim e pressiono minhas costas contra ela. Meus olhos se fecham enquanto meu coração dói. É uma dor indescritível e não é algo que eu tenha sentido antes. Como se eu estivesse de luto pela perda de algo que nunca tive.

Por um breve momento, hoje senti como se tivesse quebrado as barreiras de Tommy. Por uma fração de segundo, imaginei um futuro com ele. Um instante em que me senti fisicamente como se estivesse aninhado em seus braços e tivesse um lugar em seu coração.

Mas então a realidade me deu um tapa na cara. Foi uma ilusão — um devaneio. Mas, diabos, eu arrancaria um pedaço do meu coração só para deixar o dele inteiro. Sei que ele está lutando contra si mesmo e conheço essa dor mais do que ele pensa.

Não o culpo e certamente não o odeio. Alguns dias atrás, eu estava perto disso. Mas agora, mais do que nunca, estou convencido de que não é comigo que ele tem problemas... é consigo mesmo.

Em uma tentativa de afastar esses pensamentos, tiro meu telefone do bolso e reviso a lista de chamadas perdidas do Anderson. Toco no botão lateral, fecho a tela inicial e coloco o aparelho de volta no bolso.

Já se passaram meses e ainda não contei nada a Marni; não sei por que ele acha que eu faria isso agora. Ela é a última pessoa que eu gostaria que descobrisse o que fiz. Mal consigo suportar meu próprio reflexo. Não há dúvida de que ela nunca mais seria capaz de olhar para mim da mesma forma.

A casa está silenciosa, o que me leva a acreditar que minha mãe ainda está em sua “viagem” e meu pai está trabalhando, como sempre. Chuto meus sapatos e os jogo para o lado da porta. Ainda estou sentindo os efeitos da bebedeira de ontem à noite, e meu estômago vazio não está ajudando em nada.

— Elsa! — eu grito. — Você está aqui?

Há um barulho na cozinha. Com passos leves, atravesso o corredor até onde Elsa está secando as mãos no avental.

— Ei, você se importaria de fazer algo leve para eu comer?

Com os olhos arregalados, ela pressiona as costas da mão na minha testa.

— Ah, Wyatt. Você não parece bem. Está doente?

— Estou bem. Só uma noite daquelas.

Ela sorri.

— Ah, sim. Me lembro bem daqueles dias. — Ele volta para seu lugar na frente da pia e continua: — O que você quer? Sopa? Salada?

— Sopa e um copo grande de água com gelo me parece bom. Você pode levar para o meu quarto quando estiver pronto?

— Agora mesmo. Vá descansar.

— Obrigado, Elsa — digo a ela com um meio-sorriso.

— Ah, Wyatt, tem alguém esperando por você. — Ela pisca enquanto meus olhos se arregalam.

— Alguém?

— Ummm. Seu amigo está te esperando há cerca de trinta minutos.

Sem dizer mais nada, saio rapidamente da cozinha. Minhas meias brancas deslizam pelo piso de madeira recém-encerado, fazendo-me subir os degraus mais rápido do que o planejado. Agarro o corrimão para me segurar e subo correndo a escada.

Eu sei exatamente quem está esperando por mim do outro lado daquela porta. Só não tenho certeza de qual versão vou encontrar. O Shane que quer me menosprezar e me fazer sentir burro, ou aquele que é loucamente obcecado pelo meu corpo e me leva para a cama.

Giro a maçaneta, abro a porta e, com certeza, lá está ele. Jogado na minha cama com as mãos atrás da cabeça e os tornozelos cruzados na sua frente. Assim que vejo o olhar em seu rosto, sei exatamente como vai ser.

— O que você está fazendo aqui? — disparo.

— Aproveitou bem a noite?

Enfio a mão no bolso, tiro minhas chaves e meu telefone e os coloco na mesa.

— Na verdade, você praticamente estragou tudo.

— Não me culpe por essa merda. Foi você quem desistiu e escolheu o seu lado.

— Meu lado? — Eu rio. — O que diabos isso quer dizer?

Ele desliza as costas contra a cabeceira enquanto se levanta.

— Você sabe exatamente do que estou falando. Na sua cabeça, você acha que realmente tem chance com Tommy. Você está delirando.

Eu encontro seu olhar, parado ao pé da cama.

— Terminar com você não tem nada a ver com Tommy, e tudo a ver com você me tratar como se eu fosse uma inconveniência em sua vida.

— Como você veio pra casa, Wyatt? — Ele roça o queixo com o polegar. — Uhm? Diga-me quem diabos trouxe você aqui.

Posso sentir que ele está ficando com raiva e preciso desarmar a bomba antes que as coisas piorem. Mas não faz sentido mentir, considerando que minha janela dá para a entrada da garagem, por isso tenho certeza de que ele estava olhando e esperando.

— Tommy me deixou aqui. E daí?

— Obrigado por não tentar negar. Agradeço por isso. Onde você dormiu ontem à noite? — Ele levanta a mão. — Espere. Melhor ainda, onde o Tommy dormiu? Eu sei que você estava com Shay.

Dou de ombros e digo a ele a verdade.

— Ele ficou lá metade da noite e depois foi embora. Olha só, se você está tão convencido de que Tommy nunca me daria a mínima, por que está com tanto ciúme dele?

— Ciúme? — Ele ri. — Você acha que estou com ciúme? — Shane pendura as pernas no lado da cama e, em um grande passo, está ao meu lado. — Daquele babaca?

Dou um passo para trás, evito contato visual.

— Apenas estou dizendo o que vejo.

Não sei por que ele se sente tão ameaçado por Tommy. A menos... a menos que ele saiba mais do que eu acho que sabe. Eu me viro e o encaro.

— Por que você o odeia tanto?

— Ódio é uma palavra muito leve. Eu o desprezo e todos os canalhas dos amigos dele.

— Mas por quê? Tem que haver uma razão.

Shane e aqueles caras nunca se deram bem. Não sei por que, mas as coisas ficaram mais tensas este ano. Tommy não suporta a atitude pomposa de Shane, e Shane age como se tivesse ciúme de Tommy. Não sei por que, mas age.

— Eu vi o jeito como você olha para ele. Eu também vi a maneira como ele age perto de você. Tommy pode nos chamar de bichas e esnobar, mas faz isso por uma razão para esconder o fato de que ele é exatamente o mesmo.

— Espere um minuto, você está me dizendo que acha que o Tommy é gay?

— Eu **sei** que Tommy é gay.

— Como você pode ter tanta certeza?

Eu já sei que isso é verdade, mesmo que Tommy não tenha admitido para si mesmo, mas como Shane saberia disso? Claro, ouvi dizer que essa coisa de gaydar é real, mas Tommy definitivamente não dá pinta de gay.

— Você já ficou com ele? — eu solto, sem nenhum pensamento por trás disso.

— Claro que não! — ele grita antes de baixar o tom. — Mas você já, não é?

Eu balanço minha cabeça.

— Não. Não fiquei.

Eu nunca trairia Tommy dessa maneira. Ele se assumirá sozinho quando estiver pronto.

— Olha, Shane. Tivemos bons momentos, mas isso é muito tóxico para mim e acho que precisamos seguir nossas vidas, como decidimos ontem à noite.

Eu tento ser o mais legal que posso sem irritá-lo.

— Você está falando sério? Está me dispensando? — Ele ri, como se eu tivesse dito algo engraçado. Há um momento de silêncio antes de ele me agarrar pelo rosto e pressionar seus lábios fechados nos meus. Nossas bocas batem com firmeza e ficam grudadas com pouco ou nenhum movimento. Tento me livrar daquilo, contudo ele pressiona com mais força. Desliza uma mão entre nós e segura meu pau.

Com seus lábios ainda colados aos meus, ele murmura:

— Acho que não.

Em uma tentativa de acalmar seu temperamento, que está piorando,

coloco uma mão em seu ombro.

— Vamos conversar sobre isso.

— Não temos nada para conversar. Eu construí você. Você não é nada sem mim. Um fantasma nos corredores, a segunda opção de Shay e Marni nas festas. Comigo você brilhou. Posso te destruir tão rápido quanto te fiz ser alguém. Você acha que é bom demais para mim agora porque está andando por aí com o garoto Tommy e seus amigos insanos?

— Eu não acho nada disso. Já te disse, isto não tem nada a ver com o Tommy. E só que... eu não estou mais feliz.

— Ele nunca vai te dar o que eu te dou. Ele nunca vai fazer você se sentir tão bem quanto eu. — Shane me agarra pela cintura, me gira e me empurra de bruços na cama. Ele tem força suficiente para me jogar como se eu fosse uma criança. Não sou tão magro, mas ele me supera em cerca de vinte quilos de músculos rígidos. Quando vou me virar de costas, ele empurra meu rosto de volta para o edredom de pelúcia.

— Se eu for embora, levarei algo comigo para me lembrar de você.

Não faz sentido tentar lutar contra ele quando sua mão desliza entre meu corpo e a cama e ele abre o botão da minha calça. Ainda de bruços, ele tira minha calça, levando minha cueca com ela.

— Nunca se esqueça de quem foi o seu primeiro. — Ele me levanta pela cintura até que eu fique de quatro. Com o braço esticado embaixo de mim, dá um tapinha no meu peito. — Por causa disso, sempre estarei aqui.

Vou deixá-lo acreditar nisso, e às vezes me permito acreditar também.

Ainda estou de quatro quando ele caminha até o lado da minha cama e abre a gaveta da mesa de cabeceira.

— Não, Shane. Isso não vai acontecer. — Eu me viro e fico de pé. Vou pegar minha calça, mas ele a arranca das minhas mãos e a joga na parede. Observo enquanto ela cai em câmera lenta.

Uma batida na porta nos interrompe.

— *Wyatt. Trouxe sua comida, querido* — Elsa diz do lado de fora. Shane se inclina, sua respiração tocando o lóbulo da minha orelha.

— Livre-se dela.

— Pode deixar aí na porta, Elsa. Obrigado. — Volto minha atenção para Shane. — Você precisa ir embora. — Passo por ele e caminho em direção às minhas roupas no chão.

Não tenho certeza do que aconteceu a seguir, mas a pontada na

parte de trás da minha cabeça me leva a acreditar que fui atingido. Dedos frios envolvem meu pescoço enquanto sou arrastado de volta para a cama e empurrado com força sobre o colchão.

Shane rasteja em cima de mim, de quatro. Na minha cara, ele rosna:

— Eu tentei proteger você, Wyatt. Você não é bom para mim. Você está manchado. Você é uma vergonha. Uma desgraça. E pretendo tornar sua vida um inferno por me fazer de idiota. Mas eu sou a menor das suas preocupações, porque eles vão te afundar primeiro. Só espere e veja.

Ele me beija uma última vez, forte e dolorosamente. Tão profundo que sinto meu lábio inferior se abrir e um gosto metálico em minha boca.

— Adeus.

Ele dá um tapinha carinhoso em minha bochecha e se afasta da cama.

Despido da cintura para baixo, deitado na cama e olho para o teto, incapaz de compreender o que acabou de acontecer ou o que ele acabou de dizer. Ele tentou me proteger? Besteira. Shane só protege a si mesmo.

Minutos se passam, talvez até uma hora, antes de eu me forçar a levantar. Pego um shorts de ginástica na cômoda, coloco-o e abro a porta para encontrar minha sopa fria em uma bandeja com uma dúzia de biscoitos salgados ao lado. Eu alcanço a água primeiro e bebo metade dela. Então seguro a bandeja e a coloco em cima da cômoda antes de fechar a porta com um chute.

Apanho meu telefone e ligo para meu pai.

Vai direto para o correio de voz, naturalmente.

Assim que ouço o bipe, deixo uma mensagem.

— Oi, pai. Pensei muito no que você disse e estou pronto para entrar de cabeça. Acho que um futuro na Magna Tech, trabalhando ao seu lado, é o melhor plano para mim. Eu gostaria de ir até lá amanhã e conhecer o local, talvez até escolher minha sala.

Termino a ligação e coloco meu telefone de volta no chão.

É tudo mentira. Trabalhar para o meu pai me dará uma boa garantia para o futuro, mas não é meu sonho — é o dele. Porém eu disse a Tommy que o ajudaria, e agora, mais do que nunca, quero saber de onde veio esse bilhete. Se estiver de alguma forma conectado ao telefone de quem ele está rastreando, tenho que tentar. Não só por ele, mas por mim.

CAPÍTULO 11

TOMMY

Esperava que a casa de Talon estivesse cheia, por isso fico surpreso quando entro e vejo que está vazia.

— Talon? — grito. — Lars? Alguém?

Ainda com os sapatos, coloco as chaves no bolso da frente da calça jeans e entro na cozinha.

Ninguém. Mas vozes vindas do andar de baixo chamam minha atenção. Há uma gargalhada, seguida de vaias e gritos. Abro a porta que leva à sala de jogos e desço as escadas acarpetadas.

Talon e Lars estão envolvidos em um intenso jogo de *Call of Duty*. Ambos estão inclinados para a frente, apertando os botões dos controles como loucos.

— E aí, rapazes?

— Shh — Talon me silencia. — Mais uma morte e eu ganho essa merda.

— Estou feliz em ver vocês se divertindo, mas desde quando temos tempo para diversão? Temos negócios a tratar.

Eu me jogo em uma poltrona reclinável preta e puxo a alavanca na lateral, depois jogo meus pés para cima.

— Aí, caralho! — Talon sorri com entusiasmo e larga o controle ao lado dele. — E é assim que se faz.

Sua atenção se volta para mim como se tivesse acabado de perceber que eu estava aqui.

— Ah, oi, Tommy.

— O dobro ou nada? — Lars pergunta, e posso presumir que há algum tipo de aposta sendo feita. Nada de bom pode resultar de qualquer tipo de aposta entre qualquer um de nós. Da última vez, Lars engravidou Willa, e em três meses ele será pai de uma garotinha. Sinto pena de qualquer cara que tentar conquistá-la quando ela for adolescente.

— Que nada, vou pegar meus cem e me dar por satisfeito.

— Mas bem que podia. Eu estou com um bebê a caminho e você limpa a bunda com centenas de dólares; mas tudo bem, pegue tudo.

Talon ri.

— Sim, e você também precisa muito de dinheiro.

Lars encolhe os ombros.

— Filhos custam caro.

Lars definitivamente não está precisando de dinheiro. Nós quatro temos economias gordas que cuidarão de nós por toda a vida, mas a maioria de nós ainda prefere trabalhar duro e construir a própria base para nossos filhos. Temos sonhos que não são dos nossos pais. Talon, não. E seus filhos vão ficar bem. Assim como os filhos deles.

Cortando a brincadeira deles, eu interrompo:

— Falando em futuro, houve uma mudança de planos. Esta é para você, Lars.

Todos os olhos se voltam para mim, e Lars coloca o controle remoto ao seu lado.

— Que mudança?

— Acho que convenci Wyatt a rastrear o telefone da Willa.

— Não me diga. Você resolveu ser legal agora? — Talon pergunta.

— Estou jogando a carta “nada de perguntas” neste caso. Mas ainda preciso da festa na sexta à noite. Eu cuidarei do resto.

Talon sorri.

— Se Wyatt vai rastrear o telefone, isso significa que ele não é o problema?

Talon ia adorar isso porque significaria deixar sua namorada feliz. Meus meninos foram amolecidos por essas garotas e não tenho certeza de como me sinto com isso.

Encolho os ombros.

— Ainda não sei. Não confio exatamente nele, mas parece que outra pessoa é um problema maior para mim do que Wyatt.

— Quem? — Lars pergunta.

— Shane.

Lars estala os dedos.

— Eu sabia antes mesmo de você dizer o nome dele. Depois daquele encontro na festa, eu sabia que havia algo acontecendo entre você e o namorado do Wyatt.

— Eles não são namorados — retruco sem querer. Suavizando meu tom, disfarço minha explosão. — Eles não são namorados. Terminaram.

A ideia de Shane estar perto de Wyatt mexe com algo feroz dentro de mim.

— Bem, vamos ouvir. O que ele fez? — Talon indaga.

Quero dizer a eles que acho que Shane está no aplicativo por outro motivo além de se divertir. Eu também poderia dizer a eles que acho que Shane deixou um bilhete ameaçador para Wyatt e nos gravou no vestiário, mas nada disso é possível. Eles nunca poderão saber.

Por mais que eu confie nesses caras, há algumas coisas que simplesmente não posso compartilhar com eles. Então, em vez disso, dou a eles uma parte da verdade.

— Acho que foi ele quem deixou aquela mensagem para Willa e a estava observando. Não sei por que, mas é isso que preciso descobrir.

Lars levanta as sobrancelhas como se jamais tivesse imaginado que era Shane quem estava perseguindo sua garota.

— O que te faz pensar isso?

Eu jogo minhas mãos para cima e sorrio.

— Sem perguntas.

Fico feliz por termos criado essa regra, porque todos nós tivemos que usá-la. Algumas informações não devem ser divulgadas. É por isso que são chamadas de segredos.

Lars se levanta e grita:

— Fodam-se as regras. Se Shane estava assediando a Willa, eu quero saber. Eu mesmo cuidarei dele.

— Senta essa bunda aí. Sua vez já foi. Esta é a minha chance e eu posso fazer as coisas do jeito que quero. Fui o fantoche por muito tempo. Agora eu é que vou puxar as cordas. Avisarei assim que tivermos uma pista.

— Eu me levanto e limpo a calça. — Comecem a planejar a festa.



Depois de sair da casa de Talon, fui para casa e desmaiei assim que meu corpo bateu na cama. Abro os olhos, e o som do aspirador no corredor me faz levantar. Pego meu telefone, verifico o visor e percebo que já passou da hora do jantar.

Abro a porta e vejo Madeline passando o aspirador para cima e para baixo no corredor.

— Ei, Madeline. Meus pais já voltaram? — questiono alto o suficiente para que ela possa me ouvir acima do barulho do aspirador.

Com uma expressão solene, ela balança a cabeça negativamente. Eu aceno em resposta. Imaginava que não, considerando que minha mãe me mandou uma mensagem hoje de manhã perguntando o número dos quartos dos gêmeos no dormitório. O que significa que eles iam fazer uma visita para meus irmãos.

Fico parado na porta, vestido apenas com um shorts de ginástica, pensativo, quando Madeline desliga o aspirador.

— Está tudo bem, Tommy?

— Uhm? — Eu tiro meus olhos do chão e olho para ela. — Ah, sim, estou bem.

— Quer conversar sobre isso? — Ela sorri calorosamente.

Madeline me conhece melhor do que ninguém. Melhor do que meus próprios pais.

Respondo educadamente:

— Não, estou bem.

Ela endireita o aspirador e caminha em minha direção, em seguida dá um tapinha na lateral da minha cabeça.

— Algo está acontecendo aqui em cima.

— Está tão óbvio assim?

— Para o quarto. Vamos.

Ela passa por mim e vai até minha cama desarrumada. Penso que vai se sentar e começar a me questionar, mas em vez disso ela puxa o edredom e começa a endireitar o lençol cinza.

De pé ao lado dela, cruzo os braços sobre o peito.

— Você já sentiu que, se as pessoas soubessem quem você realmente é, elas a tratariam de maneira diferente?

Madeline nem se dá um momento para pensar nisso.

— Você sabia que eu cantava?

No estilo típico de Madeline, ela começa uma história. Adora contá-

las nos momentos mais oportunos. Eu balanço minha cabeça.

— Não, eu não sabia disso, mas o que...

— Eu cantava. Ah, eu adorava cantar. Normalmente quando estava sozinha. Ainda canto às vezes, quando estou limpando e ninguém está por perto. Uma vez, disse à minha mãe que um dia iria cantar no The Grand Ole Opry. Você sabe o que ela fez? Riu de mim. — Madeline ri e leva um travesseiro fofo para o peito. — Minha própria mãe ria dos meus sonhos. — Voltando a arrumar minha cama, continua: — Ela me disse que sonhos não pagam o aluguel e que só o trabalho duro pode fazer isso. Como se cantar fosse apenas um hobby. Então, eu a ouvi. Nunca fiz aulas. Nunca persegui esse sonho, porque naquele momento eu sabia que era apenas isso — um sonho.

— Ainda não estou entendendo...

Ela me interrompe novamente.

— Respondendo à sua pergunta, sim. Se eu tivesse ignorado minha mãe e perseguido esse sonho, ela teria me tratado de forma diferente. Mas quer saber de uma coisa? — Madeline dá um passo à frente e coloca sua mão em minha bochecha. — Eu me arrependo todos os dias da minha vida.

Ela solta a mão e recolhe algumas roupas sujas do chão.

— Mas também significa que eu não teria encontrado meu caminho aqui, e gosto de pensar que é aqui que eu deveria estar. Com você e seus irmãos.

— Para constar, fico feliz que sua carreira de cantora não tenha decolado, porque sou um idiota egoísta e preciso de você aqui.

Madeline sorri com a minha resposta e sei que ela sente o mesmo. Sei que ama nossa família tanto quanto nós a amamos.

— Cada escolha nos leva a um caminho diferente. Mas — ela balança o dedo com uma expressão severa — não importa a escolha que você faça, apenas seja fiel a si mesmo. Como alguém muito inteligente disse uma vez, aqueles que importam não se importam, e aqueles que importam para nós não ligam. Isso pode te surpreender, mas aqueles que importam provavelmente já conhecem o seu eu verdadeiro, mesmo que você não tenha se revelado. — Ela pisca e sai com uma braçada de roupas.

CAPÍTULO 12

TOMMY

Arrastando os pés, tentando não tropeçar neles, corro à cozinha para pegar água antes de ir para a aula. Mesmo se eu já estivesse dentro do carro a essa altura, chegaria atrasado.

— Bom dia, Madeline — digo enquanto abro a geladeira. Fecho a porta e enfio a garrafa de água no bolso da mochila.

— Opa, opa, opa — ela me interrompe. Eu me viro e paro na soleira da porta esculpida à mão. Levanto as mãos e pego uma banana antes que ela jogue uma na minha cara. — Você é um menino em fase de crescimento, precisa comer.

Segurando a banana, eu rio.

— Obrigado. — Corro para o lado dela e dou um beijo em sua bochecha macia e enrugada.

— Essas tatuagens e piercings não enganam ninguém, Thomas. — Ela coloca a mão na boca e grita enquanto eu corro para a saída: — No fundo você é um doce.

— Só para você — digo a ela, enfiando um pé no meu sapato e depois o outro. — Só não conte a ninguém. Tenho uma reputação a zelar. — Dou uma piscadela para ela antes de abrir a porta e entrar na garagem.

Entro na caminhonete e, a essa altura, nem tento chegar a tempo. Não há a menor possibilidade de chegar à escola — muito menos à minha primeira aula — em três minutos.

Assim que saio para a rua, descasco minha banana e mordo metade dela. Quando passo pela casa de Wyatt, olho para a entrada estreita. Não

tenho certeza de por que estou olhando, pois ele já está na escola, mas por algum motivo sempre olho.

Chego quatro minutos depois do último sinal, então não apresso meus passos enquanto caminho até a escola. A casa de um milhão de memórias. Se essas paredes falassem, eu só poderia imaginar as histórias que elas contariam. É um sentimento agri-doce saber que está quase acabando. Eu, por exemplo, estou pronto para dar o fora deste lugar. Mas sei que, quando eu for embora, vou desejar estar de volta.

As pessoas dirão para você aproveitar esses anos ao máximo e não apressá-los. Saborear cada momento e apreciar a vida antes que as responsabilidades e as preocupações tomem conta. Bem, essas pessoas não cresceram com meus amigos e provavelmente nunca se sentiram estranhos em seus próprios pensamentos.

Depois de uma rápida parada na secretaria para pegar uma autorização, entro na aula de História da Europa, interrompendo a palestra do Sr. Bing. Entrego a ele o papel, em seguida ando entre as mesas para chegar até os fundos. Wyatt está com a cabeça baixa em seu caderno e não posso deixar de sentir que ele evita olhar para mim de propósito. Quando arrasto minha cadeira para trás, bato na mesa onde ele está sentado só para chamar sua atenção. Não sei por que fiz isso, mas funcionou.

Wyatt olha para mim com olhos de cachorrinho e depois volta direto para o livro. Sento-me e abro no capítulo doze.

— Peguem uma folha de papel. Vamos fazer um quiz sobre a discussão desta manhã.

Mas que diabos? Acabei de chegar.

Não me surpreenderia nem um pouco se o sr. Bing estivesse fazendo isso de propósito só porque me atrasei. Sem mencionar que saí da aula na semana passada sem dizer uma palavra.

Rasgo uma folha pautada do caderno e vou pegar meu lápis que está sempre na encadernação, mas não o encontro. Eu olho em volta da mesa, depois para a esquerda e para a direita no chão.

— Número um: a Revolução Industrial aumentou a demanda de qual item?

Merda. Eu não tenho lápis.

Quando decido levantar minha mão, sinto um toque no ombro. Eu me viro e vejo Wyatt me entregando um.

— Me devolva depois — ele me diz.

Eu dou um sorriso, minha forma de agradecer.

Dez perguntas depois, tenho certeza de que fui mal. Não que eu não saiba a matéria, mas não consigo me concentrar nesta aula.

Quando o sinal toca, sou o primeiro a levantar, pronto para sair desta sala sufocante. Assim que chego ao corredor, respiro fundo e me convenço de que não vou deixar pensamentos irracionais me consumirem hoje.

— Então, eu sei que você me pediu para não te dirigir a palavra, mas vou precisar daquele lápis de volta.

— Ah, certo. — Enfio meu dedo para baixo na encadernação e acabo empurrando o maldito lápis mais para o meio. Aperto meus dedos, tento puxá-lo para fora, mas o lápis não se mexe. Queria eu que meu próprio lápis tivesse entalado assim, pelo menos não estaria parado no meio do corredor com Wyatt na minha frente, esperando por mim. Batendo em minha própria nuca, eu desisto.

— Não consigo tirar. Vou comprar um novo para você.

Antes que ele possa responder, começo a andar para frente, mas esbarro em Shane, que me para no meio do caminho.

— Olha, isso não é fofo? Novos melhores amigos? Ou seria algo mais?

— Vai se foder. — Passo por ele e, quando estou a cerca de seis metros de distância, olho por cima do ombro e percebo que Shane e alguns de seus amigos encurralaram Wyatt.

Ele já é bem grandinho. Sabe cuidar de si mesmo.

Merda, eu não quero continuar andando. Droga, eu realmente deveria. Mas não. Me viro, atiro meus livros no chão do corredor e bato com toda força nas costas de Shane, derrubando-o. Estou alheio à multidão assistindo enquanto levanto meu punho para trás e o planto bem no nariz dele.

— Agora você vai bancar o durão? — Eu grito: — Hein? — Agarro-o pela gola da camisa polo e levanto seus ombros do chão. — O que eu te falei sobre azucrinar meus colegas de classe?

Posso sentir várias mãos nas minhas costas, me puxando, tentando me tirar de cima dele, enquanto aperto minhas pernas em torno de seu corpo.

— Tommy! — É a voz de Marni e ela está chateada. — Que diabos você está fazendo? Você vai ser expulso.

Meu foco muda e, naquele momento de fraqueza, ela consegue me puxar para trás com a ajuda de outros caras, incluindo Wyatt.

Levanto-me com os punhos ainda cerrados ao lado do corpo, pronto para agir se necessário. Shane está deitado de costas, com a cabeça erguida e um olhar mortal direto em mim. O sangue escorre pelo seu rosto e é uma imagem que eu queria até pintar algum dia.

Dirigindo-me para longe, Marni segura firme na parte de trás da minha camisa.

— Vamos. Precisamos sair daqui antes que o diretor Scott apareça.

Shane não vai ousar falar sobre o que acabou de acontecer. Nem o resto do corpo estudantil que testemunhou. Temos um ditado por aqui, delatores são filhos da puta.

Olho por cima do ombro e pego Wyatt me encarando. Ele parece estupefato e tenho certeza de que estou igual. Nossos olhares se mantêm firmes até eu dobrar no corredor com Marni, que assume as rédeas e me leva para passear como se eu fosse uma criança desobediente.

Assim que passamos pelo corredor dos calouros, Marni me empurra contra a parede.

— Que porra é essa, Tommy?

— O quê? Ele mereceu — falo casualmente, embora minha adrenalina ainda esteja bombando.

— Nos últimos quatro meses e meio, lutamos muito para não chamar atenção, e parece que é só o que você tem feito ultimamente. — Ela bate no meu braço. — Você precisa se recompor antes que faça algo realmente estúpido.

Tarde demais para isso.

— Está bem. Está tudo bem. Pode ser que eu tenha me empolgado um pouco, o que me fez dar um soco na cara do Shane. Ele é um idiota, e eu estava fazendo um favor para todos nesta escola que tinham vontade de fazer o mesmo.

— E na semana passada, quando vocês dois tiveram aquela pequena briga? Não. É mais do que isso. O que ele fez que deixou você tão chateado?

Os corredores se esvaziam. O sinal da segunda aula toca e parece que estou atrasado pela segunda vez hoje.

Mais cinco aulas para ir, eu me pergunto se vou conseguir continuar assim o dia todo. Seria um recorde para mim.

— Nada. Eu só não gosto dele. Nada de mais.

— Tem alguma coisa a ver com Wyatt? Porque ele tem recebido um tratamento especial de você também.

Meus olhos se arregalam.

— O que você quer dizer com isso?

Ela cruza os braços sobre o peito e levanta o quadril.

— Você sabe exatamente o que eu quero dizer. Você posa de *antibullying* e, no entanto, é exatamente isso que está fazendo com aqueles dois.

— Primeiro de tudo — eu me inclino para perto e sussurro —, caso você tenha esquecido, Wyatt estava na câmara no momento em que Josh foi atingido. Ele pode muito bem tê-lo atropelado e matado.

— Mesmo que fosse esse o caso, o que eu não acho que seja, e daí? Por que isso seria um problema nosso?

Uma risada vazia me escapa.

— Você está falando sério? É um grande problema. Quem atropelou Josh provavelmente está tentando juntar as peças. Nós adulteramos aquele corpo, tomamos posse do veículo de Josh, nos livramos do tal veículo. Ele poderia fritar todos nós no café da manhã.

Marni balança a cabeça para frente e para trás.

— Não. Wyatt não faria isso. Se fosse ele... o que, como eu disse, duvido... então ele provavelmente está morrendo de medo. Tenho certeza de que deve ter sido um acidente.

Toda essa conversa é discutível porque também não acho que Wyatt tenha matado Josh. Ele é muito bom e honesto, teria ligado para o 190. No entanto, achei melhor mudar o assunto da conversa, para não correr o risco de ela me perguntar por que não suporto Shane ou Wyatt.

Shane merece meu ódio. Estou começando a questionar as coisas com Wyatt agora que sei e acredito que ele não estava por trás do misterioso vídeo de nós dois no vestiário. Isso não muda o fato de que ainda não estou aceitando esses sentimentos que brotaram de repente. Eu ainda não consigo entendê-los, principalmente porque não vou me permitir fazer isso.

— Independentemente de qualquer coisa, Shane é um idiota. Fim.

Ela ergue o queixo e sorri.

— O que está rolando entre você e a Shay? Ouvi dizer que vocês dois — ela desenha aspas no ar — ficaram.

— É a Shay. Não há nada rolando entre nós. Vamos lá, você sabe

bem como é. — Eu acho que ela gosta de você.

— A maioria das mulheres gosta. Elas não conseguem resistir a isso. — Esfrego minhas mãos no meu peito estufado.

Eu gostaria de conseguir sentir algo pela Shay. Mais ainda, gostaria de não ter feito sexo com ela só para tentar apagar as lembranças da boca do Wyatt no meu pau. Eu daria qualquer coisa para não sentir a marca de seu toque na minha pele. Ele está para sempre gravado em meus pensamentos, e eu só quero voltar no tempo e recuperar o que aconteceu para que a vida possa ser normal novamente — para que eu possa me sentir normal novamente.

— Seu ego é grande demais para essa sua cabecinha. — Ela inclina a cabeça em direção ao final do corredor. — Vamos, é melhor a gente ir.

— Nos vemos na hora do almoço. — Aceno por cima do ombro antes de voltar para o meu armário.

— Tommy? Seja gentil com ele, por favor. Ele é melhor do que nós.

Nem preciso perguntar de quem ela está falando. Eu sei. E ela está certa.

Marni desaparece de vista e eu abaixo a cabeça, passo os dedos pelo cabelo e olho para minhas mãos. Esses nós nos meus dedos não aguentam muito mais. Primeiro uma parede de tijolos e agora o rosto de Shane. Quando levanto minha cabeça, fico surpreso ao ver Wyatt parado no meu armário. Ele está com um pé apoiado para cima e seu rosto colado no telefone. Conforme me aproximo, noto meus livros debaixo de seu braço.

— Ei, eu podia ter pegado isso. Obrigado, cara.

Eu tiro meus livros dele.

— Sim, você podia. Mas você não conseguiu, então... — Ele ergue o lápis.

— Legal. — Eu rio. — É melhor você ir. O sr. Peterson não leva atrasos numa boa.

— Como você sabe que eu tenho o Sr. Peterson na segunda aula?

Dou de ombros. Sinceramente, não tenho ideia de como sei disso. Só sei. Ele tem o primeiro período de História Europeia, depois Cálculo, Química, Literatura Inglesa, Saúde e por último Física. O segundo semestre começou há algumas semanas e mal consigo me lembrar do meu próprio horário.

— Tudo bem, então — ele diz. — A gente se vê.

— Wyatt. Espere. — Eu o surpreendo e a mim ao mesmo tempo.

— Alguém provavelmente me delatou sobre a briga. Não estou com vontade de me explicar hoje. Acho que vou embora. Quer ir?

Posso sentir meu peito tenso. Como se o peso de um elefante estivesse sobre ele. Foi espontâneo e nada pensado, o que é muito para mim. Eu realmente preciso começar a pensar antes de falar. Mas, de repente, tudo mudou. Tenho um novo plano e, embora Wyatt não faça mais parte dele, há algo que preciso fazer.

Seus ombros sobem e depois descem.

— Ok.

Abro meu armário, jogo meus livros lá dentro e pego minha mochila. Em completo e absoluto silêncio, caminhamos pelo corredor e saímos pela porta da frente. O ar fresco me atinge bem no rosto e algo gira em meu estômago. Reprimindo um sorriso, nos dirigimos para minha caminhonete.

Pela primeira vez em muito tempo, me sinto animado. Irresponsável. Descuidado. E, pela primeira vez, não é porque estou ajudando os caras.

Isso pode estar errado. Mas foda-se se não parece certo.

— Vá em frente e entre. Eu tenho que fazer uma ligação — digo a ele.

Assim que Wyatt entra, pego meu telefone e faço uma oração silenciosa para que ele atenda. Se alguém pode fazer o que pretendo, esse alguém é o Zed.

CAPÍTULO 13

WYATT

Aqui estamos novamente. No banco da frente da caminhonete de Tommy. Dois dias atrás, ele me disse para calar a boca e deixou claro que não queria que eu o dirigisse a palavra. No entanto, aqui estou. Mãos cruzadas no meu colo. Suor se acumulando nas palmas das mãos enquanto as esfrego nervosamente. Sempre me considerei uma pessoa fácil de lidar, mas quando se trata desse cara, sou um fraco — simplesmente isso.

Assim que saímos do estacionamento da escola, meus ombros relaxam e tento me livrar de um pouco dessa tensão reprimida.

— Aonde você pensa em ir?

Com o cotovelo apoiado no parapeito da janela e os dedos batendo no topo ao som de “My Own Prison”, do Creed, que toca baixinho nos alto-falantes, ele olha para mim.

— Eu tenho uma coisa para resolver em Jester Creek. Você topa uma pequena viagem?

Jester Creek? Isso é mais de uma hora de distância.

— Eu tenho que estar na Magna Tech depois da escola. Estaremos de volta até lá?

Ele me lança um sorriso diabólico que envia calafrios pela minha espinha.

— Ah, sim. Não vai demorar.

— Por que Jester Creek?

— Minha família tem um chalé lá. Preciso prepará-lo para um convidado.

Eu aceno, compreendendo, embora não tenha entendido nada.

— E você pensou em me convidar para ir junto porque não quer ir sozinho?

Ele fecha a cara.

— Você quer voltar para a escola? Porque posso te levar de volta.

— Não. Não. Não é isso que estou dizendo. Acho que estou realmente confuso sobre por que me convidou para ir com você.

Isso precisa ser dito. Tommy está fodendo minha saúde mental, e não estou reclamando porque está me dando uma ideia de quem Tommy Chambers realmente é, mas que é confuso é.

— Honestamente? Não planejei nada. Em um minuto eu planejava ir para a aula, então vi você no meu armário; você já estava atrasado e tudo mudou. Não vamos fazer disso uma grande coisa, certo?

— Ok. — Aceno novamente. — Não é grande coisa.

Mudo para uma conversa mais casual, aproveito para curtir o dia com um amigo. É isso que ele é?

— Tem algum plano pra depois da formatura?

— Provavelmente vou ficar na cidade durante o verão, então vou para a Estadual para o Programa de Artes.

— Tá brincando? Você vai para a Estadual?

Eu não fazia ideia. Isso quase torna a mudança repentina no meu futuro ainda mais terrível. Digo quase porque não tenho certeza se pode ser muito pior do que já é.

— Sim, você não vai? Vi seu nome na lista de formandos de 2020.

Olho pela janela, para os campos que passam, e começo a morder a pele das minhas unhas. Luto contra a autopiedade que estou sentindo.

— Não vou mais.

Ele bufa.

— Você não vai?

Quase como se estivesse desapontado, o que alivia a dor dentro de mim.

— Não posso decidir meu futuro. Já decidiram por mim.

— Seu pai?

— Sim. O plano sempre foi ir para a faculdade, ter um diploma, viver um pouco e depois assumir o cargo de CEO ao lado do meu tio. Agora ele está fora da empresa, e agora vou assumir o cargo assim que sair do ensino médio.

— Caramba. Isso é demais.

Vomitando sarcasmo, reviro os olhos para o meu reflexo na janela.

— É, sim. Incrível.

— E é mesmo. Um CEO de dezoito anos ganhando muito dinheiro logo após a escola. Quem não ia querer isso?

Com uma risada meio reprimida, coloco as mãos de volta no meu colo.

— Bem, que tal um jovem de dezoito anos que passou metade de sua infância como adulto e queria ser jovem por alguns anos antes de se tornar quem ele deveria ser?

Quando ele não responde, posso ver que está imerso em pensamentos.

— Acho que você não é o único que tem que fingir só para agradar as pessoas ao seu redor.

Virando a cabeça, ele zomba.

— Como assim?

— Pais. Amigos. Sociedade. Não é essa a razão pela qual você está fingindo? — Imediatamente engulo minhas palavras, gostaria de tê-las guardado para mim.

— Não fale isso de novo. Eu sei aonde você quer chegar — ele fala alto. — Eu só preciso de tempo para entender essas merdas na minha cabeça. É por isso que eu queria que você ficasse longe de mim. É por isso que não consigo...

Há uma longa pausa que me faz prender a respiração.

— É por isso que não consigo ficar longe de você.

Ainda prendendo a respiração, com os olhos fixos à minha frente, observo as linhas amarelas ondularem na estrada quando passamos por elas. Eu não pisco — não penso. Apenas repito suas palavras na minha cabeça. É por isso que não consigo ficar longe de você.

Eu quero perguntar o que isso significa. Preciso ouvir mais. Meu coração anseia por isso. A segurança, a esperança, a luz no fim deste túnel. As longas noites em que não consigo parar de pensar nele. Os dias preenchidos com ele tentando se convencer do quanto odiava o que aconteceu entre nós. Descontando em mim apenas para substituir o fato de que ele não odiava coisa nenhuma. Eu só preciso ouvi-lo dizer que sente algo por mim. Qualquer coisa que não seja puro ódio. Estou com fome de palavras que ele não pode me dar. Pelo menos, ainda não.

Até lá, vou apenas esperar. Porque agora sei a razão pela qual ele confia em mim o suficiente para me mostrar seu profundo eu. Ele se aproxima sem se entregar totalmente a mim. A tentação o atormenta e posso ver a luta que trava contra si mesmo. Está reprimindo isso, e seus pensamentos estão transbordando; ele precisa de um alívio. Luta uma batalha sozinho, e me escolheu para ser seu confidente. Não é porque ele está com raiva de mim; é porque está com raiva de si mesmo.

— Ok. Bem, estou aqui quando você estiver pronto para falar sobre isso. Como amigo.

Seguimos em silêncio. Olhando pela janela, observo como passamos pelas casas e me pergunto que segredos vivem dentro de cada uma das paredes que as cercam. Todos nós os temos. Segredos que podem nos machucar, que podem machucar outras pessoas, e também há aqueles que você prefere morrer a expor.

Após uma hora na estrada, meu telefone vibra na mochila. Abro o zíper do bolso da frente e o puxo para fora.

Marni.

— Oi, Marni. E aí?

Pego Tommy olhando para mim.

— Preciso falar com ela antes de você desligar.

— *Quem é esse?* — Marni pergunta do outro lado da linha.

— Uhm, Tommy — digo lentamente, sentindo como se o estivesse traindo de alguma forma se admitisse que estamos juntos. Mas ela saberá de qualquer maneira se Tommy falar com ela, então presumo que seja seguro compartilhar.

— *Wyatt, saia desse carro agora! Você tem que se afastar dele.*

Minhas sobrancelhas se juntam e eu encaro Tommy, que continua me olhando de canto de olho.

— Do que você está falando?

— *Apenas saia. Confie em mim. Você tem que ficar o mais longe possível dele. Não dê ouvidos a uma palavra do que ele diz.*

Ela continua a divagar sem sentido.

— *Ele quer te machucar, Wyatt. Por favor, apenas saia e fuja. Onde você está? Eu vou te buscar.*

— Uau, calma, garota. Estou bem. Estamos indo para...

Tommy balança a cabeça negativamente e murmura:

— Não conte a ela.

— Estamos indo para a cidade comprar um... pneu novo.

Porra. Não sei o que diabos dizer. Sou péssimo em mentir direito.

Eu ainda estou olhando para Tommy, que me lança um olhar esquisito.

— Um pneu? Sério?

— O pneu do Tommy estourou mais cedo. Ele está rodando com o estepe, mas não tem o tamanho que precisa na cidade. — Eu dou de ombros. Preciso desligar este telefone.

— *Ative sua localização assim que eu terminar esta ligação, Wyatt. Não diga a ele, apenas faça.*

— Ok — digo a ela apenas para tranquilizá-la. — Mas ei, antes Tommy quer falar com você.

Entrego-lhe o telefone e escuto atentamente. Marni está muito preocupada por algum motivo e agindo de forma muito estranha. Não sei o que está acontecendo, mas sei que Tommy não está planejando algo ruim contra mim.

Ou está? As coisas foram avançando tão de repente. Isso é apenas algum tipo de plano doentio para me machucar?

Talvez ele ainda pense que enviei aquele vídeo. Ou talvez ele realmente tenha me enviado aquele bilhete.

Posso ouvir Marni gritando ao longe, mas não consigo entender o que ela está dizendo.

— Dá pra você relaxar? Eu não vou fazer nada estúpido. Ouça, apenas reúna todo mundo porque as coisas mudaram. Meus planos mudaram. — Ele encerra a ligação e me devolve o telefone. — Porra, essa garota não é fácil.

Pego meu telefone e ligo a localização, em seguida envio a Marni um convite de compartilhamento.

— Ela só está cuidando de mim. — Viro meu corpo para Tommy e digo em tom divertido. — Por que ela pensaria que eu estou correndo perigo?

— Porque é a Marni e ela acha que todo mundo está atrás de você. Como você disse, ela só está cuidando de ti.

Tommy liga a seta e vira à esquerda em uma estrada de terra. O terreno é plano e há uma placa com uma seta apontando para a estrada que diz Jester Creek. Já ouvi falar desta cidade, mas nunca estive aqui. O

cenário, junto ao fato de ser um lugar isolado, é supostamente de tirar o fôlego.

— Você vem sempre aqui? — pergunto a ele, enquanto começo a ficar nervoso. Marni me colocou em alerta máximo e, mesmo que eu não ache que Tommy iria me machucar, sinto que ele definitivamente está tramando algo.

Ele estende o braço, segura o volante com força e estica as costas.

— Quando era criança. Meus irmãos e eu pescávamos bastante aqui com meu pai.

Continuamos na estrada e até agora só notei uma casa que fica no amplo espaço aberto. Meus olhos percorrem os arredores, marcando alguns lugares apenas para o caso de eu precisar retirá-los da memória se Tommy decidir me manter em cativeiro aqui.

— Quem é esse hóspede para quem você vai preparar o chalé?

— Só um velho conhecido que precisa de um tempo para contar seus pecados e reorganizar seus pensamentos.

Estávamos a cerca de três quilômetros na estrada quando Tommy faz uma curva fechada em outra estrada de terra. Então ele vira abruptamente em uma garagem. Árvores cercam ambos os lados do caminho pavimentado. Um chalé de madeira aparece e é provavelmente uma das casas mais bonitas que já vi. Claro, já vi algumas casas legais, mas o paisagismo e a área ao redor realmente dão a este lugar uma sensação de lar.

A grama está bem seca e há algumas cestas penduradas na varanda da frente, então é evidente que o lugar andou abandonado. Não consigo imaginar por que alguém possuiria isto e não o visitaria com frequência. Um muro de contenção divide a casa e as intermináveis fileiras de árvores. Há uma trilha estreita e batida na saída e presumo que leve ao riacho.

— Este lugar é lindo.

— Sim. É legal. — Tommy encolhe os ombros e isso me faz imaginar se ele tem algumas lembranças ruins aqui.

Tommy leva a caminhonete até a porta da frente e, por um momento, acho que vai passar direto pela varanda. Ele estaciona, agarra a maçaneta da porta e a abre. Assim que sai, estica o braço para cima no ar e solta um bocejo prolongado. Bate palmas e sorri.

— Tudo bem, vamos lá.

— Ok. Não tenho ideia do que vamos fazer, mas vamos lá.

Saio do lado do passageiro e encho meus pulmões com o ar fresco e limpo.

Em vez de entrar no chalé de dois andares, Tommy dá a volta pela lateral. Eu sigo cerca de um metro atrás dele e noto uma bola de baseball caída ao lado de uma árvore. Está velha e suja, e metade dela está submersa na terra. Inclinando minha cabeça em direção a ela, noto as iniciais TIC — Thomas Isaac Chambers.

— Você não joga bola, joga? — pergunto por curiosidade. Sei que ele jogava futebol, mas acho que nunca ouvi falar dele jogando baseball.

Sua cabeça se vira para olhar para mim, mas ele continua andando.

— Não. Por quê?

Eu aceno com a cabeça para trás de mim, em direção à árvore.

— Tinha uma bola ali atrás com suas iniciais nela. Só queria saber.

Virando-se para mim, ele para quando chega a um galpão.

— Essa bola deve ter uns doze anos.

Há um cadeado no galpão, mas não está trancado. Tommy o retira e abre as portas duplas de estanho.

— Costumávamos brincar de pega-pega aqui quando vínhamos para ficar uns dias. Mas isso já faz um tempo.

Ele pega uma caixa vazia e começa a tirar as coisas do galpão e colocá-las dentro. Tem fita adesiva, uma corda, um serrote, uma caixa de ferramentas e algumas outras coisas de que nem sei o nome.

Meus olhos ficam focados em cada item que cai na caixa.

— Sim, acho que algumas coisas que antes eram divertidas para nós acabam perdendo a graça.

— Acho que sim. Mesmo que elas percam a graça quando você tem só seis anos de idade. Como eu disse, já faz um tempo.

— Então sua família não vem mais aqui para ficar vários dias?

— Não juntos. Meu pai esteve aqui algumas vezes no ano passado. Meus irmãos deram uma festa aqui depois que se formaram. Mas não. Nós não ficamos aqui juntos.

— Então por que não vendem?

Ele se abaixa e pega a caixa cheia. Não é nada para ele, levantar os oitenta quilos de carga. As veias em seus braços se flexionam e seus bíceps incham, e é uma delícia ver seus músculos tensos.

— Porque vender a casa significa vender nossos segredos.

— Segredos?

— Todos temos segredos, não é? — Ele pisca. Ele realmente pisca. A eletricidade passa por cada célula do meu corpo, instalando-se no meu estômago, que continua a tremer. Então ele passa por mim como se nunca tivesse feito aquilo.

Assim que voltamos para frente da casa, ele posiciona a caixa sob a palma da mão e a segura como se não fosse nada, depois digita um código no teclado ao lado da porta. Assim que apita, ele abre a porta. Sinto que deveria estar ajudando, fazendo alguma coisa além de apenas segui-lo como um cachorrinho.

Entramos e não é surpresa que o interior seja tão bonito quanto o exterior. Tetos abobadados com claraboias preenchem o espaço aberto com luz natural. Há uma escada que leva a um loft envolvente e, embora a estrutura seja impecável, cheira a velho e mofo. Assim como seria de se esperar que um chalé no riacho cheirasse, mas não um tão extravagante quanto este.

Tommy deixa cair a caixa no chão a seus pés com um baque.

— Isso não deve demorar muito. — Ele se aproxima e pega uma cadeira em frente à mesa de jantar de carvalho, depois a posiciona no meio da sala, ao lado da caixa.

Meu corpo inteiro estremece quando ouço o fechamento de outra porta de carro.

— Tem alguém aqui?

A porta da frente está escancarada, então me inclino para frente e olho para fora.

— Zed King? — murmuro baixinho antes de olhar para Tommy.

Ele não parece surpreso quando Zed entra na casa com passos pesados de seus coturnos pretos. Um cigarro aceso pende do canto da boca e ele nem se dá ao trabalho de apagá-lo antes de entrar.

— Caralho, mano, este lugar me traz tantas lembranças! — Ele tira o cigarro da boca e o atira porta afora. A bituca ainda arde intensamente, jogada na varanda de madeira. Quero apagar antes que o lugar inteiro pegue fogo, mas também não quero parecer um maricas.

— Verdade, porra. Memórias podres — Tommy diz enquanto coloca uma longa corda frouxamente nas costas da cadeira. E aí eu me toco.

Porra. Preciso dar o fora daqui.

Zed ri.

— Podre ainda é uma palavra boa demais. — Seus olhos deslizam

para cima e para baixo em meu corpo, como se ele tivesse acabado de perceber que eu estava aqui. Então abaixa as sobrancelhas e mantém um olhar atento em mim.

— Como vai, McCoy?

Não respondo. Apenas olho para Tommy na esperança de que ele me dê qualquer indício de que não está planejando me amarrar naquela cadeira. Que diabos estou pensando? Claro que está. É exatamente por isso que a Marni tentou me avisar. Por que mais ele me traria aqui? Não é como se ele de repente sentisse alguma coisa por mim, quando ontem vomitou todo seu ódio em minha pessoa.

— Você está tremendo pra caralho, Wyatt. Acalme-se, isso não é para você. — Zed dá um tapa forte nas minhas costas e solta uma gargalhada alta.

Dou um suspiro de alívio.

— Ok. Bem, está na cara que é para alguém. Ouso perguntar quem?

— Não ouse. Depois de saber, você nunca mais poderá não saber. Acredite em mim, você não quer essa merda em sua consciência.

Corro meus dedos pelo cabelo, e minhas sobrancelhas atingem o alto da testa. Quem quer que seja a pessoa para quem eles estejam planejando isso, passará por maus bocados. Tommy aperta alguns nós e meu estômago se revira. É como se ele estivesse se preparando para uma cirurgia. Só que não são equipamentos médicos — são ferramentas que podem causar tanto dano quanto, mas muito menos higiênicos.

Quando parece que tudo está do seu agrado, Tommy se vira para Zed e olha para o amigo pela primeira vez desde que ele pisou no chalé.

— Você está com uma cara horrível. Como você está? — Ele puxa Zed para um abraço e os dois dão um tapinha nas costas um do outro.

Ele realmente parece péssimo. A última vez que vi Zed, ele ainda era um garoto de dezoito anos com mau comportamento. Posso dizer que a personalidade ainda está lá, mas agora ele tem uma barba por fazer e parece que não corta o cabelo há meses. Sem falar nas olheiras que deixam claro que ele precisa de uma boa noite de sono.

— Isso é irrelevante. Já te disse, nada de conversas pessoais. Isso aqui são só negócios.

— Tudo bem. Tudo bem — Tommy concorda com a cabeça. — Só estou agradecido por você ter vindo. Eu sei que as coisas não têm sido... — Ele para quando lembra que estou aqui. Ou porque Zed deixou claro que

isso é estritamente comercial. Seja qual for o negócio.

— McCoy — Zed inclina a cabeça em direção à porta. — Seja um bom ajudante e vá buscar meus cigarros no banco da frente.

Como o bom pau-mandado que sou, eu vou.

Abro a porta do Suburban preto e percebo que as chaves estão na ignição. Se eu quisesse fugir, esta seria minha chance.

Me disseram que aquela cadeira não é para mim. Mas posso realmente confiar em Zed King — ou mesmo em Tommy?

Este deve ser o dia internacional das más escolhas, porque pego os cigarros e fecho a porta. Tenho certeza de que foi uma desculpa só para me tirar dali para que eles pudessem conversar sobre o que diabos planejavam.

Abro a caixa e conto os cigarros dentro dela apenas como uma distração, enquanto tento ouvir as vozes saindo pela porta da frente.

— Porque não podemos falar sobre essa merda pelo telefone. Já houve telefonemas, vídeos e espectadores demais por aí. Eu sabia que você não voltaria para Redwood, então esse era o único jeito.

— E o seu amigo ali?

— Ele não vai falar nada. Aliás, ele é parte disso. Nós apenas não sabemos o tamanho da parte ainda.

Empurro meu polegar para baixo e fecho o maço de cigarros, mas olho para Tommy. *Ele é parte disso. Nós apenas não sabemos o tamanho da parte ainda.* Como assim, eu faço parte de tudo isso? De que porra eles estão falando?

Meu telefone toca no bolso e, de alguma forma, devo ter desligado o modo silencioso. Puxo-o para fora e olho para a porta, porém fico ao lado dos degraus da varanda. Tommy e Zed me encaram com olhos cautelosos.

— Aqui. — Jogo os cigarros para Zed na varanda. O maço pousa a cerca de trinta centímetros da porta, então ele sai e os pega enquanto me atrapalho com o telefone.

— Largue isso! — ele ordena.

Apertando os olhos, questiono o que ele está me mandando fazer.

— O quê?

Zed preenche o espaço entre nós e arranca o telefone da minha mão. Sem sequer olhar para a tela, ele aperta o polegar sobre o botão lateral até desligar meu celular, então o joga de volta para mim. O aparelho bate no meu peito e eu o pego pouco antes de cair.

— Por que você fez isso?

— Você é burro ou o quê? Não dá pra perceber que estamos aqui por uma razão? Não precisamos que você diga a todos os seus amigos onde eles podem nos encontrar. Na verdade, se você mencionar que me viu, eu mesmo vou amarrá-lo naquela cadeira e deixar as larvas se banquetearem com seus restos mortais depois que você apodrecer.

Engolindo em seco, olho para Tommy, que se recusa a fazer contato visual comigo. Dá pra ver que ele não é mesmo meu amigo. Ele nem consegue me defender. Porém, eu mesmo deveria fazer isso. Poucas pessoas revidam diante das ameaças de Zed, mas certamente seus amigos conseguiriam colocá-lo em seu lugar.

Zed olha para Tommy.

— Terminamos aqui?

— Terminamos. Mas lembre-se, saber a hora certa é o mais importante. — Tommy sai e finalmente olha para mim. Seus olhos procuram algo que não tenho certeza se posso dar a ele. Uma indicação de que estou bem, talvez?

Tommy fecha o punho e estica o braço na direção de Zed.

— Do começo ao fim.

Zed bate de volta enquanto Tommy segura firme, como se estivesse esperando que Zed dissesse alguma coisa. Quando ele não o faz, Tommy recua.

— Beleza então. Até mais, filhos da puta. — Zed se vira e mostra o dedo médio no ar. Com isso, Zed pula em sua caminhonete e arranca, levantando poeira atrás de si enquanto voa pela entrada da garagem.

Olho para Tommy com desagrado.

— Tudo bem, me explique o que diabos foi aquilo.

Não vou ficar calado desta vez. Eles estavam falando sobre mim e preciso saber por quê.

— É melhor voltarmos para Redwood. Você tem uma reunião com seu pai. — Ele começa a subir os degraus, mas eu o interrompo agarrando-o pelo ombro.

— Não tão rápido. Ouvi você dizer que sou parte de um plano. Que plano é esse?

— Ah, você ouviu? Achei mesmo que você pudesse estar nos escutando.

— Em minha defesa, eu estava do lado de fora da porta e vocês dois não estavam exatamente falando baixo.

— O que mais você ouviu?

— Foi só isso. Mas eu quero saber o que você quis dizer.

Ele desce um degrau. Seus olhos azuis nivelados com os meus e olhando para trás são o suficiente para me deixar louco. Estar aqui assim — isolados — me faz pensar em tudo o que poderíamos fazer juntos e ninguém saberia.

— Logo você saberá.

Eu passo a língua pelos lábios enquanto meu corpo treme.

— Isso não é o suficiente. Preciso saber já.

Ele inclina a cabeça para frente e sussurra em meu ouvido:

— Seja paciente comigo. Isso é tudo que posso dizer agora.

Ele dá alguns passos para trás, mas seus olhos permanecem fixos nos meus. A careta em seu rosto é substituída por um meio-sorriso que não faz nada para acalmar a protuberância crescente em minha calça. Eu me pergunto se ele me impediria se eu corresse e o empurrasse para dentro da casa, em seguida chutasse a porta enquanto arrancava suas roupas.

Assim que a parte de trás de seus tornozelos atinge o último degrau, ele se vira e corre de volta. Curiosamente, eu o sigo.

Quando entro, fecho a porta da frente até a metade. Tommy continua andando e não tenho ideia de para onde está indo. Eu paro de segui-lo. Ele pode estar apenas indo ao banheiro. Mordo o interior da bochecha, olho ao redor da sala e observo tudo. Não há sinal de vida familiar aqui. Sem fotos de família, sem tapeçarias que digam coisas como “o chalé é nosso lar” ou algo parecido. As paredes estão vazias e não há nada que denuncie férias de verão divertidas. Quanto mais eu fico aqui, mais estranho o lugar começa a parecer.

Alguns minutos se passam e Tommy ainda não voltou, então eu tomo a iniciativa de ir procurá-lo. As portas de todos os cômodos do longo e estreito corredor estão abertas, por isso começo pela primeira e desço. Quando olho para dentro do banheiro e não o vejo, me viro e lá está ele. Deitado em uma cama, com as botas ainda calçadas e os tornozelos um sobre o outro. Suas mãos estão cruzadas sob a cabeça, e seus olhos, fixos em mim.

— O que você está fazendo? — pergunto a ele enquanto dou um passo para dentro do quarto.

Este cômodo também é bastante básico. Apenas uma cama grande com lençóis azul-marinho, uma cômoda branca e uma mesa de cabeceira

combinando.

— Pensando.

Eu dou mais um passo para perto da cama.

— Sobre?

— A vida.

E outro passo.

— Ah, é? E a que conclusão você chegou? É tão injusta quanto parece?

— Muito.

Sem a menor certeza do que estou fazendo, me sento na ponta da cama. Metade da minha bunda fica pendurada e coloco peso nas pernas para me manter sentado.

— Você não gosta muito deste lugar, não é?

É apenas um pressentimento, mas tenho certeza de que estou certo.

— Odeio. — Ele fecha os olhos enquanto fala. — A gente vinha muito aqui quando eu era criança. Era o meu lugar favorito no mundo. No verão do meu sexto aniversário, meu avô veio da Califórnia e tínhamos acabado de entrar em casa depois de fazer uma fogueira e assar marshmallows. Minha mãe estava lavando minhas mãos no banheiro porque elas estavam cobertas de gosma de marshmallow. Eu nunca vou esquecer o som do primeiro pop. Gritos e choros ecoavam. Foram os pedidos por socorro mais altos e ensurdecadores que já ouvi.

Ele abre os olhos e neles vejo seu eu de seis anos. Assustado, impotente, confuso.

— Porra, quem era? O que aconteceu?

— Quando alguém chega ao topo rápido demais, geralmente há uma razão antiética por trás disso. No caso do meu pai, foram muitas. Ele ama seus filhos, ama sua esposa, mas os outros o veem de maneira diferente. Minha mãe me enfiou embaixo do armário da pia e me disse para ficar quieto. Eu tinha seis anos, não conseguia ficar parado. Assim que ela saiu do banheiro, fui atrás dela. Nunca conseguirei apagar a imagem em minha cabeça do meu avô deitado em uma poça de sangue, com metade da cabeça estourada. Sangue e tecido se espalharam pela sala, e o cartucho do rifle de veado estava preso na parede atrás de onde ele estava. Ela protegeu os olhos de meus irmãos, mas os meus estavam bem abertos quando meu pai pegou o rifle do homem mascarado e retribuiu o favor. Observei em câmera lenta o agressor sem vida cair no chão e criar outra poça de sangue

fresco, que se derramou dele como água vazando em um saco de peixe.

Eu nem sei o que dizer. Então coloco uma mão reconfortante em seu tornozelo.

— Deve ter sido horrível.

— Outro homem entrou e derrubou meu pai bem em cima do corpo do meu avô. Houve uma breve briga e todos ficamos ali olhando. Minha mãe escondeu seu rosto e dos meus irmãos. Então peguei um taco de baseball de metal, que estava encostado na parede, e acertei bem na nuca do homem. Eu tinha apenas seis anos, então isso não o derrubou completamente, mas deu ao meu pai uma chance de ganhar vantagem. Ele gritou para ela nos tirar de lá e sair também, então ele amarrou o homem a uma cadeira. *Matar ou morrer*. Meu pai me olhou nos olhos, com a pele manchada de sangue, e sussurrou essas palavras. Carrego-as comigo todos os dias desde então. Talvez seja por isso que estou sempre na defensiva. De qualquer forma, ainda não sei por que isso aconteceu. Tudo o que sei com certeza é que meu pai irritou o homem errado e eles pensaram que meu avô era ele.

— Foi prestada alguma queixa?

Sua cabeça balança.

— Não. Meu pai conseguiu suas respostas e tenho certeza de que ele matou o outro cara também. Ele pediu ajuda para limpar a bagunça e, no dia seguinte, três pequenos montes de terra perto do riacho apareceram. Meu palpite é que os três estão enterrados lá e é por isso que meu pai nunca venderá este lugar. Como eu disse, muitos segredos.

Não acredito que ele está me contando isso. É muito íntimo.

— Que foda.

— Foi aí que comecei a desenhar e pintar. Meu pai disse que precisávamos encontrar uma saída tranquila para as emoções que sentíamos. A arte sempre foi minha válvula de escape. — Ele se acomoda em uma posição sentada. — Desnecessário dizer que este lugar tem algumas memórias angustiantes, então não estou muito preocupado em adicionar mais algumas a alguém que anda merecendo um chacoalhão.

— Esse alguém é o Shane?

— É melhor você não perguntar mais nada. Confie em mim.

— Ok, que tal falar de algo mais leve? Além de vandalizar paredes de quartos e propriedades escolares, o que você gosta de pintar?

Ele para, então coça a cabeça com um encolher de ombros.

— Tudo. Minha arte vai de acordo com meu humor. Eu crio o que sinto. Se sinto raiva, expresso-a através da arte raivosa. Se estou feliz, crio coisas que me deixam feliz.

Aproximando-me, me posiciono de modo que esteja totalmente na cama. Cruzo uma perna sobre a outra e me viro para encará-lo.

— Se você fosse pintar um quadro agora, qual seria?

Seu olhar vazio se fixa em mim. Me observa como se estivesse desenhando meu corpo em sua cabeça.

— Eu começaria por baixo. Uma matriz de linhas que se assemelha a uma corda com nós. Sobrepondo, se encontrando e formando o cérebro na minha cabeça. Duas cordas correndo até uma mão que segura cada lado da corda. Dedos apertados juntos com força, puxando e manipulando o controle que tem sobre mim. Meus pensamentos, minhas emoções, minha lógica.

Inclinando minha cabeça para o lado, eu pinto a imagem na mente.

— E a quem pertencem as mãos?

— Todo mundo. Meus amigos, a sociedade, meus pais — você.

Eu me aproximo. Sua perna roça meu quadril e envia calor por todo o meu corpo.

— Você sente que essas mãos estão te controlando?

Ele fica de joelhos, mas não quebra nosso olhar fixo.

— Não estão?

Meus olhos brilham até seus lábios e eu observo enquanto ele fala. Sua boca abrindo e fechando tão graciosamente.

— Você nunca sentiu que o mundo desaprovava se soubesse quem você realmente é?

— O mundo já sabia quem eu era. Minha orientação sexual não me define. Também não define você.

Admita. Apenas admita para mim. Eu preciso disso. Mais do que tudo, preciso que ele fale comigo. Não apenas por segurança, mas para que ele possa começar a aceitar o que nós dois sabemos ser verdade.

— É só você, Wyatt. Ninguém mais faz isso comigo.

Minha voz falha quando meus braços começam a tremer enquanto coloco meu corpo na posição vertical.

— O que eu faço com você?

Ele se endireita, pega minha mão e a coloca em seu pau.

— Isso. Eu não sei o que significa. Não é apenas meu corpo que

reage a você, é mais do que isso. É como se você tivesse encontrado um lar na minha cabeça e nunca mais fosse embora. Não importa o quanto eu tente expulsá-lo, você está... sempre lá.

Isso é tudo que eu sempre quis, e agora que estou aqui e ele está se abrindo comigo, não sei o que fazer. Tenho medo de falar demais, afastá-lo, mas se eu não falar nada, ele se sentirá humilhado.

Então eu faço a única coisa em que posso pensar. Fico de joelhos e coloco meu corpo paralelo ao dele. Tomo seu rosto em minhas mãos, inclino a cabeça para o lado e deixo meus lábios colidirem com os dele. O que começa lento e apaixonado evolui rapidamente para um emaranhado de línguas.

Sua respiração é pesada e sei que ele me quer tanto quanto eu o quero. Ele solta um gemido sutil que me faz querer ouvir mais. Sentir a vibração em minha língua que brota de dentro dele.

Movendo-me lentamente, deixo-o cair de costas na cama e o cubro com meu corpo. Eu posso sentir sua ereção pressionada contra a minha. Inequivocamente, começo a roçar nele. Suas mãos deslizam pelas costas da minha camisa e sua palma aberta aperta meu ombro. Seu toque deixa uma marca que ficará para sempre tatuada em minha pele. Mesmo que isso nunca mais aconteça, quero me lembrar disso para o resto da minha vida.

Nosso beijo se mantém firme e começa a aumentar, até que somos como dois animais selvagens nos atacando. Interrompo o beijo, tiro sua camisa pela cabeça e a jogo para o lado. Ele não me impede. Em vez disso, faz o mesmo comigo. Eu aprecio a visão de seu belo corpo. Arrasto meus dedos pela arte em sua clavícula antes de pressionar os lábios no símbolo do infinito em forma de cobra em seu pescoço. Eu quero perguntar a ele o significado daquilo. Quero saber cada história sobre sua pele impecável.

Quando fico de joelhos, com minhas pernas sobre ele, nós dois congelamos. Nossos olhos procuram um ao outro e posso ver seu coração batendo forte no peito. Seu estômago subindo e descendo com cada respiração rápida.

Buscando aprovação com uma expressão cética, ele começa a desabotoar minha calça. Eu mordo o canto do meu lábio e movo as mãos para o lado para deixá-lo assumir o controle. Assim que ele abaixa meu zíper, eu me aproximo e minha calça é puxada para baixo. Isso libera meu pau, e eu balanço minhas pernas até que esteja totalmente sem calça. Passo um pé no outro e tiro as meias.

Seus olhos deslizam para o meu pau e, quando ele lambe os lábios, sei que gosta do que vê. Nunca vi Tommy em um estado tão vulnerável. Como um virgem que está pronto para dar o salto para um novo mundo de prazer sexual.

— Pode tocar — eu digo. Ele ergue a mão, depois abaixa enquanto se questiona. Então tomo a iniciativa de pegá-la de volta e colocá-la no meu pau. Eu posso sentir seus dedos tremerem quando ele os fecha ao meu redor. Com minha mão ainda na dele, deslizo para cima e para baixo, até que Tommy começa a me acariciar por conta própria. Não é como se ele precisasse de instrução, todo cara de dezoito anos sabe como acariciar um pau.

Observo seus lábios enquanto ele olha os movimentos de sua mão, então imagino sua boca carnuda, molhada e apertada em volta do meu pau enquanto sua língua desliza pelo membro e me leva a um orgasmo que desce por sua garganta.

— Eu quero te chupar — ele diz, como se lesse minha mente. Sou pego de surpresa, mas não demonstro.

Sua mão cai e ele sai de debaixo de mim. Antes que ele fique muito fora de alcance, eu tiro sua calça e Tommy libera as pernas, mas continua vestido com sua boxer. Tomo seu lugar com minhas costas pressionadas contra o colchão.

De joelhos, ele não hesita antes de me colocar em sua boca. Meus olhos se fecham e o êxtase ondula através de mim, toma conta de todo o meu corpo. Sua língua se estende e se move para cima e para baixo em meu comprimento, e puta merda, é tão bom. Já chuparam meu pau, mas há algo de eufórico em Tommy ser o único a me trazer esse prazer intenso.

Estamos nos conectando em um nível totalmente diferente e, por causa disso, sempre estaremos interligados.

— Vire para cá — digo a ele. Quando Tommy fica de lado com as pernas perto do meu tronco, enfio minha mão em sua cueca e passo o polegar sobre a cabeça lisa de seu pênis ereto. Ele para de me chupar e levanta a cabeça. Quando penso que algo pode estar errado, ele tira a cueca. Seu pênis está solto e é uma bela vista.

Começo a acariciar o comprimento enquanto ele volta a me chupar. Meus olhos se fecham enquanto absorvo tudo. Seus lábios quentes ao meu redor. Eu coloco a mão em sua cabeça enquanto ela balança para cima e para baixo.

— Puta merda — sussurro roucamente. Guiando seus movimentos com a mão, balanço meu corpo no ritmo de seu movimento ascendente e descendente.

Meu corpo assume o controle e eu nem sequer penso em minhas ações quando tiro minha mão de seu pau e coloco meu dedo na boca para molhá-lo. Eu o lambuzo muito bem, em seguida esfrego o excesso de saliva em torno de seu ânus. Repito o processo, deixando-o mais lubrificado, depois deslizo a ponta do meu dedo dentro dele. Tommy não me impede; na verdade, isso apenas o excita ainda mais porque começa a chupar com mais força e rapidez. Eu paro de acariciar seu pênis e agarro seu cabelo, então empurro meu dedo para dentro dele, deslizando-o para dentro e para fora.

Ele solta um gemido quando chego à sua próstata. Usando a ponta dos meus dedos, eu massajeio em um movimento circular, em seguida deslizo outro dedo para dentro. Ele deixa escapar um estrondo gutural, que causa uma vibração em sua boca enquanto enfio os dedos inteiros e depois tiro novamente. Sua língua dá voltas ao redor da minha cabeça, então ele engole meu pau de novo até onde consegue alcançar.

Meus dedos bombeiam dentro dele. Estimulando, torcendo, virando. Eu continuo porque, considerando a maneira como seus olhos selvagens olham para mim, posso dizer que ele está gostando.

Quando levanta a cabeça, eu congelo pensando que fiz algo errado.

— Me foda, Wyatt — sua voz é rouca e afirmativa.

— Você tem... você tem certeza? — Ele imediatamente acena com a cabeça em resposta, então eu tiro meus dedos de dentro dele e estico o braço para tentar pegar minha calça do chão. Quando volto sem nada, ele começa a me procurar.

Eu observo atentamente enquanto Tommy se inclina sobre meu corpo, para o lado da cama, e pesca minha calça. Quando volta, ele a entrega para mim e eu tiro minha carteira do bolso de trás. Quando começo a vasculhar, ele acaricia meu pau novamente, me mantendo duro e pronto. Não que eu pudesse ficar mole com aquela bunda sexy e nua me chamando.

— Ok, deite-se de costas — digo. Assim que o faz, subo em cima dele com as pernas dobradas uma de cada lado.

Depois de rasgar a parte superior da embalagem com os dentes, cuspo para o lado sem saber para onde foi. Enrolo a camisinha e aperto a ponta, deixando um pequeno espaço. Meus olhos vasculham a sala em busca de algo que possamos usar como lubrificante, mas não vejo nada. Eu

sorrio de volta para ele, esperando não estragar o momento. Eu sei que tudo isso é novo para Tommy.

— Não fique com nojo, mas vou cuspir em você.

Ele me dá um olhar de preocupação, mas depois acena com a cabeça.

— Ok.

Curvo minha cabeça para baixo e cuspo diretamente em seu buraco, em seguida esfrego ao redor. A camisinha é lubrificada, mas é a primeira vez dele, então quero ter certeza de que não vai doer muito. Eu alinho a cabeça do meu pau com seu buraco e lentamente deslizo para dentro dele, observando sua expressão em busca de qualquer coisa que me diga que está desconfortável para ele. Seus dedos apertam o lençol com força ao seu lado, e Tommy se encolhe um pouco.

— Você está bem? — pergunto a ele, me afastando um pouco sem perder todo o progresso.

— Uhum — ele resmunga baixinho.

Eu penetro lentamente, dando-lhe apenas um centímetro de cada vez. Quando ele enrijece as costas, paro meus movimentos.

— Tem certeza?

Tommy acena com a cabeça, mas suas mãos amontoam ainda mais o lençol. Eu deslizo um pouco mais para dentro até que minha cabeça esteja totalmente dentro, e nós dois respiramos aliviados.

Seu corpo relaxa um pouco mais; seus dedos lentamente soltam o lençol e vão até minha cintura.

Ele é tão apertado e é tão gostoso dentro dele. Empurro mais fundo, procuro a melhor posição enquanto observo seu rosto.

Tommy move o corpo ligeiramente, me dando melhor acesso enquanto suas costas arqueiam para fora da cama. Continuo a empurrar para dentro e, quando ele treme de leve e solta um suspiro, sei que encontrei o ponto certo.

Eu posso senti-lo ficar um pouco tenso quando encolhe a barriga.

— Você está bem?

— Ummm. — Ele prende os lábios entre os dentes, mordendo-os com bastante força.

— Relaxe, baby. Só me diga se você quiser que eu pare.

Com meu pau totalmente dentro dele agora, começo a vibrar minha pélvis contra sua bunda enquanto pego seu pau em minha mão e meto com

força.

— Caralho! — ele berra. Seu corpo estremece debaixo de mim enquanto experimenta esse novo tipo de prazer. Um êxtase como nenhum outro. É seguro dizer que ele não está mais sentindo desconforto, então pego o ritmo. Empurro mais rápido e mais fundo. Sua bunda apertada engole meu pau e tenta me forçar para fora enquanto seus músculos se apertam firmemente em torno de mim.

Para mim, isso é muito mais do que sexo. É lindo e esclarecedor ver Tommy sair dessa concha em que ele se escondeu por tanto tempo. Não consigo evitar quando me inclino para frente e pressiono meus lábios nos seus. Gentilmente, com a boca fechada. Borboletas voam através de mim e meu coração dobra de tamanho. Seus olhos abertos encaram os meus, e não vejo um homem cheio de vergonha e arrependimento; eu vejo alguém cheio de esperanças e sonhos.

Minhas costas endurecem quando volto de joelhos, coloco uma de suas pernas sob meu antebraço e continuo a acariciar seu pau com minha mão livre. Apertando em torno de seu pênis, eu esfrego para cima e para baixo no comprimento enquanto me afundo dentro dele, atingindo um ponto que o deixa louco.

— Ah, Deus — ele geme, me excitando ainda mais enquanto levo nós dois ao auge de nossos orgasmos. Assim que gozo dentro da camisinha, seu esperma sai e continuo a acariciá-lo, lambuzando seu pênis enquanto deslizo meus dedos para cima e para baixo.

Meu pau se contrai dentro dele enquanto lentamente saio. Eu imediatamente tiro a camisinha e amarro a ponta dela.

Quando olho para ele, espero que sorria ou mostre algum tipo de sinal de que isso era tudo o que queria, mas em vez disso vejo aqueles olhos de arrependimento novamente. Isso faz meu coração cair no fundo do estômago.

Um passo para frente, dois para trás. Não era para ser assim.

— Tommy? — digo o nome dele como uma pergunta. — O que está errado?

— Há toalhas no banheiro. — Ele inclina a cabeça para o lado e aponta para uma porta aberta no cômodo.

Eu me afasto dele e saio para pegar uma. Jogo a camisinha em uma lata de lixo vazia, me sinto fraco e desequilibrado. À beira das lágrimas, porque não estou pronto para enfrentar o que vai ser jogado contra mim

quando eu voltar para o quarto, lavo as mãos e pego uma toalha de mão pendurada em um cabide, imaginando quanto tempo ela está ali sem uso.

Respiro fundo e volto para a cama onde Tommy ainda está totalmente nu, com uma poça de sêmen em torno de seu umbigo. Jogo a toalha em cima dele e fico ali esperando alguma coisa — qualquer coisa.

Quando ele apenas se limpa e não diz uma palavra, tomo a iniciativa de questionar.

— Você está bem?

— Estou — ele diz sem expressão.

A toalha cai no chão, mas ele ainda está lá. Suas pernas esticadas na frente e seus braços ao lado do corpo.

— Acho que não esperava gostar tanto. Estava meio que esperando que, ao tirar essa dúvida, você sairia da minha cabeça.

Eu rio, tentando aliviar a situação, embora não seja engraçado.

— Claro que você gostou. Como não gostar disso?

Ele sorri.

Finalmente. Ele sorri pra caralho.

Continuo:

— Quanto a ocupar espaço na sua cabeça, não sinto muito por isso porque você invadiu a minha também.

Eu me sento na cama. Meu corpo deseja deitar ao lado dele, sentir seus braços em volta de mim, mas sei que isso requer paciência. Em vez de forçá-lo ainda mais, pego suas roupas do chão aos meus pés e coloco em cima dele.

— É melhor irmos. Eu tenho que chegar à Magna Tech para que possamos começar a rastrear aquele telefone.

Ele acena com a cabeça, mas não diz mais nada. E, na verdade, eu não preciso que diga. Tommy vai se abrir mais quando estiver pronto. E estarei aqui esperando, o tempo que for preciso.

A batida de uma porta de carro faz com que ambos arregalem os olhos.

— Porra! — Tommy se levanta. — Vista-se agora!

CAPÍTULO 14

TOMMY

Tropeçando nas pernas da calça, eu finalmente as levanto. Meus olhos examinam a sala em busca da minha camisa. Porra. Cadê?

— Wyatt? — Marni grita do lado de fora. — Tommy?

Como diabos ela sabe que estamos aqui? Meus olhos disparam para Wyatt — arregalados e com raiva.

Aperto os dentes e murmuro:

— O que você fez?

Ele parece culpado e preocupado, então sei que foi ele quem a trouxe até aqui de alguma forma.

Wyatt joga minha camisa para mim, em seguida começa a puxar o zíper de sua calça. Passo os dedos pelo meu cabelo, tento domar os fios soltos que caem descuidadamente sobre minha testa. Dou uma olhada em Wyatt e me certifico de que ele está decente antes de pegar na maçaneta. Pronto ou não.

Assim que abro a porta, dou de cara com Marni, que está com as mãos na cintura e uma careta no rosto.

— Que diabos você está fazendo aqui, Marni? — Meu coração bate forte no peito e minhas palmas estão suando como nuvens de chuva.

— Eu poderia perguntar a vocês dois a mesma coisa! — Ela aponta entre mim e Wyatt. — O que significa isso?

— Bem, eu não vou matá-lo, se é nisso que você está pensando! — Passo por ela e entro na cozinha para evitar que Marni veja a apreensão que está estampada em meu rosto.

— Você está bem? — eu a ouço perguntar a Wyatt.

Suas vozes chegam à cozinha enquanto fico lá com as palmas das mãos pressionadas contra o balcão.

— Eu estou bem. Por que você veio aqui?

— Porque você nunca me ouve. E quando notei que sua localização apareceu, imaginei que você fez isso porque precisava de ajuda.

— Está tudo bem. Você sabe de algo que eu não sei? Porque está agindo muito estranha ultimamente!

— Marni! — eu grito. — Posso falar com você? Sozinho.

Uma vez que ela vira no corredor, eu aceno em direção à porta.

— Lá fora.

Ela revira os olhos, mas seus pés se movem e eu sigo atrás dela.

— Você se importa em me explicar o que diabos está acontecendo?

— Eu saio e fecho a porta.

— Estava preocupada com ele.

— Ok — eu aceno —, então você decide seguir a localização e dirigir por uma hora só para ter certeza de que ele está bem?

— O que está acontecendo com você ultimamente, Tommy? Você está péssimo e essa vingança contra Wyatt está saindo do controle.

Agarro-a pelo braço e aponto para a tatuagem em seu pulso.

— Está vendo isso? É um maldito juramento. Um pacto que você fez. Então deixe-me perguntar novamente: o que diabos você está fazendo aqui?

Ela puxa o braço para trás e rosna:

— Ele é meu melhor amigo! Não vou deixar você machucá-lo.

— Você deixaria ele me machucar? Ou Talon? Ou Lars e Willa? Hein? Responda isso.

Ela balança a cabeça.

— O quê? Não! Claro que não.

— E o que te dá tanta certeza de que ele ainda não fez isso? Pode ter sido Wyatt quem atropelou o Josh. Ele poderia saber o que todos nós estivemos fazendo esse tempo todo. Como você sabe que pode confiar nele?

Não acho que Wyatt saiba nada disso nem que esteja atrás de nós, mas ainda não tenho 100% de certeza de que posso confiar totalmente nele. Ainda há tantas perguntas sem resposta.

— Porque eu o conheço.

Inclino minha cabeça para o lado e a pressiono ainda mais.

— Se vocês dois são tão próximos, por que ele não foi até você e disse que viu Josh na rua naquela noite?

— Não sei. Talvez ele esteja com medo. Mas sei que não tentaria incriminar nenhum de nós. Ele nunca faria isso.

— E como você sabe? — Continuo cavando e cavando, porque a verdade é que ela não sabe. Nenhum de nós sabe.

— Porque Wyatt me ajudou. Lembra quando roubei o telefone do Talon? Eu peguei para que pudesse ver o que ele estava fazendo. Wyatt me ajudou a baixar as informações do aparelho. Ele nunca fez perguntas e nunca contou a ninguém. Sei que posso confiar nele.

Levanto uma mão para interrompê-la.

— Espere um minuto. Você contou a ele, porra?

— Não. Eu não contei nada a ele. Wyatt não se preocupou em perguntar porque não queria fazer parte do que quer que eu estivesse fazendo. Ele sabia que envolvia todos vocês e não queria você na cola dele ainda mais do que já estava.

Pressiono meus dedos juntos, os mantenho contra o rosto e penso. Eu sei que não há nada contra Wyatt. Era apenas mais fácil encontrar um motivo para odiá-lo, então não precisaria me concentrar no quanto realmente não o odeio. Como ele faz meu coração bater mais rápido e minhas pernas ficarem fracas. Como apenas estar na mesma sala que ele me dá uma sensação de contentamento — agora mais do que nunca.

O telefone de Marni apita em sua mão, ao mesmo tempo que o meu vibra no bolso. Ela olha para a tela e depois para mim enquanto pego o telefone.

— Quem é? — pergunto a ela.

— Não sei. E o seu?

Abro a mensagem e é uma imagem que está sendo baixada.

— É uma foto de um número não identificado. O sinal é ruim aqui. Não tenho certeza se vai baixar. — Seguro meu telefone no ar e tento obter um sinal melhor.

— Também recebi uma foto.

Eu me inclino para frente, para dar uma olhada melhor no telefone dela, e é a mesma coisa.

— Wyatt! — eu grito. — Vem aqui.

Três segundos depois, ele sai pela porta com o celular na mão.

— Entre no carro. Temos que dirigir pela estrada para conseguir um sinal de telefone.

Todos nos amontoamos em minha caminhonete e dirigimos cerca de oitocentos metros, quando Marni me para.

— Está carregando.

— O que está carregando? — Wyatt pergunta do banco de trás.

Nenhum de nós responde porque, seja lá o que for, é possível que seja algo que ele não pode saber.

Olho no espelho retrovisor e percebo o rosto de Wyatt de repente tão branco quanto um fantasma.

— Qual o problema, cara? — pergunto.

Seus olhos arregalados encontram os meus e seu queixo cai.

— Uhm, nada não — ele mente. Eu sei que está mentindo.

— Tommy. Encoste — Marni exige. — Você não vai acreditar nisso, porra.

Desvio para o lado da estrada. Nem mesmo estaciono antes de abrir meu telefone de volta.

— Puta merda! Quem mandou isso?

Wyatt se inclina para frente e tenta dar uma olhada no meu celular, mas eu o viro no meu colo.

— Se for uma cópia da certidão de óbito do Josh, você não precisa esconder de mim. Eu também recebi.

Meu pé pisa no freio enquanto viro para estacionar. A parte superior do meu corpo se vira rapidamente para encarar Wyatt no banco de trás.

— Do que você está falando?

Afundado para trás, ele fica com o rosto ainda mais pálido do que quando eu o vi pelo espelho retrovisor.

— Ah, mensagem errada. Não importa, não ligue pra mim. — Ele tenta jogar como se eu não tivesse ideia do que está falando. Ou pelo menos faz parecer assim porque está escondendo alguma coisa.

— Por que você receberia uma mensagem com o atestado de óbito de Josh Moran?

— Tommy, pare com isso. Precisamos descobrir — Marni diz pouco antes de seu telefone começar a tocar.

— É o Talon. Alô — ela atende no mesmo fôlego. Eu a observo atentamente enquanto fala. — Eu sei. Eu sei. Nós também recebemos. E, ao que parece, Wyatt também. — Ela olha por cima do ombro. Os olhos de

Wyatt desviam dos dela para os meus. — Logo estaremos aí. Bem, cerca de uma hora. Ok. Também te amo. — Ela encerra a ligação. — Todo mundo recebeu.

Ainda observo Wyatt, procurando algo que me dê uma ideia do que ele pode estar sentindo. É culpa? Ele está com medo?

— Droga. — Ele bate as mãos nas pernas. — Desculpa, gente. Isto é culpa minha.

Marni e eu trocamos um olhar.

— Continue — eu digo a ele.

— Aconteceu uma coisa. Eu deveria ter dito antes. Fui à polícia. Droga, nem sei. Mas isso não tem nada a ver com todos vocês. É porque eu vi Josh na noite em que ele foi morto e acho que alguém sabe disso. E agora arrastei vocês para a minha merda. — Ele passa as mãos sobre rosto e esfrega agressivamente as têmporas.

— Está tudo bem, Wyatt — Marni fala, enquanto estica o braço para trás e coloca a mão na perna dele. — Apenas nos conte tudo.

Isso está realmente acontecendo? Estamos finalmente obtendo as respostas que procuramos há tanto tempo?

Wyatt levanta a cabeça e seus olhos vão de mim para Marni.

— Foi uns dois dias antes do Halloween. Eu estava dirigindo pela rua, bem rápido, e vi algo; na frente da sua casa, na verdade. Eu diminuí um pouco a velocidade para dar uma olhada e percebi que era uma pessoa. Parecia que alguém o havia atingido, passado direto por cima de seu corpo e o deixado lá. Então eu vi o rosto dele. Foi muito confuso, mas sabia que era Josh. Entrei em pânico e fui embora. Eu deveria ter parado e pedido ajuda, mas estava preocupado que a culpa fosse colocada em mim. Então continuei e o deixei lá.

O medo toma conta do rosto de Wyatt. Seus olhos ficam úmidos enquanto ele funga.

— Voltei no dia seguinte e ele não estava mais lá. Achei que alguém o tivesse encontrado. Passados alguns dias, ele foi dado como desaparecido e, uma semana depois, encontraram seu carro. Eu não sabia o que diabos estava acontecendo. Mas então ele foi encontrado no porão do pastor Jeffries. Presumi que ele o matou e armou tudo isso. Talvez Josh fosse uma de suas vítimas e planejasse chamar a polícia. Merda, eu não sei. Wyatt esfrega as palmas para cima e para baixo na calça e posso dizer que está muito nervoso.

— Ok. Então, o que faz você achar que o pastor sujo não o matou?
— Marni pergunta.

— Recebi um bilhete. Achei que fosse do Tommy, mas ele jura que não, então pensei que talvez fosse de alguém que sabia que passei na frente da sua casa na noite em que Josh foi atropelado.

Marni me questiona com os olhos. Eu levanto as mãos em sinal de rendição.

— Não fui eu.

Wyatt continua:

— E agora essa mensagem. Alguém deve ter feito isso, porque o pastor com certeza não está enviando mensagens do túmulo.

— Wyatt, não é...

Levanto a mão, impedindo Marni de falar demais.

— Não. Não o envolva mais do que é necessário.

Suas sobrancelhas se juntam e posso dizer que ela está ficando chateada.

— Você ainda não consegue enxergar que podemos confiar nele?

— Isso não tem nada a ver com confiança. Não quero que ele seja arrastado para esta confusão mais do que precisa. Saber demais pode colocá-lo em perigo.

Wyatt se inclina para frente no espaço vazio do carro.

— Do que vocês estão falando? Tem mais alguma coisa que não estão me contando?

— Isso é o que eu vou descobrir — digo a ele. — Apenas fique quieto e não chame atenção para si mesmo. Precisamos levá-lo de volta a Redwood, para que você possa ir à Magna Tech e encontrar a sala de controle para rastrear o telefone.

Marni olha para mim com perplexidade.

— Você acha que as coisas estão conectadas?

— Eu apostaria minha vida nisso. É muita coincidência para não ser.

— Alguém precisa me dizer o que diabos está acontecendo! — Wyatt berra entre nós.

— Só não diga nada. Não envolva a polícia. Não mencione isso a ninguém.

Pego meu telefone e leio o atestado de óbito.

— Positivo para metanfetamina? Possível homicídio? Que merda!

Josh usava drogas?

— Ah, meu Deus — Wyatt engasga e cai para trás no assento. — E se pensarem que o matei? Estou acabado. O que diabos eu faço?

Tento acalmá-lo enquanto procuro me tranquilizar ao mesmo tempo.

— Nada. Você não faz nada. Me deixe cuidar disso. Como eu disse, fique quieto e não fale nada. Estou falando sério, Wyatt. Você não pode dizer uma palavra a ninguém sobre isso.

Com os dedos segurando os dois lados da cabeça, ele acena.

— Ok.

— Vai ficar tudo bem, Wyatt. Esses caras sabem o que estão fazendo — Marni promete.

Mas será que realmente sabemos o que estamos fazendo? Porque, na maioria dos dias, sinto que estou apenas improvisando essa merda. Eu tenho um plano, no entanto. Se tudo correr bem, podemos ter respostas mais cedo do que todos pensam.

Uma coisa é certa: Wyatt não matou Josh. Mas alguém o fez, e esse alguém sabe muito bem que não foi o pastor Jeffries.

Vamos apenas esperar que ele não esteja tentando culpar Wyatt.

CAPÍTULO 15

WYATT

Está tudo vindo à tona. Por quatro meses e meio, sofri por ter visto Josh. Ele estava lá, depois já não estava. Meio que desapareceu sem deixar rastros. Quando a foto dele começou a aparecer em todos os postes de luz da cidade, com “DESAPARECIDO” em letras grandes e em negrito, eu sabia que ele não estava realmente desaparecido, mas que estava morto.

O que eu nunca poderia ter previsto foi a reação que recebi de Marni e Tommy. Como se eles não estivessem surpresos. Claro, eles ficaram surpresos ao receber a mensagem, mas quando contei minha parte nisso, permaneceram calmos — calmos demais.

— Tenho que correr para dentro e trancar o lugar antes de voltarmos para Redwood — Tommy me diz enquanto sai pela porta do lado do motorista.

Marni abre a porta da frente, eu saio do banco de trás e ocupo o lugar dela. Abro a janela, então seus braços pressionam o peitoril. Ela parece exausta apenas por causa daquele breve ataque de estresse.

— Por que você não volta comigo? Acho que precisamos conversar sobre isso — ela sugere.

Falar sobre isso com Marni é a última coisa que quero fazer. Esse segredo pode ter sido exposto, mas há mais de onde ele veio. Se ela soubesse o resto da história ou de quem eu estava tentando escapar naquela noite, nunca mais falaria comigo.

— Na verdade, vou voltar com Tommy. Ele e eu também temos algumas coisas para discutir.

— Tem certeza? Ele não é seu maior fã, Wyatt. Ainda não confio em tudo o que ele planejou.

Coloco a mão em cima da dela, tento tranquilizá-la de que vou ficar bem.

— Posso parecer um cagão, mas sei cuidar de mim.

Ela ri.

— Tudo bem. Estou a uma mensagem de distância e irei na mesma direção, se você precisar de mim. — Ela joga o polegar por cima do ombro.

— Eu só tenho que usar o banheiro antes de pegar a estrada.

Dou a Marni um aceno de cabeça e observo enquanto ela se afasta.

Tommy disse que está cuidando das coisas. Não tenho ideia do que isso significa, mas não tenho escolha agora a não ser confiar nele e manter minha boca fechada, como ele disse.

Abro a mensagem de texto no meu telefone novamente e leio o atestado de óbito. Possível homicídio. Isso significa que o caso será reaberto, e a investigação, retomada. Mesmo que os policiais já tenham presumido que foi um assassinato/suicídio em nome do pastor, tenho certeza de que estão trabalhando em um cronograma. Talvez o pastor tenha batido nele e o matado. É possível, e só espero que isso tenha mesmo acontecido. Caso encerrado. Todo mundo segue em frente. Mas sabemos que não será tão fácil.

Minutos depois, Marni sai do chalé e Tommy a segue. Ele abre a porta e pula para dentro.

— Tudo bem, vamos dar o fora daqui. — Tommy coloca a caminhonete em movimento e segue pela entrada que acabamos de subir.

Eu nem sei por onde começar aqui. Eu falo sobre nós e o que aconteceu naquele chalé? Ou vou direto para a situação com Josh?

Tommy começa a falar, decidindo por mim.

— Tem mais alguma coisa que você não me contou? Alguma coisa que eu deva saber antes de tentar descobrir o que vamos fazer a respeito dessa mensagem?

Balanço a cabeça, negando em uma grandessíssima mentira.

Ele me olha de canto de olho e questiona minha resposta.

— Nada mesmo?

— Não que eu consiga pensar.

— Ok, comece do começo. Eu preciso saber tudo. Você dirigia pela rua da Marni; para onde estava indo? Melhor ainda, de onde estava vindo?

— Eu estava indo ver a Marni.

Ele me olha de forma estranha, como se eu tivesse enfiado um milhão de perguntas em sua cabeça.

— Espere. Você estava indo para a casa da Marni? A que velocidade você dirigia antes de vê-lo na rua?

— Não sei. Acho que estava no limite de velocidade. Por quê?

— Eu vou ser direto com você, Wyatt. Sabíamos que você viu Josh. Já sabemos há algum tempo.

Ele sabia? Eles sabiam? Horrorizado, eu me viro para encará-lo lentamente.

— O quê?

— Nada do que você disse foi uma surpresa. Sabíamos que você passou por lá.

— Marni também?

Ele pressiona os lábios e balança a cabeça.

— A porra da Marni sabia e nunca me contou?

— Mas só para você saber, ela não poderia dizer a você. Temos um pacto.

Eu posso sentir minha raiva aumentando a cada palavra que ele diz.

— E daí? Ela e eu somos amigos a vida toda. Marni poderia ter me contado. Alguém deveria ter vindo até mim. Eu tenho guardado isso por meses, por medo, e todo esse tempo vocês... o quê? Estavam me seguindo e tentando ver o que eu sei? Você deixou o bilhete, não foi? — Afundo mais no assento. — Eu sabia.

— Aonde você estava indo, Wyatt? — Sua voz é solene e desprovida de qualquer emoção. — Você está mentindo para mim.

— Já te disse. Eu ia ver a Marni.

— Você estava dirigindo a pelo menos cem quilômetros por hora, quando pisou no freio e parou por um segundo. É óbvio que você não ia diminuir para entrar na garagem dela.

— Que diabos importa para onde eu estava indo? Isso não é relevante. A questão é que vi Josh, e alguém deve ter recolhido o corpo pouco depois. Provavelmente aquele pastor.

— Se o pastor pegou o corpo, quem nos enviou essas mensagens? Hein? Quem te deixou aquele bilhete? Ele certamente não foi.

Tommy tem razão. Alguém sabe que eu estava lá. Provavelmente a pessoa que encontrou Josh e o colocou no porão do pastor.

— Para onde diabos você estava indo, Wyatt? — ele uiva. Os nós dos dedos ficam pálidos por causa do aperto firme no volante. — Apenas responda a maldita pergunta.

Caramba. Não posso dizer a ele de onde eu estava vindo ou para onde estava indo. Eu simplesmente não posso.

— Sei que você está mentindo para mim. Você tem dois segundos para me dizer a verdade ou eu mesmo chamarei a polícia.

Ainda assim eu não respondo. Não consigo.

Ele pisa no freio e meu corpo voa para frente. Isso tem acontecido com muita frequência.

Ele desfaz o cinto de segurança, se inclina sobre o console central e invade meu espaço pessoal.

— Aonde você estava indo?

— Eu estava emocionalmente perturbado, por causa de uma briga com alguém, e estava tentando ir para o mais longe possível. Ok?

— Então alguém estava te seguindo?

— Não. — Eu balanço a cabeça. — Pelo menos acho que não. Merda — passo as mãos pelo rosto —, eu não sei. Não posso dizer mais nada, Tommy. Isso vai me arruinar.

— Isso vai arruinar você? Se você estava fugindo de alguém, pode ter sido essa pessoa que atingiu Josh.

É possível, mas não provável.

— Quem era? — ele pergunta novamente.

Mordendo a unha do polegar, apenas balanço a cabeça. Não posso contar a ele; eu não vou.

— Tudo bem. Já vi que você não vai falar, mas me diga uma coisa... foi com Shane que você brigou?

— Não — digo rapidamente.

— Ok. — Ele acena com a cabeça. — Será que Shane sabe sobre essa briga?

— Não tem como Shane saber. Naquela época, Shane e eu só saíamos de vez em quando. Nem nos falávamos com tanta frequência.

— Você ficaria surpreso com o que as pessoas nesta cidade sabem.

— Bem, há uma solução fácil. Rastrear a mensagem que acabamos de receber no meu telefone.

— Nós podemos tentar. Mas algo me diz que essa pessoa é muito mais inteligente do que acreditamos.

Continuamos a dirigir em silêncio. Eu em meus pensamentos, Tommy nos dele. A placa Bem-vindo a Redwood aparece e parte de mim gostaria que pudéssemos voltar àquele momento no chalé e ficar nele para sempre.

À medida que nos aproximamos cada vez mais da escola, onde está meu carro, as perguntas que quero fazer se misturam na minha cabeça.

Como vai ser agora? O que acontece depois? Você se arrepende do que fizemos?

Descemos a estrada para a escola e olho para Tommy, que faz o mesmo comigo.

— O quê? — pergunta. É o que sempre diz quando me pega olhando para ele. Tommy não é de guardar o que está pensando, a menos que se trate de assuntos pessoais de seu coração e mente. — Por que você está olhando assim para mim?

— Só estou me perguntando o que está rolando entre nós. Eu ainda sou um inimigo?

— Você está se movendo lentamente para fora do território inimigo, mas quanto a nós não há nada. Preciso de tempo para resolver essa merda na minha cabeça. Provavelmente não deveria ter deixado as coisas chegarem tão longe.

— Então você se arrepende?

A caminhonete dele para ao lado do meu carro, que está sozinho no estacionamento. Tommy aperta o botão de destravar, em seguida balança os pulsos sobre o volante enquanto olha para a frente.

— Não, sem arrependimentos. Não dessa vez.

Algo faz cócegas no interior do meu estômago, subindo até o coração. Eu não posso nem tentar segurar o sorriso que levanta minhas maçãs do rosto até as pálpebras. Agarro a maçaneta e abro a porta.

— Até amanhã.

Ele não diz nada, então saio e fecho a porta. Pela primeira vez em muito tempo, não preciso de uma resposta.



Chego na Magna Tech mais tarde do que planejei, vestindo minhas roupas de escola. Parecendo um adolescente acabado, chego lá para assumir o cargo de CEO e agitar as coisas. Provavelmente vou estragar tudo no

começo, mas eventualmente vou pegar o jeito. Qualquer outra pessoa aqui para este cargo provavelmente se vestiria bem, mas não sou um aspirante a CEO; eu sou apenas o cara que nasceu do fundador da empresa.

Olho em volta da entrada principal do prédio. É óbvio que foi projetado pelo meu pai. Piso de mármore branco, paredes de vidro, lustres elegantes pendurados no alto e claraboias no teto abobadado.

Já estive aqui algumas vezes, mas nunca me dediquei a aprender sobre o lugar. Achei que teria algum tempo antes de realmente me importar com a logística da empresa.

— Wyatt, como vai, querido? — Glenda, da recepção, pergunta enquanto ando casualmente até ela com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Tudo bem, obrigado. Meu pai está por aí?

— Com certeza. Ele está esperando por você. — Glenda aperta um botão no telefone e o viva-voz liga. — Senhor McCoy, Wyatt está aqui.

— *Já era hora. Mande-o entrar* — ouço meu pai dizer do outro lado.

Ótimo. Eu já posso dizer que ele está de mau humor. Só preciso acabar com isso e descobrir como fazer para rastrear meu maldito telefone.

Sem pressa, arrasto meus pés pelo corredor, passando os dedos pelas paredes de vidro que cercam o lugar. Todo este edifício parece um desastre prestes a acontecer. Basta uma criança imprudente e todo o lugar pode entrar em colapso.

Paro na frente do escritório do meu pai e dou uma olhada no meu futuro. Um dia tudo isso será meu. As cortinas brancas estão bem abertas atrás da parede de vidro, então posso ver todo o espaço. Uma grande mesa fica em frente à janela, com vista para toda a cidade. Paisagem desértica ao longe, o sol se pondo atrás de nuvens brancas e fofas. Este não é exatamente o meu sonho, mas sei que tenho potencial para ser bem-sucedido aqui. É um bom salário e um trabalho do qual se orgulhar.

Meu pai sai de seu banheiro privativo e nota minha presença. Ele acena com a mão e faz sinal para que eu entre.

Viro a maçaneta das portas francesas de vidro e, antes mesmo de fechá-las, ele começa a me atacar.

— Jesus, Wyatt. A escola terminou há uma hora e meia. Onde diabos você estava? — Ele me olha de cima a baixo, observando meu traje. — Você com certeza não está vestindo algo mais apropriado para um novo CEO.

— Desculpa, pai. Eu, uhm, tive uma sessão de tutoria da qual havia me esquecido.

Ele aperta um botão em seu telefone, semelhante ao que Glenda tem na recepção.

— Glenda, mande Marty entrar.

Abotoando o paletó de seu terno de três peças, ele sai de trás de sua mesa.

— Marty será seu apoio. Ele meio que comanda o show por aqui. Vai mostrar onde será seu escritório e fazer um pequeno tour pelo prédio. Quando terminar, volte para o meu escritório e vamos repassar algumas coisas.

Parados ali sem jeito, esperamos por Marty. Meu pai começa a anotar algo em um bloco de notas e sei que é porque ele sente a mesma tensão que eu. Ele não demonstra bem as emoções e só trabalha, não se diverte.

— Tem notícias da minha mãe? — pergunto, tentando quebrar o gelo.

— Ela deve chegar este fim de semana.

Apertando meus lábios, eu aceno. Meus olhos percorrem o lugar, embora não haja muito para ver. Nenhuma foto de família, nenhuma obra de arte que possa dar a um estranho qualquer ideia de quem é Royce McCoy.

Alguns minutos depois, um senhor vestindo calça social azul-marinho e uma polo branca de três botões entra, e eu tenho vontade de abraçá-lo por me salvar dessa situação sufocante.

— Marty Jenson. Você deve ser o sr. McCoy Junior. — Ele estende a mão para mim e eu retribuo o gesto, dando-lhe um aperto firme. Uma coisa que meu pai sempre me ensinou é que você pode deduzir muito de uma pessoa pela maneira como ela aperta sua mão. Suave e rápido mostra intimidação. Firme e prolongado mostra autoconfiança.

— Prazer em conhecê-lo, Marty. — Ele solta minha mão primeiro, e meu pai me dá um olhar de reconhecimento.

— Tudo bem — Marty bate palmas —, vamos começar. Temos três meses para lhe ensinar os prós e contras deste lugar. Não há tempo a perder. — Ele olha para o meu pai. — Vou devolvê-lo em breve.

Sigo Marty para fora do escritório e, assim que as portas se fecham, ele dá um suspiro de alívio. Não tenho certeza se notou, mas eu percebi.

— É tão ruim assim, é? — pergunto-lhe.

Ele me olha de canto de olho e balança a cabeça.

— Seu pai é bom no que faz. E vamos parar por aí.

— Não precisa fazer rodeios; ele é brutal — eu rio.

— Não é mesmo? Ele é intimidador.

— Pior. — Eu rio. Acho que vou gostar desse cara. Ele é apenas cerca de dez anos mais velho que eu. Alto, esguio, de óculos e cabelo tão loiro que chega a ser branco.

— Tudo bem, Wyatt — fazemos uma curva e ele aponta para uma sala aberta e vazia —, este será o seu escritório.

Do lado de fora da parede de vidro, olho ao redor da sala. Não há muito para ver, mas a vista é a mesma do meu pai, então está bom para mim.

— Bem legal.

— É mesmo. Apenas algumas pessoas têm essa vista. Seu pai, você e a assistente dele.

— A assistente do meu pai tem um escritório legal assim. Você não se pergunta o que ela fez para merecer isso? — Balanço a cabeça com desgosto, porque sei exatamente o que ela fez ou faz. Posso estar seguindo os passos do velho, mas esse é um caminho que nunca seguirei. Eu nunca quero ser esse tipo de homem.

— Ah, tenho certeza de que você ouvirá os boatos eventualmente. — Ele fecha os dedos nos lábios. — Mas não de mim.

Marty termina de me mostrar os escritórios e, em seguida, visitamos algumas outras alas igualmente chatas, antes de descer para o nível inferior, onde a mágica acontece. Nós só vamos até a segurança, mas tudo bem, eu sei tudo o que preciso saber. É para cá que preciso vir quando voltar.

CAPÍTULO 16

TOMMY

Quando o sinal final toca, saio da aula antes de todo mundo. Normalmente fico um pouco e deixo os corredores esvaziarem, mas preciso chegar ao armário de Wyatt antes que ele vá embora. Empurrando a multidão de alunos que permanecem no corredor, vejo Shane. Parado exatamente onde eu pretendia ir — o armário de Wyatt.

Eu poderia me virar e ir embora. Deixá-lo ter esse tempo para tentar convencer Wyatt a voltar para sua cama, mas não o faço. Em vez disso, fico diretamente ao lado dele com as costas pressionadas no armário vizinho ao de Wyatt. Apoio meu pé atrás de mim, assumindo a mesma posição de Shane. Posso sentir seus olhos queimando no lado da minha cabeça e isso me faz sorrir por dentro.

— O que você está fazendo? — ele pergunta com desagrado em seu tom de voz.

Eu não olho para ele. Apenas fico ali de pé olhando para frente. Observando enquanto os alunos juntam seus pertences e vão embora.

— Esperando. A mesma coisa que você.

— Cai fora. Wyatt tem planos depois da escola que não envolvem você.

— Ah — eu rio —, e presumo que os planos dele sejam com você?

— Na verdade, são sim.

Algo corrói minhas entranhas e tenho vontade de virar, prendê-lo no armário e enchê-lo de ameaças, mas me contenho. Mantendo a calma, não reajo. Ele provavelmente está mentindo de qualquer maneira. Além disso,

terei meu momento com Shane onde ele sentirá toda a minha ira.

Wyatt vem andando pelo corredor em nossa direção e, no minuto em que ele nos vê parados ali, levanta as sobrancelhas. Seus livros pendem livremente de sua mão direita e eu observo tudo. Observo ele todo. Seus olhos castanhos cor de mel, seu cabelo desgrenhado que parece que ele teve um dia agitado, sua escolha de roupas que sempre achei sofisticadas demais, mas agora lhe caem bem.

— Uhm, isso é novidade. O que está acontecendo, pessoal?

Shane se afasta para que Wyatt possa abrir seu armário.

— Você sabe por que eu estou aqui. Já ele, não faço ideia do que quer.

Então não era mentira. Eles têm mesmo planos. Que diabos? Tirando meu pé do armário, tento dar uma olhada na expressão de Wyatt para ver se Shane está inventando essa merda. Mas ele evita olhar para mim e abre o armário, então coloca os livros na mochila.

— Preciso falar com você — disparo. Minha voz sai engasgada enquanto tento não mostrar o quão chateado toda essa situação me deixa. Ontem permiti que Wyatt me visse no meu ponto mais vulnerável. Eu dei a ele uma parte de mim que nem eu mesmo aceitei. Foi revigorante. Como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros e tudo começasse a fazer sentido. Ainda estou organizando as coisas na minha cabeça, mas de uma forma maluca isso me deu esperança. Uma razão para acreditar que não estou com defeito e que talvez esteja mesmo interessado nele. Talvez não. Eu estou. Claro e simples. Gosto dele. Pronto, falei.

Posso sentir a raiva crescendo dentro de mim, aquecendo minhas bochechas e perturbando meus pensamentos.

— Você se importa de ir dar uma volta, Shane? Você não é bem-vindo aqui.

— Cara, você é surdo? Eu te disse que Wyatt e eu temos planos.

Wyatt fecha seu armário e se vira para Shane.

— Planos, não. É só uma sessão de tutoria. Uma que eu não queria fazer porque sei muito bem que você não precisa de um tutor para álgebra do primeiro ano.

O rosto de Shane fica vermelho de vergonha. Ele está cursando álgebra como calouro no último ano? Eu quero rir, mas não faço.

Wyatt olha para mim.

— Me dá uma hora. É só o que ele tem direito. Posso mandar uma

mensagem para você quando terminar.

Olhando para Shane, eu fecho a cara.

— Não, eu volto em uma hora.

— Sêrio?

Os olhos de Wyatt se iluminam e seu olhar me oferece toda a garantia de que preciso, de que não há nada acontecendo entre os dois.

— Sim — aponto o polegar por cima do ombro —, estarei no estacionamento.

Ele sorri em resposta e então se afasta enquanto Shane segue atrás como um cachorrinho perdido, me fuzilando com os olhos a cada passo. Mesmo depois de passar por mim, ele me olha por cima do ombro. Eu sorrio de volta para Shane. Vou pegar leve. Até colocar minhas mãos nele.

Para usar esse tempo com sabedoria, acho que tenho que falar com os meninos. Não tivemos a chance de conversar ontem à noite, e eu realmente preciso ter certeza de que eles estão falando a mesma língua quanto ao meu plano.

Puxo meu telefone do bolso lateral da mochila e envio uma mensagem de grupo para Lars e Talon.

Eu: Encontrem-me em Briarwood o mais rápido possível.

Lars: Saindo da consulta médica de Willa. Estaremos lá em dez minutos.

Talon: Seu timing é péssimo!

Eu: Pegue ela por trás, assim você termina mais rápido!

Talon: Vai se foder.

Eu: Parece que a Marni já está dando um jeito nisso.

Lars: Vocês são tão imaturos.

Talon: Diz o papai.

Eu: Bum! Falou e disse.

Lars: Falando nisso, Willa quer um chá de bebê misto. Espero que vocês dois estejam lá. Duas semanas.

Eu: E você concordou com essa merda?

Lars: Tente discutir com uma grávida de sete meses. Eu que não vou.

Talon: Marni e eu estaremos lá.

Eu: Acho que vou. Tenho que dirigir agora. Vejo vocês em breve.

Quem inventou esse negócio de chá de bebê misto foi um cachorrinho dominado por bocetas. Mas, de qualquer forma, se eu concordar em participar significa que não sou muito melhor que eles.

Sete minutos depois de sair da escola, estou estacionando em Briarwood. Este lugar guarda tantas memórias. Boas e ruins. Houve um tempo em que era visitado apenas para nos divertirmos. Fumar maconha, beber cerveja e transar com garotas. Agora, só viemos aqui quando precisamos planejar a destruição ou esconder um corpo. Arrepios me percorrem com o pensamento. Há apenas quatro meses o corpo de Josh jazia no chão do porão, enrolado no cobertor da avó de Zed.

Tanta coisa aconteceu desde então.

Espero no carro até ver o piscar dos faróis se refletir no caminho de cascalho. Lars e Willa param primeiro, Talon e Marni seguem logo atrás.

Desligo o motor, pulo da caminhonete e fecho a porta.

— Ei, pessoal. Sentiram minha falta? — Jogo minhas mãos no ar.

— Quer saber do que eu sinto falta? Normalidade. — Lars segura seu telefone com o atestado de óbito de Josh na tela. — Isto é uma merda. — Ele fecha a mensagem e enfia o telefone no bolso de trás.

— Sim, uma merda. Algum palpite sobre quem a enviou? — pergunto.

— Eu tenho alguns — Talon entra na conversa e começa a contar nos dedos. — Zed. Zed. Ah, e Zed.

Balanço a cabeça em desacordo.

— Eu realmente não acho que foi ele.

Talon coloca um braço em volta da cintura de Marni e a puxa para perto.

— Ok então, qual é o seu palpite?

— Shane Velmont. Anderson Thorn, talvez? — Olho para Marni. — Desculpe, mas depois de tudo que fizemos com ele, é bem possível.

Ela revira os olhos e encolhe os ombros. Não quer concordar, mas no fundo acho que sabe que é uma possibilidade. Anderson é um homem inteligente e tem conexões. Pode muito bem ter sido ele.

— Mas minha aposta é em Shane.

— É porque você acha que é ele? Ou porque você quer que seja ele? — Marni pergunta. Ela me dá um sorriso estranho que me faz questionar o que está insinuando aqui.

— Por que eu iria querer que fosse ele? Não há ninguém que eu quero que seja.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Ah, não sei. Talvez porque seria uma chance de você se vingar dele por tudo o que faz para te irritar.

— Quem eu quero me vingar, vai receber a vingança porque merece. Não pela simples questão de que não gosto dele. Não gosto de muitas pessoas, mas isso não significa que eu saia por aí torturando-as ou intimidando-as. Shane é um idiota do caralho. Se ele fez isso, vai pagar. — Começo a sentir que estou ficando exaltado e tenho que respirar fundo algumas vezes para me acalmar antes de perder a cabeça.

Lars demonstra agitação.

— Tudo bem. Então qual é o plano? Está ficando tarde. Willa está com fome e não estamos chegando a lugar nenhum.

— Festa na sexta-feira, como planejamos. Tem que ser enorme. Vou aparecer com cara de bêbado e depois desmaiar... ou é o que todos vão pensar. Isso é tudo que eu preciso. Tem outra pessoa me ajudando com a outra parte das coisas.

Talon solta o braço da cintura de Marni e cerra os punhos.

— Como assim, alguém está te ajudando? — Ele dá um passo em minha direção. — Você envolveu um estranho nessa?

— Nada de estranhos. Ele é um de nós.

Lars se junta a Talon.

— Espere um minuto. Você andou conversando com Zed?

— Sem perguntas, lembra?

Talon solta uma risada vazia.

— Ah, já entendi. Você está do lado dele agora.

— Não sabia que estávamos em lados opostos. No mês passado, você o deixou ficar em sua casa para conseguir o que queria dele. Agora estou levando uma dura porque pedi ajuda a ele?

— Cara — Lars joga as mãos para o ar —, nós teríamos ajudado você.

— Eu precisava de alguém implacável. Você vai ter um bebê em breve. Talon ainda está se recuperando da vingança contra seu pai. Além disso, é uma boa oportunidade de vermos onde está a lealdade de Zed. Independentemente da merda que ele fez, ainda é um de nós. Tudo o que há no meio, lembra?

Talon varre o ar com a mão e volta para sua caminhonete.

— Que seja, vou dar o fora daqui.

Assim que chega do lado do motorista, ele grita:

— Farei sua festa porque sou um homem de palavra, mas não traga aquele idiota de volta para Redwood.

Marni levanta um dedo e grita para Talon:

— Espere um minuto. — Então sua atenção se volta para mim. — Tommy, posso falar com você um minuto?

— Sim, claro.

Lado a lado, nos afastamos de Lars e Willa e nos aproximamos do prédio.

— Eu sei que passamos por uma fase difícil por causa de sua vingança contra Wyatt, mas isso é passado, certo?

— Claro. Está tudo bem entre nós. — Eu bato a mão em seu ombro.

— Ok. Ótimo. Aproveitando, quero enfatizar isso o máximo possível: não o machuque, Tommy. — Sua expressão se torna solene e seus olhos suavizam-se à luz do sol forte.

— Os planos mudaram. Wyatt não é mais o problema.

— Não foi isso que eu quis dizer. Não o machuque, Tommy. E estou dizendo a ele a mesma coisa sobre você. Eu me importo muito com vocês dois.

Tentando entender o que Marni está dizendo, só consigo chegar a uma conclusão: ela sabe.

— Como você...?

— Dava pra ver. Você ficava falando merda pra ele, mas ele ainda te observava com olhos cheios de luxúria e o coração palpitante. E quando ele não estava olhando, mas eu estava, via a mesma reação da sua parte. Ah, e sem falar na camisinha recém-usada que estava na lixeira do banheiro do chalé ontem.

Passo as mãos pelo rosto e balanço a cabeça. Quando olho para cima, ela ainda está lá. Não correu e espalhou a notícia de que estou apaixonado por outro cara — e dormi com ele. Não está me envergonhando, me evitando ou virando as costas para mim.

— Não conte nada a ninguém. Ainda estou resolvendo tudo isso. Não sei que porra eu estou fazendo.

— Talvez você devesse parar de se esforçar tanto para — ela faz aspas no ar — “resolver isso” e apenas deixar as coisas acontecerem do jeito que deveriam. Todos nós amamos você, Tommy. Não importa por quem você tem sentimentos ou sente atração. Este grupo de amigos é o mais leal e incrível de que eu já tive o prazer de fazer parte. Um pouco confuso e bem louco, mas protegemos uns aos outros.

Eu a puxo para um abraço.

— Obrigado, Marni.

Quando nós dois recuamos, ela estende o punho, assim como eu e os caras sempre fazemos.

— Do início ao fim.

Eu bato em seu punho de volta.

— E tudo o que há no meio.

— Vocês dois poderiam encerrar esse pequeno momento que estão tendo aí? Eu tenho uma garota grávida que está com fome e, se não a alimentar nos próximos cinco minutos, todos vocês terão que esconder outro corpo, porque ela vai me matar no carro.

Marni e eu rimos enquanto voltamos para eles. Talon está de pé na porta da sua caminhonete, com as mãos penduradas sobre a porta aberta.

— Vamos, querida. Temos que terminar o que começamos.

Eu grito de volta:

— Sério, cara? Você tem que fazer isso? Ela é como uma porra de irmã para nós. Não precisamos saber dessas merdas.

No verdadeiro estilo Talon, ele me mostra o dedo do meio e então senta no banco da frente.

CAPÍTULO 17

TOMMY

Consigo voltar à escola com cinco minutos de sobra. “Back to Good”, do Matchbox Twenty, estoura nos alto-falantes enquanto bato o ritmo no volante. Meus olhos estão focados na porta enquanto espero Wyatt sair. Naturalmente, Shane estará em seu encalço, mas pegará seu rumo, então Wyatt e eu poderemos finalmente conversar.

Depois das minhas conversas com Madeline e depois com Marni, é como se tudo o que eu estava questionando ou lutando contra tivesse vindo à tona; em questão de dias, comecei a aceitar o que sempre soube ser verdade. É assustador, mas também está me tirando da escuridão em que vivi por tanto tempo.

Há pouco tempo eu odiava Wyatt, ou pelo menos pensava que odiava. Agora sei que nunca o odiei; eu só estava com medo de não odiá-lo. Também ajuda saber que ele não está de joguinhos com todos nós, espreitando para nos desmascarar por nossa participação no desaparecimento de Josh. Mas alguém está. Não há dúvida de que essa pessoa é quem atingiu Josh, perseguiu Willa e agora está provocando todos nós. Essa pessoa sabe muitos dos nossos segredos, que precisam ser silenciados.

As portas se abrem e eu me endireito no banco, depois abaixo o volume no volante. Como esperado, Shane sai ao lado dele. Eu esperava que Wyatt estivesse se apressando para fugir dele depois de passar uma hora torturante dando aula pra Shane, mas eles parecem estar rindo. Shane está falando com as mãos e diz algo que faz Wyatt se curvar de tanto rir.

Algo dói dentro de mim. Acho que eu pensava que, quando as coisas terminassem entre eles, terminariam mal. Talvez fosse apenas uma ilusão. Talvez Wyatt ainda tenha sentimentos por Shane.

Náusea se acumula no meu estômago com a ideia de eles voltarem a ficar juntos. Pensamentos irracionais giram em minha cabeça. E se Wyatt estiver protegendo Shane esse tempo todo? E se ele estiver brincando comigo? E se os dois estiverem brincando comigo?

Esses pensamentos irracionais e a náusea se dissipam rapidamente e são substituídos pela fúria. Um dos meus maiores medos é fazer papel de idiota. Desde criança, sempre estive em constante modo de defesa. Eu sou um ouvinte, não um falante. Raramente baixo a guarda. Nunca deixo ninguém me ver vulnerável — na verdade, prefiro trazer à tona a vulnerabilidade dos outros. Matar ou morrer.

Mas mostrei a Wyatt um lado meu que eu nunca quis, e a ideia de ele usar isso contra mim me faz apertar os dedos ao redor do volante com tanta força, que minhas palmas começam a queimar.

Wyatt percebe meu olhar e acena para Shane, que olha em minha direção e faz cara feia enquanto Wyatt se dirige para a minha caminhonete. Clico no botão de destravar, para que ele possa entrar, mas vem para o lado do motorista.

Abro a janela, respiro fundo e expiro lentamente.

— O que diabos foi aquilo?

— O quê? — pergunta. Ele se debruça sobre o batente da janela e eu luto muito para não notar o quanto está cheiroso.

— Você e Shane. Vocês pareciam bem amiguinhos agora há pouco.

— Ah — ele ri —, nós estávamos falando sobre quando fui a um de seus jogos e ele jogou uma bola curva e acertou Leon Michaels bem nas bolas. O cara é um idiota, mas tem um braço matador.

Eu não retribuo o sorriso que ele me dá com sua resposta. Em vez disso, minha expressão permanece séria.

— Eu pensei que vocês dois tinham terminado.

— Nós terminamos. Mas eu tive que dar aula pra ele hoje.

— É o que você diz.

— Espere um minuto. Você está com ciúmes? — Ele sorri.

— Claro que não, eu não estou com ciúmes.

Não estou mesmo. Nem um pouco. E daí se a ideia de eles se aproximarem novamente parece uma faca penetrando lentamente em minha

espinha? Shane é uma cobra. Wyatt pode não ver isso agora, mas ainda vai.

— Você vai entrar ou não?

— Você quer que eu entre? — Ele parece surpreso. Tenho certeza de que disse a Wyatt que queria conversar. Será que ele achava que eu só queria pegar a previsão do tempo para amanhã ou algo assim?

Consigo sentir minha agitação aumentando.

— Sim, eu quero que você entre. É por isso que estou aqui.

Ele parece um pouco surpreso.

— Ok. Não sabia. — Então contorna a caminhonete, abre a porta do passageiro e entra. — Desculpe fazer você esperar. Eu só soube depois do almoço que ia dar aula para ele. Tenho certeza de que Shane fez de propósito.

E agora me sinto um idiota.

— Não, tudo bem. Eu só sei que você não merece a merda que ele te fez passar, e ver vocês dois rindo me fez pensar... não sei. Deixa pra lá.

— Que íamos voltar? Não. Não há a menor chance disso.

Alívio toma conta de mim. Eu realmente deveria dar mais crédito a Wyatt. Ele é um cara inteligente. Reconhece um idiota quando vê um. Bem, exceto por mim. Mas gosto de pensar que sou a exceção.

— Então, como vai? Tudo ok? — ele pergunta.

— Sim. — Passo os dedos pelo cabelo, afastando-o da testa. — Não conversamos muito sobre o que aconteceu e sei que deixei as coisas no ar. — Eu me viro para olhar para ele e nossos olhos se encontram. Ele franze as sobrancelhas fofas, e seus olhos castanhos soltam faíscas nos meus.

— Entendo. Eu sei que você precisa de tempo. Não tenho problema em esperar até que esteja pronto.

— Você quer dar uma volta? — pergunto no impulso.

Ele sorri para mim.

— Com você? Sim.

Mudo de marcha, abro a janela e saio do estacionamento. Alguns minutos depois, estou voltando para Briarwood. Este é o único local em que consigo pensar onde podemos ter um pouco de privacidade para finalmente conversar. Porém, minha mente está em outro lugar agora.

— Sério? Este lugar me dá arrepios. Espero que você não esteja pensando em entrar lá.

Eu não respondo. Abro a porta e pulo para fora.

— Vamos — digo antes de fechá-la. Então ando a passos largos até

o hospício.

Wyatt segue atrás com a mochila jogada no ombro, mas não tem pressa em me alcançar. Não olho para trás, apenas subo os degraus de cimento de dois em dois e empurro a velha porta de madeira, deixando-a aberta atrás de mim.

Eu dou cerca de seis passos, me encosto contra a parede ao lado da porta e espero que ele apareça. Uma vez que seus pés tocam o chão, o agarro pelo braço, fecho a porta e o viro para que fique de costas para a parede. Então devoro sua boca com a minha.

— Você está me matando, Wyatt — murmuro em sua boca tentadora. Chupo seu lábio inferior, em seguida deslizo minha língua entre seus lábios. Ele tem um gosto tão bom.

Wyatt abaixa as mangas do cardigã, que fica pendurado em seus braços. Minha mão desliza por sua camisa e sobre a pele lisa de seu peito.

— Desde o vestiário, só consigo pensar nisso. Eu só quero isso.

— Eu só penso em você também.

Nossas bocas se reconectam e é tudo que eu quero e muito mais. Seu toque, seu cheiro, o nervosismo em sua boca enquanto mordisca o lóbulo da minha orelha. Querendo saber se vou atacar ou fazer uma birra. Eu não vou impedi-lo. Não dessa vez.

Dedos serpenteiam pelas minha calça e meu corpo reage com um arrepio. Os sentimentos que tomam conta de mim são diferentes de tudo que já senti em toda a vida. Mesmo na minha primeira vez, com Jackie Henderson, na nona série, quando gozei assim que meu pau deslizou para dentro dela. A estimulação por si só fez meu corpo sentir como se estivesse à beira de uma convulsão. Mas nunca me senti conectado a ela. Mesmo com o passar dos anos, quando eu a via no corredor.

O que antes era uma garota falante com seios grandes, que matava aula e fumava cigarros sob as arquibancadas durante os jogos de futebol, tornou-se a oradora da turma. Ela é a prova de que as pessoas mudam. Ou talvez não. Talvez apenas nos encontremos.

Arrepios caem em cascata pelas minhas costas e Wyatt engole todos os meus pensamentos, deixando-me com nada além de uma necessidade extrema de tocá-lo de volta. Abro seu cardigã completamente, pressiono seus ombros contra a parede e passo meus lábios por seu pescoço.

— Esse domínio que você tem sobre mim. Eu tenho sobre você? — Preciso saber. Eu perturbo o sono dele? Eu o acordo durante seus sonhos?

Assombro seus pensamentos?

— Você me domina há mais tempo do que estou disposto a admitir.
— Ele dá um passo para trás e olha para mim. — É tudo que eu sempre quis. Parece surreal.

Nossos lábios se chocam novamente. Desta vez, não há nada terno em nosso beijo. É desenfreado e urgente. As peças de roupa caem uma a uma e nossos lábios se separam apenas para puxarmos as camisas sobre nossas cabeças, então encontram o caminho de volta um para o outro.

Descendo juntos, Wyatt afoga uma camisa atrás de mim e deixo minhas costas caírem no chão frio e sujo. Seu corpo quente pressiona o meu, fazendo-me esquecer onde estamos. Não importa. Nada importa além disso — nós. Eu daria qualquer coisa para parar o tempo e viver este momento em que o mundo não existe lá fora. Ninguém para responder. Ninguém para quem colocar uma máscara. Com Wyatt, posso ser eu mesmo, e ele abraça tudo o que sou.

— Me desculpe — sussurro, minhas emoções levando vantagem sobre mim. — Me desculpe por ter sido um idiota com você.

Ele pressiona um dedo em meus lábios.

— Você não sabia.

Soltando o dedo, sua boca o substitui. Suave, sutil, agonizante.

Tudo o que quero é um banquete dele como se fosse minha última refeição. Eu quero que ele me mostre tudo. Eu quero tudo dele.

Seu pênis cava na dobra da minha coxa, então ele se abaixa e pega os nossos dois paus em uma de suas mãos. Depois os esfrega juntos. Acaricia para cima e para baixo enquanto sua pele macia se funde com a minha. Um gemido baixo sai de dentro de mim e se derrama em sua boca.

Corpo a corpo, nós deitamos lá. Minha pélvis treme contra seus dedos quando ele levanta o peito do meu e olha para a mão que nos segura. Seu polegar roça a cabeça do meu pau, pega uma gota de excitação e a usa como lubrificante.

— Eu quero mais — digo a ele. Seus olhos arregalados encaram os meus enquanto falo. — Eu preciso de mais.

— O que você quer? — sua voz é rouca e ele tem uma confiança que nunca vi antes. É sexy pra caramba vê-lo assumir o comando. Me ensinando coisas que ele já sabe.

— Eu quero te foder desta vez.

Ele parece surpreso, mas não diz nada.

— Ok. Eu tenho uma camisinha na mochila. — Ele se afasta de mim e estende a mão para pegar sua bolsa. Vasculha dentro e tira um preservativo em uma mão e um pouco de loção na outra. Então balança as sobancelhas. — É o nosso dia de sorte.

— Droga, eu tinha esperança de poder cuspir em você desta vez — provoco com um sorriso.

— Ah, tenho certeza de que você terá sua chance em algum momento.

Wyatt pega minha mão e esguicha um pouco de loção nas pontas dos meus dedos. Com a mão estendida, tento não espalhar a loção na minha pele.

Ele puxa a parte de cima da embalagem e rola o preservativo pelo meu pau. Uma vez colocado, seus lábios pressionam os meus rapidamente antes de ele me pegar pela mão e me colocar de joelhos. Seu corpo se vira e ele fica de quatro na minha frente. Ainda estamos bem na frente da porta e a qualquer momento alguém pode entrar, mas isso não me impede.

Estou hesitante em fazer qualquer movimento. Isso tudo é tão novo para mim.

Eu alinho um dedo com seu ânus, mas tento não colocar qualquer pressão sobre ele. Sua cabeça vira para trás e Wyatt olha para mim.

— Bem como você faria com uma garota por trás — ele me orienta.

Ok. Eu consigo fazer isso.

Esfrego um pouco da loção em seu buraco, então mergulho dentro dele até a junta do meu dedo. Deslizo para dentro e para fora enquanto lentamente adiciono mais, até enchê-lo. Meu pau lateja com a necessidade de estar dentro dele. Para senti-lo em volta de mim enquanto enfio nele por trás.

Outro dedo se junta e desliza para dentro e para fora, esticando-o para o que está por vir. Ele começa a balançar para frente e para trás com a bunda levantada enquanto tenta me fazer atingir um certo ponto, e assim que o faço eu cutuco meus dedos nele. Wyatt solta um gemido baixo que faz meu pau tremer.

— Tudo bem, estou pronto — ele diz.

Puxo meus dedos e estendo a mão para Wyatt, que segura a loção. Ele esguicha um pouco na minha mão e eu esfrego para cima e para baixo na camisinha. Coloco minhas mãos escorregadias em seus quadris e me movo ligeiramente para frente; alinho a cabeça do meu pau com seu ânus e

deslizo para dentro. Ele não choraminga ou se mexe; em vez disso, empurra sua bunda para trás e pega mais de mim. Movendo-me para frente e para trás, eu dou a ele a parte rasa do meu pau, com medo de ir mais longe. Uma vez, tentei enfiar meu pau na bunda de uma garota e ela me deu um soco. Dizer que não tenho um pouco de trauma daquele momento seria mentira.

— Estou bem. Confie em mim — ele fala.

Empurrando mais fundo, minha pélvis atinge sua bunda. Lentamente, deslizo para dentro e para fora até entrar no ritmo. Então pego o ritmo. Wyatt cai sobre os cotovelos, com os braços abertos à sua frente. Sua bunda balança para frente e para trás contra mim. Ele é tão apertado, é o paraíso dentro dele. Eu posso sentir meu pau pulsar implacavelmente.

Com minhas mãos em seus quadris, consigo segurá-lo bem e enfio mais fundo. Vou empurrando mais rápido, até que estou batendo dentro e fora dele. Jogo a cabeça para trás e fecho os olhos, saboreando esse prazer intenso.

— Baby — ele geme —, você está indo bem demais.

Isso me dá a confiança de que preciso. Minha cabeça cai para frente, minha boca fica aberta enquanto aperto seus quadris com mais força e enfio nele por trás. Vibrando em sua bunda com estocadas rápidas e repentinas.

Wyatt chega para trás, agarra uma das minhas mãos e me puxa para frente. Meu peito pressiona suas costas enquanto ele deixa cair minha mão em seu pau. Continuo a fodê-lo enquanto o acaricio por baixo.

Soltando meus joelhos, fico de pé, encurvado com as pernas abertas em ambos os lados dele. Usando toda a força da parte inferior do meu corpo, eu rolo meus quadris em um movimento circular, sentindo cada parede em seu interior.

— Porra! — grito. — Eu vou gozar.

Assim que as palavras saem da minha boca, sinto que estou enchendo a camisinha. A eletricidade atinge cada célula do meu corpo enquanto me desmonto. Eu não paro. Continuo indo enquanto ele começa a rebolar contra mim. Momentos depois, seu esperma espirra por toda a minha mão. Continuo a acariciá-lo durante seu orgasmo, até que seu corpo estremeça.

Parando lentamente, solto seu pau e ele se vira. A camisinha está pendurada em mim, então eu a tiro e coloco ao nosso lado. Faço uma anotação mental para limpar a bagunça que acabou de sair dele.

Wyatt senta no chão na minha frente e se inclina para roubar um beijo antes de eu ir me limpar.

— Você foi incrível. Isso foi... incrível — ele diz.

Eu sorrio em resposta. Minha mente está se recuperando de todas essas emoções, me atingindo de uma só vez. Respiro fundo, me levanto e pego a camisinha suja. Eu nem coloco a roupa antes de ir procurar um lugar para jogar isso fora.

Há um saco de lixo preto que provavelmente está cheio de copos velhos, então eu o puxo para trás e coloco a camisinha dentro. Não há água encanada nem eletricidade, por isso saio pela porta dos fundos para mijar. O sol se pôs e o ar da noite está frio.

— Tommy? Cadê você? — Wyatt pergunta enquanto caminha pelo corredor. Eu dou uma sacudida e me viro. Ele empurra a porta de tela e fica ao meu lado. — Este lugar é assustador. Juro que acabei de ouvir alguém chorando. Nunca mais me deixe sozinho.

Eu rio.

— Provavelmente ouviu mesmo. Há rumores de que há uma garota que assombra este lugar.

Ele me agarra pelo braço e me puxa para perto.

— Pare com isso!

— Eu não estou brincando. Zed disse que a viu algumas vezes.

— Já chega. Roupas agora. Vamos dar o fora daqui.

— Sério? — Eu me viro para encará-lo. — Eu tinha esperanças de que pudéssemos ficar por aqui.

— A noite toda? — Sua cabeça balança em desacordo. — Eu adoraria passar a noite com você, Tommy. Mas hospícios mal-assombrados meio que passam dos limites.

Eu o puxo para perto, nossos corpos nus pressionados um contra o outro.

— Já que você me ensina novas experiências, é justo que eu retribua o favor. — Minhas mãos sobem e descem em seus braços, causando arrepios.

Ele arregala os olhos de surpresa e franze a testa.

— Você está falando sério?

— Muito sério.

Ele deixa cair a cabeça no meu ombro.

— Tudo bem então. Acho que é justo.

— Vamos. — Eu o pego pela mão e o puxo de volta para dentro.

Nos limpamos e nos vestimos — eu sem camisa porque a minha foi usada como tapete — então corro para minha caminhonete para pegar um cobertor no banco de trás, que está lá desde que tirei carteira. Durante minha busca também encontro um moletom, que visto.

Assim que volto para dentro, subimos para o cômodo mais confortável deste lugar. Nada neste edifício oferece conforto, mas os caras e eu passamos muito tempo nesta sala. Há um cobertor sobre a janela e algumas lanternas de butano. As paredes estão cobertas de obras de arte. Alguns podem chamar de pichação ou vandalismo; eu chamo isso de arte. Não importa onde a imagem é pintada, é a história por trás dela que importa. Pode ser na lateral de um prédio, embaixo de algumas arquibancadas ou na parede do quarto de um cara que você está tentando tirar da cabeça — arte é arte.

— Nós vamos mesmo dormir aqui? — Wyatt pergunta enquanto observa os arredores.

Com as duas pontas do cobertor em minhas mãos, eu o levanto e deixo cair no chão.

— Sim.

— Sabe, eu posso pagar um hotel se você quiser passar a noite comigo. Não há necessidade de acordar os espíritos deste lugar. Eles podem ficar chateados por estarmos na casa deles.

Eu dou risada.

— Que nada, eles não se importam. — Observo enquanto ele fica ali, sem saber se realmente quer ou não fazer isso. — Venha pra cá. — Dou um tapinha no cobertor, ao lado de onde estou deitado.

Ele fica de joelhos e finalmente cai ao meu lado. Com o cotovelo pressionado no chão e o punho sob o queixo, estamos cara a cara. Eu coloco a mão em sua cintura e o puxo para mais perto. Isso é o que eu queria. Apenas deitar aqui com ele e enredar-me em seus braços enquanto cavo em seu coração para descobrir o que o faz bater mais forte.

Quando parece baixar um pouco a guarda, ele se aproxima e me envolve com um braço. Seus lábios roçam suavemente os meus antes de ele aninhar sua cabeça no meu peito. Eu abaixo minha mão e a posiciono sob sua cabeça, puxando-o ainda mais para perto. E nós apenas ficamos deitados quietos nos braços um do outro.

— Podemos ficar aqui para sempre? — ele sussurra.

— Se ao menos isso fosse possível.

— O que vai acontecer quando formos embora? O que o amanhã nos reserva?

— Não tenho certeza. Acho que devemos levar um dia de cada vez.

Eu adoraria explorar isso ainda mais, mas tenho muito a descobrir. Falta muito para eu estar pronto para compartilhar isso com todos os outros.

No momento, é só entre nós.

Meus olhos lentamente começam a se fechar enquanto meus pensamentos parecem ficar cada vez mais distantes, quando de repente há uma pancada na janela. Nós dois nos levantamos e Wyatt grita.

— Puta merda! — Ele bate as mãos no peito. — O que é que foi isso?

O vidro da janela se estilhaça sob o cobertor preto, deixando cair lascas no chão.

Elas brilham na penumbra da lanterna e uma bola rola para longe da parede.

— Caralho! — eu resmungo. Tem alguém aqui.

Então me levanto do chão, fico de pé e corro para a janela. Eu me abaixo e pego a bola, que tem um bilhete amarrado com um elástico. Afastando o cobertor, tento dar uma olhada lá fora, mas está escuro e não vejo nada.

Eu deixo o cobertor cair de volta no lugar, então desenrolo o elástico antes de deixar a bola cair no chão.

— Quem quer que tenha feito isso é um excelente arremessador — Wyatt diz ao se juntar a mim.

Desdobro o pequeno papel branco e leio as palavras escritas em tinta preta, enquanto Wyatt paira ao meu lado.

Estamos brincando de esconde-esconde?

Eu te encontrei.

Sua vez.

Nós dois nos olhamos. Há medo em seus olhos e raiva fervendo nos meus.

Eu me abaixo e pego a bola. Pretendo guardar todas as evidências que aquele filho da puta nos deu.

— É melhor ele torcer para que eu nunca o encontre. Vou matá-lo.

— Talvez seja melhor irmos embora — Wyatt fala. — Meus pais estão fora. Podemos ir para minha casa.

— Não acho que seja uma boa ideia. Mas você está certo, é melhor sairmos daqui. Volto amanhã depois da escola e vasculho a área para ver se ele deixou alguma coisa para trás.

Wyatt puxa meu braço, ansioso demais para sair deste lugar.

— Vamos.

Eu sigo atrás dele, pegando o cobertor do chão enquanto saímos.

Quem quer que seja, está ficando corajoso. Espero que continue assim, porque eventualmente ele vai escorregar e eu vou acertá-lo... bem na porra da cabeça.

CAPÍTULO 18

WYATT

Arrastando meus pés, caminho do meu carro até a porta da frente da escola. Meus olhos varrem o estacionamento, mas não vejo a caminhonete de Tommy onde normalmente fica estacionada. Não me surpreenderia se ele faltasse hoje; ficamos acordados até bem tarde.

Meu coração palpita com as lembranças da noite passada. Foi tudo e muito mais. Meus lábios se curvam em um sorriso antes de sentir a força de um corpo me atingir. Eu olho abruptamente.

— Oi, Shay.

— Por que você está tão feliz? — ela brinca.

— Ah, nada.

Evito olhar para ela porque sei que vai ver mais da minha alegria e fazer ainda mais perguntas.

— Ninguém sorri do nada assim tão cedo. Pode ir contando.

Assim que as palavras saem de sua boca, vejo Tommy dirigindo pelo estacionamento. Sua janela está abaixada e o braço apoiado no para-choque. Ele olha para mim, depois para Shay.

Na tentativa de ler os pensamentos de Shay, eu a estudo.

— Por que você está olhando assim para mim? — Ela me cutuca.

— Seu esquisito.

Eu rio.

— Vi um sorriso crescer em seu rosto quando ele estacionou.

Eu realmente vi. Por mais que não queira admitir, acho que Shay gosta dele.

— Quem, Tommy? Não. Ele é fofo e tudo, mas foi só uma aventura passageira.

Entramos na escola e a conversa dos alunos me faz levantar a voz.

— Ah, é? — sondo, me perguntando se ela vai dar mais detalhes.

— Além disso, mesmo que eu estivesse interessada em um relacionamento, Tommy é muito fechado e pouco carinhoso.

Sinto um imenso alívio ao ouvi-la dizer isso. Eu teria sido o idiota que tentou fingir que minha melhor amiga não estava desejando o mesmo cara que eu. Infelizmente, isso não teria me impedido. Agora que essa coisa começou com Tommy, acho que nunca vou conseguir deixar acabar. Só espero que ele sinta o mesmo.

— É. Acho que você está certa.

Shay para no corredor. Bem na minha frente, e desta vez é ela quem está me estudando.

— Espere um minuto aí. Wyatt McCoy, você tem uma queda por ele, não é?

— O quê? — Faço uma careta. — De jeito nenhum! — Tento passar por ela para evitar que veja a mentira escrita em meu rosto. Se vir minha expressão, vai estar em letras maiúsculas com marca-texto, porque sou um péssimo mentiroso.

— Tem, sim!

Antes que eu possa responder, Tommy passa por nós. Ele está usando uma calça jeans preta de corte reto, com franjas penduradas nos joelhos; seus coturnos pretos de uso diário e uma camiseta preta justa com algum gráfico na frente que eu não entendi. Seu cabelo cor de areia está jogado para o lado, e as tatuagens em seus braços se flexionam com as veias enquanto ele caminha. Meu coração salta no momento que prendo a respiração, fazendo eu me sentir fraco enquanto um enxame de borboletas ataca meu estômago. Seu olhar segue por cima do ombro enquanto continua andando.

— Ei, Wyatt. — Ele sorri com um aceno, antes de se virar e continuar pelo corredor.

Esqueço completamente que Shay está aqui, e também todos os outros alunos. Por um segundo, éramos apenas eu e Tommy.

— Ah, meu Deus, Wyatt! — Shay dá um tapa no meu braço. — Desde quando Tommy te cumprimenta... e quando foi que ele começou a dar sorrisos assim para você? — Ela cutuca minha bochecha e eu afasto sua

mão.

— Você está delirando. — Continuo andando, enquanto ela segue e continua a me cutucar.

— E você tem um segredo.

Posso sentir minhas bochechas corarem. Não é constrangimento; é a fraqueza em meus joelhos e a tentativa de esconder tudo o que estou sentindo, mas no final das contas não consigo.

Chegamos ao meu armário e Shay ainda está falando.

— Ok, vou esquecer por enquanto, mas se há algo acontecendo entre vocês dois, então tudo faz sentido e definitivamente ajuda minha autoestima. Eu estava começando a achar que havia algo errado comigo.

— Por que você acharia uma coisa dessas? Você é perfeita, menina.

Dou um beijo em sua bochecha e continuo a descarregar minha mochila, jogando os livros na prateleira de cima do meu armário.

— Naquela manhã ele te levou para casa, ligou e cancelou nossos planos. Mandeí uma mensagem para ele mais tarde naquela noite e Tommy me respondeu explicando que não era eu, era ele. Eu nunca disse nada porque estava com vergonha, mas agora acho que sei por que ele fez isso. Realmente não era eu. Era ele, e talvez você.

Fecho meu armário, então Shay e eu caminhamos até o dela.

— Você vai encontrar alguém e, quando isso acontecer, saberá que é ele.

— É assim que você se sente com o Tommy? Você simplesmente sabe?

— Bem, é... — Eu paro. Quase me entreguei. Quase. Então rio. — Boa tentativa. Tenho que ir. Nos vemos na hora do almoço.



Já se passaram quatro dias, falta mais um para o fim de semana chegar. Fecho meu armário e me viro para encontrar uma Marni muito infeliz olhando para mim, a trinta centímetros de distância, com alguns papéis na mão.

— Uhm, ah, quem eu tenho que machucar? — provoco.

— É um pouco tarde para isso, o estrago já está feito. — Ela bate os papéis no meu peito. — Se importa de explicar o que diabos é isso?

Olho para os papéis. São fotos que parecem ter saído de uma

câmera de segurança de hotel. Um hotel que visitei há alguns meses. O pior é com quem estive. Envolto em seus braços enquanto nos beijávamos na frente do elevador. Olho para ela. Seus olhos se enchem de lágrimas que ameaçam transbordar.

— Marni, eu posso explicar...

— Meu pai! Sério, Wyatt? — Seus punhos plantam em meu peito continuamente. — Você estava tendo um caso com meu pai?

Agarro suas mãos para tentar impedi-la. Para tentar acalmá-la. Fazer alguma coisa, qualquer coisa.

— Como você pôde fazer isso? — Ela empurra os pulsos em um movimento rápido. — Há quanto tempo isso está acontecendo?

Eu não respondo. Apenas olho em seus olhos e espero que isso não seja real. Queria que não fosse. Mas é real, ela sabe.

— Quanto tempo? — ela grita ainda mais alto.

— Já acabou. Durou alguns meses, mas eu não o vejo desde antes do Halloween.

— E essas fotos. — Ela derruba os papéis da minha mão e eles caem em volta dos meus pés. — Quando foi isso? Onde?

— No final do verão passado. Fizemos uma viagem para Los Angeles.

— É por isso que você não foi à minha festa de aniversário, não é? Porque as coisas terminaram mal entre vocês dois. — Ela segura sua cabeça com as mãos. — Eu não posso acreditar nisso. O meu pai? Você? Ele é... gay?

Olho além de Marni e o vejo. Meu coração afunda na boca do estômago. Tommy está parado logo atrás dela. Ele se abaixa, pega os papéis e dá uma olhada neles antes de jogá-los de volta no chão. Depois segue pelo corredor sem dizer uma palavra, abrindo caminho pela multidão de estudantes que estão muito ansiosos para escapar deste lugar tanto quanto ele.

— Tommy! Espere! — eu grito. Tento caminhar atrás dele, mas Marni me impede.

— Ainda não terminamos.

Recolho as imagens e as amasso em uma bola.

— Onde você conseguiu isso?

— Estava no meu armário.

— Bem, alguém as colocou lá para tentar te machucar. Para tentar

me machucar.

— E daí? Você dormiu com meu pai, Wyatt! — Sua cabeça balança continuamente enquanto seu corpo inteiro treme. Suas bochechas estão manchadas de lágrimas, e a ponta do nariz, tingida de rosa. — Eu tenho que ir.

Assim como Tommy, ela vai embora. Eu não corro atrás dela. Em vez disso, abro os papéis e dou uma última olhada.

Isso já foi longe demais.

CAPÍTULO 19

TOMMY

Você está de sacanagem comigo? O pai da Marni?

Passos fortes me conduzem pelo estacionamento, me movo o mais rápido que posso. Minha mente está cheia de perguntas que não quero fazer, muito menos saber as respostas para elas.

Era de Anderson que ele estava tentando se livrar naquela noite? O Anderson faz mais parte disso do que pensávamos? Quanto tempo durou essa coisa entre eles? Ainda está rolando?

Abro a porta da minha caminhonete e pulo para dentro. Giro a chave e engato a marcha antes mesmo que o motor ganhe vida.

Um último olhar para a porta me faz gritar internamente por ter olhado para ver se ele estava correndo atrás de mim. Claro, Marni é sua melhor amiga e sua prioridade, e não o culpo por ficar por perto para tentar dar a ela uma desculpa esfarrapada de por que estava transando com o pai de quarenta anos dela.

— Porra! — grito, batendo as mãos no volante. Eu fui um idiota. Wyatt chamou minha atenção do nada alguns meses atrás e, toda vez que o via, ele roubava um pouco mais de mim. Até que eu dei tudo a ele. Baixei minha guarda, deixei-o entrar, e ele provavelmente estava fazendo piada pelas minhas costas com aquele homem adulto e experiente.

Ele é uma puta do caralho, é isso que ele é. E eu era só mais uma peça reserva enquanto sua peça principal estava viajando a negócios.

Sem destino em mente, continuo dirigindo.

Uma hora se passa e eu rodei a cidade inteira perdido em meus

pensamentos. Wyatt nem tentou me ligar. Por que ligaria? Ele já conseguiu o que queria.

Minha mente continua a correr desenfreada. Wyatt dirigiu pela rua de Marni logo depois que Josh foi atropelado, ou pelo menos é o que ele diz; afirma que estava tentando fugir de alguém. Agora sei que essa pessoa era o Anderson. Todos nós sabemos que Anderson estava lá.

Faço uma curva em U no meio da estrada, dirijo em direção a Briarwood. Preciso dar uma olhada no lugar, como planejei. Ver se consigo encontrar alguma coisa que a pessoa que jogou a bola ontem à noite possa ter deixado para trás.

É quase como se essa pessoa quisesse ser pega; não está mais sendo muito cuidadosa. Não me surpreenderia se deixasse outra pista.

Coloco a mão no porta-luvas, ele se abre e eu pego a bola da noite passada.

Quem jogou isso tem uma boa pontaria, para acertar uma janela tão alta na primeira tentativa.

“Estávamos conversando sobre uma vez que fui a um de seus jogos, quando ele jogou uma bola curva e acertou Leon Michaels bem nas bolas. O cara é um idiota, mas tem um braço matador.”

— É isso! Jogo a bola para cima e para baixo na minha mão. — *Porra, te peguei, seu filho da puta. Você pode fugir, mas não vai conseguir se esconder.*

Parece que minhas suspeitas estavam certas o tempo todo.

Pego meu telefone no banco e mando uma mensagem para Zed.

Tive meus palpites de que era Shane. Mesmo que não fosse, ainda preciso bater um papo com ele sobre conduta antidesportiva. Ele mexeu comigo pela última vez. Se quiser algum futuro nos esportes, vai me ouvir ou vou relatar o uso de esteroides a seu treinador. Sua bolsa de estudos irá pelo ralo mais rápido do que suas pílulas.

Eu: Ainda está de pé amanhã?

Ele não responde de imediato, então volto para a garagem. Não preciso mais ficar rodando por aí; já encontrei o que estava procurando.

Mas não vou para casa; em vez disso, vou para a casa do Talon. Há uma pequena chance de Wyatt vir me procurar e sei muito bem que ele não

ousaria aparecer aqui.

Verificando meu telefone antes de entrar, vejo uma resposta de Zed.

Zed: Tudo certo.

Quando entro, Marni está virada em lágrimas no sofá enquanto Talon a segura com força contra o peito. Fechando a porta silenciosamente atrás de mim, tento não incomodá-los, mas não adianta. Os olhos de Marni disparam para os meus.

— Dá para acreditar nessa merda, Tommy? Meu pai?

— É. É uma merda mesmo. — Não digo mais nada e realmente espero que Marni não tenha dito nada do que ela sabe sobre mim e Wyatt. Às vezes, as emoções tomam conta de nós e acabamos sacaneando as pessoas, mesmo sem perceber que estamos fazendo isso.

— Todas as vezes que ele passou a noite na minha casa. Quando acordava no meio da noite para usar o banheiro ou pegar água e demorava uma eternidade para voltar, aposto que ele entrava furtivamente no quarto do meu pai.

Levantando a mão, eu a interrompo não apenas para o bem dela, mas para o meu também.

— Não faça isso com você mesma. Por favor.

— Sinto muito... — ela começa, mas eu balanço minha cabeça negativamente. *Não diga nada. Por favor, pare de falar.* — É por isso que ele parou de ir lá em casa e sequer foi à minha festa de aniversário. Porque não suportava ver meu pai.

Presumi que esse lance entre Wyatt e Anderson ainda estava rolando. Eu estava errado? Dou um passo adiante na sala e faço a ela esta pergunta.

— Então, Wyatt te disse que o lance entre ele e seu pai acabou?

Ela bufa.

— Isso é o que ele diz. Pode ser mentira. Não sei mais em quem acreditar.

Também não tenho essa resposta. Aponto o polegar em direção à porta do porão.

— Willa e Lars estão lá embaixo?

— Sim, eles estão planejando o chá de bebê — Talon responde.

— Tudo bem. Vou deixar vocês dois conversarem. Grite se precisar

de alguma coisa. — Eu afago a cabeça de Marni enquanto passo.

Cada degrau que me leva para baixo parece cada vez mais pesado. Parece que aquela nuvem escura que pairou sobre minha cabeça por tanto tempo voltou. Achei que Wyatt havia me tirado da tempestade, mas no final ele apenas me empurrou ainda mais para dentro dela.

— Ei — digo enquanto caminho direto para o minibar. Tenho tentado parar de beber, mas vou abrir uma exceção. Pego um copo e abro a tampa da máquina de fazer gelo atrás do bar. Cavo a colher, coloco algumas pedras no copo e puxo a tampa de uma garrafa de vidro cheia de Bourbon.

— Você vai beber? São cinco horas da tarde em um dia de semana.

— Olha só, *pai* — ênfase —, não preciso de sermão. Meu dia foi uma merda.

Inclino o copo para trás, pego metade do conteúdo e saboreio a queimação que me causa. Mais alguns desses devem tirar Wyatt da minha cabeça durante a noite.

Vou até o sofá e me sento ao lado de Willa. Ela está com as pernas cruzadas e um caderno na mão. Espio por cima do ombro dela.

— O que é isso?

— Estamos fazendo uma lista de convidados para o chá. — Ela aponta para o meu nome com a caneta. — Parece que você foi convidado.

Suspiro com sarcasmo.

— Que sorte a minha.

— Se eu tenho que estar lá, todos vocês terão também — Lars retruca.

— Bem, posso dizer que essa será a primeira vez que vou a um chá de bebê.

Olho por cima do ombro dela novamente, procurando por um nome em particular.

— Talvez seja melhor riscar esse. — Aponto para o nome de Wyatt. — Marni não vai ficar muito feliz se ele for.

Willa ri.

— Wyatt é um de seus melhores amigos, é claro que ela gostaria de vê-lo lá.

Caio de volta no sofá e tomo outro gole.

— Vocês obviamente não estão sabendo.

Lars se aproxima para me ver melhor.

— Sabendo do quê?

— Marni acabou de descobrir que Wyatt está transando com o pai dela.

Viro minha bebida e deixo a última gota cair em minha boca, até que o copo fique apenas com gelo. Antes que qualquer um deles responda, estou de pé novamente para reabastecer.

Lars suspira.

— Não acredito.

Agarrando a garrafa, eu me sirvo de outra dose. Desta vez encho o copo até a borda.

— Pode acreditar. Ela está lá em cima encharcando o ombro do Talon.

— Bom, isso é péssimo, mas já concluimos que Wyatt é inútil para nós — Lars fala enquanto bate no caderno no colo de Willa. — Vamos terminar isso.

Contornando o bar, fico na frente do sofá onde eles estão sentados.

— Mas será que é mesmo? Pense nisso. Anderson também já fez parte disso. Talvez ele não tenha atropelado Josh, mas os dois estavam naquela estrada com poucos minutos de diferença. Estamos deixando passar algo aqui. Algo grande.

— Eu não sei, cara. Realmente acho que tudo é só coincidência.

Sentindo-me derrotado, caio de volta no sofá com minha bebida na mão. Havia outro carro naquela filmagem de merda, segundos antes de Wyatt. A única razão pela qual conseguimos distinguir o veículo de Wyatt foi por causa de suas calotas rosa neon.

Se Wyatt estava tentando fugir de Anderson, quem estava tentando fugir de Wyatt?

Tudo continua me levando para Shane. Posso sentir isso lá no fundo. Ele atingiu Josh — talvez tenha sido um acidente, mas entrou em pânico e continuou seguindo para que Wyatt não soubesse que ele estava lá. De alguma forma, Shane conseguiu fotos deles em um hotel. Devia saber que Wyatt e Anderson tinham um relacionamento, para bisbilhotar assim.

Alguém está mentindo e o tempo está se esgotando. Preciso chegar ao fundo disso antes que mais segredos sejam expostos e todos nós estejamos nadando em uma piscina de vergonha e humilhação.

CAPÍTULO 20

WYATT

— Oi, de novo — digo a Glenda. — Meu pai está por aí?

Já sei a resposta, mas para disfarçar me faço de bobo.

— Na verdade, ele saiu esta manhã para uma reunião em Washau. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Ah, droga. Eu tinha esperanças de encontrá-lo. Você já deve ter ouvido falar que vou me juntar à equipe logo após a formatura.

Seus olhos se iluminam quando ela começa a roer a ponta de uma caneta.

— Ouvi, sim! Estamos todos muito animados por você se juntar a nós. Acho que devo começar a chamá-lo de sr. McCoy agora, hein?

Eu rio.

— Não, por favor, não. Wyatt está ótimo.

Ainda não estou pronto para esse título. Preciso de mais alguns anos antes de responder a esse nome. Sr. McCoy é meu pai.

— Bem, ele sabe que eu viria hoje para dar uma olhada. Posso pegar um daqueles cartões de acesso?

— Claro. Deixe-me tentar ligar para o seu pai para pegar sua aprovação. Não quero perder meu emprego por entregar cartões para a pessoa errada.

— Ah, com certeza. Eu entendo totalmente. Mas, Glenda, sou eu. — Bato minhas mãos no peito. — Vou assumir o controle da segurança, sem falar da equipe. Eu poderia contratar e demitir qualquer um que quisesse, em um piscar de olhos. Não há motivo para incomodar meu pai,

não é?

Odeio ser essa pessoa, mas, se vou assumir o cargo de CEO, então é hora de começar a mandar por aqui.

— Vou precisar de acesso ilimitado também.

Seu queixo quase bate na mesa e presumo que ela percebeu meu tom proposital de indiferença. Meu pai não tem ideia de que eu viria hoje. Porém, mesmo que soubesse, questionaria por que preciso de um cartão de acesso. Ele é um homem inteligente e não hesitaria em me perguntar para que eu iria querer aquilo.

Existem alguns departamentos diferentes aqui e, embora a Magna projete os produtos, eles são fabricados em uma fábrica na Califórnia. De lá, são distribuídos para armazéns de todo o país, e a grande maioria também é enviada de volta para cá para verificações de qualidade e atualizações de software. Preciso entrar na sala de controle onde essas atualizações e verificações de qualidade ocorrem. A segurança é excelente aqui, mas com um cartão na mão e a cabeça baixa, consigo me misturar facilmente.

Ela puxa um cartão de uma gaveta e o segura embaixo de um scanner.

— Acho que posso deixar você passar desta vez.

— Agradeço, Glenda.

Ela me entrega o cartão, em seguida varre a sala com os olhos para se certificar de que ninguém está olhando, alguém que possa questionar sua decisão de me conceder acesso a todas as portas deste prédio.

— Devolva o cartão antes de sair, por favor. — Ela não está mais usando a voz doce que tinha quando me recebeu.

Quando concordei em fazer isso, foi pelo Tommy. Agora, é tanto para mim quanto para ele.

Tentando me lembrar das salas que vi em minha visita no início desta semana, ando rapidamente pelos corredores.

Saio da parte de escritórios do prédio e pego o elevador até o nível inferior, onde fica a sala de controle. É uma curta viagem antes de sair para um corredor escuro que tem câmeras em cada extremidade e portas com scanners na frente. Há uma placa acima de uma das portas que diz: somente pessoal autorizado. *Bingo* — esta é a minha sala.

Durante meu tour com Marty, aqui foi o mais longe que chegamos. Mas eu sei que a ação acontece por trás dessas portas.

Segurando meu cartão sob o scanner, espero que a luz pisque verde antes de girar a maçaneta. Eu entro, e não é nada como esperava. Uma parede de monitores ocupa um lado da sala, e uma porta interna com uma janela retangular de vidro fica do outro lado. Vislumbro homens andando ali dentro, e o equipamento que vejo me leva a acreditar que é aonde preciso ir.

— Com licença. Você não tem permissão para estar aqui — um senhor muito grande diz enquanto caminha em minha direção.

— Na verdade, tenho sim. Você tem alguma ideia de quem eu sou?

Droga, isso soou incrivelmente esnobe. Eu realmente odeio ter que usar essa carta, mas tenho que ser incisivo.

Ele agarra meu braço e começa a abrir a porta.

— Não estou nem aí para quem você é. Esta sala é só para a segurança.

— Se você quiser manter seu emprego, sugiro que tire suas mãos de mim agora mesmo.

— Ouça, garoto, apenas saia daqui antes que eu arraste sua bunda para fora. Facilite as coisas para você mesmo.

— A menos que queira que meu pai, Royce McCoy, seja chamado aqui imediatamente, você vai voltar para aquela cadeira e observar aqueles monitores, que é o que é pago para fazer.

— Wyatt? — ele diz meu nome em tom de pergunta, como se tivesse ouvido falar de mim. Claro que sim. Meu pai está sempre falando do filho que um dia administrará este lugar. São as únicas vezes em que ele menciona meu nome.

— Isso mesmo. — Puxo meu braço para fora de suas mãos abruptamente. — Preciso ver a sala de controle. Houve um defeito com um Nano Tracker e fui enviado para obter um número de peça.

Posso não saber muito sobre esta empresa, mas conheço algumas coisas.

— Por que você não ligou? Marty poderia ter conseguido isso para você.

— Onde está Marty? Eu gostaria de falar com ele.

Ele olha para o cartão na minha mão.

— Você tem um cartão de acesso?

Puxando meu telefone do bolso, eu o uso a meu favor e levanto minha voz.

— Sim, eu tenho um cartão. Como diabos você acha que entrei

aqui? Agora me mostre onde o Marty está, antes que eu ligue para meu pai e diga a ele que você é o motivo de eu estar demorando tanto.

Varrendo o ar com a mão, ele bufa.

— Ali. Seja rápido.

Respiro fundo e passo meu cartão novamente para obter acesso à sala de controle. Me sinto um pouco tonto e não gosto nem um pouco disso. Se ao menos houvesse outra maneira.

Entro na sala e todos continuam com seus afazeres como se nem me vissem. Está escuro lá dentro e a maior parte da luz vem dos monitores por toda a sala. Eu avisto Marty usando um tom autoritário com alguém que penso ser um estagiário.

Cumprimento-o com um aceno e vou até ele.

— Ei, Marty. — Estendo minha mão e ele estende a dele para um aperto. — Preciso que você me mostre onde ficam os dispositivos Nano Tracker que estão passando pelos testes de qualidade.

— Jimmy — grita —, ele precisa ver os Nanos que chegaram hoje à tarde.

Tento esconder meu espanto por ele não ter questionado nada do que acabei de dizer e vou até Jimmy, que está acenando para mim. Ainda estou surpreso comigo mesmo por entender a língua utilizada na Magna corretamente. Acho que vale a pena escutar as conversas do meu pai de vez em quando. Lembro-me de que, quando ele começou a empresa do zero, só falava sobre isso. Quando jantávamos em família à mesa e minha mãe ainda estava em casa todos os dias.

— Sente-se. Dê uma olhada — Jimmy me diz antes de se levantar e caminhar até Marty, que está no meio da explicação para o estagiário de como colocar o cartão de memória. — Vou almoçar — Jimmy fala a Marty.

Olhando ao redor como se esperasse que alguém pulasse, me agarrasse e me arrastasse para fora daqui, fico surpreso quando ninguém parece se importar. Todos os obstáculos que tive que passar para entrar, agora é como se nem importassem. Eu suponho que eles provavelmente presumam que, se consegui passar pelo Sr. Macho lá fora, então está tudo bem.

Eu me jogo na grande cadeira preta e, quando digo me jogar, quero dizer me afundar. Há uma caixa de rastreadores à minha direita e um monte de cabos conectados a ela que saem de um monitor.

Olho por cima do ombro, para a esquerda e depois para a direita, e

tiro o telefone do bolso. Quem mandou o atestado de óbito para todos nós deve ser a mesma pessoa que está dando as caras e expondo meus segredos.

Ao vasculhar a quantidade infinita de cabos e conectores, encontro um que se encaixa perfeitamente na porta de carregamento do meu telefone. O monitor pisca e depois emite um bipe alto. Um, dois, três bipes. Meus olhos disparam por cima do ombro, mas ninguém presta atenção em mim. Há um botão na tela sensível ao toque que diz “iniciar a varredura”, mas não tenho certeza de como rastrear a mensagem especificamente.

Porra.

— Ei, cara — chamo um funcionário que está sentado a cerca de um metro de distância, em frente a outro monitor. — Você pode me ajudar um minuto?

Ele tira um par de fones de ouvido pendurados em seu pescoço, os deixa cair na mesa à sua frente e se aproxima. Suas mãos pressionam a mesa.

— O que você precisa?

— Meu pai, sr. McCoy, me enviou para verificar este dispositivo. Achei melhor analisar primeiro com o meu telefone. Como faço para rastrear uma mensagem específica?

— Abra a mensagem no seu telefone, toque na tela e as informações aparecerão.

Ele dá um tapinha nas minhas costas e volta ao seu trabalho.

Sério? É fácil assim?

Faço o que ele disse e espero enquanto a tela carrega. O rastreamento pisca no visor com uma barra de medição que se enche rapidamente. Quase lá. Quase lá. Parece que há uma britadeira dentro do meu peito, e minhas palmas estão suando profusamente. Passo as costas das mãos na testa e enxugo as gotas de suor que estão se acumulando.

Completo.

Caramba! Eu deveria imaginar que quem fez isso seria inteligente o suficiente para não usar seu próprio telefone. Tudo o que tenho é um endereço registrado.

Mexendo nos objetos pela mesa, encontro um post-it e uma caneta e anoto o endereço em Stanton.

Fica a cerca de vinte minutos de Redwood, então não deve ser difícil descobrir aonde esse endereço leva.

— Se você tocar novamente, ele fornecerá o restante das

informações. — O cara que acabou de me ajudar aparece por cima do meu ombro, e meu coração pula na garganta por ele ter me dado um puta susto. — Esses dispositivos passaram no teste de qualidade, mas houve uma atualização cerca de uma hora atrás.

— Ah, obrigado — digo enquanto toco em uma seta na tela.

Ele mostra o número, a data de ativação e que a chamada foi feita em Stanton. Cheguei a pensar que o dono do telefone morava em Stanton. Acho que são duas possibilidades. Ainda não me dá um nome, mas preciso ir a esse endereço.

Desligo meu telefone rapidamente, pulo da cadeira e nem anuncio minha saída. Passo pela porta, pela sala de segurança e volto para o corredor aberto. Pressionando minhas costas contra a parede, respiro fundo.

Eu não vou contar a ninguém sobre isso ainda. Primeiro preciso descobrir aonde esse endereço me leva.

CAPÍTULO 21

TOMMY

Wyatt não me ligou ontem à noite e, já que faltei à escola hoje, não o vi. É seguro dizer que o que aconteceu entre nós significou pouco ou nada para ele. Ele nem tentou se explicar. Afirma que ele e o Anderson terminaram, mas por que ele nem tentou me explicar isso?

Todos esses meses questionando o que eu estava sentindo, então finalmente cedi; de repente, tudo começou a fazer sentido e eu estava prestes a me aceitar. Agora fico me perguntando se valeu a pena me expor. Se eu pudesse voltar e guardar esse segredo um pouco mais, o faria. Mas não é mais um segredo. As pessoas agora sabem.

Ando pelo quintal de Talon sentindo como se vestisse peças de arrependimento que chamam a atenção de todos. Posso sentir seus olhos em mim e isso me faz pensar se eles sabem. Que o melhor sexo da minha vida foi com um cara? Que adorei cada segundo e quero fazer de novo, de novo e de novo? Que eu ficaria perfeitamente contente em nunca mais dormir com outra garota porque prefiro caras — porque prefiro Wyatt? Que sou gay?

A porta da frente está escancarada e as pessoas estão indo e vindo, levando a festa de dentro para fora e vice-versa. Há garotas de maiô ao redor da piscina e já devem estar bêbadas, porque ainda está muito frio para nadar, principalmente à noite. Elas provavelmente estão só tentando chamar a atenção de alguns caras. Isso é o que as garotas fazem.

— E aí, cara. — Talon dá um tapinha no meu ombro, em seguida gesticula ao redor da sala. — O que achou?

— Perfeito. Tudo o que imaginei.

— Ótimo. Agora pegue isso. — Ele me entrega um copo de plástico, então se inclina e sussurra: — É água. Continue bebendo.

As pessoas precisam me ver aqui. Andando, me misturando, bebendo e me divertindo. Mesmo que eu esteja dilacerado por dentro. É tudo encenação.

Olhando ao redor da sala, procuro por ele. Eu deveria saber que não o encontraria.

— Quem você está procurando?

— Ninguém. Só vendo quem está aqui.

— Todo mundo. — Ele sorri levantando o copo. — Está todo mundo aqui.

Nem todo mundo.

— Ah, e minha garota está ficando um pouco bêbada, então me ajude a ficar de olho nela. Marni ainda está muito chateada e nunca se sabe em quem ela pode acabar descontando.

Concordo com a cabeça, ainda olhando pela sala. Talon estava literalmente falando sobre como Marni está chateada com o que Wyatt fez; no entanto, continuo a procurá-lo. Que porra há de errado comigo?

Ele não está aqui. Não ousaria dar as caras e acho que nem quer, de qualquer forma. Wyatt não chega a ser fechado, mas também não gosta muito de festas.

O plano sempre foi que ele estivesse aqui. Eu o queria aqui, onde estaria a salvo de ser incriminado. Porque Wyatt tem a ver com isso, seria fácil apontarem os dedos para ele. Mas uma mudança no plano não significa que está tudo acabado. Espero que ele esteja em algum lugar onde possa conseguir um álibi, se necessário. Independentemente de quão magoado eu esteja, não quero ver o mundo dele desmoronar.

— Cara. Você está bem?

— Uhm? Sim. Estou bem. Apenas revisando o plano na minha cabeça.

— Não posso te ajudar quanto a isso, porque você não nos informou sobre seu plano com Zed.

Lá vem ele. Jogando na cara.

— Há uma razão pela qual pedi para o Zed me ajudar, e não vocês.

Lars e Willa estão prestes a ser pais. Eles precisam sair dessa confusão, não serem arrastados para dentro dela. Talon e Marni estão

finalmente em um ponto em que podem ser felizes. Todos ao meu redor estão felizes pra caralho. Zed e eu ainda não estamos nesse patamar. Ainda estamos procurando o que todo mundo já tem. Portanto, não temos nada a perder. Também ajuda o fato de Zed ser um filho da puta implacável que não tem a capacidade de sentir empatia.

— Que seja — Talon diz —, vou me divertir esta noite e não vou deixar essa merda pesar sobre mim. Merecemos uma noite de adolescentes imprudentes.

Talon puxa uma conversa com alguns caras e eu me misturo na festa, parando para uma conversa fiada com alguns dos convidados e marcando minha presença.

Estou conversando com Alan quando olho por cima do ombro dele e vejo Marni do lado de fora. Ela está sentada na beira da piscina, com os pés balançando na água. Há pessoas ao seu redor, mas ela não presta atenção nelas.

— Nos falamos já, já — digo a Alan, com os olhos em Marni. Passo por ele e saio pelas portas duplas.

— Tommy! — alguém grita de algum lugar próximo. Sinto uma mão dar um tapinha nas minhas costas, mas ignoro todos e continuo andando.

Eu me agacho ao lado de Marni.

— Uma moeda pelos seus pensamentos?

Ela pega o copo da minha mão e toma um gole, mas imediatamente cospe o conteúdo na piscina.

— Água? Sério?

Eu encolho os ombros.

— Esta noite é tudo teatro.

— Ah, é mesmo. Sua vingança. Vocês e seus jogos estúpidos.

Percebo que ela está bêbada, mas não reajo. Estou aqui apenas para ouvir.

— Esses jogos foi o que começou este desastre. Se vocês tivessem apenas denunciado o corpo de Josh e deixado a natureza seguir seu curso, não estaríamos nessa confusão.

— Isso é verdade. Mas você também não estaria com Talon. Lars nunca teria encontrado Willa. E eu teria... — Minhas palavras desaparecem.

— Você nunca teria se apaixonado por Wyatt? É isso que ia dizer?

Ela olha para mim. Seus olhos semicerrados estão contornados com

delineador preto, que combina com o vestido preto que ela está usando.

— Seria uma bênção, se você quer saber.

— Ora, vamos, você está com raiva dele, mas sei que se importa com ele.

Não acredito que estou defendendo Wyatt agora, mas é verdade. Marni vai superar isso. Pode ficar um climão por um tempo, mas depois de algum tempo eles estarão próximos novamente.

— Me diz uma coisa: como você se sente com o que ele fez? — ela me pergunta.

Encolho os ombros, porque a verdade é que não tenho certeza de como me sinto. Traído, talvez. Usado. Desacreditado.

— Todo mundo tem um passado.

Marni tira os pés da água e se vira para mim. Suas pernas estão enroladas sob sua bunda e eu puxo seu vestido para cobri-la melhor.

— Acho que estou mais em choque do que qualquer outra coisa. Quando minha mãe teve um caso, eu vi meu pai sofrer. Se transformar lentamente nesse homem frio e insensível que odiava a vida. Então minha mãe morreu, e senti que ele morreu com ela. Por muito tempo, só queria que ele fosse feliz. — Marni sorri. — E então, aos poucos, ele começou a me mostrar pedaços do homem que era antes do caso. E agora não posso deixar de me perguntar se Wyatt, meu melhor amigo, foi a razão de ele estar voltando à vida.

Suas palavras carregam uma tristeza indescritível que perfura meu coração. Porque a verdade é que ela provavelmente está certa. Da mesma forma que nossa sexualidade não conhece limites, nossa idade também não. Nossos corações batem por nossos desejos. Eles querem o que querem.

Enquanto tento convencê-la do contrário, tento me convencer ao mesmo tempo.

— Talvez não tenha sido Wyatt. É possível que Wyatt tenha sido apenas uma pequena parte de um cenário maior.

— Como assim?

— O que significa que seu pai encontrou uma parte dele que não sabia que existia e, uma vez que a aceitou, foi capaz de encontrar a felicidade novamente. Mesmo que você não concorde com isso, mesmo que eu não concorde, ele não fez isso por nós, mas por si mesmo.

Marni dá um empurrão no meu braço e seu corpo balança para trás.

— Eu odeio quando você está certo.

— O que é sempre. Então se acostume com isso. — Sorrio.

— Não estou pronta para perdoar nenhum deles. Ambos mentiram para mim por tanto tempo. Mas também não quero todos os detalhes sórdidos do que eles fizeram. Acho que só preciso de um tempo para aceitar tudo isso.

— Acho que dar um tempo é uma boa ideia.

— E quanto a você e Wyatt? O que vai ser agora?

Solto um suspiro e penteio o cabelo para trás com os dedos.

— Acho que vou usar um pouco desse tempo também. Tudo meio que aconteceu tão rápido entre nós. Um dia eu o odiava porque senti que ele estava tentando me transformar em alguém que eu não era e, no minuto seguinte, percebi que era mais fácil culpá-lo do que aceitar que eu era, sim, aquela pessoa.

— Eu não vou te odiar se você resolver as coisas com ele. Mas você precisa ter cuidado. Ele e Shane acabaram de terminar, e antes disso ele estava com meu pai. Vá devagar e lembre-se de que há muitos outros peixes no mar.

Eu rio.

— Touché. O problema é que não quero outro peixe.

Ela levanta as sobrancelhas.

— Tipo, peixe nenhum?

— Se você está perguntando sobre garotas, a resposta é não.

Ela joga as mãos em volta de mim e me puxa para um abraço.

— Estou feliz por você, Tommy. Eu gosto de ver você sorrir.

— O que está acontecendo aqui? — Talon surge do nada. Eu olho para cima e ele está lá com um copo na mão e um sorriso no rosto. — Você sabe que ela é comprometida, certo?

— Eu sei. Eu sei. — Me levanto do chão e fico de pé. — Perdi essa. — Pisco para Marni. — Tudo bem, vocês dois aproveitem a noite. Está ficando tarde e acho que vou desmaiar lá em cima atrás de alguma porta trancada.

Talon me interrompe.

— Ei, ligue se algo der errado. De verdade, cara. Não banque o herói.

Nós batemos os nós dos dedos e eu vou embora. É hora do show.

CAPÍTULO 22

WYATT

A escuridão desce sobre o caminho sinuoso enquanto sigo o GPS no meu painel. Estive em Stanton quando era criança, mas a área está degradada e tem um índice de criminalidade bastante alto. Sou orientado a virar ao lado de um mercado de esquina, onde uma mulher está parada vestindo apenas o suficiente para cobrir os seios e “Seu destino está à esquerda”.

Toco para finalizar o GPS e paro bem no meio da rua. Olhando para a minha esquerda, vejo uma casa em ruínas que precisa de sérios reparos. Faltam telhas no telhado. Pedacos do revestimento de marfim ameaçam se soltar. Apenas uma rajada de vento em sua direção os faria cair no chão.

Dou ré no meu carro e entro em uma garagem vazia. Não há outros veículos aqui, mas a luz brilha através de uma das janelas rachadas onde a tela está pendurada por um fio.

Hesito em desligar o carro, caso precise correr, mas também não acredito que ele ainda esteja aqui quando eu voltar.

Contrariado, desligo e coloco as chaves no bolso. Não consigo imaginar que a pessoa que mora nesta casa saiba quem eu sou, muito menos que tenha me enviado bilhetes ameaçadores. Esperemos que tudo isto valha a pena e que eu saia daqui com algumas respostas.

Pé ante pé, eu saio. Meus olhos varrem todas as direções enquanto percorro o caminho até a casa. Posso ouvir as sirenes à distância e elas fazem meu coração disparar em um frenesi de batidas rápidas.

Assim que chego à porta, cerro o punho, pronto para bater, mas

congelou. *Acabe logo com isso.*

— Deus, não me deixe morrer — murmuro baixinho antes de bater à porta com a mão fechada. Algumas lascas de tinta caem no meu sapato, então os balanço algumas vezes para tirá-las.

Quando a porta se abre, eu suspiro.

— Wyatt, querido, como você está?

— Sra. Vermont? Você mora aqui?

A mãe de Shane certamente mudou desde a última vez em que a vi. Ela está cerca de vinte quilos mais leve — praticamente pele e ossos. Parece que não toma banho há dias, nem troca de roupa. Há uma mancha de molho vermelho no estômago de sua camiseta rosa-bebê enorme, e suas olheiras estão profundas e cheias de bolsas.

Na última vez que vi a sra. Vermont, no jogo de futebol de Shane, ela estava bem e saudável.

Isso não faz sentido. Achei que Shane e sua família ainda estavam em Redwood. É verdade que nunca estive na casa dele. Ele sempre preferia que ficássemos na minha. Achei que talvez fosse porque a família dele estava passando por muita coisa com o caso do pai. Parece que perderam tudo.

— O Shane não te disse que nos mudamos?

— Sim. Ele, uhm, me disse que se mudou, mas acho que presumi que ainda era em Redwood.

Inclino minha cabeça para o lado, tentando dar uma olhada lá dentro.

— Ele está aqui por acaso?

— Não. Não voltou para casa depois da escola hoje. Não ouvi falar dele. Você pode tentar ligar para Shane. Acabei de pagar a conta do celular deste mês, então o telefone deve estar funcionando.

— E o sr. Vermont, ele está em casa? — pergunto por pura curiosidade. É tão difícil imaginar o pai de Shane vivendo neste tipo de ambiente.

— Ah, não, querido. O pai de Shane ainda está cumprindo pena. Ele ainda tem três anos e meio.

Meu queixo cai. Disfarço rapidamente em uma tentativa de esconder minha surpresa.

— Ele está na prisão? Sinto muito. Achei que as acusações haviam sido retiradas.

— Estávamos perto, mas o testemunho de Harold Moran o mandou pra cadeia de vez. Aquele canalha sujo realmente nos enganou, depois de tudo que passamos juntos.

— Harold Moran? O pai de Josh?

— Sim. Assim que seu filho desapareceu e seu mundo desmoronou, o nosso veio abaixo.

Estou tão confuso agora.

— De qualquer forma, estou feliz que Shane tenha você. Ele está tendo muita dificuldade para se ajustar, e fala muito bem de você e dos amigos dele. Como está Talon, afinal?

— Talon? — questiono o que ela acabou de dizer. A sra. Vermont acabou de se referir a Talon como um dos amigos de Shane?

— Uhum, eu sei que ele passa muito tempo com vocês. Vocês estão animados para a formatura?

Eu nem me preocupo em corrigi-la. Acho que ela não conseguiria lidar com a verdade se soubesse o quanto estamos longe de sermos amigos.

— Ah, sim. Estou prontíssimo. — Abaixo as sobrancelhas e coloco a mão em seu ombro frágil. — Olha, eu tenho que ir. Mas, se precisar de alguma coisa, é só me avisar. Ok?

Ela inclina o ombro e sorri.

— Alguns dólares para comprar alguma comida no mercado ajudaria muito.

— Sim. Claro.

Enfio a mão no bolso, tiro minha carteira e coloco uma nota de cem dólares em sua mão. Seus olhos brilham imediatamente e eu só espero que ela realmente use um pouco disso para comprar comida ou pagar uma conta. Por mais terrível que Shane tenha sido, não gosto de ver ninguém sofrer emocionalmente ou financeiramente.

— Cuide-se, sra. Vermont.

Eu me viro e vou embora. Mas olho por cima do ombro e vejo-a segurando a nota, procurando a marca d'água. Ela acha que eu lhe dei dinheiro falso? Então o acena no ar.

— Obrigada novamente. Se você vir Shane esta noite, diga a ele que vou fazer goulash para o jantar.

Entro no carro, fecho a porta e encosto a testa no volante. Sua mãe não apenas perdeu a casa, o marido e o dinheiro, mas parece que sua mente também está indo embora. Meu coração se parte por ela. Seu marido fez

uma escolha ruim e arrastou os dois com ele. Agora Shane está cavando o buraco ainda mais fundo.

Era Shane o tempo todo. Eu não estou surpreso.

Tommy está muito bravo comigo agora e isso provavelmente vai causar uma cena, mas eu preciso ir até a casa de Talon e falar com ele cara a cara. Não há dúvida de que ele está lá. Todo mundo está na festa hoje à noite, possivelmente até mesmo Shane.



Trinta minutos depois, entro na rua de Talon, mas dou uma boa olhada no espelho retrovisor quando uma caminhonete passa por mim. Aquele era Tommy.

Engato a marcha ré, faço a volta pela garagem de outra pessoa, saio e sigo na direção de onde vim.

Não tenho certeza de para onde Tommy está indo, mas realmente preciso contar a ele o que sei. Toco no botão de chamada na tela do painel. “Ligar para Tommy.”

Ele toca. E toca. E termina. Eu tento de novo.

“Ligar para Tommy.” Mesma coisa.

Finalizo e continuo seguindo atrás dele, mantendo um pouco de espaço. Quando ele entra na via expressa, tenho a sensação de que está saindo de Redwood. Minutos depois, o trânsito começa a aumentar conforme as pessoas entram na cidade. Estou alguns carros atrás dele agora, mas ainda de olho em sua caminhonete.

Ligo a seta, pego a mesma saída que ele e vejo a placa para Jester Creek.

Ele vai para o chalé.

Toda a preparação que ele fez no início desta semana poderia ter sido para esta noite?

Continuo seguindo, mas deixo alguns carros entre nós, porque agora estou curioso para saber o que diabos está acontecendo.

Meia hora depois, um cenário familiar me envolve.

Assim que desço a estrada de terra onde fica o chalé, paro meu carro. Se eu chegar mais perto, ele vai ficar desconfiado. Então dou a ele cinco minutos e continuo meu caminho — seguindo a longa estrada até a propriedade de sua família.

Subindo lentamente, a apenas oito quilômetros por hora, inclino-me para frente para dar uma olhada melhor no local. Tem outra pessoa aqui. Estacionado ao lado da caminhonete de Tommy está a caminhonete de Zed. Paro no meio da entrada e apago as luzes.

Meu corpo estremece por não saber o que está por vir. Não há como dizer o que esses caras podem estar fazendo e não tenho tanta certeza se quero descobrir.

Os minutos passam. Respiro fundo e me forço a sair do carro. Viro a maçaneta para cima e fecho a porta silenciosamente, em seguida empurro meu quadril contra ela para que se feche.

É realmente assustador aqui fora. Cadáveres estão enterrados perto daquele riacho. Uma coruja pia, fazendo-me abraçar a mim mesmo.

— Merda — eu murmuro.

Na ponta dos pés, ando sem fazer barulho. Ao me aproximar, tento dar uma olhada na janela, mas não consigo ver nada.

Vou desmaiar. Só sei disso. Não sirvo para esta merda. Sou um cara simples que gosta de ficar em casa assistindo a filmes, comendo pipoca, talvez curtindo um pouco de pornô masculino. Cadáveres, sequestros e segredos não são o meu forte.

Assim que chego ao chalé, pressiono minhas costas contra ele e estabilizo minha respiração. Inspiro e expiro enquanto tento acalmar meu coração acelerado. Assim que me sinto um pouco melhor, um grito ressoa em meus ouvidos.

— Porra! — uma voz familiar vem da entrada. — Ahhh, pare com isso! pare!

Ah, meu Deus, é Shane.

Longas passadas me levam até os degraus e pela porta da frente. Coloco minha mão na boca e todos os olhos se voltam para mim.

Shane está preso à cadeira, com sangue escorrendo pelo rosto.

— O que diabos vocês estão fazendo com ele? — grito.

CAPÍTULO 23

TOMMY

— Tire-o daqui — eu grito para Zed, que imediatamente agarra Wyatt pelo braço. — E não o machuque, porra.

Com meus olhos ainda focados em Shane, ouço Wyatt lutar atrás de mim; depois o arrastar de pés para e a porta se fecha.

— Vou perguntar mais uma vez: onde você estava na noite em que Josh desapareceu?

Estamos tão perto.

Eu sinto isso. Sei que foi Shane quem o atingiu. Simplesmente sei.

Ele não responde, o que justifica a perda de outra unha. Com o alicate aberto, prendo a ponta de sua unha e arranco aquele filho da puta de sua própria pele.

— Ahhhh! — ele grita. — Seu filho da puta estúpido. Eu vou te matar quando sair daqui. — Sangue cai de seu dedo no braço da cadeira.

— Quem disse que você vai sair daqui? Você não vai a lugar nenhum até que eu tenha respostas. E, se você não me der, vou entregá-lo ao meu garoto, o Zed. Ele é conhecido por cuidar bem de problemas que possam surgir.

Shane olha para a ponta do dedo nu, incapaz de protegê-lo e de fazer parar a pontada de dor que sei que está sentindo. Deixando cair o queixo no peito, ele ferve:

— Você sabe todas as respostas para suas perguntas. Vocês fizeram isso. Não eu.

— Nós não fizemos nada! — eu grito. — Você bem que está

tentando fazer parecer que fizemos, não é?

Pegando seu dedo do meio, faço outra pergunta enquanto Zed não está por perto.

— Onde está o vídeo original do vestiário?

Ele pressiona os lábios e sorri.

— Seu amigo aí sabe que você gosta de pau?

Balanço minha mão e dou um tapa no rosto dele.

— Cale a boca!

— Um cuzinho apertado dá um banho em uma buceta larga, não é?

Minha mandíbula aperta quando me inclino para frente. Quando pressiono minhas mãos nos braços da cadeira, o amarro.

— Eu quero respostas e as quero agora.

— Vocês, idiotas, podem se fazer de bobos o quanto quiserem, mas sei que mataram Josh. Já sei há algum tempo.

Minha cabeça treme.

— Nós não matamos Josh. Foi você.

Shane ri maliciosamente. Sua cabeça vem para frente, tão perto que inalo sua respiração.

— Eu vi Zed dirigindo seu carro. Vi vocês empurrando o mesmo carro do penhasco em Miner Point. — Seus olhos escurecem e seus lábios se curvam. — Vocês o mataram e, por causa do que fizeram, perdi tudo.

Cuspe voa no meu rosto e, por impulso, bato nele de novo antes de usar a manga da camisa para me limpar.

— Fizemos essas coisas, mas não o matamos. Ele foi atropelado por um carro e deixado morto na rua. Seu carro. Se você perdeu alguma coisa, é com você.

Ele recua, dando-me um olhar confuso.

— Vocês o deixaram na rua depois de atropelá-lo?

A plenos pulmões, grito:

— Não o atropelamos!

— Essa conversa não vai chegar a lugar algum. Você realmente acha que, se eu atropelasse o afilhado do meu pai, o deixaria na porra da rua? Não! Eu pediria ajuda, seu idiota de merda.

Do que ele está falando?

— Afilhado do seu pai?

— Sim, meu pai é padrinho de Josh. Depois que Josh morreu, meu mundo inteiro se desfez. Por sua causa e de seus amigos idiotas.

Eu levanto uma mão.

— Espere um maldito segundo. Você realmente acha que matamos Josh?

— Sei que vocês o mataram. Eu te disse, observei os desdobramentos. Tudo o que aconteceu depois.

A porta se abre atrás de mim e Wyatt entra voando na sala.

— Foi ele. É Shane quem está enviando os bilhetes e as mensagens de texto — despeja, antes de Zed agarrá-lo pelos braços.

— Desculpe, esse merdinha é persistente. Se você quer mesmo que ele vá embora, terei que ser agressivo.

Acenando com as mãos para eles, faço um gesto para que Zed o solte. Não tinha dúvidas de que era Shane. Eu sabia o tempo todo. É por isso que ele está aqui. Mas Wyatt pode ter encontrado uma prova real.

— Como você tem tanta certeza?

Suas mãos caem até os joelhos e ele levanta um dedo, tentando recuperar o fôlego.

— Um segundo. Seu amigo é forte pra caralho. — Alguns segundos depois, ele se endireita. — Rastreei meu telefone. Isso me levou à casa de Shane — ele se aproxima de Shane e o olha nos olhos —, em Stanton.

Olho de Wyatt para Shane e noto o desagrado na expressão de Shane.

— Você mora em Stanton? — pergunto. — Por que você estuda em Redwood? Fica a meia hora de distância.

— Sim. Eu moro em Stanton. Moro lá porque, quando vocês mataram Josh, os pais dele foram investigados como possíveis suspeitos. Durante essa investigação, descobriu-se que o dinheiro estava sendo lavado na Core Associates — ele faz uma pausa —, pelo pai de Josh e o meu. Eles foram melhores amigos durante toda a minha vida. Trabalharam juntos por metade desse tempo. Mas o pai dele não colheu as consequências disso. Não — ele ri —, está livre como um pássaro, enquanto meu pai está na prisão e minha mãe está lentamente se tornando agorafóbica. Não temos dinheiro e, em breve, não teremos casa. Tudo porque vocês, idiotas, não puderam denunciar o que fizeram. Então eu segui vocês por todos os lugares. Tentei deixar claro que eu sabia. Desenterrei seus segredos para que eu pudesse expô-los assim como os do meu pai foram expostos. Se ele tiver que pagar por seus pecados, vocês também terão.

— Por que arrastar Wyatt para isso? Se você acha que matamos

Josh, qual é o papel de Wyatt nas ameaças?

— Eu estava tentando protegê-lo. O bilhete que deixei era para assustá-lo e afastá-lo de todos vocês. Mas ele escolheu o lado dele, então acabou se tornando alvo também.

— E Willa?

— Ela estava dormindo com o inimigo. Era apenas um peão para chegar até vocês.

Era realmente ele. Todo esse tempo. Shane pode estar por trás de todas as ameaças, mas acredito quando diz que não matou Josh. Não sei bem por que, mas acredito.

Olho para trás e noto Wyatt se afastando em direção à porta. Seu rosto está pálido, e suas mãos, trêmulas.

— Vocês mataram Josh?

— Não — eu digo a ele. Então olho de volta para Shane. — Cara. Nós não matamos Josh.

— Mentiroso! — ele grita tão alto que o eco reverbera por todo o meu corpo. — Tudo faz sentido agora. Todo esse tempo foram vocês.

Wyatt tenta sair correndo pela porta, mas Zed agarra-o e o segura por trás. Não consigo me concentrar nisso agora. Enquanto me abaixo na frente de Shane, tento argumentar com ele.

— Me escute. Nós. Não. Matamos. Josh. Temos imagens da noite em que ele foi atingido. Ele foi morto em frente à casa de Marni. Sim, nós nos livramos de seu corpo. Sim, nos livramos do carro dele, mas não o atropelamos. Alguém fez isso, e esse alguém está por aí em algum lugar.

— Se você se livrou do corpo dele, como diabos ele acabou no porão do pastor?

— Eu coloquei lá.

Eu me viro e olho para Zed, que está levantando a mão.

— Aquele pastor era um monstro e eu o enquadrei pela morte de Josh. Não vou mentir. Ele merece todas as acusações que recebeu. Mentiroso, pedófilo, assassino.

— Pare, Zed, não diga mais nada.

Uma admissão errada e ele pode ser acusado do assassinato do pastor.

— Não importa. — Zed dá de ombros. — Nada disso importa mais. Assumo toda e qualquer culpa. Para onde vou, os pecadores se dão bem.

Eu tiro sarro.

— Ah, é? E onde fica isso?

Ele eleva seu ombro.

— O inferno.

Afasto meus olhos de um Zed sem emoção.

— Ok, nada disso importa. A questão é que a pessoa que atropelou Josh ainda está por aí. Isso também significa que esse idiota aí sentado está recheado de segredos, e precisamos fazer algo sobre isso.

Não há como dizer tudo o que ele sabe. Shane revelou nossos segredos um por um, mas ele pode ter algo mais na manga. Sem mencionar que ainda não estou pronto para ser desmascarado. Quando chegar a hora, quero fazer isso sozinho.

Shane lambe uma gota de sangue de seus lábios.

— Ainda não estou convencido de que não foram vocês.

— Vocês dois poderiam nos dar um minuto, por favor? — pergunto a Wyatt e Zed. Os dois só ficam parados, olhando para mim como se eu fosse mudar de ideia. Minhas sobrancelhas se levantam e eu estalo. — Tipo, agora?

— Vamos, garoto do xadrez. — Zed pega Wyatt pelo braço e o puxa para fora.

Assim que fico sozinho com Shane, me abaixo para encará-lo.

— Você estragou tudo mesmo, sabia? Mas estou disposto a lhe dar uma saída.

— Estou ouvindo.

— Em primeiro lugar, não matamos Josh, mas pode apostar que planejamos descobrir quem matou. Em segundo, quero você o mais longe possível desta cidade. Nem Stanton, nem mesmo do outro lado do estado. Você vai para casa empacotar todas as suas coisas, levar sua mãe e dar o fora daqui.

Ele suspira.

— Você esqueceu da parte em que eu disse que nós perdemos tudo?

— Vou lhe dar dinheiro suficiente para recomeçar em outro lugar. Arrume um emprego, diga à sua mãe para arrumar também, é o que as pessoas fazem. Ganhe dinheiro com esse maldito aplicativo. Eu não me importo com o que você vai fazer, mas vá embora. Se não for, suas bolsas de estudo irão pelo ralo. O treinador descobrirá como você consegue toda a sua energia, e você e a mamãe querida darão as boas-vindas ao papai da prisão ao lado.

— E, se eu disser que não vou, mas que você vai me dar o dinheiro mesmo assim? Veja bem, você pode não ter matado Josh, mas também não denunciou. Você adulterou as evidências e ainda precisa ser responsabilizado por sua participação na prisão de meu pai. Se você tivesse procurado a polícia, a Core Associates nunca teria sido investigada.

Forçosamente, eu agarro seu queixo em meus dedos.

— Ouça, seu merdinha: não vou te matar, mas tenho pessoas que vão. Você não vai sair desta porra de chalé vivo se não parar de bancar o durão. Seu pai fez bobagem e está pagando por isso. Você só lamenta que ele tenha sido pego. Você tem retido informações também. Se nós nos dermos mal, você também se dará.

O medo lava seu rosto e ele engole em seco.

— Zed! — eu grito — Volte aqui.

Há algo revelador em dar as ordens desta vez. Eu meio que gosto de mandar nas pessoas.

Ele volta e Wyatt o segue.

Enfio a mão no bolso e tiro minha carteira.

— Leve Shane para casa. — Entrego a Zed meu cartão de crédito. — Shane vai arrumar suas coisas, então eu preciso que você leve ele e sua mãe para o aeroporto. Reserve um voo para eles para... sei lá, Michigan. Se ele resistir, cuide dele.

Não preciso dizer mais; Zed sabe, e Shane também.

Zed está à beira de um completo colapso mental. Eu posso ver isso em seus olhos. Ele está desistindo de tudo. Quem não tem nada a perder está disposto a arriscar tudo. Feito isso, tenho toda a intenção de trazer Zed de volta à realidade. Vale a pena lutar por sua vida, mesmo que ele não acredite nisso agora.

Eu olho para Shane.

— Vou te dar um cheque. Assim que ele for descontado, nosso acordo acaba e você nunca mais aparecerá por aqui.

Eu puxo minha faca do bolso e os olhos de Shane se fecham. De uma só vez, libero sua mão esquerda e depois a outra.

— Eu vou indo — Wyatt diz enquanto aponta o polegar por cima do ombro.

Dando um passo atrás de Shane, corto a corda que estava enrolada em sua cintura e na cadeira.

— Não vai, não. Nós precisamos conversar.

Shane se levanta e dou um empurrão nele. Zed o agarra pelos braços e o puxa em direção à porta. Antes de saírem, Zed para. Tem a cabeça baixa, mas lentamente a levanta e me olha nos olhos.

— Se cuide, cara.

— A gente se fala — digo a Zed.

Ele não diz uma palavra; simplesmente sai, arrastando Shane consigo.

Envoltos em silêncio, Wyatt e eu ficamos olhando um para o outro. Sem saber por onde iniciar, começo por esta noite.

— Parece que nós dois estávamos no caminho certo achando que era Shane.

— Eu não achava que era ele até que fui levado para sua casa. Depois disso, tive certeza.

— Desculpe, duvidei de você. Por um tempo, pensei que você estivesse por trás disso, talvez até junto dele nessa.

— Você nunca me contou sobre sua participação no desaparecimento de Josh. Por quê?

Eu retruco:

— Você nunca me contou sobre o Anderson.

Ele acena com a cabeça.

— Verdade. Mas, em minha defesa, o que eu fiz não era ilegal.

— Também verdade.

Com as mãos nos bolsos, levanto as costas.

— Tudo bem, vamos esclarecer as coisas. Preciso saber com o que estou lidando. Você e o Anderson terminaram?

— Anderson e eu terminamos antes mesmo de começarmos. Nunca deveria ter acontecido.

— Mas aconteceu, e...

— Olha só — ele me interrompe —, foi burrice. Eu fui burro. O que começou como um flerte na casa dele se transformou em uma paixão da minha parte. Sim, dormimos juntos. Sim, fizemos uma viagem juntos. Mas acabou assim que descobri que ele estava namorando outra pessoa. Descobri na noite em que Josh foi atropelado. Comecei a chorar depois de encontrar Anderson com outro cara. Eu disse a ele para escolher, e ele escolheu o homem que estava em sua cama.

— E ele te seguiu?

— Não sei. Talvez. Continuei dirigindo para ir o mais longe

possível. Era para fazermos outra viagem naquela noite, e não falei mais com ele desde que saí de lá. Ele me manda mensagens de texto constantemente, mas só porque está preocupado que eu conte a Marni sobre nós. Ele nunca se importou comigo, e mesmo que eu pensasse que o amava, você me provou que nunca o amei.

— Não tenho o direito de ficar com raiva de você por isso. Fiz algumas coisas das quais me arrependo. Eu transei com a Shay bem ao seu lado enquanto era pra você estar desmaiado.

Ele sorri.

— Por que você fez isso, afinal?

— Eu estava tentando provar alguma coisa, acho. Para mim mesmo. Para você. Pensei que, se você me visse com uma mulher, presumiria que eu gostava mesmo é de mulheres. Eu também estava tentando me convencer da mesma coisa.

— E funcionou?

Eu dou alguns passos em direção a ele.

— Não. Não estou interessado na Shay ou em qualquer outra pessoa. — Ele me encontra no meio do caminho e segura minha mão.

— E agora?

— Não faço ideia. — Agarro sua outra mão. — Só o que eu sei com certeza é que não consigo parar de pensar em você. Nunca me senti assim por ninguém antes e isso me assusta demais.

— Está me assustando muito há meses. Porque eu só penso em você também. Mesmo quando eu estava com Shane, nunca estive realmente com ele.

Minhas mãos tremem de nervosismo.

— Então vamos mesmo encarar isso?

— Eu quero se você quiser.

— Chega de segredos, de qualquer um de nós. Eu sei que também tive os meus.

— Sem mais segredos.

Eu o puxo para perto. Seu peito encontra o meu e meus braços o envolvem. Sua cabeça repousa em meu ombro, e meu coração parece tão cheio que poderia explodir.

— Qualquer hora contarei aos meus amigos. Só preciso que você seja paciente comigo.

Ele recua, seus olhos perfurando os meus.

— Leve o tempo que precisar. — Wyatt inclina o rosto, e seus lábios roçam os meus antes de ele envolver minha mão em torno de sua cabeça e puxá-la para mais perto. A excitação gira em meu estômago, misturada com nervosismo e ansiedade.

Eu me sinto tão vivo quando estou com Wyatt. Um sentimento com o qual eu poderia me acostumar.

CAPÍTULO 24

WYATT

Com os restos da tortura de Tommy em Shane jogados aos nossos pés, eu o puxo para o quarto em que estivemos na última vez aqui.

Está completamente escuro, então Tommy acende a luz quando entramos. As cortinas estão todas abertas, por isso ele as fecha.

Depois sussurra na dobra do meu pescoço.

— Estou querendo ficar a sós com você desde que saímos de Briarwood.

— Ah, é? E o que você queria fazer comigo?

— Isso. — Ele agarra meu pau através do tecido da calça. — E isto. — Ele beija meus lábios. Sua boca se abre e sua língua envolve a minha.

Mas ele pega meu rosto com as mãos e interrompe nosso beijo.

— Você tem alguma ideia do que faz comigo?

— Acho que tenho.

— Você me deixa louco pra caralho.

Ele me empurra de volta para a cama, e esse é um novo lado de Tommy que nunca vi. Não exatamente. Eu o vi com Shay, e a maneira como ele assumiu o controle fez minhas bolas doerem. Ele estava no comando, todo exigente, e foi sexy demais.

Meu timing nunca foi muito bom, e desta vez não é diferente. Eu levanto meu corpo e me apoio nos cotovelos.

— Essa coisa com Shane foi planejada o tempo todo? Desde que você me trouxe aqui na semana passada?

Com as mãos ao lado do corpo, pronto para subir em cima de mim,

ele para.

— Eu tive um mau pressentimento sobre aquele cara. Sabia que ele estava tramando algo.

Tommy se aproxima, mas eu o paro novamente.

— Algum dia você ia me contar o que vocês fizeram com Josh?

Ele recua alguns passos até ficar parado ao pé da cama, então passa a mão na testa.

— Provavelmente não. Nunca planejamos contar a ninguém. Mas não se preocupe, nós cuidaremos de tudo.

Eu concordo.

— Sim. Tudo vai ficar bem.

Pelo menos espero que sim. Meu segredo está seguro porque também conheço o deles. Shane está indo embora da cidade e a vida vai ser diferente sem ele por perto, mas estou ansioso por este próximo capítulo da minha vida.

Tommy puxa a camisa sobre a cabeça de uma só vez, em seguida sobe em meu corpo de quatro. Seu corpo lindo me tira o fôlego. Meus dedos envolvem seu bíceps firme, e seu quadril se arrasta contra o meu. Usando o joelho, ele passa por baixo da minha coxa e a empurra para cima, de modo que fique entre as minhas pernas. Em seguida desliza para cima e para baixo, roçando seu pau duro como pedra contra o meu.

— Eu quero chupar seu pau enquanto você chupa o meu.

— Ummm, gostei da ideia. — Roço meus dentes sobre o lóbulo de sua orelha. — Você vai me deixar gozar na sua boca?

— Quero que a gente goze juntos. Eu quero sentir seu gosto enquanto você sente o meu.

— Aí, sim. — Empurro meus quadris para cima, ganhando fricção contra ele.

Tommy fica de joelhos e desabotoa minha calça, em seguida a desliza para baixo e tira minha boxer com ela. Uma por uma, despe minhas meias. Então se levanta e retira a roupa enquanto eu puxo minha camisa.

— Você é tão sexy — ele murmura antes de separar minhas pernas e mergulhar. Sua língua varre minhas bolas e ele suga uma em sua boca. Mordo o canto do lábio e me deleito com a sensação de prazer.

— Vire pra lá — eu digo a ele.

Tommy se vira com a bunda de frente para mim e recua lentamente até que seu pau esteja alinhado ao meu rosto. Usando meu polegar, eu limpo

a gota de excitação, em seguida coloco meu polegar na boca.

— Seu sabor é tão gostoso quanto você.

Abrindo minha boca, engulo a primeira metade dele. Mexo em seu pênis, causo uma vibração que o faz gemer de prazer.

Ele dá uma longa lambida no comprimento do meu pau.

— Se você continuar assim, eu não vou aguentar muito.

— É melhor você esperar. Vamos gozar juntos, lembra?

Colocando tudo de mim em sua boca, posso sentir seus lábios no final do meu pau. Quando seguro suas bolas em minha mão, ele faz o mesmo, dando-lhes uma massagem suave enquanto chupamos um ao outro.

Eu jamais diria que isso tudo é novo para ele. A maneira como seus lábios firmes me envolvem cria o lar perfeito para meu pau em sua boca quente. Deixo escapar um gemido rouco quando sua língua passa sob a pele sensível da cabeça.

Tirando-o da boca, cuspo em sua bunda e massajeio meus dedos em movimentos circulares antes de deslizar um dedo para dentro dele. Seu corpo estremece, então eu congelo.

— Você está bem, baby?

— Estou ótimo — ele murmura.

Eu me pergunto se ele se incomoda quando o chamo de baby. Nunca chamei ninguém assim antes, mas meio que saiu sem pensar.

Deslizando outro dedo dentro dele, eu acaricio seu ponto de prazer.

— Você gosta quando eu te chamo de baby?

— Eu amo. Continue com essa merda.

Ele espalha saliva ao redor do meu pau, lubrificando-o muito bem enquanto a cabeça de seu pau balança para cima e para baixo.

Observo meus dedos deslizarem para dentro e para fora de sua bunda apertada, então alinho seu pau com minha boca e levanto a cabeça. Quando ele desce um pouco, vai para dentro da minha boca e bate no fundo da minha garganta, enquanto sua bunda sobe e desce no mesmo ritmo que ele usa para me chupar. Eu empurro meus dedos mais longe até que ambos estejam dentro dele, então torço e giro em um movimento circular.

Sua mão escorregadia envolve meu pau e o acaricia enquanto ele lambe a cabeça.

— Porra, baby, isso é tão bom.

Quando Tommy aumenta a velocidade, eu faço o mesmo. Fecho meus lábios firmemente ao redor dele e o chupo mais rápido, enquanto

empurro meus dedos mais fundo e com mais força.

Pequenos tiros de eletricidade correm por mim e enchem meu corpo de pressão. Meu pau está latejando e pronto para explodir.

— Eu vou gozar — digo em torno de seu pau na minha língua.

Acariciando sua próstata, faço seu corpo recuar antes que ele goze na minha garganta. Eu libero ao mesmo tempo. Tommy engasga por um segundo, mas nenhum de nós para. Eu engulo, em seguida lambo sua cabeça para limpar até o último centímetro enquanto ele faz o mesmo.

Depois de puxar meus dedos para fora, bato minha mão em sua bunda e provoco.

— Melhor do que boceta?

Ele se vira com as mãos agarradas em mim.

— Muito melhor.

Eu puxo sua cabeça para baixo e pressiono meus lábios nos dele, então dou a Tommy um gostinho de si mesmo.

— Podemos ficar aqui para sempre? — ele pergunta.

— Achei que você odiasse este chalé.

— Odiava, até agora.

Sua boca encontra a minha novamente e nos beijamos pelo que pareceram horas. Até nossos lábios ficarem inchados e a barba por fazer de seu queixo deixar uma ardência em meu rosto.

Jogando seu corpo, ele se deita ao meu lado. Seu dedo sobe e desce pelo meu estômago, desenha imagens, faz arte em sua cabeça.

— O que você está desenhando?

— Nós.

Eu rio.

— E como estamos?

— Estamos felizes — juntos. Em um mundo onde nada parece fazer sentido, finalmente encontrei algo que faz.

Eu me viro para encará-lo. Nossas cabeças estão apoiadas nas mãos. Eu desenho um coração sobre seu coração, em seguida olho-o nos olhos. Segurando seu rosto, sussurro:

— Estou me apaixonando por você, Tommy.

Seus lábios pressionam os meus, então ele se afasta e sorri.

— Eu sinto o mesmo.

CAPÍTULO 25

TOMMY

Depois de passarmos a noite e metade do dia juntos, Wyatt e eu achamos que seria uma boa ideia enfrentar tudo que nos esperava em Redwood — eu com os rapazes, e ele com Marni. Deitados na cama, conversamos um pouco sobre o atropelamento de Josh, procurando seguir todas as pistas para tentar descobrir quem o fez. Fiz uma pequena pesquisa no Google ontem à noite e consigo ter uma ideia.

Após minha busca, Talon enviou uma mensagem em grupo e nos pediu para irmos a Briarwood. Ele diz que alguém vandalizou o lugar. Tenho certeza de que está falando sobre a janela quebrada no andar de cima, mas ainda não quero contar a eles que eu estava lá quando aconteceu. Perguntas serão feitas e não estou pronto para respondê-las.

Eu tenho respostas, no entanto. Sei que Shane foi o cérebro por trás das ameaças a Willa e Wyatt. Ele também enviou o atestado de óbito para todos nós. No entanto, não foi quem atingiu Josh. Ainda não compartilhei nenhuma dessas informações com eles.

Desligo o motor da minha caminhonete, pulo para fora e respiro profundamente o ar fresco.

Talon e Lars estão parados ao lado do prédio. Talon aponta para a janela e se faz passar por alguém jogando uma bola. Suas mãos voam no ar como se ele não tivesse ideia de como ou por que isso aconteceu.

Sigo o olhar deles até a janela quebrada.

— E aí, pessoal?

— Está vendo essa merda? — Talon balança o braço no ar. —

Alguém jogou algo pela janela.

— Devem ter sido apenas crianças brincando por aqui. Eu não me importaria com isso.

— Alguém esteve aqui fora. Encontrei isto no chão lá dentro — Talon segura um frasco. A loção de Wyatt.

Eu prendo um sorriso.

— Como disse, provavelmente crianças.

Não seria novidade. As crianças adoram vir a este lugar porque acham que é assombrado. Mesmo que não haja sinais de invasão afixados em toda a propriedade, ninguém presta atenção a eles.

— Vamos sentar ali nos degraus, tenho novidades.

— Sim. — Lars sorri — Você conseguiu o que queria ontem à noite? Eu com certeza consegui, e estou pagando por isso com uma ressaca infernal.

— Ah, é? A mamãe deixou o bebezinho viver um pouco ontem à noite? — provoco.

— Vai se foder. Ela não manda em mim... muito.

Talon e eu trocamos um olhar, mas o provoco também.

— Não aja como se não tivesse sido domado da mesma forma. Sua coleira está tão apertada quanto a dele.

— Aguarde. Um dia você estará no mesmo barco. Fazendo qualquer coisa para deixar sua garota feliz. Nunca querendo vê-la triste.

— Pra mim não vai ter garota nenhuma — eu não elaboro muito essa informação.

Sento-me nos degraus de cimento em frente a Briarwood. Fico no último degrau, com as pernas esticadas no chão e os cotovelos pressionados na fileira acima de mim. Lars está deitado no terceiro degrau, com as pernas dobradas e as mãos sobre os olhos.

— Porra de sol. Está fritando minha cabeça — ele choraminga como um bebê.

Talon está parado na nossa frente com os braços cruzados.

— Tudo bem, vamos ouvir.

Eu ouço o barulho de um Zippo e me viro para ver Lars acendendo um cigarro.

— Pensei que você tivesse parado com essa merda.

— Parei. Meio que parei. — Ele dá uma tragada e deixa o cigarro balançar entre as pontas dos dedos.

Olhando para frente e para trás entre os dois, começo com o assunto mais importante.

— Foi o Shane quem enviou a mensagem com a certidão de óbito.

— Shane Vermont? O que diabos esse idiota tem a ver com a gente?

— Talon zomba antes de chegar atrás de mim e pegar o cigarro de Lars.

— Sim, esse Shane mesmo. Foi ele também que mandou as mensagens para Willa e foi até a casa dela. Tudo isso. Era ele o tempo todo.

Talon dá uma longa tragada e a fumaça sai de sua boca enquanto fala.

— Foi ele então? Que atropelou Josh?

Eu balanço minha cabeça.

— Não. Não foi. Na verdade, ele achava que nós o tivéssemos matado. Aparentemente, a ruína de seu pai aconteceu quando Josh morreu. O pai de Shane é o padrinho de Josh. Seus pais eram melhores amigos, trabalharam juntos por anos e, quando Josh morreu, os pais de Shane foram investigados. Essa investigação levou a evidências de desvio de dinheiro da empresa. A culpa foi toda colocada no pai de Shane, que aparentemente está na prisão. Os atos de Shane foram todos motivados pelo ódio porque ele pensou que éramos nós.

— Espere a porra de um minuto — Lars esbraveja quando se levanta e pula os degraus, aterrissando ao lado de Talon. Ele pega o cigarro de volta e joga a cinza. — Shane sabe da nossa parte? Precisamos silenciá-lo. Nós não temos escolha.

— Ele foi embora — eu digo, inexpressivo.

— Foi embora? Tipo morto e enterrado? — Talon pergunta.

— Não. Mas pode até estar. Ele saiu de Redwood e não vai mais voltar.

— Tudo bem — Talon diz enquanto esfrega a barba por fazer no queixo. — Então não foi Wyatt, nem Shane. Contra quem foi sua vingança? Ou estamos apenas examinando as pessoas até que você esteja satisfeito?

— Um pouco de cada. Eu consegui o que queria de ambos. Meu ato está completo. Shane se foi. Eu me certifiquei de que ele nunca vai dizer uma palavra. E quanto a Wyatt, vamos apenas dizer que meus segredos estão seguros com ele.

— Ok, então — Lars joga as mãos para o alto —, quatro atos concluídos. Game over.

— Ainda há um problema que não foi resolvido — digo a eles.

Tenho certeza que sabem exatamente do que estou falando.

Isso é confirmado quando Talon acena com a cabeça e fala:

— Quem matou Josh?

Estalo os dedos e aponto para ele.

— Exatamente.

Afasto uma nuvem de fumaça que paira sobre mim. Não há absolutamente nenhum vento hoje e o sol está realmente nos queimando. Mesmo sendo final de fevereiro, está muito quente aqui.

— Eu sei que vocês meio que deixaram o aplicativo *WatchMeNow* de lado, mas ainda há mais uma pessoa que não examinamos e acho que é hora de começarmos.

Talon dá um passo para trás, enfia a ponta do pé no chão e as mãos nos bolsos da frente.

— O perfil misterioso? Não temos absolutamente nada para começar. Nenhum contato mútuo... nada.

— Isso pode ser um tiro no escuro, mas me ouça. E, se iniciarmos uma conversa com ele ou ela e rastrearmos o endereço de IP? Poderia funcionar. Acontece que conheço um cara que é muito bom em rastrear essas merdas.

Ambos sabem imediatamente de quem estou falando. Talon ergue uma sobrancelha.

— Até que Marni resolva essa merda com Wyatt, acho melhor deixá-lo fora disso. Ele pode não ter matado Josh, mas sabe que está morto. É possível que Wyatt pense que fomos nós que o matamos. Inferno, pode até ser ele no aplicativo.

Não contei a eles que Wyatt já sabe de tudo. Meus amigos nem imaginam o que ele viu ontem à noite. Para eles, Wyatt ainda é um suspeito.

— Não é ele, e podemos confiar nele.

— O que te dá tanta certeza?

Eu levanto minha voz.

— Porque eu confio nele. E é só o que tenho a dizer.

Lars levanta as mãos em sinal de rendição.

— Uau, cara. Calma.

— Só estou dizendo, Wyatt não é um problema, então quero que vocês o deixem pra lá. Eu sei que ele mexeu com a Marni, mas isso é entre eles. Wyatt pode nos ajudar.

Lars estica o pescoço e franze a testa.

— O quê? Vocês dois são amigos agora?

— Talvez sejamos. Então deixe-o em paz. Ele não é tão ruim quanto eu pensava. É uma boa pessoa. Entendido?

Ambos compartilham um olhar e acenam com a cabeça.

— Ok. Acho — Lars diz.

Talon não precisa falar muito. Marni já deixou claro que, se ele mexer com Wyatt, ela cortará suas bolas e o alimentará com elas. Ok, talvez não tanto, mas ela ficaria chateada.

— Agora que está resolvido, quem quer iniciar uma conversa com nosso usuário misterioso do aplicativo?

— Eu não. — Lars dá um passo para trás. — Estou mergulhado nessa história de chá de bebê com Willa.

— Peça ajuda da Marni. Meninas adoram essas coisas — digo.

— Marni tem ajudado. Elas estão começando a se relacionar um pouco mais. O que é bom para as duas.

— Tudo bem. Então é com você, Talon.

— Por que eu?

— Porque você é mestre nesse aplicativo. Tudo o que você precisa é fazê-lo responder. Wyatt pode voltar para a Magna Tech e usar o rastreador de IP para encontrar a fonte. Assim que tivermos uma pista, podemos rastrear a localização — Lars bufa.

— Caramba, cara. Como você sabe de toda essa merda?

— Eu pensei bastante nesse aplicativo por um tempo. Fiz uma pequena pesquisa ontem à noite no meu telefone. Wyatt acha que pode conseguir a localização. Não temos nada a perder tentando.

— Ok — Talon joga os braços em derrota —, acho que podemos começar agora. — Ele puxa o telefone do bolso e o acessa enquanto assistimos. Alguns minutos depois, enfia o celular de volta no bolso. — Feito.

— O que você disse? — pergunto.

— E aí? — ele responde com um sorriso.

— E aí? É isso que você disse, porra? — Lars zomba. — Quem ainda fala isso?

Talon joga as mãos para cima.

— Ei, você disse que tudo o que precisamos é de uma resposta.

Eu interrompo a conversa deles.

— Tudo bem, isso está divertido e tudo mais, mas tenho que ir para

casa. Meus pais voltaram hoje e querem que eu almoce com eles. Me envie uma mensagem de texto quando ele responder e eu pego seu telefone com você.

— Só que eu preciso do meu telefone — Talon diz com indiferença, e eu bufo.

— Por que diabos você enviou do seu telefone, então? — Quero bater na cabeça dele, mas me contenho.

— Tenho outro telefone em casa. Vou limpar para que você não tenha acesso a todos os meus negócios, adicionar o aplicativo e enviar novamente. — Ele encolhe os ombros.

— Todos os seus negócios? — Eu rio. — Como se você tivesse algo a esconder de nós.

— É um telefone que eu tinha antes da Marni. Você sabe, muitos nudes das mulheres que estavam implorando por um pedaço de mim. Suas mãos batem no peito enquanto ele sorri.

Talon é tão cheio de si.

— Só mande a mensagem, ok? Fui.

— Eu também estou indo — Lars diz.

— Então ninguém vai ficar para me ajudar a arrancar essa janela? Muito obrigado, idiotas. — Ele nos mostra o dedo do meio e sobe as escadas até a porta.

Nem Lars nem eu pensamos duas vezes antes de entrarmos em nossos veículos.

CAPÍTULO 26

WYATT

— Como foi o almoço com seus pais? — pergunto a Tommy.

Passo meu rosto em seu pescoço, respiro profundamente sua pele, e a vertigem me percorre.

Ele olha para cima e para baixo na minha garagem, certificando-se de que ninguém nos veja.

— Só um almoço. Nada muito emocionante.

— Somos só nós aqui. Não precisa se preocupar.

Posso dizer que ele está nervoso com a demonstração de afeto. É diferente no chalé, ninguém pode nos ver lá. Não estamos exatamente em público, mas estar tão perto nesta cidade o deixa nervoso.

— Eu sei. — Ele sorri, tentando me assegurar de que não está preocupado, embora eu saiba que está. — Estou só dando uma olhada.

— Uhum. Claro.

— Quando meus amigos descobrirem, quero que eles saibam por mim. Não porque alguém nos flagrou e os boatos se espalharam.

Puxando minha boca para a dele, ele murmura:

— Eu pareço preocupado agora?

— Um pouco mais convincente, por favor.

Sua língua entra na minha boca, dançando ao redor antes de ele puxar meu lábio inferior entre os dentes.

— Uhm, que tal agora?

Um carro vira perto da entrada e ele se afasta de mim antes que o veículo se aproxime.

— Definitivamente preocupado. — Eu rio.

As mãos dele acariciam sua camisa, então Tommy limpa os cantos de sua boca.

— Quem é aquele? — Ele acena em direção à caminhonete. Ao inclinar-se para frente, consegue ver melhor. — Espere, é o Talon. Que porra ele está fazendo na sua casa?

— Sei tanto quanto você.

Um momento depois, Talon estaciona ao lado da caminhonete de Tommy e sai, deixando a porta aberta atrás de si.

— O que você está fazendo aqui? — questiona Tommy com as sobrancelhas franzidas.

— Parei para informar Wyatt sobre o plano.

Plano? Ele nunca me contou sobre nenhum plano. Acho que ainda não tivemos tempo para isso.

— Aqui. — Ele joga um telefone no meu peito.

— O que é isso? — Eu o pego e olho para a tela preta.

— Meu telefone. — Talon olha para Tommy. — Eu pensei que você tinha dito que estava contando a ele.

— Eu cheguei aqui um pouco antes de você. Achei que você ia me mandar uma mensagem quando ele respondesse — Tommy diz.

— Achei que era inútil fazer você de intermediário. Ele precisava do meu telefone, então vim entregar.

— Alguma ideia de quem pode ser? — Tommy pergunta.

— Nenhum palpite. Eu disse “E aí” e eles disseram “Quem é?”. Como eu não respondi, eles perguntaram de novo e de novo. Você me disse que eu só precisava conseguir uma resposta, então vou deixar por isso mesmo.

Tommy e eu conversamos um pouco sobre isso ontem à noite, então tudo faz sentido agora. Eles querem que eu rastreie um endereço de IP. Desta vez pode ser um pouco mais complicado, pois provavelmente já levantei algumas suspeitas, mas esses dispositivos são muito parecidos com a caixa de transferência que usei para Marni baixar os dados de um telefone no ano passado. Meu pai geralmente tem amostras em seu escritório, mas de qualquer forma preciso entrar lá para pegá-las.

Eu seguro o telefone.

— Vou fazer o melhor que puder, mas tenho que esperar até que meu pai saia da cidade novamente.

— Sem pressa. Já esperamos tanto tempo. O que são mais alguns dias? — Tommy fala.

— Tudo bem, eu vou nessa. Me ligue mais tarde, cara.

Talon bate seu punho no de Tommy. Sem me dar uma segunda olhada, ele volta para sua caminhonete.

Assim que as luzes de freio acendem no final da entrada e ele sai, eu me viro para encarar Tommy.

— Você acha que eles vão me aceitar?

— Você está de brincadeira? Eles vão adorar você.

— Eu não tenho tanta certeza. Eles não gostam muito de mim.

— Se eu gostei de você, eles também gostarão.

Ele pressiona seus lábios nos meus.

Quando dá um passo para trás, eu seguro o telefone.

— Espero que isso dê a vocês algumas respostas.

— Espero que sim. Ouça — ele passa os dedos pelos cabelos —, estou pronto para contar a eles. Contar para os meus pais. Para todo mundo, acho.

Meus olhos se iluminam.

— Sêrio?

— Sim, quero dizer, não vou mudar de opinião. Eu gosto muito de você e sei o que quero. Estou cansado de fingir.

Estou muito surpreso. Minutos atrás ele parecia nervoso por ser visto comigo. Tommy disse que é porque ele mesmo quer contar a seus amigos e familiares. Por mais que tenhamos estado juntos nos últimos dias, provavelmente é uma boa ideia fazer isso antes que sejamos pegos e os rumores se espalhem.

— Estou pronto quando você estiver. Quer que eu vá com você?

— Venha comigo agora. — Ele me puxa pela mão enquanto caminhamos para sua caminhonete.

Não tenho ideia de para onde estamos indo, mas agora que nos dirigimos para algum lugar, não sei se estou pronto.

— O que vamos fazer? — pergunto nervosamente.

— Vamos ver meus pais.

— Tommy! — eu grito. — Não podemos simplesmente despejar isso sobre eles. Talvez você devesse fazer isso sozinho.

— Não. Estamos juntos nessa. Preciso do seu apoio moral agora.

Ok. Ok. Nós podemos fazer isso. Ele precisa do meu apoio.

Lembro-me dessa sensação quando assumi para meus pais, e foi a coisa mais estressante que já fiz. Eu só queria ter alguém lá como apoio. Porém, meus pais disseram que já sabiam e não deram muita importância a isso; é difícil dizer como os outros vão reagir.

É uma viagem rápida até a casa dele, considerando que Tommy mora a uma curta distância. Estamos estacionados na frente de sua casa e ele está com a mão na maçaneta da porta, olhando para mim.

— Está pronto?

— Você está? Pense muito bem nisso. Tem certeza de que está pronto?

— É isso mesmo, não quero mais pensar nisso. Estou cansado de pensar nisso. Eu sei quem eu sou e sei o que quero. Eu vou fazer isto.

— Tudo bem então. Vamos lá.

Saímos ao mesmo tempo e nossas portas se fecham simultaneamente. Quando nos aproximamos da porta da frente, Tommy pega minha mão. Eu olho para os nossos dedos entrelaçados e aperto com força antes que ele abra a porta.

— Mãe. Pai! — ele grita.

— Aqui, Tommy — sua mãe responde da cozinha.

Meus pés permanecem plantados e Tommy praticamente tem que me arrastar pelo chão de madeira. Estou mais nervoso do que ele, o que parece um pouco estranho.

Sua mãe está de pé à ilha central, com uma caneca na mão; seu pai, sentado em um banco de bar na frente dela.

Os pares de olhos convergem diretamente para nossas mãos unidas. Tommy envolve seus dedos nos meus com mais força.

— Mãe, pai, este é Wyatt. Meu namorado.

Meu coração afunda no estômago quando as palavras saem de sua boca. Eu sou o namorado dele. Nunca tive um namorado antes. Shane e eu estávamos ficando e saindo muito, mas nunca fomos oficiais. Tommy é meu primeiro, e eu sou dele. Ter o título torna o que sentimos muito mais real e sinto que meu coração vai explodir.

— Prazer em conhecê-lo, Wyatt — sua mãe me diz antes de deslizar os olhos para Tommy. — Uma palavrinha, por favor, filho.

— Não — ele retruca.

Sua mãe se surpreende.

— Como?

— Eu disse não. Se você tem algo a dizer, pode o fazer na frente de Wyatt.

— Acho que sua mãe e eu estamos muito... surpresos — seu pai fala com as sobrancelhas levantadas.

— Ok, então. Vou dar um tempo para vocês assimilarem. Nós vamos embora. Voltarei para casa mais tarde. — Tommy se vira e estou prestes a segui-lo quando sua mãe nos interrompe.

— Espere — ela chama, nos parando. — Seu pai está certo. Estamos apenas surpresos. Eu preferiria que essa conversa acontecesse em particular, mas fico feliz que você tenha nos contado. Nós te amamos, Tommy. Tenha namorada ou namorado. Não importa.

Tommy se vira de volta.

— Verdade?

Seu pai entra na conversa:

— Foi o que ela disse.

— Obrigado. Eu também amo vocês dois.

Tommy olha para mim, sorri e me leva de volta pela casa. Meus joelhos estão tremendo e sinto que minhas pernas moles vão ceder a qualquer momento.

Assim que voltamos para fora, ele engasga em busca de ar.

— Puta merda, isso foi intenso e eu estou alucinado agora. Quem são aquelas pessoas lá dentro e o que fizeram com meus pais?

— Não vou mentir. Estou muito chocado também. Mas, às vezes, não damos crédito suficiente às pessoas. Somos todos apenas humanos procurando encontrar a felicidade em um mundo onde as pessoas tentam nos dizer como sermos felizes. — Dou-lhe um beijo na bochecha. — Você nunca me pediu em namoro, aliás, mas eu aceito.

Suas maçãs do rosto rosadas sobem até os olhos enquanto ele sorri, e isso torce meu estômago em nós de empolgação. Há um ano, eu me assumi e me lembro da sensação daquele peso sendo tirado dos ombros. Era livre para ser eu. Agora, Tommy está livre para ser ele mesmo — estamos livres para ficarmos juntos.

CAPÍTULO 27

WYATT

— Sim, eu sei, pai. — Bufo no telefone. — Eu queria tirar as medidas da sua mesa para ver se cabe no meu escritório. Gostaria de ter exatamente a mesma que você.

— *É um escritório grande, claro que vai caber.*

Meu pai é esperto, mas odeia conversas mundanas — está muito ocupado para isso — então, se eu argumentar o suficiente, ele acabará deixando pra lá.

— Talvez não com todas as outras coisas que pretendo levar.

— *Que diabos você vai levar, um maldito elefante?*

— Eu não sei, uma estante, talvez um sofá. Apenas diga a Glenda para me deixar entrar. Vamos, pai, eu realmente quero dar o pontapé inicial nisso.

— *Tudo bem. vou ligar para ela. Pegue as medidas e tranque quando sair. Voltarei para casa em alguns dias e começaremos a revisar seu contrato.*

— Obrigado, pai. Boa viagem.

Ele encerra a ligação e eu tiro minha chave da ignição. Estou sentado no estacionamento da Magna Tech, discutindo com meu pai sobre isso há quinze minutos. Sabia que ele cederia se eu continuasse insistindo. O lance das medidas era mentira. Na verdade, nem pretendo ter um escritório neste lugar — pelo menos não por enquanto.

Saio do carro, fecho a porta atrás de mim e caminho até a porta principal. Meus dedos envolvem as alças prateadas em forma de U e eu a

abro. Imediatamente vejo a carranca no rosto de Glenda quando entro.

— Boa noite, Glenda — eu a cumprimento com um sorriso.

— Olá, sr. McCoy — ela me esnoba.

— Por favor, me chame de Wyatt.

— O escritório do seu pai está aberto. Aproveite sua noite.

Uau. Ele ligou para ela rápido.

Eu dou um aceno de cabeça, passo pela recepção e atravesso o corredor até o escritório do meu pai. Eu realmente deveria enviar algumas flores, pagar um almoço para Glenda ou fazer algo legal para compensar a ameaça de seu trabalho.

Quando entro, meus olhos vão direto para o armário, depois para a mesa do meu pai. Eu ando com passos lentos, sabendo exatamente o que tenho que fazer. Passando meu dedo pela mesa, eu olho para ela. Nem um grão de poeira. A limpeza obsessiva de meu pai não permitiria isso. Não me surpreenderia se ele pagasse mais à empresa de zeladoria do que a seus próprios funcionários.

Vou para trás da mesa e abro um caderno fechado que fica em cima de um bloco de couro preto. Eu rasgo um pedaço de papel, e fios da encadernação caem livremente em sua mesa. Então os afasto, sabendo que ele vai ficar louco quando os vir caídos no chão. Sorrindo interiormente com a ideia, pego uma caneta do suporte e começo.

Pai,

Você construiu para si um negócio do qual se orgulhar. Não tenho dúvidas de que levará a Magna Tech para o próximo nível e será um dos maiores desenvolvedores de software do país. Do jeito que você sempre sonhou. A questão é que esse é o seu sonho. Não o meu.

Esta carta serve como minha única recusa à sua oferta de começar a trabalhar logo após a formatura. Não trabalharei para você como CEO da Magna Tech, pelo menos não agora. Vou para a faculdade no outono, como planejei. Estou aberto à possibilidade de começar aqui depois de completar os quatro anos que idealizei.

Portanto, pelos próximos quatro anos, você ainda será apenas meu pai.

Nem meu chefe, nem meu colega de trabalho, nem meu parceiro de negócios. Espero que seja o suficiente para você.

Obs.: Considere Marty. Ele é um bom homem e acho que faria um trabalho

excelente.
Te amo, pai.
Wyatt.

Guardo a caneta e coloco o papel em cima do caderno, então bato meus dedos nele com um sorriso. Estou retomando o controle sobre o meu futuro.

Agora, preciso garantir que seja seguro conseguir o que vim buscar aqui. Meus olhos se voltam para o armário. É onde as caixas estariam se ele tivesse alguma amostra aqui. Sei que as usa durante reuniões e apresentações com membros do conselho. Pesquisei um catálogo que ele tinha em seu escritório em casa e tenho certeza de que sei o que estou procurando. Puxo algumas caixas, viro a tampa de uma e a fecho quando vejo um monte de papéis. Eu tento a outra, mas não é o dispositivo de que eu preciso.

Três caixas depois, consigo. É do tamanho de um tijolo, mas muito mais leve. Não tenho ideia de como devo passar com isso pela Glenda. Enfio as outras caixas de volta no armário e o fecho, depois procuro na sala algo para escondê-lo. Não há nada muito óbvio.

Uma jaqueta. Meu pai sempre tem jaquetas extras. Abro a porta do banheiro, acendo a luz e, sem dúvida, há três ganchos pendurados na parte de trás da porta, todos eles com uma jaqueta. Pego uma, enrolo o aparelho nela e apago a luz.

Quando volto para o corredor, seguro a jaqueta apertada contra o peito.

— Eu já disse a ele para parar de usar minhas roupas. — Balanço minha cabeça, contrariado. — Tenha uma boa noite, Glenda.

— Você também, sr. McCoy.

Eu estremeço quando ela me chama com esse nome de novo. Definitivamente vou mandar flores para Glenda.



TOMMY

Observo sobre o ombro de Wyatt enquanto ele conecta seu

computador ao dispositivo. Não tenho ideia de como essas coisas funcionam e estou realmente surpreso que elas existam. Acho que a tecnologia realmente evoluiu muito.

Ele teve que baixar o aplicativo em seu computador para poder abrir a mensagem entre Talon e a pessoa misteriosa na tela.

— Então é só esperar o download do software no seu computador, e depois?

— Acho que tenho que criar algum tipo de conta — informa quando uma tela de login aparece. — Caramba. — Ele bate na mesa.

— O que isso significa? Como você consegue um login?

— Provavelmente com a empresa da qual eu teria comprado o dispositivo. Poderia tentar configurar um, mas acho que tenho uma ideia. — Ele desliza a cadeira para trás e se levanta. — Já volto.

Eu apoio minhas mãos nas costas da cadeira em seu quarto e olho para a tela. Isso tudo é alta tecnologia para mim. Meu negócio são respingos de tinta e fotografias, não códigos e números.

Alguns minutos depois, ele volta com um papel na mão.

— Aqui está.

— O que é isso?

— Meu pai tem um arquivo inteiro com brochuras, catálogos e informações sobre todos os dispositivos. Ele também tem uma conta.

Tommy se senta e digita as informações de login do papel; nós estamos dentro.

Ele abre o aplicativo e acessa a conta de Talon antes de iniciar a conversa. Alguns cliques e alguma outra merda que nem percebo, então algo começa a carregar na tela.

— É isso? — pergunto. Ele dá de ombros.

— Acho que sim.

Depois que a barra de carregamento desaparece, ela oferece algumas opções.

— Clique ali. — Eu aponto para a tela. — Pesquisa geológica.

Ele clica e, alguns segundos depois, um mapa aparece com a localização de um endereço.

— Caralho! — Suspiro. — Isso não faz o menor sentido.

— O quê? Você sabe de quem é esse endereço?

— Sim. Mas é impossível. Essa é a casa de Josh. Ele está morto.

— Mais alguém que more lá poderia ter enviado a mensagem?

Quero dizer, tem que haver.

— Não poderiam ser os pais dele. Só pode ser ela.

— Quem?

— A irmã dele. Vi Moran.

CAPÍTULO 28

TOMMY

Faz quase uma semana desde que me assumi para meus pais. Fui para casa naquela noite e eles me trataram como normalmente fazem. Não me cutucaram com perguntas e, na verdade, tivemos um jantar muito bom juntos. Wyatt e eu ainda estamos mantendo as coisas em segredo, já que não contei aos meus amigos, mas assim que o fizer, não vou me importar com quem souber que estamos juntos.

Também faz uma semana desde que descobrimos que Vi é a garota misteriosa do aplicativo. Não temos ideia do que isso significa, mas Willa a convidou para o chá de bebê e esperamos descobrir.

— Você não deveria estar lá fora ajudando sua namorada a preparar as coisas? — pergunto a Lars, que está relaxado em uma poltrona reclinável no seu quarto. Este lugar traz de volta muitas memórias. Desde que Talon conseguiu esta casa, é o único local que frequentamos. Houve um tempo em que íamos e voltávamos de nossas casas, agora só ficamos no Talon.

Travando os dedos atrás da cabeça, ele fecha os olhos.

— Marni e Amy a estão ajudando. Está tudo bem.

— Amy?

— A nova namorada do meu pai. Provavelmente a madrasta número três. Já falei que ela é só seis anos mais velha que nós? — Ele balança a cabeça com os olhos ainda fechados.

— Bem, vendo pelo lado bom, ela não vai trazer nenhuma filha adolescente psicopata.

A ex-madrasta de Lars tinha uma filha com uns parafusos a menos.

Assim que sua verdadeira personalidade começou a se revelar, ela foi mandada de volta para seu pai no Colorado, que a colocou em algum internato para delinquentes juvenis.

Talon entra pela porta aberta e atira o polegar por cima do ombro.

— Está muito cor-de-rosa lá fora pro meu gosto. Nosso garoto Lars vai se afundar no rosa. Mal dou conta de uma garota, quanto mais de duas — ele ri.

Lars levanta a cabeça e olha para Talon.

— Só espere. Um dia Marni vai querer filhos.

— Não. Nós dois concordamos, não queremos filhos. Além disso, mesmo que o tivéssemos, seria pelo menos daqui a uns dez anos. — Talon ri. — Até lá você já vai ter uma adolescente.

— Sim. E você vai ser velho pra caralho quando seus filhos forem adolescentes — Lars retruca de cara feia.

Estou roendo a unha quando os dois olham para mim e percebem que estou mais quieto do que o normal. Sei que estou pronto para me revelar, mas isso não diminui a preocupação de que eles me olhem de maneira diferente.

Lars joga uma almofada quadrada azul em mim.

— O que se passa com você?

Eu a pego antes que me atinja e o coloco no colo. Então hesito, olhando para os dois. Depois abro a boca para falar e a fecho novamente. Eu ensaiei isso na minha cabeça por dias e agora está tudo embaralhado e bagunçado. *Diga logo, porra.* Olho para o travesseiro e abro minha boca novamente.

— Eu sou gay — disparo.

Meus olhos se fixam no travesseiro enquanto espero por uma reação. *Alguém diga alguma coisa.*

Outro travesseiro voa de Talon para mim e, desta vez, me acerta na lateral da cabeça.

— Eu já sabia.

Meus olhos disparam para ele.

— O quê? A Marni te contou?

— Eu não sabia de nada — Lars comenta. — Por que ninguém me contou?

Talon continua:

— Marni não me contou. Nem sabia que ela sabia, mas já deduzi há

muito tempo.

— Por que eu não sabia? — Lars indaga novamente.

— Porque você está sempre alheio a tudo — Talon o provoca antes de olhar para mim.

— Então, tem alguém em quem você está interessado ou só está na pista?

Posso sentir minhas bochechas corarem e minhas mãos suarem, mas ainda sorrio quando penso nele.

— Tem alguém.

— Espere. Como todos sabiam disso e eu não? — Lars pergunta novamente.

Eu rio.

— Estou te contando agora. Lutei muito comigo mesmo contra isso. Tentei negar, fingir que não era real ou que era só uma fase, mas aceitei que esse sou eu. Estava tão preocupado sobre como vocês reagiriam. Eu não queria ser olhado de forma diferente, sabe? — Jogo minhas mãos para cima. — Mas cansei de fingir.

— Cara, isso não muda quem você é — diz Talon. Suas mãos gesticulam para Lars, depois para mim. — Somos seus amigos. Fique com quem diabos te faz feliz. Você sabe que não nos importamos com essa merda.

Alívio toma conta de mim. Mais do que isso, a paz me preenche. Uma sensação de felicidade. Finalmente sinto que caibo no meu corpo e que minha mente está trabalhando com meu coração, em vez de lutar contra ele.

— Sim. Estamos de boa. Como Talon disse, nada muda — Lars me garante. — Mas precisamos saber quem é esse cara em sua vida, porque ele precisa ser aprovado por nós primeiro.

Meu telefone vibra no bolso e eu me inclino para trás para esticar a mão e pegá-lo. Eu olho para o telefone, então de volta para os caras.

— Na verdade, ele acabou de chegar aqui.

Wyatt e Marni têm trabalhado para reparar sua amizade. Vai levar um pouco de tempo, mas eles estão indo na direção certa. Com a aprovação de Marni e Willa, consegui convencer Wyatt a vir aqui hoje — como meu par.

— Então, é o Wyatt, hein? — Talon pergunta.

Não é difícil adivinhar isso. Há apenas um cara com quem tenho

passado muito tempo e que tenho protegido bastante. E sem contar que eu tenho certeza de que Talon nos pegou beijando na garagem de Wyatt na semana passada. Mesmo que ele não tenha dito nada.

— Ah, com certeza. É claro que é o Wyatt — Lars diz antes de se levantar.

— Sim, é o Wyatt. — Eu reprimo um sorriso e sinto minhas bochechas corarem novamente.

— Olha você, todo vermelho — Talon grita enquanto esfrega a mão sobre minha cabeça e bagunça meu cabelo.

— Não estou vermelho. Está calor aqui.

Eu me levanto e os sigo para fora da sala.

Wyatt está conversando com Marni na frente da mesa de presentes, com um copo transparente de ponche vermelho na mão. É como se ele imediatamente sentisse minha presença quando entro na sala. Seus olhos encontram os meus e minha frequência cardíaca aumenta.

Eu ando até ele lentamente, meu sorriso crescendo a cada passo. Posso sentir as pessoas assistindo — se elas realmente estão ou não, eu não ligo.

— Fico feliz em ver vocês dois conversando — digo a ele e a Marni. — Se importa se eu roubá-lo por um minuto? — aceno para Wyatt.

— Claro que pode. Tenho que ajudar Amy com a comida. Vamos começar em breve. — Ela se afasta, deixando-nos sozinhos em uma sala cheia de gente.

— Estava com saudade — Wyatt fala com as mãos apertadas nos bolsos.

— Eu também estava. Na verdade, senti muito a sua falta. Aliás, tenho algo para te dizer.

— Tem? — Seus olhos se animam.

— Uhum — concordo. — Obrigado.

— Pelo quê? — ele arrasta a voz.

— Por me aceitar. Confiar em mim. Me mostrar que está tudo bem amar quem eu quero amar.

Sua expressão cai, junto com sua mandíbula.

— Amar?

Aceno novamente.

— Sim. Acho que te amo. — Isso soou tão horrível e não como planejei. — Não acho. Eu amo.

Ele sorri de orelha a orelha.

— Bem, acontece que eu sei que te amo.

Retribuo sua expressão alegre. Ouvi-lo dizer isso aquece cada parte do meu corpo e aperta meu coração.

— Eu contei a eles — digo.

Seus olhos se arregalam de surpresa.

— Contou? Quando?

— Agora mesmo.

Wyatt morde o canto do lábio e causa sensações selvagens nas minhas entranhas.

— Como eles reagiram?

— Você estava certo quando disse que eu preciso dar mais crédito às pessoas. Todo esse tempo eu estava tão preocupado com o que todos pensariam de mim, e agora, em um ponto em que eu nem me importaria, eles estão todos felizes por mim.

Ele vai pegar minha mão, mas se esquiva, pensando que eu poderia desaprovar. Mas eu a pego de volta e travo meus dedos nos dele.

— Tenho certeza de que vou lidar com muitas palavras duras no futuro, mas temos um ao outro e, juntos, somos intocáveis.

Seus olhos perfuram os meus.

— Inquebráveis.

Pela primeira vez na minha vida, sinto que sou visto.

— Imparáveis.



O chá de bebê está rolando, todos os convidados chegaram e alguns já foram embora. Todos menos um apareceram. Wyatt e eu saímos enquanto Willa abria os presentes e fomos para a casa dos Moran falar com a Vi. O plano é oferecer a ela nossas condolências, já que o aniversário de Josh está se aproximando. Nesse ponto, tentaremos todas as respostas que pudermos obter sem deixar suspeitas.

Esperamos todo esse tempo porque o plano era falar com ela no chá, mas Vi não apareceu.

Chegando na casa de Moran, parece que uma nuvem negra paira sobre ela. Essa família já passou por tanta coisa, e eu nem posso imaginar o que se passa entre essas paredes. Tanta mágoa, raiva, desespero. Eles

presumem que seu filho foi vítima do pastor Jeffries. Não têm ideia de que Josh não foi uma vítima dele.

Wyatt sai comigo e nós caminhamos até a casa. Eu bato meus dedos na porta e ela imediatamente se abre.

A sra. Moran surge, parecendo tão sofisticada como sempre. Tem um sorriso falso estampado em seu rosto e saltos de sete centímetros nos pés.

— Posso ajudar? — ela pergunta.

— Oi, sra. Moran. Estávamos pensando se poderíamos falar com Vi um minuto.

Seu sorriso cai, seus ombros relaxam e suas mãos vão ao peito.

— Sinto muito, Vi não está aqui e não sabemos quando voltará.

Wyatt e eu trocamos um olhar antes de me voltar para a Sra. Moran.

— Ela disse para onde ia?

Sua cabeça balança em pequenas voltas.

— Não. Ela deixou um bilhete dizendo que precisava fugir, mas estava segura. A perda de seu irmão foi difícil para todos nós, e a pobre Vi foi a mais atingida. Eu realmente acho que ela só precisa de um tempo para ficar sozinha com seus pensamentos.

Concordo.

— Claro. Bem, se ela voltar para casa, por favor diga que Tommy passou por aqui.

— Com certeza farei isso. Se cuide.

Wyatt e eu vamos embora sem dizer uma palavra. Assim que voltamos para o carro e as portas se fecham, olhamos um para o outro.

— Vi deve estar atrás de nós — ele diz para mim.

— Não — eu balanço minha cabeça —, nós estamos atrás dela. E agora é hora de encontrá-la.

EPÍLOGO

Nada. Silêncio. Finalmente.

Eles pararam.

As vozes, os gritos, o horror dentro da minha cabeça. Será que tudo pode acabar?

Mãos quentes envolvem meus braços e eu as afasto. Só que não são reais. Não acabou. Nunca vai acabar.

Minha mãe ainda está morta. E aquele homem doente ainda vive dentro da minha cabeça, toca meu corpo e rouba meus pensamentos.

Eu não tenho escolha. Preciso fazer isso.

Meus dedos dos pés se penduram na borda; eu os remexo dentro das botas. Meus olhos se fecham. Inclinando a cabeça para trás, respiro fundo antes de me inclinar para frente, prestes a cair. Prestes a escapar do pesadelo que nunca acaba.

Quase lá. Está quase acabando.

Meu corpo cai, mas não para frente. Meus olhos se abrem quando minhas costas atingem o chão.

— Caralho! — sussurro, me levanto e dobro as pernas. Então me viro para dar uma olhada na pessoa que deseja morrer. Meu queixo cai no peito quando a vejo. Soltando uma respiração reprimida, eu bufo.

— O que diabos você está fazendo aqui?

— Preciso de sua ajuda. Eles estão vindo atrás de mim.

Balanço a cabeça, captando as voltas e reviravoltas dos meus movimentos rapidamente antes de gritar:

— Não! Já cansei de ajudar você. — Eu aponto um dedo para trás dela. — Agora dê o fora daqui, ou vou levá-la para aquele penhasco comigo.

— Ah, não. Não vai, não. Se eu não posso encerrar tudo isso, você também não vai.

— Vá embora! — grito ainda mais alto. Meus pulsos ficam fracos. Meus braços caem na areia suja, levando meu corpo com eles. Estou deitado ali, enrolado em posição fetal, enquanto alguém está lá testemunhando minha morte. Eu não consigo mais fazer isso. Simplesmente não consigo.

Seu braço passa por baixo da minha cabeça e a levanta. Seu rosto paira sobre o meu.

— Se eu tiver que viver neste inferno e queimar por causa dos meus pecados, você também vai. Agora se recomponha. Controle-se e tire essa bunda do chão.

— Você deveria ter me deixado pular.

— Eu não vou deixar você fazer isso. E se você tentar, vou segurar sua mão e voar com você. Porque, se alguém merece uma saída fácil, esse alguém sou eu.

Olhando para ela enquanto embala minha cabeça, procuro por algo. Não tenho certeza do que é, mas ela me ofereceu um breve momento de calma e eu quero mais.

— Por que você está aqui? Eu disse para você nunca mais se aproximar de mim.

— Eu segui você. E agora vou ficar com você, quer goste ou não.

Rastejando de joelhos, eu me forço a sair do chão e ficar de pé.

— Você estragou tudo, sabia disso?

— Isso se chama sobrevivência. Você está pronto para retomar sua vida, Zed? Ou você vai deixar os monstros em sua cabeça vencerem?

Eu sorrio.

— Você quer que eu viva neste inferno? Bem, prepare-se, cordeirinho, porque nada é mais assustador do que um homem que não tem vontade de viver.

Ela cruza os braços sobre o peito enquanto tenta agir de maneira dura.

— Não tenho medo de você, Zed.

— Esse seria seu segundo erro. O primeiro foi não me deixar pular.

Ela logo aprenderá que toda escolha tem uma consequência. Se estou sendo forçado a enfrentar as minhas, é hora de ela enfrentar as suas também.

FIM!



Não esqueça de avaliar este livro!

SOBRE A AUTORA

A autora best-seller do USA Today, Rachel Leigh, escreve histórias com uma mistura de romance sombrio e new adult e livros com reviravoltas, suspense e muita sensualidade.

Rachel vive de leggings, usa emojis em excesso e sobrevive de livros e café. Escrever é sua paixão. Seu objetivo é levar o leitor em uma aventura com suas palavras, mostrando que mesmo nos dias mais sombrios o amor vence tudo.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/rachelleighauthor

www.facebook.com/rachelleighauthor

www.tiktok.com/@rachelleighromance

www.rachelleighauthor.com

REDWOOD REBELS



**Dois erros não fazem um acerto.
Mas, tente dizer isso a eles.**

Marni

Eu não deveria estar naquela casa.

Eu nunca deveria ter saído da festa.

E eu definitivamente não deveria ter pressionado meu ouvido naquela porta.

As palavras que ouvi tocam em minha mente como um disco riscado.

Agora, eles querem meu silêncio.

Os quatro caras que aterrorizam as ruas de Redwood como hobby não vão parar por nada para garantir que meus lábios fiquem fechados.

O que eles não sabem é que me recuso a cair sem lutar.

Talon

Marni Thorn acha que está com todas as cartas nas mãos.

Ela acredita que está guardando nosso segredo.

Mal sabe ela, não era nosso para início de conversa.

Fizemos uma regra de que ela está fora dos limites.

Mas aquele corpo é para ser tocado.

Os limites começam a sumir e as regras são quebradas.

Mas uma coisa é certa, tenho minha pequena rebelde exatamente onde a quero.

Striker é um romance dark bully que contém conteúdo sexual explícito, linguagem gráfica e situações que alguns leitores podem achar desconfortáveis. Embora Striker possa ser lido como standalone, ele termina com perguntas sem respostas. A série continuará em mais três livros.

Baixe o seu e-book na Amazon:
<https://www.amazon.com.br/Striker-Confiar-Redwood-Rebels-Livro-ebook/dp/B0C51L6MY2/>

Compre o seu na loja da Five:
<https://www.lojagrupoeditorialfive.com/>



Ela é um anjo que se apaixonou pelo diabo.

Eu fiz coisas muito ruins.

Não sou um bom homem.

Há esqueletos no meu armário

E sangue em minhas mãos.

Eu ansiava pela luz.

Mas no fundo da escuridão está a lealdade de meus amigos. Junto com os segredos que enterramos.

Tornou-se confortável e seguro, e tudo o que eu realmente conheço. É tudo que eu mereço.

No entanto, há alguém que pensa que sou digno de salvação.

Ela é a calma neste mundo caótico.

Frágil e pálida como a neve com uma cruz em volta do pescoço.

Ela não é nada do que eu queira, mas é tudo o que desejo.

Mas ela também tem segredos.

E para manter os dela seguros, significa que sou forçado a expor os meus.

Ela pode ser minha chance de redenção.

Ou o meu maior erro de todos.

**“Pegue minha mão,
Vou lhe mostrar o caminho.
Há luz na escuridão.
Vou manter seus demônios afastados.”**

Heathen é um romance dark bully com conteúdo sexual explícito, linguagem gráfica e situações que alguns leitores podem achar desconfortáveis.

Embora Heathen possa ser lido como standalone, é o segundo livro de uma série e recomenda-se que seja lido após Striker.

Baixe o seu e-book na Amazon:
<https://www.amazon.com.br/Heathen-Controle-Redwood-Rebels-Livro-ebook/dp/B0CL8PCTHN/>

Compre o seu na loja da Five:
<https://www.lojagrupoeeditorialfive.com/>



<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://twitter.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>